



A ESCALADA
DE EVA
A FACE REVELADA

ELAINE ELESBÃO

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [LeLivros.site](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#)

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



Elaine Elesbão

ELADFA

A FACE REVELADA

Supervisão geral:
Gustavo L. Caballero
Revisão de textos:
Tania Hernandes
Capa:
Décio Lopes
Diagramação para o formato E-book
Elaine Elesbão

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com acontecimentos reais é mera coincidência.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem autorização expressa da autora que possui os direitos exclusivos sobre a versão digital da obra.

Para a minha família.
Obrigada pelo apoio e carinho constantes que
tornam a minha trajetória menos árdua e mais feliz.
Amo vocês!

Sumário

Introdução	A revelação
Capítulo I	A amargura
Capítulo II	A família
Capítulo III	A separação
Capítulo IV	A agonia
Capítulo V	O acordo
Capítulo VI	O reencontro
Capítulo VII	O apelo
Capítulo VIII	O arrependimento
Capítulo IX	A resignação
Capítulo X	O casamento
Capítulo XI	A lua de mel
Capítulo XII	Os planos
Capítulo XIII	A mudança
Capítulo XIV	O aniversário
Capítulo XV	A festa
Epílogo	A dúvida

Introdução

Uma senhora alta, imponente e bem vestida abre a porta. O seu rosto automaticamente se transfigura quando olha para o Thomas. Ela se segura na parede, tenta esboçar alguma palavra e não consegue. Durante uns trinta segundos ela nos olha boquiaberta sem se mover.

Sinto que algo está errado, um pressentimento inesperado começa a me cutucar. Não sei a razão, mas acredito que a verdade será outra e que muitos segredos ainda esperam para ser revelados.

– Como vai, Thomas? – Ela inesperadamente pergunta com um leve sotaque.

– Bem. E a senhora, como vai? – Dirige-se a ela como se esse tipo de diálogo entre eles fosse corriqueiro.

– Bem, também. – Ela responde mais calma. – Vocês gostariam de entrar?

– Sim. – Respondo rapidamente, e só então ela me nota.

– Presumo que o William não veio. – Consta, resabiada.

– Não. – Thomas diz rispidamente.

A senhora nos dá passagem e faz sinal para que entremos. Entramos, ela fecha a porta, e nós a seguimos. Somos levados até a sala de estar, que é bonita, clara, caprichosamente decorada e aconchegante.

Ela se senta e indica o sofá para que nos sentemos exatamente na sua frente.

– Você é... – Ela me olha de cima a baixo.

– Sou Eva Fiore, a namorada do Thomas. – Respondo timidamente.

– E como a senhora sabe quem eu sou? – Thomas a encara com o olhar gélido.

– Sei quem você é porque eu o vi nascer, acompanhei o seu crescimento e porque jamais me esqueceria do seu rosto. – A voz dela é firme, segura e o olhar duro que devolve ao Thomas me faz pensar que esta conversa não será nada fácil.

– E quem a senhora é? – Thomas assume uma postura desafiadora.

– Se você chegou até aqui é porque sabe quem eu sou. – Responde ainda muito segura de si.

– Sei que o seu nome é Lucia. – Thomas diz com a voz embargada.

– Então, você não sabe de muita coisa... – Ela fala de um jeito enigmático que me irrita muito.

– O que eu deveria saber? – Thomas replica.

– Na verdade, você não deveria saber de nada, nada mesmo. Estranha-me que esteja aqui, que saiba o meu nome e o meu endereço, não posso compreender como isso aconteceu. – Ela desabafa, e percebo que o Thomas se aborrece. O olhar dele parece enfurecido e o semblante fica ainda mais sério.

– A vida é cheia de surpresas, mãe. – Thomas diz ironicamente.

– Mãe? Não, Thomas. Eu não sou a sua mãe. Gostaria de ser, mas não sou. Nem de fato nem de direito. – A voz dela começa a ficar tensa e sua postura de dona da situação começa a desabar.

– Será que podemos ser mais claros aqui? – Intervenho. – Dona Lucia, viemos de muito longe em busca de respostas e a senhora de alguma maneira deve isso ao Thomas. – *Os meus nervos estão em frangalhos.*

– Vieram em busca de respostas? – Ela questiona quase que para si mesma.

– Queremos a verdade, só isso. Depois a senhora poderá continuar a viver a sua vida, porque iremos embora e não precisará nos ver nunca mais. Por favor. – *Sou capaz de implorar pela ajuda dela.*

– Vocês formam um belo casal. Você é vistosa, alta, tem olhos enigmáticos com essa cor tão especial e tem classe, muita classe. Dois belos jovens de sangue europeu que juntos poderão ter lindos filhos. – Ela diz, avaliando-me abertamente.

– Obrigada. A senhora acertou; sou neta de italianos. Com relação ao que acabou de falar, o Thomas tem descendência europeia?

– Vocês não sabem de absolutamente nada mesmo. – Ela fala e nos observa.

– Por favor, ajude-nos. – Eu a encaro suplicante, e os olhos dela ficam úmidos.

– Por favor... – Thomas reforça a minha súplica.

– Estou velha, não posso continuar a manter segredos. Durante toda a minha vida me culpei pelo que fiz e por tudo o que aconteceu... – Ela para de falar e nos olha e, apesar das perguntas fervilharem na minha cabeça, permaneço calada.

Thomas começa a dizer algo e se interrompe .

– Em primeiro lugar, Thomas, gostaria de esclarecer que não sou a sua mãe. – Ela levanta a cabeça e olha para cima, parece estar procurando palavras

para continuar o seu relato.

– Não? – Thomas pergunta indignado.

– Eu sou a sua tia. – Ela fala, e ficamos sem entender. – Você é o filho da minha irmã Lourdes e do meu cunhado William. – Ela explica com a voz entrecortada, e fico embasbacada, começo a tremer.

– Filho da Lourdes e do William? Como assim? – Thomas pergunta espantado.

– Você é o irmão gêmeo do Nicolas. – Ela responde de supetão.

– Que história maluca é essa? Conheci o Nicolas, conheço a família dele, e o que a senhora diz não é verdade. – Argumento veementemente.

– É a mais pura verdade. E a culpa de tudo isso é minha. – Ela começa a chorar baixinho .

– Então a senhora me deve uma explicação, e só sairei daqui com uma que seja plausível. – Thomas se inclina para frente disposto a esperar.

– Isso não faz sentido. – Digo, sem muita convicção, porque começo a intuir que agora tudo começará a fazer sentido.

– Irei explicar, prometo. Esse segredo vem me destruindo todos esses anos, tentei e não pude esquecer a minha culpa. Mudei-me para outro país, casei-me, fiz parte da comunidade e mesmo assim ainda me sinto um lixo. – Ela se cala repentinamente e parece estar tentando se acalmar.

Fico na expectativa, espero que ela esclareça os fatos.

– Fui, quando jovem, uma mulher profundamente irresponsável e egoísta. As festas, os homens, as roupas caras, a bebida e o cigarro me seduziam. Naquela época eu era uma espécie de ovelha negra, mas os meus pais não me conheciam de verdade; era o que eles queriam que eu fosse quando estava na presença deles e por trás vivia outra vida. – Tosse de maneira nervosa e volta a se acalmar.

– Continue, por favor. – Eu a estímulo.

– Só que um belo dia, há quarenta e cinco anos, eu me apaixonei. Senti que tudo ao meu redor passava a fazer sentido, fiquei nas nuvens, e no início fui correspondida. Comecei até a pensar em constituir família, mudei completa e rapidamente, tornei-me uma mulher mais responsável, abandonei velhos hábitos nocivos, e o meu corpo passou a ser unicamente do meu namorado. Mas acontece que o William, o meu amor, apaixonou-se pela minha irmãzinha, a moça perfeita, a bem comportada e talentosa Lourdes. Eu quis morrer, não sabia

o que fazer. Eles me traíram na minha cara, a minha própria irmã caiu de amores pelo homem que eu amava, perdeu a cabeça e a compostura. Fingi que não sabia de nada, tentei afastá-los e não consegui, e o desespero tomou conta de mim. – Ela se interrompe e nos olha quase em transe, revivendo as suas lembranças .

– Sei que recordar tudo isso é muito sofrido, mas dona Lucia, por favor, continue a sua narrativa. – Volto a estimulá-la.

– Então, a Lourdes e o William, que achavam que mantinham um relacionamento secreto, fugiram para se casar, porque os meus pais jamais permitiriam que a minha irmã se casasse ainda tão jovem e com o meu namorado. Enlouqueci e, motivada pela raiva, disse ao meu pai onde encontrá-los. Só que o remorso tomou conta de mim e tentei impedir o meu pai de fazer alguma loucura, achei que ele os mataria. Pedi ajuda ao padre, a minha mãe e até a um delegado. Agi da maneira que pude para salvar a Lourdes e o William e, por fim, consegui. Os dois se casaram, e o meu pai desertou a filha caçula. – A pobre senhora começa a chorar muito .

Eu me aproximo e, mesmo temendo ser repelida, gentilmente coloco os meus braços ao redor da Lucia. Ela suspira e se acalma. Thomas nos observa visivelmente desorientado, e a Lucia recomeça, mais uma vez, a sua narrativa.

– O que eu não sabia é que estava grávida, que carregava um filho do William no meu ventre. Quando descobri, me desesperei. Procurei a Lourdes e contei para ela. Choramos juntas, a Lourdes queria contar para o William, e supliquei que não o fizesse. Decidi me livrar da criança e sabia que o George, irmão do William, que atuava como parteiro, poderia me ajudar. Comprei o silêncio do George e ele me fez um aborto, mas nada saiu como o esperado. Tive uma forte hemorragia, quase morri, e foi o George quem cuidou de mim dia e noite. – O olhar de tristeza dela deixa transparecer o quanto lembrar está sendo penoso.

– Continue. – Agora é o Thomas que a estimula a prosseguir.

– Acabei conseguindo melhorar um pouco, contudo necessitava de cuidados profissionais. Sendo assim, o George me levou para um hospital em Campinas, e lá eu soube que deveria ser operada. Perdi o meu útero e nunca mais pude gerar uma criança. – Ela se interrompe pela enésima vez, coloca o rosto entre as mãos e estremece.

– Poderia continuar, por gentileza? – Thomas intervém novamente.

– Isso fez o George sentir-se culpado, e mexeu tanto com a cabeça dele que a forma que achou de me compensar foi sendo o meu amigo de todas as horas, alguém com quem sempre pude contar, e fiel até a morte aos nossos segredos.

– E a Lourdes nunca contou ao William o que aconteceu? – Pergunto interessada.

– A Lourdes também guardou o meu segredo. Ela, como o George, culpava-se pelo que tinha me acontecido, sentia-se em dívida comigo, e isso a fez tornar-se a minha confidente e grande defensora. Já o William jamais desconfiou de nada. Ele me evitava, e eu não me importava porque o meu amor por ele se foi juntamente com o filho que não tivemos. – Mais uma vez a Lucia chora.

Thomas se levanta, senta ao meu lado no sofá e segura a minha mão. Ficamos calados esperando o desenrolar da revelação. A Lucia se contém e consegue continuar a sua sofrida narrativa.

– Eu me tornei uma pessoa pior do que antes, envolvi-me com diversos homens, até casados. Não me importava com nada, tinha um buraco no meu peito e eu só queria me arruinar. Quando o meu pai faleceu, perdi o rumo ainda mais. Era por ele que eu ainda tentava manter a discrição, porque a minha má reputação não era do seu conhecimento...

– Podemos voltar para o tema central desta conversa? – Um Thomas visivelmente ansioso a interrompe.

– Claro. – Ela responde. – A vida foi passando, a Lourdes foi tendo os seus belos filhos um atrás do outro, e eu me ressentia por não poder gerar os meus. Cada sobrinho que nascia era como uma bofetada na minha cara.

– A senhora sentia inveja da Lourdes? – Thomas a alfineta.

– Pensei muito sobre isso, e até hoje não sei dizer se o que eu sentia era raiva ou inveja dela. Só sei que a minha irmã tinha tudo, e eu não tinha nada. O sentimento de ter sido roubada, lesada, enganada, nunca me abandonava, e me causava dor, muita dor. E essa dor enorme fazia o desespero se apoderar de mim, completamente.

– Impressionante! – Thomas exclama, e eu aperto com força a mão dele para que contenha a sua revolta.

– Tentando superar, busquei incansavelmente um novo amor. E, um dia, conheci e me apaixonei pelo Antonio, o homem que o criou. Ele era um sujeito

instável, mas um amante muito bom, e pensei que poderia ter um futuro com ele. Só que o Antonio queria muito ser pai, e insistia que para a nossa felicidade ser completa necessitávamos de um filho. Eu argumentava que precisávamos nos casar antes. Queria ganhar tempo, e ele afirmava que só se casaria comigo quando eu engravidasse. Não tive coragem de dizer que não podia gerar uma criança, temia ser mais uma vez abandonada. Paralelamente a esse meu dilema, a Lourdes engravidou novamente, mas, dessa vez, não gostou. Ela cuidava de quatro meninos cheios de energia e já crescidos e da nossa mãe doente, enquanto o William se matava de trabalhar. Tudo isso fez com que ela não se animasse com a vinda de um novo bebê. – O olhar dela para o Thomas é quase um pedido de desculpa. – Eu tentava ajudá-la. O dinheiro da herança do meu pai era todo administrado por mim, e todo mês eu financiava as despesas e o tratamento da nossa mãe e ainda colaborava com a criação dos meus sobrinhos, mesmo com a relutância do William em aceitar. Quando percebi a revolta da Lourdes com essa nova gravidez, no momento em que ela me disse que desejava não ter engravidado novamente, senti-me encorajada a fazer a proposta que jamais deveria ter feito. – A mão dela treme na minha, e ela se cala.

– Qual foi a proposta que a senhora fez? – Pergunto, desconfiando qual será a resposta.

– Propus a Lourdes que me entregasse o bebê quando ele nascesse. Jurei que o criaria como meu filho, disse que simularia uma gravidez simultânea e que ninguém desconfiaria de nada. Argumentei que o George poderia fazer o parto, e que para justificar a ausência do bebê, ela diria a todos que o filho dela nasceu morto. Enquanto eu, dias depois, fingiria dar à luz ao meu filho saudável. Deixei claro que ela tinha uma dívida comigo e que eu iria cobrá-la.

– E como fariam para justificar, inclusive, a ausência do corpo do bebê? – Pergunto, apenas a título de curiosidade.

– O George cuidaria disso, o combinado era que ele promovesse o enterro de um caixão lacrado, e com um boneco dentro.

– E a Lourdes aceitou a sua proposta? – Thomas pergunta contrariado, trazendo a Lucia de volta ao assunto relevante.

– A Lourdes ficou horrorizada, chamou-me de louca, tentou me persuadir a desistir da ideia, só que o meu desespero era muito grande. Era a minha única oportunidade e joguei na cara dela todas as minhas frustrações. Acusei-a de me

roubar o namorado, de se casar com o homem que eu amava, e de me tirar a chance de ser mãe quando não me impediu de abortar o filho do marido dela.

– Só que a senhora abortou porque quis. – Expresso a minha opinião sem querer.

– Ou porque tenha sentido a decepção e a dor da minha irmã quando contei que estava grávida, e que o pai da criança era o marido dela. De qualquer forma, defendi que o meu aborto só facilitou a vida da Lourdes e que ela era culpada pela minha desgraça. A Lourdes ficou transtornada, expulsou-me da casa dela, gritou comigo e durante uma semana me evitou. Mas insisti, atormentei-a, e quase nos enlouqueci. Por fim, exaurida e se sentindo profundamente culpada, ela concordou. Arrumei uma barriga falsa e alardeei a minha gravidez, o Antonio ficou radiante e para que ele não percebesse que eu não estava realmente grávida, passei a ficar mais distante dele. Fingi que a gravidez era de risco, simulei repouso, e ele acreditou em mim. Em meio a tudo isso, a Lourdes entrou em uma espécie de depressão, evitava fazer o pré-natal, mentia para o William que estava indo às consultas, e ele tinha tanta coisa para se preocupar que acreditava plenamente nela. – A Lucia explica. *O sempre crédulo William* .

– Quer dizer que a senhora, de maneira totalmente egoísta, conseguiu persuadir a Lourdes e enganar o Antonio? – Thomas pergunta.

– Infelizmente, sim. – Ela responde e abaixa o olhar.

– Thomas, deixe a dona Lucia terminar de contar o que aconteceu, tente se acalmar. – Peço olhando-o carinhosamente.

– Irei prosseguir. – Ela afirma e continua. – Eu achava que a gravidez da Lourdes duraria nove meses como as outras, e então, quando ela estava no oitavo mês de gestação, eu a levei para a fazenda da nossa família. Queria que ela se acalmasse para não desistir do plano. Eu disse para o William que a Lourdes precisava descansar e, como ela estava visivelmente triste e agindo de modo estranho, ele concordou. Acontece que, horas depois que chegamos à fazenda, a Lourdes começou a sentir contrações. Entrei em desespero, mandei chamar o George e ele veio bem rápido. O trabalho de parto foi difícil, demorado e, para a nossa surpresa, a Lourdes pariu dois bebês em vez de um. Fiquei emocionada, quase histérica de felicidade, mas a Lourdes me enfrentou, disse que me daria apenas uma criança, conforme o prometido, a mais saudável, a que teria mais

chances de sobreviver sem o leite materno. – A Lucia olha amorosamente para o Thomas que desvia o olhar do dela .

– No caso, eu? – Thomas pergunta e, tanto ele quanto eu, sabemos a resposta que receberá.

– Você era o maior, o mais robusto, e o que chorava com mais energia. A Lourdes me entregou você, e aos prantos me disse o seu nome, Thomas. Apesar de ter pensando em outro nome para você, decidi respeitar a vontade da Lourdes. Chamei-o de Thomas e o segurei em meus braços como um prêmio, um troféu. Depois de algumas providências para esconder você, o George e eu chamamos o William para contar do parto e para buscar a Lourdes e o outro bebê. Ele veio, e ficou tão feliz com o nascimento do filho, a quem a Lourdes deu o nome de Nicolas, que acreditou totalmente na versão dos fatos contada pelo George. Nunca contestou nada. O William sempre foi um homem crédulo. – Ela confirma a minha opinião.

– E o que foi feito de mim? – Thomas pergunta com a voz trêmula.

– Chegarei lá. – Ela diz e recomeça. – Eu o levei comigo para São Paulo. Fiquei escondida com você durante quase um mês, queria distanciar a sua data de nascimento da do Nicolas. E, no dia treze de outubro, avisei ao Antonio que o nosso filho tinha nascido e ele correu ao meu encontro. Durante um mês inteiro fomos a família perfeita. Só que você era tão crescido para o pouco tempo de vida, tão branquinho, de feições tão perfeitas, e tão diferente de nós, que a desconfiança se tornou uma constante em nossas vidas. O Antonio passou a dizer que eu o havia traído, e eu garantia que não. Eu defendia que você era parecido com o meu pai, o seu avô, e cheguei até a mostrar algumas fotografias para ele, mas não consegui convencê-lo.

– Você achou que o Antonio seria tão burro a ponto de nunca desconfiar que eu não era filho dele? Você pensou que mesmo eu sendo tão diferente de ambos, ele não suspeitaria de nada? – O meu indignado doutor pergunta com sarcasmo.

– Thomas, a Lourdes tinha os olhos verdes como William também tem, e por essa razão eu sempre soube que você nasceria com os olhos claros, e que seria muito branquinho, afinal os seus quatro irmãos mais velhos possuem essas características. Acontece que pensei que convenceria o Antonio a acreditar que o nosso filho, você, tinha herdado as características do avô, o meu pai, que era um

homem muito alto, branco e de claríssimos olhos verdes...

– Só que nem você é assim. – Thomas a interrompe.

– Verdade. Sou parecida com a minha mãe, a sua avó, que possuía cabelos e olhos castanhos e a pele morena. A Lourdes também se parecia com ela. Herdei do meu pai apenas a estatura, sou uma mulher alta, e a Lourdes herdou os olhos verdes, só que não tão claros quanto os dele. – A Lucia fala, e tenho que concordar que ela é alta, uns seis centímetros maior do que eu.

– Continue... – Peço.

– De qualquer forma, o Antonio não acreditou que você fosse parecido com o avô, porque ele achava que o homem das fotografias, que eu mostrava, não era o meu pai. Talvez se o meu pai fosse vivo, e eu o apresentasse ao Antonio, ele pudesse acreditar, mas como já tinha falecido...

– Além disso, a sua gravidez e todas as circunstâncias do nascimento do Thomas eram obscuras, fazendo o Antonio ter elementos de sobra para questioná-la. – Argumento.

– E o Antonio fez isso. Passou a me atormentar dia e noite, exigia explicação de tudo. Queria saber a razão pela qual eu não tinha leite, e por que emagreci tão rápido após dar à luz, depois resolveu que era importante saber o nome da médica, e o nome da clínica em que fiz o pré-natal e o parto. Eu tentava despistá-lo, mas de tanto bisbilhotar ele conseguiu chegar até a minha ginecologista. Disse a ela que nós estávamos com a data do casamento marcada e que precisava saber das minhas condições. Enrolou-a completamente e a fez revelar que eu não podia ter filhos. – Ela inspira tão alto que me assusto, e o Thomas segura mais forte a minha mão.

– E então? – Thomas pergunta.

– O Antonio passou a me chantagear, dizia que roubei o filho de alguém e que iria me entregar para a polícia. Começou a exigir dinheiro para se calar, e eu dava cada dia mais. Contudo, não aguentando a situação, me preparei para fugir com você. Percebendo que eu me livraria dele, o Antonio passou a me vigiar. Foi mais esperto do que eu e fugiu levando você aos seis meses de vida. Acontece que você ainda não tinha sido registrado, então ele contou uma história qualquer para uma antiga namorada e, não sei como, conseguiram registrá-lo como filho. Para ter você de volta eu teria que ir à polícia ou recorrer à justiça, e qualquer das duas hipóteses poderia causar um escândalo. Eu não podia arriscar, porque

contar a verdade deixaria a Lourdes exposta, não tive coragem de destruir ainda mais a vida dela. A Lourdes tinha o William e cinco outros filhos e, se o que fizemos fosse revelado, sofreria as consequências mais do que eu.

– Santo Deus! – Thomas exclama.

– Fiz de tudo para reavê-lo, ofereci dinheiro, propriedades, contratei uma pessoa para roubá-lo, mas não logrei êxito, e durante dois anos inteiros lutei para tê-lo de volta. Sofri como louca, só pensava em você. Então perdi a minha mãe e na mesma época fui diagnosticada com um câncer. De repente, a minha vida era só perda e sofrimento. O pior é que o tratamento da doença não era tão avançado no Brasil quanto no exterior, e as minhas chances de cura eram mínimas. Diante disso tive que me afastar, eu iria morrer se não tivesse o tratamento adequado.

– E diante disso a senhora me abandonou? – Thomas pergunta indignado.

– Não foi bem assim. Tive que vir me tratar, mas não o deixei desamparado. O meu procurador e inventariante, muito bem pago, discreto e de confiança, passou a cuidar das remessas de dinheiro para o Antonio, e articulou a compra de dois imóveis em seu nome e com o usufruto em favor do Antonio. Fiz isso para garantir que nunca lhe faltasse um local adequado e digno para morar, além de serem bens que o Antonio não poderia vender.

– A senhora se preocupou mais com a minha condição financeira do que com a psicológica. – Thomas reclama furioso.

– Eu me preocupava com tudo que dizia respeito a você, mas diante do contexto, não pude fazer mais do que isso. Vim me tratar aqui nos Estados Unidos, e o médico oncologista responsável pelo meu tratamento, doutor Julio Molina, apaixonou-se por mim. Nessa época eu era outra pessoa, estava devastada pelo sofrimento e pelo remorso, lutava com todas as minhas forças contra um câncer, sabia da depressão constante da Lourdes e me sentia culpada. Tinha conhecimento da vida que o Antonio proporcionava a você e, estando sozinha e desamparada em meio a tudo isso, resolvi me deixar amar.

– A senhora me deixou sozinho nas mãos de um homem que não era nada meu e foi viver um romance?

– Não foi isso o que aconteceu, Thomas. As minhas chances de recuperação não eram grandes. O Julio lutava junto comigo, foi me fazendo ter esperanças, e milagrosamente o meu corpo começou a reagir. Tenho certeza de que foi o amor dele que me salvou. Quando o doutor Julio Molina me entregou o

resultado dos exames que indicavam que eu estava curada, junto veio um anel de brilhante. Ele me pediu em casamento e eu, que também estava apaixonada, aceitei.

– E eu? Quando a senhora se curou por que não tentou me buscar? – Thomas volta a questioná-la e a encara visivelmente nervoso e emocionado.

– O Julio nunca soube de nada a seu respeito, ele conhecia o meu histórico médico e sabia que eu não podia ter filhos. Não tinha como eu, de repente, aparecer com uma criança. Nunca tive coragem de contar para ele o que fiz.

– E a Lourdes sabia que a senhora não me criava?

– Não, Thomas. A Lourdes achava que você morava aqui comigo. Jamais revelei para ela que tinha perdido o filho que me deu, temia que ela não pudesse suportar.

– Talvez fosse melhor ter contado e deixado ela decidir se deveriam se expor ou não. – Thomas manifesta a sua indignação.

– Hoje sei que deveria ter contado, mas naquela época não pensava assim. Uma criança é um refém muito frágil, e o Antonio me ameaçava demais. – Ela argumenta. – Se eu não tivesse adoecido de uma maneira tão grave, nunca teria desistido de você, mas o meu tratamento foi longo, exaustivo e demorou anos até que eu pudesse ser declarada curada.

– As suas ações me exilaram da minha verdadeira família e da família que constituiu, fui um nada na sua vida. – Ele desabafa.

– Não é verdade. Você sempre foi tudo para mim. Eu cuidava de você de longe e, quando o Antonio ficou doente, pedi para o meu procurador descobrir o paradeiro e entrar em contato com a mãe do Antonio, a dona Diva. Ela foi informada que um parente materno era o responsável pela parte financeira da sua criação e que precisava da ajuda dela para que você crescesse longe de problemas e bem encaminhado. Foi prometido tratamento para a doença do Antonio e uma vida tranquila para vocês em troca do silêncio dela. A dona Diva fez a promessa, passou a cuidar de você e do Antonio e a receber o dinheiro que eu mandava. O dinheiro e os bens, ela os administrava com a ajuda do meu procurador – A Lucia pigarreia.

– Até a minha avó, a pessoa em que eu mais confiava, mentiu para mim? – Thomas não consegue parar de fazer perguntas.

– Aquela mulher honrada apenas manteve a promessa que fez. Ela cuidou de você com amor, dedicou-se a criá-lo conforme as minhas orientações e o ajudou a se tornar um homem descente. Ela o amava muito, Thomas, e serei eternamente

grata a ela por tê-lo, mesmo com toda a simplicidade e humildade dela, conduzido-o ao bom caminho. – As lágrimas da Lucia rolam sem parar e me apiedo.

– Acabou? – Thomas pergunta espumando de raiva.

– Essa é a sua história, a minha história, a história dos seus pais e a história do Antonio. Fui a culpada pelo entrelaçamento de todas essas vidas. Eu sou a sua tia Lucia, um ser humano desprezível que destruiu tudo quanto tocou, que se envergonha de tudo o que fez e que se arrepende muito.

Thomas se levanta, vai até a janela e olha para o jardim. Amparo a Lucia e tento acalmá-la.

– Vamos embora, Eva. Já sei tudo o que precisava saber. – Thomas caminha em direção à porta, levantamos e o seguimos.

– Acompanhei o seu crescimento, Thomas, sei absolutamente tudo sobre você. Fui à sua formatura e me misturei aos convidados, estava lá quando você se tornou médico. – Ela fala entre soluços.

– Que pena que eu não soube disso. A senhora deve ter percebido que eu era o único formando que não tinha família presente. O homem que chamava de pai e a mulher que chamava de avó, estavam mortos. Além disso, o Antonio não tinha boas relações com os familiares dele, dispensava a convivência e gostava de manter distância, e não teve nem um filho sequer para eu chamar de irmão... Fiquei sozinho no mundo. Nunca me senti tão solitário em toda a minha vida como no dia da minha formatura. – Thomas diz com os olhos repletos de dor.

– O Antonio não podia ter filhos. – A Lucia faz mais uma revelação. – Quando você, Thomas, tinha uns dois anos de idade o Antonio descobriu que era estéril.

– O Antonio, como a senhora, também não podia ter filhos? – *Que estranha coincidência.*

– Acho que o Antonio sempre desconfiou que não pudesse ter filhos, afinal nunca engravidou nenhuma namorada. Creio que era por essa razão que ele queria tanto que eu engravidasse, para acabar com as suspeitas que tinha. Essa desconfiança dele só se confirmou mais tarde, após a realização de alguns exames. Ele mesmo me contou o fato, quando eu ainda estava lutando para tirá-lo dele, disse-me que você era a única chance dele de ser pai. – Ela explica sem tirar os olhos do Thomas.

– Uma chance que ele desperdiçou completamente. – Thomas afirma com

frieza, vira as costas e sai.

– Dona Lucia, tenho que ir... Adeus. – Despeço-me estarrecida e emocionada .

Thomas saiu tão apressado que, quando o alcanço, está sentado no banco do passageiro. Concluo que ele não tem condições de dirigir e conduz.

Capítulo I

Levo-nos diretamente para o hotel. Thomas permanece mudo durante todo o percurso, e eu também não consigo falar nada.

Estou chocada. O Nicolas e o Thomas eram irmãos gêmeos. Eu pressentia que a ligação entre eles era forte, que as coincidências eram muitas, mas essa revelação me indignou.

Tudo poderia ter sido bem diferente se eles tivessem sido criados juntos. Qual dos irmãos se apaixonaria primeiro por mim? Eu seria motivo de disputa entre eles?

Chegamos ao hotel, entrego o carro ao manobrista e nos encaminhamos a nossa suíte. Thomas segura a minha mão, o seu olhar frio e distante me assusta, sofro por ele e temo a sua reação.

O nosso silêncio é intoxicante, contudo, aguento firme. É preciso que ele se recomponha antes que conversemos.

Coloco-me diante da sacada e observo o mar. Thomas é o meu mar, o Nicolas era o meu lago. Agora, mais do que nunca o Thomas precisa saber do meu relacionamento com o Nicolas. Só que não hoje, seria demais para ele, demais para mim, é tanta emoção junta que sinto vontade de gritar.

Pensar nos meus dois amores faz com que o meu coração ratifique a certeza que tenho de que se os tivesse conhecido ao mesmo tempo teria sido apenas a melhor amiga do Nicolas, porque o Thomas seria o meu grande amor, como é agora.

– O que foi tudo isso? – Thomas pergunta enlaçando-me pelas costas.

– Uma baita revelação. Só que eu acho que você e o William deveriam confirmar essa história com um exame de DNA. – Falo tentando ser objetiva.

– Você tem toda razão. Se essa história toda for verdade, e parece que é, eu agora tenho um pai, quatro irmãos, quatro cunhadas, sobrinhos, três primas, uma tia, e sei lá mais quantos parentes. E ainda, um tio, um irmão gêmeo e uma mãe, já falecidos.

– Uma família enorme, incluindo aí nas suas contas uma namorada que o ama. – *E que também esconde um segredo que a cada dia fica mais difícil de ser*

revelado .

– A mulher que eu amo e que me ama é a mais importante de toda essa lista. Ela conseguiu ser a ponte entre o meu passado e o meu presente, e eu jamais saberia quem realmente sou se não a tivesse conhecido. – Ele me vira de frente e me beija.

– Aconteça o que acontecer nunca se esqueça de que eu te amo. Eu amo você, Thomas Henrique, e o amo principalmente por você ser uma pessoa maravilhosa, um homem especial, que conheço de corpo e alma . – Desejo mesmo que ele nunca se esqueça disso e volto a beijá-lo com muita ternura.

– Até que foi mais fácil do que eu pensava. Trinta e três anos de vida desvendados em pouco mais de uma hora. – Thomas diz passando as mãos pelos meus cabelos.

– Só foi fácil porque a Lucia não tem mais nada a perder. Acredito que se o marido dela ainda fosse vivo teria sido bem mais difícil tirar alguma informação dela. Além disso, viver sozinha na idade em que se encontra, longe da família, e em um país distante deve ser muito deprimente. Esse segredo deveria estar sufocando-a. – Argumento.

– Você está certa, meu amor. E se eu não tivesse conhecido você, nunca chegaria até aqui, a Lucia tem razão em ter se surpreendido. Se você não tivesse suspeitado da minha semelhança com o Nicolas, se não tivesse me feito conhecer o William, se os seus pais não tivessem se envolvido e nos apresentado ao detetive, nunca teria sido possível ouvir o que ouvi hoje. – Thomas me olha com gratidão e, de repente, constato algo novo.

– Thomas, você tem o talento da sua mãe, ela era uma violonista e violinista maravilhosa. O sonho da Lourdes era que algum dos seus filhos tivesse tanto apreço pela música quanto ela. Você herdou o dom dela. A Lourdes teria se orgulhado muito de você. O seu dom é tão forte que você aprendeu a tocar quase sozinho, imagina só o que não teria sido se você tivesse tido a sua mãe como professora. – Digo impressionada.

– Isso só teria sido possível se ela não tivesse me dado como se dá um filhote de cachorro. Ela escolheu se livrar de mim, nunca me quis, você ouviu bem, desde a gravidez fui indesejado. – O olhar de tristeza dele me devasta.

– Thomas, você ouviu bem também. A Lourdes ficou triste com a gravidez não planejada, isso deve acontecer com muitas mulheres que tem a prole

grande, mas se recusou a dar o filho. A Lucia precisou fazer chantagem emocional, e a Lourdes cedeu à pressão porque se sentia em dívida com ela. Você precisa tentar entender que ela entregou, e aos prantos, o filho mais forte, o que tinha mais chance de sobreviver sem ela, e o entregou à própria irmã e não a um estranho, o que só aconteceu depois e não pelas mãos dela. – Suspiro.

– Ela deduziu pela minha aparência que eu era o mais forte, mas não tinha como ter certeza disso...

– Sei muitas coisas sobre a infância do Nicolas, ele mesmo me contou que foi um bebê muito frágil. Soube que ele vivia doente porque era bastante alérgico e que só começou a ser mais saudável a partir dos cinco anos de idade.

– Eu sempre fui um touro desde criança, e se não fossem as tais febres emocionais poderia dizer que nunca adoeci.

– Você é, com certeza, muito mais forte do que o Nicolas foi. Física e emocionalmente falando. Ele não tinha febre emocional, mas era uma pessoa tímida e retraída a maior parte do tempo. Evitava confrontos a qualquer custo e preferia concordar com um oponente a enfrentar um debate. Bem diferente de você. – Encerro a minha réplica.

– A grande verdade é que não posso ficar me lamentando pelo que aconteceu, tenho que viver com isso e aceitar. O melhor a fazer é me concentrar no nosso presente e no nosso futuro.

– Ótimo, meu amor. É para frente que se anda.

– A única coisa que não poderei parar de lamentar é de não ter tido a oportunidade de conhecer você quando éramos crianças, na mesma época em que você conheceu o Nicolas.

– Por quê? – *Acho que sei o que ele vai responder.*

– Porque acredito que nos apaixonaríamos desde muito cedo e hoje já estaríamos completando bodas de alguma coisa, e teríamos um monte de filhos.

– Ele ri e me abraça novamente.

– Eu sinto que teria amado você desde sempre. O doutor foi feito para mim e é irresistível. – Sorrio carinhosamente para ele. – Aproveitando que você tocou no nome do Nicolas, gostaria de dizer que preciso muito ter uma conversa com você sobre ele. Quando estiver pronto, avise-me. – O medo faz o meu sangue gelar, contudo, mantenho-me firme .

– Prefiro me concentrar em conhecer os irmãos com quem ainda posso me

relacionar. Não quero ficar me lamuriando por não ter tido a chance de conviver com o meu gêmeo, só irei sofrer mais com isso. Depois que fizer o exame de DNA tentarei me aproximar dos meus irmãos e das suas famílias, e espero que me aceitem. – Fala de um jeito muito sério.

– Tudo bem, mas uma hora conversaremos sobre o Nicolas. – Assim que termino a frase, ele me observa com cara de desconfiado e balança a cabeça concordando .

– Você poderia me dar uma dica e dizer como os meus outros irmãos são.

– Explicando de forma ilustrativa, se reunirmos todos eles e incluímos você, fica fácil constatar que todos têm a mesma procedência, os mesmos excelentes genes. – Gargalho. – Só que para mim você é o homem mais lindo que existe. – Falo, e Thomas ri alto.

Resolvemos telefonar para o meu pai e deixá-lo informado sobre a história toda. Passamos quase uma hora contando e recontando tudo o que a Lucia nos disse. Ele fica perplexo com a revelação e acaba se oferecendo para contar, com sutileza e muito tato, tudo o que descobrimos para o William. Thomas acaba concordando, acho que delegar esta tarefa o deixou ligeiramente aliviado.

Durante a madrugada, o Thomas tem um pouco de febre, dou um antitérmico e um copo de leite morno para ele, e a febre cede.

De manhã ele acorda bem, com boa disposição e sem febre, e espero que ela não volte a incomodá-lo.

Resolvemos aproveitar os dias que ainda nos restam na cidade e, como o romance e o sexo estão em dia, proponho que façamos compras.

Passamos dois dias em uma orgia romântica, sexual e consumista. Que mulher não estaria feliz se divertindo dessa maneira? Estou flutuando, e nem o receio ocasionado pelo segredo que guardo é capaz de me afligir quando estou aproveitando tanto.

A novidade em tudo isso é que adoro escolher as roupas e os sapatos sob o olhar crítico do Thomas, ele é muito eficiente em dizer o que fica bom ou não em mim. Também faço um excelente trabalho ajudando-o a renovar o guarda-roupa, embora ele não tenha muita paciência para experimentar as roupas, isso acaba tornando-se desnecessário, porque tudo fica muito bem nele.

Durante todo o tempo evito tocar no assunto “Lucia”. Thomas faz o mesmo, mas o desespeto daquela mulher me comoveu. Eu sei que ela cometeu diversos

erros, sei o que ela causou, só que não consigo tirá-la do pensamento, a dor dela me sensibilizou.

– Amanhã à noite embarcaremos para São Paulo. Faça-me o favor de não comprar mais nada, senão ficaremos horas na alfândega tentando explicar que todas essas roupas são para uso pessoal, e não destinadas a renovar o estoque de alguma loja. – Thomas fala, não me contendo e caio na gargalhada.

– Pode deixar, meu amor, compras encerradas. – Digo e me atiro em seus braços.

– O que você gostaria de fazer amanhã, antes de embarcarmos? – Thomas pergunta acariciando a minha coxa.

– Tenho receio de dizer. – Falo, e nos encaramos.

– Mais compras? – Pergunta em tom de brincadeira.

– Não. – A seriedade do tom da minha voz faz com que ele também fique sério.

– Não importa o que seja, quero saber, não precisa temer a minha reação. Nada do que me diga fará com que me aborreça com você. – A segurança que ele transmite me encoraja.

– Gostaria de reencontrar a Lucia. – Falo de supetão.

– Por quê?

– Porque... – *Sei o que um segredo pode fazer com uma pessoa e tenho medo do que possa fazer comigo.* – Porque senti muita pena daquela mulher. Ela errou, eu sei, mas não fez nada sozinha, e depois de tanto tempo não importa quem errou mais ou menos. A única coisa relevante nesse momento é o perdão.

– O perdão? – Thomas interrompe a minha defesa.

– Sim, o perdão. A Lucia terá que perdoar o William, porque acredito que ainda guarda mágoa dele. O William terá que perdoar a sua mãe, o próprio irmão e a Lucia. Os seus irmãos terão que perdoar a própria mãe e os tios. E você terá que estar disposto a perdoar um batalhão de gente, algumas que você sequer conheceu. Será que é justo sobrar para a Lucia ser a vilã da história? – Suspiro. – Não esqueça também de que, apesar de tudo, ela sempre foi uma espécie de anjo da guarda para você. – Termina a minha arguição.

– Registre tudo. – Ele diz, coça a nuca e me tira gentilmente do seu colo.

Observo Thomas se levantar e ir para a sacada. Sei que ele não está

chateado comigo, mas demonstra que não deseja falar sobre o assunto. Espero que a capacidade de entender e perdoar dele seja boa, porque, em breve, terei que contar com ela.

Minutos depois, o meu amado doutor parece não ter ouvido nada do que falei, e se não fosse a sombra que anuvia o seu olhar, eu acharia que ele está bem disposto de novo.

Ele me convida para jantar, e aceito. Passeamos por Las Olas Boulevard até encontrarmos um local que nos agrada. Jantamos no Cheesecake Factory, um restaurante bastante agradável, com uma comida muito boa e sobremesas, indecentemente maravilhosas e calóricas, que não fiz a menor questão de resistir.

A conversa durante o jantar gira em torno de nós, e nos comportamos como o casal muito apaixonado que somos, tão doces quanto os *cheesecakes* que comemos.

O namoro continua na suíte do hotel, mas desisto do sexo de boa noite porque percebo que o Thomas está com um pouco de febre. Ele dorme rapidamente após tomar um antitérmico, e, exausta, também durmo.

Estou sentada na beira de um lago, a grama verdinha e as flores coloridas tornam o ambiente alegre. Uma sensação de paz me envolve.

– Estava com saudade de você.

Reconheço a voz suave do Nicolas e me viro de frente para ele. O sorriso terno e caloroso que me dá aquece o meu coração.

– Que bom revê-lo! Faz algum tempo desde a última vez.

– Estou muito feliz por você, Eva. Tudo está dando certo. Você merece todo o amor que o Thomas pode lhe dar.

– Você sabe que o Thomas é seu irmão gêmeo?

– Sim, há algum tempo sei de muita coisa.

– Como se sente em relação ao fato de terem sido separados?

– Aprendi que como ninguém está livre da culpa, também não pode se eximir do perdão.

– Isso significa que você irá me perdoar?

– Por que eu teria que perdoá-la?

– Porque o amei muito, mas amo ainda mais o Thomas. Quero muito poder viver a minha vida ao lado dele.

– Eva, desejo que você seja feliz e não preciso perdô-la. Você é o meio pelo qual o meu amor por vocês se propaga.

– Gostaria de entender melhor o que está dizendo, Nicolas.

– Você só precisa entender que o amor que sentimos nunca morrerá e que ele me dá a certeza do acolhimento.

– Nicolas, quero que saiba que o nosso amor ficou no passado. No presente o meu amor é todo do Thomas.

– E quem sabe no futuro esse amor não poderá alcançar a todos nós? Lembre-se de que eu amo muito vocês.

– Bom dia, vida. – Ouço a voz do Thomas ao longe. Estou confusa, não sei se estou sonhando ainda ou se estou acordada.

– Thomas?

– Ora essa! Quem mais poderia ser? – Bate de brincadeira com o travesseiro em mim.

– Um anjo. – Sorrio por toda a verdade contida na minha afirmação.

– De anjo, meu amor, eu não tenho nada. Um anjo não ficaria tão excitado ao vê-la nua. – Ele me olha faminto, e constato que estou realmente nua.

– Ah, dormi de toalha e ela desenrolou do meu corpo, estava mais preocupada em cuidar do meu paciente febril do que em me vestir. – Digo fingindo ser a inocência em pessoa e já ficando excitada.

– O seu paciente está bem melhor e com muita fome. Fome de você doutora e, corrigindo, de anjo nós não temos nada. – Ele me subjuga e, antes que eu esboce qualquer reação, me penetra com força e grito.

– Ah, molhadinha! Sempre pronta para me receber. – Diz e rebola dentro de mim.

– Bom dia também, Thomas. – Gemo, ele sorri me encarando, e posso perceber o quanto se sente dono de mim.

– Quero você, Eva, no café da manhã, no almoço, no lanche, no jantar, o tempo todo. – A voz rouca e sensual dele me assanha.

Ele me penetra mais fundo e isso me excita tanto que fico ainda mais molhada.

– Só se você cuidar muito bem de mim. – Contraio os músculos da vagina e aperto o pênis dele com força fazendo-o urrar.

– Nooossa! Continua o que você está fazendo, não para. Seja uma boa menina e não me desobedeça.

– Você quer que eu continue fazendo isso? – Dou outro forte aperto e relaxo.
– Então vai ter que me pedir bem direitinho. – *Ah, Thomas... Você não sabe o quanto pode se tornar complicado tentar me governar.*

– Quer me fazer implorar, doutora? – Faz um movimento indicando que pretende sair de dentro de mim. Sei que entramos em uma disputa de poder e me antecipo, agora sou eu quem o subjuga.

– Quero que me convença a fazer o que deseja. – Contraio a musculatura da vagina com mais força, ele geme alto e o seu pênis vibra.

– Que mulher má! Por favor, continue fazendo o que está fazendo porque estou muito excitado. Sou todo seu, faça de mim o que quiser, por favor! – Para de impor resistência, e o seu corpo relaxa levemente.

– Muito bem, doutor. Estimulando-me e pedindo corretamente, faço o que quiser. – *Igualdade de condições, é assim que eu gosto .*

Dedico-me a apertar com força e depois soltar o pênis do meu doutor em um movimento ritmado e prazeroso. Ele geme e estremece, e sinto pequenos espasmos percorrerem o seu corpo.

– Que gostoso! Vai, Eva, me aperta! – Thomas grita.

– Por favor, meu pervertido, não se mova. – Peço, e tentamos ficar imóveis enquanto apenas os músculos vaginais trabalham vigorosamente.

– Você está me deixando maluco. Está acabando comigo. – A voz rouca e ofegante dele é muito sexy .

– Vou fazer você gozar, doutor. – “Ordenho” o pênis do Thomas, e ele geme muito alto, não me contenho e gemo também.

– Eu vou gozar, Eva. Agora! – Avisa e, imediatamente, contraio os músculos com mais energia, literalmente “mordendo” a glândula e retardando o orgasmo, e sinto o corpo dele tremer.

– Agora vamos lá, doutor! – Falo e volto a “ordenhá-lo”.

Thomas se agita. Intensifico o movimento ritmado e vigoroso, a minha respiração se torna ofegante, e pequenos choques me atingem. Ele urra, e gozamos intensamente. O corpo do meu doutor desaba sobre o meu. Ele demora a se recompor e, quando isso parece acontecer, olha para mim com curiosidade.

– Só falta agora me dizer que morou na Tailândia. – Thomas fala em tom de brincadeira, e exhibe um suave sorriso. Compreendo a piada e caio na gargalhada.

– Não, meu amor. Aprendi isso fazendo um curso e depois praticando com

muita disciplina.

Até parece que falei alguma ofensa, o rosto dele enfurece, e não entendo a sua reação.

– Praticando com muita disciplina? Poupe-me, Eva!

– O treinamento é solitário, não há necessidade de parceiro, meu amor. – Explico, achando muita graça da indignação dele, e começo a rir.

– É claro que sei que pode ser assim, mas o jeito como você falou. – Diz desconfiado e irritado .

– Precisava me distrair durante as inúmeras reuniões das quais sou obrigada a participar quase todos os dias, e os exercícios de Kegel me pareceram bem adequados. Ninguém percebe o que estou fazendo, são fáceis de serem executados e trazem muitos benefícios à saúde. – Explico, lembrando-me das palavras do folheto do curso que fiz.

– Quer dizer que pompoarismo para você é apenas exercício de Kegel? E que a sua habilidade foi adquirida praticando sozinha em reuniões? Ah, tá! – Thomas é irônico.

– Você fica tão lindo quando está dominado pelo ciúme! – Alfineto. – Foi quase isso o que disse. Fiz um curso, li alguns livros sobre o tema, treinei utilizando acessórios, e pratico sempre que tenho que ficar muito tempo parada. – Falo e começo a rir .

– Sabe o que é mais engraçado, prodígio? – *Lá vem ele com a ironia de novo.* – Foi eu conhecer essa sua habilidade somente agora. – Reclama, e percebo que está roxo de ciúme e não consigo não rir novamente.

– O mistério faz parte da natureza feminina. – Argumento.

– A surpresa eu adorei, o fato de achar que não fui o único contemplado é que está me tirando do sério. – O olhar incendiário que me dá, demonstra que está com muito ciúme.

– Ai ai ai, doutor! Vai me dizer que tudo o que faz comigo na cama só fez até hoje comigo? – Provoco-o.

– Não estamos falando de mim, estamos falando de você e do meu muito óbvio ciúme. – Continua me olhando de maneira perigosa.

– Lembre-se, doutor, que a excelência em qualquer assunto exige treinamento. Somos tão bons fazendo sexo porque sempre gostamos de praticá-lo, e é tão maravilhoso agora porque adicionamos paixão e amor ao pacote. –

Volto a argumentar.

– Excelente argumentação, doutora, só que não resolveu a questão do meu ciúme, na verdade só está piorando. – Coça a nuca, e sei que ainda está irritado .

– Para driblar o ciúme, evito pensar no seu passado de conquistador, quando traçava todas. Aconselho que evite pensar no meu passado também. Como não quero aborrecê-lo mais, deixarei de lado as surpresas e as novidades na cama.

– *Sei jogar duro.*

– Está bem, minha linda. Não precisa apelar, desculpa. Quero que saiba que simplesmente adorei o que fez comigo. Faça o que quiser e o que souber quando estivermos transando, não se acanhe. Saberei controlar a minha possessividade e o meu ciúme. – Ele me dá um beijinho.

– Ok Desculpas aceitas. Não se preocupe, porque só sinto tesão por você. Nunca reparou no quanto o acho sexy? Não sabe o quanto aprecio o seu corpo? Fico trêmula só de olhar para você. – Faço a minha declaração e rio baixinho.

– Sou mesmo um homem de muita sorte, tenho que reconhecer. Amo e sou amado por uma mulher muito sem-vergonha. – Ele me encara, e percebo que ainda está brigando internamente contra o ciúme .

– “Toda panela tem a sua tampa.” – Digo, lançando mão do ditado popular . – Para um homem safado, uma mulher safada. – Arremato.

– Prepare-se, porque também tenho as minhas cartas na manga. Surpreenderei você, minha linda. – Ri com os olhos brilhando.

– Positivamente?

– Sempre positivamente quando se trata de você. – Responde de maneira sedutora.

– Então me surpreenda, estarei esperando ansiosamente. – E dou o assunto por encerrado .

– Você me deixou completamente louco, o meu nível de excitação foi altíssimo. – *Pelo jeito o assunto ainda não está encerrado.*

– Isso é um elogio?

– Sim, minha linda. Admiro a sua energia sexual. – Declara, e fico muito satisfeita que esse homem lindo e gostoso me admire.

– Na verdade, Thomas, você é que suscita tudo isso em mim, só você!
– *Esta afirmação é a mais pura verdade.*

– Eu sei... Você me deixa seguro a respeito disso, tudo o que fazemos juntos é sempre maravilhoso. Sexo para mim nunca foi tão incrível. – O olhar terno que me dá me encanta e percebo que o ciúme dele arrefece.

– O que podemos fazer hoje? Já que pelo visto você arrumou as nossas malas. – Mudo de assunto assim que percebo as quatro grandes malas alinhadas na porta do closet. Só não consigo localizar as duas valises de mão .

– Posso levá-la para fazer a visita que me pediu ontem. – Fala de modo contido e, automaticamente, sei a que se refere.

– Obrigada, amor. Pode ser logo depois que tomarmos o café da manhã?
– *Estou faminta* .

– Ei, dorminhoca, está na hora do almoço. – Aponta para o relógio e ri gostosamente .

– Oba, almoço! – Grito e começo a rir também.

Almoçamos no Cheesecake Factory, adoro esse restaurante. Thomas não parava de pensar no *cheesecake* de *tiramisu* e, como o meu doutor está em forma, considerarei que algumas calorias extras não o afetariam tanto. Além disso, me ofereci para ajudá-lo a queimá-las com atividade sexual intensa, o que ele prontamente aceitou.

Depois do almoço, voltamos ao hotel. Thomas paga a conta, e observo as nossas malas serem acomodadas no carro. Acho que posso ter mesmo exagerado. O meu amado doutor ri quando vê que sobraram apenas os dois lugares destinados a nós, e me olha de um jeito divertido.

Antes de irmos para o aeroporto, resolvemos tentar encontrar a Lucia em casa novamente. Como sabemos o caminho do condomínio onde ela reside, desta vez, parece que chegamos mais rápido. Eu me identifico na portaria e, após o telefonema de praxe, o nosso acesso é permitido.

Thomas está mais calado do que o habitual. Ele estaciona o carro na frente da casa da Lucia, que nos espera no jardim, e desço do carro, mas percebo que ele não pretende sair.

– Olá, dona Lucia. Como vai? – Caminho até ela.

– Tentando superar. – Ela responde com a voz suave e o semblante triste. – Por favor, me chame de Lucia.

– Está certo, Lucia. Vim me despedir, embarcaremos para o Brasil daqui a pouco.

Estamos frente a frente, e ela me abraça como se fôssemos íntimas.

– Obrigada, Eva. Isso significou muito para mim. – A Lucia começa a chorar baixinho e se aparta.

– Por favor, não chore. Desejo que a senhora consiga se perdoar para poder seguir em frente. – Falo sinceramente .

– Seguir em frente na minha idade é morrer, minha querida. – Ela sorri.

– Não foi isso o que quis dizer. – Sorrio também.

– Eva, eu tentei me perdoar durante todos esses anos e creio que seja impossível. O melhor que posso fazer agora é pedir perdão a quem ainda pode me ouvir. – Ela olha em direção ao carro.

– Acho que é prudente esperar um pouco mais. Ele é um homem bom, só precisa de tempo para engolir e digerir tudo isso. – *Espero de verdade que o Thomas saiba perdoar* .

– Na próxima semana irei para o Brasil. Quero pedir perdão ao William e aos meus sobrinhos. Desejo visitar os túmulos dos meus pais, da Lourdes, do Nicolas e do George para também pedir o perdão deles e, mesmo que essa tarefa pareça vã, eu preciso executá-la. Guardei muita coisa dentro de mim durante quase toda uma vida e agora preciso colocar tudo para fora. – A Lucia desabafa e o seu leve sotaque se acentua .

– Vou torcer para que tudo dê certo, para que a senhora consiga encontrar paz interior. – Digo sinceramente.

– O perdão mais importante para mim é o do Thomas. Ele representa a figura do filho amado. Ele não sabe o quanto eu o amo e, apesar de nunca ter conseguido expressar corretamente o meu amor, ele é a razão pela qual ainda vivo. – Ela fala, e me compadeço. A dor dela é visível e acredito no seu remorso.

– Então até breve, Lucia. Desejo-lhe sorte. – E me afasto em direção ao carro.

– Faça-o feliz, por favor. – Ela pede.

– É o que mais quero na vida. – Respondo francamente.

Entro no carro, fecho a porta, e o Thomas arranca. Ele olha para frente ignorando os acenos de despedida da Lucia. Fico um pouco incomodada com a aparente frieza dele, embora saiba que ainda é cedo para que a perdoe. O que me preocupa é que não tenho certeza se ele um dia a perdoará, e isso me assusta.

– Está se sentindo melhor agora? – Thomas quebra o silêncio.

– Fui até lá para que ela se sentisse melhor, não eu. – Tento conter a emoção.

O silêncio impera outra vez, e decido que é melhor deixar o tempo se encarregar da sua tarefa.

Thomas parece introspectivo quando chegamos à sala de embarque. Fala pouco e tenta se distrair folheando vigorosamente o livro que acabou de comprar.

– Porra! Cortei o dedo no papel. – Pragueja, chupa o dedo, e rio.

– Qual é a graça, minha linda? – Ele me olha aborrecido .

– Você, falando palavrão. Como quase nunca acontece achei engraçado. – Falo ainda rindo.

– Você também não fala, então evito. – Defende-se.

– Acho que as pessoas criadas pelas avós falam menos palavrão. Eu, por exemplo, fiquei de castigo até melhorar o meu vocabulário. – Explico sorridente.

– É uma tese a se defender. – Ele ri pela primeira vez desde que deixamos a casa da Lucia.

– Eu adorava brincar na rua, você sabe que a molecada quando se junta fala um monte de besteira, e o Nicolas, apesar de ser muito tímido, quando ficava zangado era um grande boca-suja. Na verdade, todos os seus irmãos eram. – A lembrança me faz rir.

– E você acabou se tornando uma boca-suja também?

– Aprendi com o Nicolas, que aprendeu com seus irmãos, um rosário interminável de palavras chulas que faziam a minha avó ficar de cabelo em pé. Então, com a permissão da minha mãe, que sempre dizia que meninas bonitas nunca falam palavrão, fui severamente castigada pela minha avó. – Gargalho baixinho.

– Minha nossa, o que ela fez com você? – Thomas se compadece.

– Deixou-me de castigo. Fui proibida de sair de casa para brincar na rua. Ela substituiu as minhas horas de brincadeira pelas de leitura e memorização das palavras do dicionário até que os palavrões sumissem da minha boca. Não gosto nem de me lembrar de tamanha tortura. – Rio novamente. – Com muito esforço, e tentando evitar a todo custo o tédio que era a atividade a que fui submetida,

excluí as palavras de baixo calão da minha vida. Em solidariedade a mim, o Nicolas fez o mesmo. – Encaro carinhosamente o meu doutor, e o sorriso dele deixa transparecer que achou graça do que contei.

– Só o Nicolas deixou os palavrões de lado? Os meus outros irmãos não?

– Não mesmo. Excluindo o Lucas e o Nicolas, os outros eram quase uns selvagens. – Gargalho novamente.

– Deve ter sido um enorme desafio para a Lourdes e para o William administrar cinco homens dentro de uma mesma casa. – Ele ri e o seu olhar denota um pouco de tristeza.

– Na verdade não sei muito bem como era, os seus irmãos mais velhos são bem mais velhos do que eu, então me relacionava apenas com o Nicolas, que era quase da minha idade. Éramos tão unidos que passávamos mais tempo juntos do que com as nossas famílias. – *Tento não dar muita ênfase ao assunto.*

– Voltando ao tema dos palavrões e da sua tese, afirmo que o meu caso foi outro. O Antonio falava tanto palavrão que me deixou com pavor de repeti-los. Nunca quis me parecer com ele em nada.

– Isso não explica o fato de você ter um excelente vocabulário. – Pondero.

– Nesse ponto, a sua tese pode ganhar força, porque devo isso, em parte, à minha avó. Ela não sabia ler, mas gostava de ouvir histórias, então me fazia ler para ela e procurar as palavras que desconhecia no dicionário. Isso fez o meu vocabulário ficar mais vasto, e desenvolveu em mim o hábito da leitura. – O meu doutor maravilhoso explica deixando de lado a rabugice e me dá um sorriso encantador.

– Estou seriamente inclinada a desenvolver uma teoria sobre as avós e os dicionários. – Falo, e ele ri.

Thomas encosta a cabeça no meu ombro e volta a folhear o livro, dando por encerrada a nossa conversa.

Não demora muito e somos chamados para embarcar. Quando sentamos em nossas poltronas no avião, já estou cansada e ansiosa para chegar em casa.

Durante o embarque, Thomas brinca diversas vezes comigo. Ele recobrou o bom humor, e fico grata por isso, não gosto muito de cara amarrada nem de sorriso amarelo. O que acho interessante no comportamento do Thomas é que, geralmente, ele não se deixar abater, e admiro a capacidade dele de tentar ultrapassar os problemas e seguir adiante.

Thomas pega no sono pouco depois que o avião decola, observo o seu rosto adormecido e divago. O irmão gêmeo do homem que amei é o homem que amo. Quem diria? Como bem diz o meu pai, a vida é mesmo uma caixinha de surpresas.

A minha situação, que já era difícil, agora está ainda pior. A conversa que deverei ter com o Thomas não será como planejei, devo pensar melhor em como contar, só agora, que o irmão gêmeo dele era meu noivo. Preciso convencê-lo de que a aparência dele não sugestiona o meu amor, e isso poderá ser complicado. E cada dia que passa e não falo nada a respeito, é mais um argumento contra mim.

Thomas acorda e reclama de dores pelo corpo. Estamos na primeira classe, e as cadeiras são confortáveis, mas como ele é um homem grande, não consegue se acomodar tão bem. Prometo uma massagem, ele se alegra e para de protestar.

O voo transcorre sem incidentes, ainda bem, e fico quase eufórica quando o avião aterrissa. Adoro viajar, contudo chegar à cidade onde resido, e em segurança, sempre me deixa feliz.

Capítulo II

Acredito que é uma grande sorte não sermos parados na alfândega e fico muito feliz em não ter tido a necessidade de abrir as nossas malas.

Thomas empurra um carrinho de bagagem, e eu outro. Pela porta de vidro do desembarque internacional observo uma cena surreal. Estão a nossa espera, os meus pais, o William e todos os filhos dele, e percebo que o Thomas demora mais do que eu para entender a situação.

Assim que saímos, sou abraçada pelos meus pais, e o Thomas é cercado por tanta gente que não consigo mais enxergá-lo. O desembarque vira um tumulto, um burburinho só, e somos observados por inúmeros olhos curiosos.

– Não conseguimos impedi-los de estar aqui. Estavam ansiosos para conhecer o Thomas. – A minha mãe justifica.

– O William não cabe em si de contentamento. – O meu pai fala animado.

– E o exame de DNA? Essa festa não deveria acontecer só depois do resultado? – Questiono curiosa.

– O William disse que todas as peças do quebra-cabeça se encaixaram. Ele não tem a menor dúvida de que o Thomas é filho dele. Fará o DNA para provar a falsidade do registro de nascimento do Thomas e resolver as questões legais. – A explicação do meu pai é oportuna.

Thomas se desvencilha dos irmãos e se dirige aos meus pais, cumprimenta-os e abraça-os, pega a minha mão e me aproxima dele, e o seu rosto deixa transparecer a felicidade que sente. De repente, sou pega de surpresa pelos cumprimentos que começo a receber.

– Eva, você está linda, que bom revê-la. – Ouço isso pelo menos quatro vezes.

O motorista do meu pai leva o Thomas e eu, juntamente com as nossas malas, para o meu apartamento e em outros dois carros seguem os meus pais, o William e os seus quatro filhos.

No meu apartamento, a conversa alegre de sete homens toma conta do ambiente, e a minha mãe e eu providenciamos os comes e bebes. Ainda bem

que ela se lembrou de abastecer a geladeira e a despensa.

Apesar de o Thomas fazer questão de que eu fique quase o tempo todo ao lado dele, mantenho-me um pouco à parte da conversa.

O William deixa claro que pretende provar na justiça que o Thomas é seu filho legítimo e que depois do devido processo legal procederá ao registro do nascimento dele com os dados corretos de nascimento e paternidade.

Thomas Henrique Lins Valente, nascido em São Paulo, em 13 de outubro de 1978, não existirá mais; em seu lugar teremos Thomas Henrique Chapman, nascido em Ribeirão Preto, em 15 de setembro de 1978. Isso sem falar na filiação que será alterada completamente. Este ano de 2012 está sendo surpreendente!

– Quer dizer que não serei mais o doutor Thomas Valente? – O meu namorado confuso se manifesta.

– Não. Faça absoluta questão de que você tenha o meu nome e o da sua mãe na sua certidão de nascimento. Espero que isso não cause transtornos a você. – O William olha de maneira cautelosa para o Thomas.

– Ainda não tive a oportunidade de pensar a respeito disso, mas acho que devemos fazer o que é correto. Tenho uma família e desejo que os filhos que terei possam carregar o nome dela. – Thomas diz muito seguro de si.

A conversa se alonga, os meus pais se despedem, e eu, exausta, deixo o William e os seus lindos filhos na sala e me recolho ao quarto para descansar. Nenhum dos irmãos do Thomas comentou nada de relevante sobre o Nicolas, e acho que foram orientados a não falar sobre nós.

Assim que todos se vão, Thomas se junta a mim. Percebo o quanto está feliz e me sinto contente por ele.

– Minha linda, nunca esperei ser aceito tão rapidamente e de uma forma tão carinhosa. Foi uma surpresa e tanto para mim. – Ele diz emocionado.

– A família Chapman é muito amorosa. Você tem a quem puxar. Reparei na alegria deles em conhecê-lo, além disso, você conquistou todo mundo. Fiquei muito comovida em vê-los juntos. Parabéns, Thomas. – Sorrio e bato na cama indicando que quero que deite ao meu lado.

Ele me atende e me abraça.

– Estou feliz também, muito feliz. Nem acredito que tenho quatro irmãos, quer dizer cinco, o Nicolas também era meu irmão apesar de não estar mais conosco.

– Vamos ver se estou a par das informações dos homens da família. O

Lucas tem quarenta e dois anos e é cardiologista, o Jonas tem quarenta anos e é veterinário, o Douglas tem trinta e nove anos e também é veterinário, o Silas tem trinta e sete anos e é dentista, e o Thomas tem trinta e três anos e é pediatra. Correto? – Gracejo.

– Corretíssimo. Só estou ainda confuso com esse negócio de mudar de nome, de local e data de nascimento. – Desabafa.

– Veja o lado bom de tudo isso, o seu aniversário agora poderá ser comemorado junto com o meu, afinal, faço aniversário apenas três dias antes de você. Podemos fazer uma festa só. – Rio, e ele me acompanha.

– Você e o Nicolas comemoravam o aniversário de vocês juntos? – Ele pergunta com naturalidade, e os meus nervos se retesam .

– Nunca. Os meus pais sempre fizeram questão de comemorar o meu aniversário em grande estilo. Você sabe, sou filha única, além disso, a família do Nicolas é que comemorava o aniversário dele, ele mesmo nunca gostou de comemorações. – Explico.

– Engraçado o quanto o Nicolas, apesar de ser meu irmão gêmeo, tinha o temperamento diferente do meu. Sempre sonhei em ter uma grande festa de aniversário e só comecei a comemorar a data depois de adulto. – Thomas sorri e me encara .

– Você não tem nem ideia do quanto o temperamento do Nicolas era diferente do seu. Acho que eu sou a pessoa que melhor o conhecia, então posso garantir isso com muita propriedade. Amei muito o seu irmão, ele era uma pessoa maravilhosa, um homem calmo, tranquilo, honesto e responsável .

– Início o meu discurso .

– Minha linda, sei que você o amava, que ele foi o seu melhor amigo, mas ainda não me sinto preparado para saber sobre ele ou sobre a vida dele. Prefiro aprender a lidar com os meus outros irmãos, conhecer melhor o meu pai, e só depois ir sabendo sobre o Nicolas, aos poucos.

– Por quê? – Indago, tentando entender os reais motivos dele.

– Porque não quero ser sugestionado, não quero tentar ser como o Nicolas e não quero que procurem em mim traços da personalidade dele.

– Vou respeitar a sua vontade, por enquanto. – Sorrio.

– Quero continuar sendo a pessoa que sou, e desejo que a minha família saiba disso e aceite o Thomas e não apenas o irmão gêmeo do Nicolas. – Ele

desabafa, e entendo o porquê da sua resistência.

– Meu lindo doutor, tenha certeza de que o seu pai e os seus irmãos, assim como eu, amarão você pelos seus próprios méritos. – Falo sinceramente.

– Quase sei disso, minha linda doutora. Agora me diga, já falei que te amo hoje? – O seu lindo sorriso me acalma, a nossa conversa sobre o Nicolas é novamente adiada, e não sei se acho isso bom ou ruim .

– Só umas duas vezes. – Digo dengosamente, ele ri e me beija.

O William e os seus quatro filhos resolveram ficar na cidade até domingo para conhecerem melhor o Thomas. E os meus pais, que estão adorando a balbúrdia, hospedam todos no apartamento deles.

No domingo à noite, cansada de tanta agitação e de tanta testosterona, fico quase feliz ao ver os rapazes da família Chapman, prontos para retornarem a Ribeirão Preto.

O William, ainda ressentido pelo longo tempo que viveu longe do filho caçula, insiste em levar o Thomas para passar uns dias com ele, na casa que deveria ter sido dele também.

O meu amado doutor fica dividido. Quer ir, mas não quer me deixar, e acabo convencendo-o a aceitar o convite. Acho importante que ele vá, porque os momentos que tem passado com a família estão deixando-o muito feliz.

Então, ele vai. Sai quase arrastado, mas vai. Nem bem a porta se fecha, já fico com saudade.

A semana passa mais devagar sem o Thomas perto de mim. Ele me telefona todos os dias, e o meu coração fica apertadinho cada vez que nos falamos. Mas mesmo muito saudosa, não reclamo, e não o deixo saber da enorme falta que me faz, porque acho que é necessário que ele conviva e conheça um pouco mais a família recém-descoberta, e não quero atrapalhar.

Para tentar driblar a saudade que estou sentindo do meu doutor, trabalhei muito mais, e nem bem a sexta-feira começa, estou exausta. Sei que tinha prometido ao Thomas que iria ao seu encontro em Ribeirão Preto no sábado, e que depois retornaríamos juntos para casa na segunda-feira de manhã, mas mudei de ideia.

Quando comunico ao Thomas a minha decisão de permanecer em São

Paulo aguardando o seu retorno, ele fica aborrecido. Explico a minha teoria de que a família Chapman necessita estar com ele sem interferências, e ele discorda. Uso diversos argumentos, e, finalmente, o Thomas concorda comigo e para de reclamar porque não irei encontrá-lo.

Depois de ter sido convencido, ele me conta o que achou de Ribeirão Preto, da casa do seu pai, e me coloca a par das últimas novidades. Fico alegre em saber que todos estão se dando tão bem e que ele está se sentindo muito “em casa”.

Desligamos, e fico pensando que devo aproveitar o final de semana sozinha para pensar em como abordar o tema “eu fui noiva do seu irmão”, de uma maneira que cause menos impacto.

O meu dia de trabalho finalmente chega ao fim. Encerro-o mais cedo e, mesmo esgotada, não estou disposta a voltar para o meu apartamento vazio em plena sexta-feira à noite. Que as táticas para revelar o segredo que guardo fiquem para amanhã e depois!

Saio da minha sala com o firme propósito de convencer a minha secretária e amiga a me fazer um pouco de companhia.

– E então, Patrícia, que tal um cineminha? – Sugiro animada.

– Você não tem que dormir cedo hoje para ir para Ribeirão Preto amanhã?

– A Patrícia pergunta curiosa.

– Desisti de ir.

– E por quê? – Ela me olha preocupada.

– Porque acho que será melhor para o Thomas ficar em imersão com a família dele. São muitos anos para colocar em dia, muitas histórias para contar, e é muito homem junto, não quero sobrar. – Falo rindo.

– Você não quer fazer amizade com as esposas dos irmãos do Thomas? –

Lá vem a Patrícia, “a curiosa”, de novo .

– Quero, mas terei tempo para isso.

– Mudando um pouco de assunto. Sabe quem telefona quase todos os dias para ter notícias suas? – Os olhos da Patrícia brilham.

– Marco Diniz. – Respondo, e ela fica ruborizada.

– Ele mesmo. Sempre pergunta sobre você, e respondo somente o básico.

Depois falamos sobre alguma amenidade qualquer. – Relata sem me encarar.

– E por que você ainda não disse para ele parar de telefonar se o assunto for

a minha vida? – Pergunto realmente interessada na resposta.

– Porque sinto um pouco de pena dele. Um homem tão bonito, gentil e elegante, caído de amores por você e sem ser correspondido, me comove profundamente.

– E a minha vida vira motivo de fofoca. – Apelo.

– Desculpa, é que venho tentando encontrar coragem para convencê-lo a não telefonar mais. Mas não se preocupe porque nunca disse nem nunca direi nada que invada a sua privacidade. – Patrícia fala um pouco acanhada .

– Você gosta de falar com ele, é isso? – Eu a confronto.

– É que o sotaque dele é muito bonitinho. Um sotaque nordestino tão agradável...

Acho que ele mexe com ela e resolvo não interferir.

– Como você anda falando sobre mim, me deve uma, então vamos ao cinema. – Intimo a sua companhia.

– Vamos ao cinema! – Patrícia diz animada.

Depois do cinema e do lanche, deixo a Patrícia em casa e também vou para casa.

Abro a porta, e, quando entro, a solidão me esbofeteia. O meu apartamento aconchegante está me parecendo mais uma gruta, e acho isso por causa do impacto que a ausência do Thomas está causando. Esses dias longe dele me fizeram pensar ainda mais no quanto ele é importante para mim, e no quanto eu o amo. E passar o final de semana inteiro sentindo saudade, quando não tenho nem o trabalho para me distrair, será uma grande provação.

Estou completamente convencida de que viver sem o Thomas ao meu lado seria insuportável, e ao mesmo tempo que gosto de sentir a sensação envolvente e acolhedora do amor pleno, fico preocupada com o nível de dependência emocional que estou atingindo.

O que me tranquiliza é saber que o Thomas também deseja estar ao meu lado, e que nutre por mim os mesmos grandes sentimentos que sinto por ele. O meu coração se entenece quando imagino qual será a proposta que o meu lindo doutor disse que me fará, e fica apertado quando penso que necessito de encontrar o momento certo para falar com ele sobre o Nicolas.

Sinto como se tivesse uma espada sobre a minha cabeça, e acredito que revelar o segredo que guardo me libertará do medo, e me deixará mais leve. Tenho quase certeza de que o Thomas compreenderá os meus motivos e reagirá

bem, afinal tenho demonstrado de todas as formas possíveis o quanto o amo e o quanto ele é importante para mim.

Sei que ele vai questionar a minha demora em falar sobre a real natureza da relação que tive com o Nicolas, e pretendo me defender. Explicarei que antes estava mais preocupada em desvendar o passado dele, e que depois que isso aconteceu não foi possível, porque desde que chegamos de viagem não conseguimos ter muita privacidade. Estivemos sempre cercados pelas nossas famílias, e isso dificultou que eu achasse uma brecha para fazer a revelação.

Algumas vezes chego a pensar que algum dos irmãos do Thomas falará demais e me entregará, e fico preocupada. Mas logo me acalmo, porque acho que se eles não fizeram isso logo que conheceram o irmão, é porque foram muito bem instruídos pelo William ou pelo meu pai, ou por ambos, a guardarem segredo.

Depois de muito pensar, resolvo ir me deitar. O sono demora a chegar, e quando aparece, é leve e entrecortado. Passo a noite me virando de um lado para o outro, intranquila, um pouco por causa da missão que tenho pela frente, e um pouco pelo fato de ter me desacostumado a dormir sozinha. Sem o meu amado doutor, as minhas noites têm sido longas.

– Você é tão linda.

Ouço a voz do Thomas, não paro de pensar nele.

– Não consigo ficar longe de você.

Ouço novamente a voz do Thomas, abro os olhos, e encontro os olhos dele. Ele está aqui de verdade.

– Meu amor, você já voltou! – Grito e literalmente me jogo em cima dele.

– Opa! – Ele me sustenta. – Ficar longe de você é muito ruim, não sou capaz sequer de dormir, fico rolando na cama sentindo a sua falta. Ontem à noite me despedi de todos e hoje saí super cedo para chegar a tempo de vê-la acordar. – Ele me aperta em seus braços, e me sinto muito bem.

– Também não dormi direito, senti saudade de você, muita saudade mesmo. Só queria que você pudesse ter um tempo a sós com a sua família. – Paro de falar para não chorar.

– Eva, você também é a minha família. Você é a minha mulher e eu te amo. – Ele fala com seriedade estas lindas palavras, e os meus olhos se enchem de água.

– Eu te amo, Thomas.

Nós nos beijamos. A língua dele dança despudorada dentro da minha boca, e não me importo com mais nada.

– Quando você não está comigo, minha linda, sinto uma falta tão grande de você que não consigo pensar em outra coisa a não ser no momento em que a terei em meus braços. Você me possui completamente, sou todo seu. – Declara quando o nosso beijo cessa e fico emocionada.

– E você é tudo para mim, tudo, nunca se esqueça disso. – Digo carinhosamente e ele volta a me beijar.

Acaricio o peito dele por debaixo da camiseta, ele interrompe o nosso beijo e me encara cheio de expectativa. Sento-me na cama e tiro a camisola. Ele tira a camiseta e me observa atentamente, os seus olhos se detém nos meus seios e ele sorri maliciosamente. O olhar de posse e desejo que me dá me consome, e a minha libido vai às alturas.

– Quero matar a saudade, minha linda. – Ele diz e segura os meus seios.

Os polegares do meu amado doutor fazem movimentos circulares nos meus mamilos que eriçam sensíveis ao seu toque. Ele mordisca um mamilo e depois o outro, é ligeiramente doloroso e muito bom, arqueio o corpo para trás e desfruto da sensação de prazer que o percorre e se instala dentro de mim, atíçando-me. Ele suga o meu seio e gemo, estou ansiosa, quero mais.

Tudo em mim pulsa, cada terminação nervosa está tensionada, estou quente, não, estou ardente e molhada. Ele para de lamber e sugar os mamilos e se levanta sobressaltado, o seu olhar me devora e sei que está pensando em algo voluptuoso.

– Alguma sugestão, doutor? – Encaro-o de maneira provocante e passo a língua nos lábios.

– Não faça assim, linda! Não faça cara de danada, que sou capaz de gozar sem sequer tocá-la. – Ele corresponde ao meu olhar com muito ardor.

– O que esta danada pode fazer para agradá-lo? – Continuo provocando-o.

– Hum... Só olhá-la e ouvi-la já me agrada muito, mas posso ser bem criativo, deixe-me pensar. – Morde a ponta do dedo indicador e me examina cuidadosamente. – Temos várias possibilidades. – Diz, e a conversa me deixa muitíssimo excitada.

– Doutor? Estou esperando. – Cobro ação rápida e me detenho novamente

em seu olhar selvagem.

– Você tem lindos olhos e a boca mais obscena que já vi na vida, estou hipnotizado. – Thomas me elogia .

Com muita agilidade tira a calça jeans e a cueca, e a sua maravilhosa ereção me assanha ainda mais, quase perco o ar.

– Preliminares? – Pergunta de um jeito muito sensual.

– Concomitantes. – Respondo muito dengosa, e ele sorri. – Estou ficando muito ansiosa, doutor, o tempo está correndo.

Coloco a mão dentro da minha minúscula calcinha de renda preta e me toco, e os olhos dele quase saem das órbitas.

– Acho que você está bem molhadinha.

Aproxima-se de mim com sensualidade.

– Pingando, doutor! – Sorrio com volúpia.

– Então abra as pernas que vou bebê-la todinha. – Ordena, e a tensão no meu corpo estala . Estou literalmente em brasa, tiro a calcinha rapidamente e o obedeço.

Thomas coloca a cabeça entre as minhas pernas e me lambe. Dou um gritinho, e ele enfia a língua molhada e quentinha dentro de mim. Enfia e tira, enfia e tira fazendo-me arrepiar. A minha vagina lateja, o meu clitóris incha em sua boca, e ele mordisca e chupa a pontinha de maneira alternada. Rebolo, seguro os cabelos do meu doutor, puxo a sua cabeça em minha direção, e ele enterra mais ainda o rosto no meu sexo encharcado. Introduz dois dedos em mim, gemo e projeto o quadril para frente. Ele me massageia por dentro com os dedos e me chupa como se eu fosse uma fruta madura. As minhas pernas tremem, ele serpenteia a língua na minha vulva, grito e gemo, ele intensifica a lambida e volta a chupar o meu clitóris intumescido.

– Ahhh! – Gemo muito alto quando o orgasmo sai do mais profundo do meu íntimo, fazendo-me tremer completamente.

– Caramba, Eva! Eva! Nossa! – Thomas grita, e o seu hálito quente me arrepia. Ele estremece entre as minhas pernas e com a mão livre apertada a minha coxa com muita força.

Relaxo o corpo que afunda na cama, o fogo ainda me queimando por dentro, e o clitóris pulsando. Estou profundamente enlevada, quero me deixar levar pela sensação de plenitude, mas a respiração pesada do Thomas e os seus

resmungos me impedem.

– O que foi, doutor?

– Você não reparou no que aconteceu? – Responde a minha pergunta com outra, e isso me faz rir.

– Não. Estava concentrada no orgasmo espetacular que o maravilhoso sexo oral me proporcionou. – Falo baixinho.

– Eva, amei saboreá-la, mas o que estou tentando dizer é que chupá-la me deixou tão excitado, o seu gosto e o seu cheiro me inebriaram de uma maneira tão avassaladora, que gozei sem sequer encostar o meu pau em você. E digo mais, sem sequer tocar nele. Foi a primeira vez que isso aconteceu comigo, estou surpreso e encantado com o seu poder. – O olhar cheio de reverência dele me faz sentir poderosa.

– As palavras têm poder, doutor. Ainda agorinha, quando começamos com a nossa safadeza, você me pediu para não fazer cara de danada, que isso seria capaz de fazê-lo gozar sem que eu sequer o tocasse. Então, como não pude controlar as minhas expressões faciais, “pirlimpimpim”, as palavras poderosas fizeram a sua mágica. – A minha narrativa de faz de conta o faz rir.

– Eva, as palavras podem ter poder, mas você, minha deliciosa, tem muito mais. – Ri novamente e deita a cabeça levemente na minha barriga.

Acho que cochilamos um pouco, a cabeça dele agora pesa incômoda sobre mim, tento movê-lo sem acordá-lo e não consigo.

– Doutor? Pode me ouvir?

– Hum, hum.

– Que tal você acordar, me beijar e depois namorarmos mais um pouquinho? – Sugiro tentando ganhar a atenção dele.

– Que tal eu acordar, beijá-la e namorarmos bastante? – Ele aceita a minha sugestão.

– Adoro o seu raciocínio rápido, doutor.

– Então, prepare-se, minha delícia, porque estou prontinho para lhe dar prazer. – Ele puxa o meu quadril, escorrego na cama, e ficamos frente a frente .

– Já estou implorando, meu amor, pode começar! – Falo, ele me gira e me senta sobre ele.

Muito animada, apoio os braços em seus ombros, levanto as nádegas, e desço enterrando-o dentro de mim. Ele grunhe, adoro isso, o seu membro me toca profundamente, e gemo e serpenteio sobre o seu quadril fazendo-o urrar, e todas as

sensações, que agora são minhas companheiras, me atingem . As mãos do Thomas acariciam as minhas nádegas, enquanto subo e desço cada vez com mais força, do jeito animalesco que tanto gosto, sobre o pênis divinamente grosso dele.

Ele afasta uma nádega da outra e o seu dedo percorre o sulco entre elas, diminuo a intensidade do movimento, rebolo, e a pontinha do dedo continua trabalhando, circunda o meu ânus, e sinto um arrepio de prazer.

Thomas me encara, e rebolo bem devagarzinho, provocando e sendo provocada. Estou encharcada, e o seu olhar possessivo me instiga.

– Minha linda, você sabe que adoro a sua bunda, não sabe? – A voz rouca e sensual pergunta e me afeta tanto quanto o olhar possessivo.

– Sei. – Gemo em resposta movimentando-me agora para frente e para trás, sentindo ser tocada bem fundo.

– Adoro muito mesmo. Demais até! – Ele geme de uma maneira tão gostosa que sinto um frio na barriga.

– Sei, com toda certeza. – Quase ronrono.

Thomas coloca o dedo indicador na minha boca e sugo, tira o dedo da minha boca, coloca na dele e suga também, a cena é luxuriante. Ele circunda o meu ânus com o dedo molhado e o insere lentamente nele. Contorço-me, volto a rebolar sobre o seu pênis muito duro e isso faz o seu dedo afundar. O prazer que sinto é desconunal, gemo sem parar e me remexo impetuosamente.

O corpo do Thomas se ergue um pouco embaixo de mim, ele não se controla e remexe também. Ele gira o dedo, e perco completamente o controle, grito tão alto que devo ter assustado a vizinhança, e atinjo o orgasmo violentamente. O meu corpo não consegue parar de vibrar e de se contorcer, e o meu habilidoso e sexy doutor estremece e se derrama dentro de mim ao mesmo tempo em que dá um urro.

Caio sobre ele, cansada, suada e cheirando a sexo dos bons. Thomas me suspende e sai de dentro de mim e o meu corpo sacode em resposta. Respiro fundo e enterro o meu rosto em sua nuca, inspiro o seu cheiro másculo, o cheiro tão familiar que percorre as minhas narinas e me faz suspirar de paixão, amor, prazer e felicidade.

– Você é uma mulher incrível! Eu te amo, te amo, te amo! – Sussurra passando a mão pelas minhas nádegas.

– Idem, idem, idem. – Sussurro em resposta

Em questão de segundos, começo a cochilar e sei que irei dormir novamente, nos braços do homem que tanto amo .

Thomas e eu passamos o sábado todo na cama. Entorpecidos, namorando e conversando divertidamente sobre diversas coisas, inclusive sobre as vantagens das paredes a prova de som, que não temos, e sobre todas as mudanças que ocorreram e que ocorrerão na vida dele.

O Exame de DNA foi marcado para a próxima semana e os advogados do meu escritório, indicados pelo meu pai, cuidarão de todo o processo, que tem por objetivo o novo registro de nascimento do Thomas. Além disso, o Thomas me contou que a Sara o informou que conseguirá resolver a questão do processo de agressão aberto contra ele de maneira satisfatória e sem qualquer desdobramento.

No domingo, o Thomas insiste em visitar os meus pais que ainda estão na cidade. A visita é agradável. Almoçamos juntos, e os meus pais o sabatinam, querem saber tudo sobre a visita dele a casa do William.

Enquanto aproveito para entregar os presentes que trouxe dos Estados Unidos para a minha mãe, o Thomas e o meu pai se trancam no escritório. Fico curiosa, mas resolvo esperar que algum dos dois me fale do que se trata a conversa.

Aconselho-me com a minha mãe, a sabedoria dela sempre me foi útil, mesmo quando eu não tinha noção ainda disso. Ela está convencida de que tenho que contar o quanto antes ao Thomas sobre o meu passado com o Nicolas. Teme que ele acabe descobrindo por acaso, já que agora está se relacionando com a família que é dele e que também era do Nicolas. Concordo com ela, e pensamos em algumas maneiras para que eu faça a revelação, nenhuma é fácil, mas elegemos a conversa franca como a melhor opção. Irei me expor, contar os meus medos e me declarar para o Thomas da melhor maneira que puder e acho que o meu amado doutor me compreenderá.

Depois de conversar com o meu pai sigilosamente, Thomas aparece com um enorme sorriso nos lábios, e aceita um pedaço do bolo que a minha mãe fez. O meu pai recebe os presentes que trouxemos para ele e nos conta as últimas piadas de advogado que aprendeu, fazendo-nos rir.

Apesar da insistência dos meus pais para ficarmos até mais tarde,

resolvemos ir embora, quero namorar um pouco mais o meu doutor e tenho certeza de que ele está interessado em fazer o mesmo comigo.

No caminho para casa, Thomas e eu conversamos alegremente, contudo, ele não diz nada a respeito da conversa a portas fechadas com o meu pai. Resolvo não bisbilhotar, se for do meu interesse, um dos dois acabará me contando.

Chegamos em casa e o interfone toca. Atendo, e o porteiro avisa que vai subir para entregar uma caixa que foi deixada para mim na portaria. Fico ressabiada, não encomendei nada, e o Thomas também não.

A caixa está embrulhada em um papel dourado muito bonito e envolta em um laço de cetim da mesma cor. Um envelope está preso no laço, e fico intrigada. Desconfio que o presente é do Thomas, mas ele nega, parecendo aborrecido.

– Você deveria ler o cartão primeiro. Se não souber do que se trata, nem abra a caixa. – Thomas recomenda com o semblante muito sério.

– Se não é um presente seu, não faço a menor ideia do remetente e nem do conteúdo. – Digo abrindo o envelope e retirando o cartão.

“Eva,

estou em São Paulo e adoraria revê-la.

Nova Iorque nunca mais foi tão bela desde dezembro passado.

Os seus lindos olhos petulantes não me saem da cabeça, e a sua gargalhada gostosa, de quando em vez, ecoa nos meus ouvidos fazendo-me sorrir.

Quem sabe não tenho sorte, e recomeçamos de onde paramos?

Trouxe de presente os seus bombons preferidos. Aguardo notícias.

Gabriel.”

Leio o cartão e gelo, dobro-o, e antes que eu consiga me desfazer dele, Thomas o tira das minhas mãos.

– Isso é pessoal, Thomas. Você não tem o direito de ler um cartão que não é seu.

– Tenho certeza de que você não se importará que eu o leia. E, mesmo que tenha ficado aparentemente desconcertada com a leitura, sei que não se trata de nada do tipo íntimo e revelador. – Ele diz com ironia e cara de poucos amigos, e

acho melhor não apelar.

– Tudo bem, pode ler. Mas acho um desrespeito.

Ele não fala nada, e o vejo ficar cada vez mais vermelho de raiva. Termina de ler o cartão e, muito bravo, amassa-o violentamente.

– Você pode me explicar o que é isso? Sem floreios, quero a verdade. – Esbraveja.

– Isso não tem importância. É só um cartão de uma pessoa que conheço e que resolveu me trazer uma lembrança de viagem. – Tento desconversar.

– E o coelhinho da páscoa foi quem deixou lá na portaria quando veio visitar a fada do dente que é a nossa vizinha. Acertei? – Continua com o tom irônico, e tenho que me segurar para não rir do que ele diz.

– Thomas, nunca mais vi ou falei com o Gabriel desde que estamos juntos. Eu só tenho você na minha vida. Vamos esquecer o cartão, os bombons e... – Nem consigo terminar a frase porque sou interrompida bruscamente.

– Desembucha, Eva! Não estou pedindo a sua opinião, o que eu quero é uma explicação. Anda logo!

– Está bem, doutor nervosinho. Em dezembro do ano passado estive em Nova Iorque durante duas semanas, de férias. Mas logo que cheguei lá, arrumei uma gripe, tive febre e fiquei de cama. A Sara ficou preocupada e pediu para um amigo dela e conhecido meu, o Gabriel, que mora na cidade, ir até o hotel me prestar auxílio.

– Pelo jeito, ele prestou um belíssimo auxílio. – Thomas continua com a ironia.

– Ele apenas me convenceu a ir para o hospital, e comecei a melhorar depois de tomar o antibiótico que o médico receitou. Quando melhorei, o Gabriel resolveu ser o meu cicerone na cidade.

– Era a sua primeira vez em Nova Iorque? – Pergunta desconfiado.

– Não, a terceira vez.

– E ele sugere no cartão que recomecem de onde pararam porque quer ciceroneá-la aqui em São Paulo também? – Thomas debocha.

– Muito engraçado, doutor. – *Quase rio de verdade*. – O Gabriel não era um estranho para mim. Nós já nos conhecíamos de vista há algum tempo, havíamos nos encontrado em alguns eventos aqui no Brasil e flertado algumas vezes.

– Você e o Gabriel andaram se pegando aqui no Brasil, é isso?

– Não, Thomas. Flertamos, só isso, mas a coisa nunca evoluiu.

– Estou ficando confuso. Esse bilhete significa que ele está em São Paulo e deseja continuar com o flerte? – *Ele e a ironia não se largam.*

– Não. Em Nova Iorque tivemos oportunidade de fazer a paquera evoluir. Mas, por favor, entenda. Eu não tinha compromisso com ninguém, e ele também não.

– E como uma coisa leva a outra, não é? – Fala destilando sarcasmo.

– Resisti o quanto pude, não queria me envolver com uma figura tão conhecida e, ainda por cima, amigo da Sara.

– Pobre, Eva! – Thomas me fuzila com o olhar. – Continue. Agora é que a história está ficando boa. Não pare! – *A ironia vicia. Não é, doutor?*

– Só que não havia nada que realmente me motivasse a não me divertir um pouco, e o Gabriel estava se oferecendo e me pressionando muito. Não consegui ignorá-lo. Eu era livre, leve e solta, e ele idem.

– Você transou com o cara, Eva? – *Ih, ele subentendeu o significado da minha narrativa evasiva.*

– Não foi nada sério, nada demais e dispensei-o logo no outro dia. Lendo o cartão dá para saber que ele está em São Paulo e que deseja me reencontrar. Acho que ele é meio lento para entender um fora.

– Se ele é lento eu não sei. Quem deve saber isso é você! – Ele me provoca. – O que eu acho é que ele é um sujeitinho bem inconveniente. Será que ele não pensou na hipótese de você estar comprometida e que um cartão desse tipo pudesse causar problemas?

– E causou? – Pergunto preocupada.

– Causou!

– Thomas, acredito que não deve ter passado pela cabeça do Gabriel que estou namorando sério.

– Moramos juntos, o que é muito mais do que namorar sério! – Ele protesta irritado.

– Muito mais. – Concordo rapidamente.

– Você é a minha mulher, Eva! – Quase grita.

– Sou mesmo. – Concordo mais rapidamente ainda.

– E esse tal de Gabriel, “a figura tão conhecida”, não tem sobrenome? – *Que perguntinha mais sem propósito.*

– Claro que tem, mas isso não vem ao caso.

– Prefiro que me diga. Quero saber quem exatamente está querendo traçar a minha mulher.

– Você não vai lucrar nada sabendo. – *Vai é se aborrecer mais.*

– Quem decide isso sou eu. – Insiste.

– Gabriel Idago.

– O piloto de corrida? – Pergunta perplexo.

– O que foi piloto de corrida. Esse mesmo.

Thomas joga a caixa de bombons no chão e pisa em cima, está irado. Depois rasga o cartão e sai da sala soltando fumaça e derrubando tudo em seu caminho. Fico pasmada. Decido ir atrás dele e descubro que se trancou no banheiro, pelo jeito resolveu tomar um banho.

Vou para o escritório, ligo o computador e escrevo um e-mail para o Gabriel contando que estou morando com o namorado. Relato o problema que o cartão dele me causou e peço que não me procure mais. Envio. Foi o primeiro e-mail que mandei para ele desde que me envolvi com o Thomas. Sei que isso bastará para afastar o Gabriel, ele sabe que não tem direito de atrapalhar a minha vida, nunca dei liberdade a ele.

Aproveito e leio alguns e-mails de trabalho, estou dando um tempo para o Thomas se acalmar. Quero conversar com ele quando estiver menos tenso.

De repente, recebo a resposta do Gabriel, que chega muito mais rápido do que imaginei que chegaria. Ele se desculpa de maneira enfática e educada, e afirma que não voltará a me importunar. Sinto-me aliviada. Tanto que até me animo a ir procurar o meu doutor nervosinho.

Volto para o quarto, e o Thomas está deitado na cama, de olhos fechados e respirando pesadamente, não está dormindo, sei que está tentando se acalmar, e o deixo fazer isso.

Tomo banho e me preparo para dormir, e quando vou para o quarto, Thomas não está mais lá. Sento-me na cama e fico sem saber como proceder.

– Eu não sei quais são os seus bombons preferidos, não sabia que tinha ido a Nova Iorque em dezembro e não sei o que fazer com esses idiotas que vivem aparecendo no nosso caminho. – Thomas fala com a voz rouca e grave, e o meu peito aperta.

– Os meus bombons preferidos são os da Godiva, costumava viajar todo ano do começo de dezembro até antes do natal, e os idiotas ainda não sabem que sou

uma mulher comprometida.

– Eva, esse piloto levou você para a cama. E você foi porque, segundo suas próprias palavras, não conseguiu ignorá-lo. Que argumentação mais pífia! – *Só que não foi tão claramente assim que falei, tenho certeza. E nem foi na cama!*

– E você era um celibatário antes de me conhecer? – *Um pouquinho de ironia para levá-lo a fazer um mea culpa.*

– O assunto aqui não sou eu, é você. – Tenta desconversar.

– Thomas, temos mais de trinta anos de idade, não nascemos ontem, e tivemos uma vida antes de nos encontrarmos. Entendo o seu ciúme, mas acho que é injustificado.

– Só de pensar em você na cama com outro homem, fico descontrolado, louco, irado. – O olhar gelado que me dá, me assusta.

– Faça como eu, não pense. Sei que você levou inúmeras mulheres para a cama, que fez coisas inomináveis com elas, e que as idiotas também usaram e abusaram desse seu corpinho que agora é meu. Não posso anular o seu passado, o que posso fazer é tentar garantir o meu lugar no seu presente e no seu futuro.

– O seu lugar está garantido. O que me preocupa é o meu lugar no seu coração. Será que um homem como eu, que não tem os encantos do mundo no bolso, poderá mantê-la interessada a vida inteira? – Ele me olha muito sério.

– Tenho o meu próprio bolso, doutor. Além disso, quem me encanta é você. Eu te amo e o seu lugar no meu coração é o de honra.

– Fico maluco só de imaginar que outra pessoa possa despertar o seu interesse. – Diz com a voz carregada e trêmula.

– Então, não imagine uma coisa dessas, doutor. O meu interesse foi totalmente despertado por você. A minha atenção é completamente sua.

– Sinto um ciúme atroz de você, Eva. Tudo o que viveu antes de me conhecer me incomoda, porque queria ter podido estar ao seu lado. A Lucia me roubou não só a oportunidade de conviver com os meus pais e irmãos, ela me tirou também a chance de ter você desde sempre. – *Essa afirmação dele me preocupa.*

– Não adianta pensar no que poderia ter sido. Vamos aproveitar o que temos agora, que é único, especial e maravilhoso.

– E se o Gabriel Idago, “o famoso”, resolver perturbá-la?

– Ele não vai me perturbar. Acredito que a essa altura ele já deve estar

sabendo que estou amando um homem muito bravo. Não significo nada para o Gabriel, nem ele significou nada para mim, e garanto que ele só tentou me reencontrar porque achou que estou disponível.

– Não quero que fale com ele! – Protesta com energia.

– Não falarei. – *Comunicação via e-mail não é verbal.*

– Eva, a destruidora de corações, bem que me avisaram. – Ele coça a nuca e me olha atravessado.

– Nunca disse que fui santa, Thomas. Sempre gostei de homens bonitos e de sexo, e fiz papel de caça ou de caçadora diversas vezes. Só que era apenas sexo sem compromisso. Um encontro de corpos de uma noite só, e muito de vez em quando duas. Mas nunca houve qualquer sentimento envolvido. Estava procurando e tentando ser encontrada pelo tipo de amor que só existe em você, com você.

– Compreendo o que diz. Antes de conhecer você, praticava o mesmo esporte: sexo sem compromisso. Mas detesto que o seu passado adquira nomes e rostos. Que droga! – Ele coça a nuca com energia e emburra.

– Usei o tal esporte apenas para me manter em forma. Fora isso, os encontros casuais que tive nunca me agregaram nada. Sexo sem amor é igual à festa sem música. E eu já estava cansada de fingir que estava me divertindo. O que temos é festa de arromba, com música da melhor qualidade e coreografia de primeira. Não trocaria o que temos por nada. Eu te amo. – Falo, ele não se contém e ri.

– Festa de arromba, com música da melhor qualidade e coreografia de primeira? Gostei do que disse. Você está certa. Vamos deixar o passado para trás e vamos nos concentrar no nosso presente e futuro. E saiba que sou seu, todo seu, e te amo mais. – *De zero a cem em segundos, ida e volta, esse é o meu doutor.*

– E eu nunca me canso de me impressionar com o quanto você é disposto e aberto ao diálogo. Adoro ouvi-lo. É maravilhoso estar com um homem que me deixa saber o que pensa, o que sente e o que quer. Você se revela para mim, e acho isso profundamente sexy.

– Sou assim só com a minha Eva. – Ele sorri. – Sempre senti necessidade de me desnudar para você, e não me importa que seja tirando a roupa, abrindo o coração ou expondo a alma. O que quero, desde que a conheci, é ser todo seu. – O sorriso perfeito dele me inebria.

– Você é todo meu, meu amor. – Digo e sorrio, admirando-o.

– Minha linda, preciso aproveitar que estamos falando do seu passado e perguntar algo importante para você. – Ele diz e fico quase em pânico.

– Pergunte. – *Seja o que Deus quiser.*

– Você amou o homem que foi seu noivo? – Pergunta e acho que ele está se contradizendo, agora mesmo afirmou que deixaria o passado para trás.

– Amei. – *Resposta direta e curta para não revelar o meu desconforto com esse assunto.*

– E deixou de amá-lo quando?

– Talvez eu nunca seja capaz de deixar de amá-lo de alguma forma. Mas não se preocupe porque o tipo de amor que vivi com ele era um amor fraterno, meigo, quase ingênuo. Hoje tenho certeza de que esse tipo de amor não me levaria muito mais longe do que me levou, porque era um amor quase infantil. – Falo e acho que ele vai relacionar o que falei ao Nicolas.

– Tenho menos ciúme de suas transas do passado do que desse seu amor do passado. Amor é algo sério, agora entendo isso completamente. Quero que você ame apenas a mim, Eva. Quero ser o seu único amor. Preciso achar e sentir que o amor que sente por mim superou qualquer outro. – Ele diz e sei que está falando sério. E fico surpresa que não tenha feito qualquer relação com o que eu disse ao Nicolas.

– O amor que sinto por você, Thomas, é o sentimento mais forte e real que já senti na vida. Acredite. Nada se compara ao que temos.

Eu me levanto e nos aproximamos, ele me envolve em seu abraço e ouço o seu coração bater acelerado.

Thomas ainda está nervoso, posso sentir os seus músculos retesados e a tensão no ar, mas o nosso abraço vai conseguindo acalmá-lo. Lentamente ele vai relaxando, e procuro a sua boca. Nós nos beijamos com fome e vontade, aliviando o estresse, e tomando posse um do outro.

Amo esse homem cada dia mais e quero que ele tenha plena convicção disso. Mas como contar sobre a minha história com o Nicolas para o Thomas depois que ele demonstrou que queria ter feito parte do meu passado? Depois de ter demonstrado tanto ciúme do meu passado?

Acontece que ninguém me fez sentir o que o Thomas faz, e ele precisa sentir-se seguro quanto a isso. Precisa acreditar totalmente na sinceridade do meu amor. Essa necessidade dele de me ter por inteiro e a vontade de ter me tido

desde sempre, ao mesmo tempo em que me emocionam e me enchem de esperança me preocupam, porque não sei se o Thomas será capaz de suportar saber que amei, durante grande parte da minha vida, um homem com o mesmo rosto que o dele.

Não posso apagar o que vivi, nem quero. Tudo o que passei me fez ser a mulher que sou hoje. O meu eu do passado amadureceu com cada dor, aprendeu com cada decepção e se tornou mais forte e mais preparado para viver esse amor que a vida está me dando de presente no presente.

Thomas precisa entender que ter agido como agi durante o tempo em que não o conhecia, que ter vivido o que vivi enquanto não o encontrava, e ter amado como amei enquanto não havia descoberto o amor que só ele é capaz de me dar, foi o que me transformou na mulher que ele, hoje, admira.

Só espero que ele possa aceitar e entender o meu passado para que possamos aproveitar o presente e planejar um futuro juntos.

- Eu te amo, doutor, com o corpo, a alma e o coração.
- E eu te amo mais. – Ele insiste, e gargalho.

Capítulo III

A minha vida nunca esteve tão boa. O meu amado doutor e eu estamos a cada dia mais próximos, íntimos e realizados. Ele não fala nada sobre retornar para o apartamento dele, e inclusive resolveu que a cozinha também deveria ser reformada, o que fez aumentar o tempo previsto para a conclusão da obra.

O trabalho no escritório me absorve completamente. Thomas também voltou a atender os seus pacientes, e a nossa correria é grande.

Eu nem acredito que já se passaram cinquenta dias desde que retornamos dos Estados Unidos. A felicidade faz o tempo passar mais depressa, tenho certeza disso, da mesma forma que sei que o inverso é verdadeiro.

Durante esses cinquenta dias muita coisa aconteceu. O exame de DNA foi realizado e o resultado não poderia ser mesmo outro, o Thomas é filho do William e em breve terá uma nova certidão de nascimento corroborando isso.

A audiência referente ao processo de agressão que foi aberto contra o Thomas também foi realizada, e a Sara conseguiu um acordo. Todos ficaram satisfeitos, e o juiz determinou que o processo de agressão fosse arquivado.

A única coisa que ainda falta para que o meu coração fique completamente tranquilo é a conversa que preciso ter com o meu namorado maravilhoso e ainda não tive. Tentei diversas vezes começar o assunto, mas o Thomas, de alguma maneira, acabou me desestimulando. E para mim, que ainda não estou muito firme no propósito de promover o confronto necessário, o desinteresse dele em falar a respeito do irmão gêmeo tornou-se a desculpa perfeita para que eu continuasse adiando.

Preciso fazê-lo me ouvir, e isso para o meu próprio bem, porque tenho plena consciência de que é vital me livrar logo desse peso, pois só assim conseguirei me desvencilhar da culpa que guardar esse segredo me faz sentir.

Vou aproveitar esta sexta-feira mais tranquila aqui no escritório para me preparar psicologicamente e à noite tentarei novamente conversar com o Thomas. Dessa vez, serei mais incisiva e direta.

Algumas vezes, acho que estou temerosa à toa, porque já demonstrei ao Thomas, de inúmeras formas, o quanto o meu amor é verdadeiro e sincero. Tenho certeza de que ele sabe que o amo, e tenho certeza de que ele me ama

também, e muito. Então, mesmo que a conversa seja difícil, acredito que não abalará as estruturas do nosso relacionamento.

A minha mãe está ainda mais preocupada do que eu. Isso porque ela acha que o Thomas é muito intransigente em relação ao perdão. O que a faz pensar assim é o fato de que ele não aceitou falar com a Lucia desde que ela chegou ao Brasil, e mesmo a Lucia insistindo bastante, ele se recusa veementemente a manter contato com ela.

Para mim, as situações são diferentes. A minha omissão não causou nenhum dano ao Thomas. É muito mais fácil para ele perdoar o meu comportamento do que o da Lucia.

O perdão do William e dos sobrinhos a Lucia conseguiu. E o Thomas não consegue entender como puderam perdoá-la tão facilmente depois de tudo o que ela causou na vida deles. Entendo a mágoa do Thomas, ele foi um dos mais prejudicados, mas também acho que não há mais nada que ele possa fazer além de perdoá-la. E perdoar não significa que ele precisará conviver com ela.

É preciso superar os danos causados pelo passado para que ele não tenha o poder de influenciar negativamente as nossas ações no presente. Essa lição acho que aprendi direitinho.

O dia transcorre muito lentamente, estou nervosa e aflita, mas pressinto que a conversa precisa ser hoje. Não suporto mais a angústia de estar sempre procurando o momento certo. Além disso, estou achando que, muito em breve, o Thomas me fará aquela proposta que disse que faria.

Ele anda muito misterioso, peguei-o medindo um anel meu. Ele tentou disfarçar, contudo, imagino para que seja. Tenho que me antecipar a ele e fazer logo a revelação que tanto me aflige, para que a pendência não seja uma sombra sobre o nosso futuro.

Encerro o expediente. A ansiedade e o nervosismo estão me consumindo, e vou para casa no piloto automático.

Assim que abro a porta, sinto uma energia ruim, e percebo que algo está errado. Todas as luzes estão acesas, e isso é algo incomum de acontecer quando não tem alguém no ambiente.

Caminho pelo living e estremeço. Quando chego à sala de jantar vejo que as cadeiras da mesa estão desalinhadas, como se alguém as tivesse arrastado. A carteira do Thomas está em cima do aparador, e me tranquilizo ao saber que ele

também já chegou.

Ando um pouco mais pelo apartamento, que está estranhamente silencioso. Sinto um aperto no peito e fico incomodada, como se eu estivesse vivenciando um momento totalmente fora de contexto.

A porta do meu quarto está encostada. Acho estranho, e seguro a maçaneta um pouco temerosa. Empurro a porta, e vejo que o Thomas está sentado sobre a cama, com os olhos vermelhos e injetados. Fico muito preocupada, nunca o vi assim antes.

– O que aconteceu, amor? – O meu coração bate completamente descompassado.

– Cheguei mais cedo em casa hoje, queria fazer uma surpresa para você, só que o surpreendido fui eu. – A voz dele está embargada, tenho vontade de me aproximar, mas algo me diz que não devo.

– O que aconteceu, Thomas? Diga-me, por favor. – Imploro.

– Resolvi finalmente guardar as malas que usamos na viagem. Elas estavam aqui no canto do quarto, e ninguém parecia se incomodar com isso. Então, peguei a escada e fui colocá-las no maleiro do closet. – Ele fala, e o meu sangue gela. – Afastei uma caixa para que a mala maior coubesse, não percebi que afastei demais, e a caixa de papelão caiu, praticamente estourando no chão. Fiquei preocupado que algo tivesse quebrado, não sabia o conteúdo da caixa. – O olhar dele é de dor, e começo a suar frio.

– Thomas... – Começo a tentar explicar, mas ele continua falando.

– Quando fui recolher a caixa do chão, o fundo se soltou e de dentro dela caíram algumas fotografias. Juro que não estava bisbilhotando, não ia olhar, mas reconheci o Nicolas e você nas fotos. Fiquei curioso, porque você tinha me dito que não tinha fotografias dele, e porque a primeira foto que vi era de vocês dois se beijando. Sendo assim, examinei todo o conteúdo da caixa e não acreditei no que encontrei. – Ele me olha com muita raiva, e estremeço.

– Thomas eu ia lhe contar, tentei lhe contar, mas você nunca deixou. – Tento argumentar.

– Agora a culpa é minha? Todo mundo mentiu para mim, e o culpado sou eu? – Ele pergunta irritado. – Você, o meu pai, os seus pais, os meus irmãos, ninguém comentou que o Nicolas era o seu noivo. Li os cartões que ele lhe deu de aniversário, de namoro, de noivado e de não sei de mais quantas ocasiões. Vi a sua aliança com o nome dele gravado e centenas de fotos de vocês dois. – Ele

coça a nuca vigorosamente e a raiva presente em seu rosto me assusta.

– Conheci o Nicolas desde sempre, Thomas. Ele foi o meu melhor amigo, o meu namorado e depois o meu noivo. Moramos juntos durante cinco anos, até o dia em que ele faleceu. Eu o amei, e ele me amou, e não me envergonho disso. – Procuo ser sucinta.

– O problema, Eva, não é que você tenha amado outra pessoa. O problema é que essa outra pessoa era o meu irmão gêmeo. – O olhar dele fica cada vez mais raivoso.

– E o que é que tem isso, Thomas? – Pergunto só para que confirme o que acho que pensa.

– Acontece que nem você nem ninguém mencionou esse pequeno detalhe para mim. Por que será? – A ironia na voz dele é cortante.

– Porque prometi que conversaria com você e iria fazê-lo. Eu não quis lhe contar antes de descobrir se vocês realmente tinham algum parentesco, porque se vocês não o tivessem, essa informação não seria relevante. – Continuo tentando amenizar a situação.

– Não é relevante o fato de eu ser igual ao homem que foi o seu noivo? – A ironia continua.

– Thomas, amei profundamente o seu irmão. Vivi com ele, e teríamos provavelmente nos casado se ele não tivesse falecido, mas tudo isso só aconteceu porque eu não conhecia você. Se tivesse conhecido você antes, ou simultaneamente, a situação teria sido bem diferente. Com certeza teria me apaixonado por você, e teria escolhido ficar com você. – Falo sinceramente.

– Fica fácil para você falar isso porque sou eu quem está vivo. Você não precisou escolher, só precisou ficar com quem sobrou. – Ele diz me ofendendo.

– Que coisa horrível de se falar! Eu te amo, Thomas. Mais do que amei o Nicolas, e você sabe do meu amor. Eu não queria esconder o meu relacionamento com o Nicolas de você, é que no começo não achei que deveria contar. Você também nunca me contou detalhes das mulheres que teve. Depois, achei que só deveria lhe contar se fosse comprovado que vocês são parentes, e só a título de informação, porque faz muito tempo que tudo isso aconteceu. – Falo emocionada .

– Eva, não tente amenizar o fato de ter me feito de prêmio de consolação. Você amava o Nicolas e transferiu esse amor para mim, porque sou igual a ele. Você me usou. Agora entendo perfeitamente porque você me olhava com tanta

intimidade quando me conheceu. – Os olhos dele se enchem de lágrimas.

– Não se faça de bobo, Thomas. Você sabia que se parece com alguém que foi importante para mim, disse isso a você desde a nossa primeira conversa. Tanto é que até se ofereceu para me deixar “matar a saudade do meu amigo”...
Palavras suas.

– Pensei que me parecia com o seu melhor amigo e não com o seu grande amor. Isso muda muita coisa!

– Você é o meu grande amor. Nunca sequer troquei o seu nome, como certa vez você mesmo bem disse. A única coisa que foi útil no fato de vocês serem gêmeos é que essa semelhança me permitiu conhecê-lo, e conhecendo-o pude ver o quanto vocês são pessoas diferentes. Não são as semelhanças que me fazem amá-lo tanto e sim as diferenças. – Também começo a chorar.

– Não acredito nisso. Eu só consigo pensar que você o substituiu por mim e que se eu tivesse qualquer outro rosto não teria tido chance com você. – Diz irritado.

– Não substituí ninguém. Isso nunca seria possível, porque o temperamento de vocês é completamente diferente, você é o oposto do que o Nicolas era. Percebi na primeira conversa que tivemos. Confesso que me aproximei a primeira vez de você porque fiquei intrigada com tamanha semelhança, mas tentei me afastar, e você não deixou. Insistiu, e dei uma chance ao Thomas, um homem interessante e encantador. Permaneci com você, me apaixonei por você e amo você porque você é o Thomas. A mulher que eu sou hoje não se casaria com o Nicolas. – Falo com toda sinceridade.

– Você não pode ter certeza disso. Eu não posso ter certeza disso. – Ele me olha com frieza e sinto muita dor .

– Tenho certeza absoluta disso. – Digo de maneira enfática.

– Então me diga. O Nicolas morreu e você colocou todas as lembranças de vocês naquela caixa, que nunca jogou fora, e foi viver a sua vida tranquilamente? Não foi a perda dele que fez você se tornar a mulher viciada em trabalho e avessa a relacionamentos? – Provoca-me nervoso.

– A perda do Nicolas foi uma tragédia na minha vida. Eu tinha vinte e dois anos na época, e desde que tinha cinco anos de idade convivia quase diariamente com ele. Desses dezessete anos de convivência, cinco foram morando juntos. Ele era tudo para mim. Eu quis morrer quando ele morreu, tentei o suicídio, e os meus pais quase enlouqueceram. Tivemos que nos mudar de cidade, porque tudo

me lembrava o Nicolas. Tive depressão, fiz terapia, tomei medicamento e durante dois anos estive quase morta. Estava jogada no fundo de um abismo e não tinha forças para me levantar. Só que precisei superar, pelos meus pais, por mim e até pelo Nicolas. É verdade que mergulhei no trabalho, estudei, aprendi coisas novas, conheci homens interessantes e tentei amar de novo, mas não pude. Estava escalando lentamente as paredes do meu abismo, tentando chegar à superfície e, até conhecê-lo, achava quase impossível obter êxito. Foi você quem despertou o amor em mim, foi você quem me direcionou e impulsionou rumo à superfície, mas não foi porque você tem o rosto do Nicolas.

– Ah, não? – Ele me interrompe.

– Não. Foi porque você me fez descobrir que o que eu sentia pelo Nicolas era carinho, era ternura, era um amor fraternal. Só descobri isso porque o que eu sinto por você é muito mais forte e intenso, e satisfaz completamente a minha alma, o meu coração e o meu corpo. Eu te amo como uma mulher deve amar um homem, e não como uma menina ama o amor.

Espero que o Thomas fale alguma coisa, mas ele permanece calado. O seu olhar frio me faz estremecer, e me sinto impelida a continuar tentando acalmá-lo.

– E não se esqueça de que você também me ama e de que, segundo você, só eu fui capaz de fazê-lo descobrir o amor. Sendo assim, sei que pode entender que o amor é um encontro de almas que se complementam, e que eu jamais poderia simplesmente resolver amá-lo. – Tento desesperadamente convencê-lo.

– A mim não, o meu argumento é que você continua amando o Nicolas. – Diz com raiva.

– E o meu argumento é que se eu ainda amasse o Nicolas não conseguiria estar com você, porque você como eu, ao longo da vida, já deve ter se esforçado para amar alguém e não conseguiu, porque o amor não é lógico, não é matemático. Ele acontece quando tem que acontecer e não quando se quer que ele aconteça. Não premeditei me apaixonar por você, simplesmente aconteceu. – Argumento.

– Nem sei mais como tudo isso funciona, o que sei é que acho que você me olha e vê o Nicolas. – Ele coça a nuca. – E não vou conseguir viver com ciúme do meu próprio irmão. – Suspira forte e evita o meu olhar.

– Já lhe disse que olho para você e vejo você, desde que entendi o que sinto nunca confundi o meu sentimento. Eu te amo com todas as minhas forças.

Acredite em mim, por favor, acredite em mim. – Suplico.

– Você não confia no que está me dizendo, se confiasse teria me revelado, há muito tempo, qual foi o tipo de relação que teve com o Nicolas. Você temia o que eu iria pensar, porque é exatamente o que você pensa.

– Isso não é verdade! – Protesto. – Eu o conheci sem querer, Thomas. O acaso, ou destino, ou uma força superior, sei lá, nos aproximou. Fui a noiva do irmão que você não sabia que tinha, e você é o irmão que nunca sonhei que ele tivesse. Começamos a nos relacionar mais por insistência sua, que não sabia de nada, do que por minha, que imaginava que existisse alguma relação entre vocês.

– Cheguei a pensar, inicialmente, que você estivesse fugindo de mim porque não se sentia confortável em nutrir, por um homem muito parecido com o seu amigo de infância, sentimentos que pudessem macular a lembrança que tinha desse amigo. Acreditava que se envolver comigo seria estranho para você, como se estivesse cometendo uma espécie de incesto. Ingenuamente, pensava que você temia confundir a amizade do passado, com os fortes sentimentos do presente, e não o inverso.

– Não confundi nada. Fugi de você porque percebi, desde que o conheci, que você mexe muito comigo. Posso até ter considerado a hipótese de que só estava balançada por causa da semelhança, mas logo descobri que você mexe comigo porque a nossa química é maravilhosa. Nós nos apaixonamos e, tanto você quanto eu, não éramos alvos fáceis, mas mesmo assim aconteceu. Acabei sendo a chave para desvendar o mistério do seu passado, e você acabou sendo a chave que destrancou o meu coração. Se não foi um milagre o que aconteceu conosco, não sei como definir. Só sei que não fui eu quem planejou nada disso, e você não pode me acusar de usá-lo. Acredito que estávamos de certa forma predestinados a nos encontrar. – Falo e choro.

– Concordo que tudo o que aconteceu foi muito incomum, e que a nossa história realmente parece um roteiro de filme. Só que nada disso muda o fato de que não consigo mais confiar no seu amor. Você mentiu para mim, fez todo mundo mentir para mim e me fez de bobo.

– Thomas, não fui mentirosa, apenas omiti alguns fatos. As pessoas não mentiram para você, elas só não contaram algo que cabia a mim lhe contar, elas foram respeitosas. – Continuo tentando argumentar.

– Você não foi mentirosa? E como posso chamar uma mulher que disse não

possuir nenhuma foto do Nicolas, quando na verdade possuía uma caixa repleta delas?

– Essa caixa nunca foi aberta por mim nos últimos dez anos. Quando a lacrei, estava guardando mais do que fotos e lembranças, enfiei dentro dela parte da minha dor. Nunca senti vontade de remexer no conteúdo. Quando disse que não tinha fotos do Nicolas, fiz isso para evitar abrir a caixa que sempre considerei uma espécie de Caixa de Pandora.

– Você não respondeu a minha pergunta. Como posso chamar uma pessoa que mente, Eva?

– Existem mentiras e mentiras...

– Deixe de tentar explicar o inexplicável. – Ele me interrompe bruscamente.

– Está bem, menti quando disse que não tinha fotos do Nicolas. Perdão. Mas o que não compreendo é como você não confia no que sinto por você. Não dá para não saber, para não perceber, é tudo tão intenso, tão forte, tão maravilhoso, jamais poderia fingir o que sinto.

– Estou falando de amor, Eva, não de sexo. – Thomas fala com desdém, e acho que está tentando me magoar de verdade.

– Também estou falando de amor, se eu estivesse falando de sexo aí mesmo é que não precisaria me justificar. Você sabe o efeito que me causa. – As lágrimas escorrem pelo meu rosto. – Nós temos tantas afinidades, adoramos tocar violão, gostamos de cozinhar, somos pessoas caseiras, apreciamos a companhia um do outro e...

– Sabe, Eva... – Ele volta a me interromper bruscamente. – Vi aquelas fotos, e não posso deixar de pensar que você transferiu o sentimento que tinha pelo Nicolas para mim. Eu sei que te amo, o quanto te amo, mas não posso suportar a incerteza de não ser eu o objeto do seu amor. – Thomas respira fundo. – Não consigo aceitar que o meu rosto seja o mesmo rosto do homem que foi o seu grande amor e que isso não a afete de alguma forma. Passei horas tentando relevar, mas a dor só aumenta. Não quero um dia olhá-la e não ter a convicção de que é a mim que você ama, de que você não me vê como uma imitação barata do produto original. – Ele chora.

– O que é que você está querendo me dizer, Thomas? – Entro em pânico, as lágrimas não param de rolar pelas minhas faces .

– Que estou deixando você, Eva. – A voz dele está cheia de indiferença.

– Não faça isso, Thomas. Por favor. Eu te amo, acredite em mim. – Suplico.

Eu me atiro sobre ele na tentativa de abraçá-lo, ele se levanta, e caio em cima da cama.

– Eva, não dificulte ainda mais as coisas. – Ele me olha com tanta frieza que fico trêmula.

– Por favor, me perdoe por não ter lhe contado antes. Pense em tudo que fizemos e em tudo que passamos juntos, nada disso foi falso. Você é muito importante para mim. Não sei o que será de mim sem você, Thomas. Estou implorando o seu perdão. Meu amor, acredite em mim. Não vá embora, não vire as costas para tudo o que vínhamos construindo. Eu te amo... Muito. – *Sou capaz de me humilhar o dia todo se isso o fizer mudar de ideia.*

– Não consigo acreditar no seu amor, não mais.

– Thomas, meu amor... Vamos conversar, por favor. Acho que mereço um pouco mais da sua consideração, dê crédito aos meus sentimentos. Fica comigo! Fica comigo, por favor, não me deixe! – Entro em desespero.

– Já levei as minhas malas para o carro. As chaves deste apartamento, o controle remoto da garagem, e o cartão de estacionamento da garagem do seu escritório, estão sobre a sua escrivaninha. – O tom de voz gelado dele me agride até a alma.

– Então, só posso concluir pelo simples fato de as suas malas terem sido arrumadas e de estarem, inclusive, no carro, que nada do que eu falasse mudaria a sua decisão de sair da minha vida. Você me julgou e me condenou sem me dar chance de defesa. – Seguro o choro.

Thomas permanece calado. E não tenho como não me sentir indignada. Ele deixou que eu falasse, mas nunca teve a intenção de me escutar de verdade. O que sei é que ele está jogando tudo para o alto, e que resolveu que seguiria por esse caminho antes mesmo de conhecer os meus argumentos... E não sou mulher de aceitar esse tipo de injustiça. O comportamento frio e as ações do Thomas estão fazendo com que eu me sinta na obrigação de não arrumar essa bagunça. O estrago foi feito. O tal do amor-próprio surge com força total e me sacode violentamente, e uma Eva furiosa e magoada desperta e, neste momento, tudo o que posso fazer é tentar manter a dignidade.

– Pode ir, Thomas, porque agora sou eu quem não confia mais em você. – Choro copiosamente.

Eu me levanto da cama, entro no banheiro, tranco a porta e começo a vomitar.

Nem sei quanto tempo passo sentada no chão do banheiro. Choro até me sentir desidratada e vomito todo o conteúdo do meu estômago. Estou arrasada, por mais que temesse a reação do Thomas, nunca imaginei que seria desse tipo.

O sentimento de perda fez parte da minha vida por tanto tempo que o reconheço imediatamente, e sei as consequências que ele acarreta para o meu corpo e para a minha alma. Sinto como se estivesse sendo visitada por um velho conhecido, daqueles de quem não se consegue gostar ou sentir falta.

Ouçõ o telefone tocar insistentemente, saio correndo, a esperança me invade e atendo tentando parecer calma.

– Alô. – *Seja o Thomas, por favor, seja o Thomas...*

– Oi, minha filha. Tudo bem? – Ouçõ a voz do meu pai e me decepçiono, não era quem eu desejava que fosse .

– Tudo.

– A sua mãe e eu estamos aqui ansiosos. Você tem alguma novidade para nos contar? – Ele parece animado.

– Na verdade, tenho. – A minha voz falha.

– Filha, aconteceu alguma coisa? – A animaçõ na voz do meu pai desaparece.

– O Thomas me deixou, pai. Foi embora. – Desabafo.

– O quê? Eu não posso entender, achei que ele faria justamente o contrário, ele me disse que... – O meu pai se interrompe.

– Pai, ele descobriu tudo sobre o Nicolas. Achou a minha caixa de lembranças. – Tento esclarecer a situaçõ.

– Você ainda guarda essa caixa? Bem, de qualquer forma já era hora dele saber.

– Ele sabe agora, mas não quis nem escutar o que eu tinha para dizer. Acreditou veementemente no julgamento errõneo que fez de mim e dos meus sentimentos e foi embora. – Faço um resumo.

– Filha, estamos indo vê-la agora, fique calma.

– Não precisa, papai. Estou bem. – *Não quero que se deparem novamente com o meu sofrimento, eles não merecem isso.*

– Sei disso, mas iremos mesmo assim. – E desliga .

Tomo banho e troco de roupa, não posso deixar que os meus pais me encontrem devastada. Vou sofrer novamente e muito, eu sei, mas tentarei fazer isso de pé.

Os meus pais chegam e me fazem contar tudo o que aconteceu, e quando faço isso não posso deixar de reviver toda a agonia e tristeza que senti durante a discussão com o Thomas.

– O Thomas ama você, tenho certeza disso. Ele vai repensar a decisão dele.

– O meu pai tenta atenuar a minha dor.

– Pai, não quero que o Thomas volte só porque me ama. Quero que ele volte porque acredita e confia no meu amor. – Digo emocionada.

– Por favor, filha me explique o porquê disso. – A minha mãe pede.

– Se o Thomas me procurar porque me ama, mas sem acreditar que verdadeiramente o amo, e que não estava com ele só para me lembrar do Nicolas, terei que passar a vida toda me justificando. Cada vez que estivermos juntos, terei medo de que ele pense que estou confundindo-o com o Nicolas, e isso tanto há de me fazer sofrer quanto há de fazê-lo se magoar. E toda essa desconfiança, toda essa dor calada acabarão por matar o amor que há em mim e nele. – Explico angustiada.

– A sua argumentação é bem lógica, e se os sentimentos fossem lógicos, concordaria com você imediatamente. – Ela provoca.

– Quer dizer que você só aceitará o Thomas de volta se ele convencê-la de que acredita que você o ama? – *Agora o meu pai é o curioso. Céus!*

– Sim. – Digo.

– E isso no caso de que ele resolva procurá-la, porque pode ser que ele não faça isso. – *A minha mãe e a sua lógica, tão lógica.*

– Tem razão. – Concordo.

– E você também não irá procurar o Thomas, não tentará convencê-lo de que o ama e não ao Nicolas? – O meu pai volta à carga.

– Quero que vocês entendam que quem foi embora foi ele, que quem não deu nenhuma chance ao nosso amor foi ele. Eu tentei explicar... Mais do que isso, durante todo o tempo em que estivemos juntos demonstrei de diversas formas que o amo e esperava que ele tivesse sentido isso.

– Eva, ele está magoado, você está magoada, alguém terá que dar o primeiro passo. – *A praticidade da minha mãe às vezes me irrita.*

– Se eu for procurá-lo sem que ele tenha se convencido de que estou falando a verdade, acontecerá exatamente o que aconteceu aqui hoje, ele não me ouvirá. Eu não o deixei, repito. Se ele soube ir, terá que saber como voltar. – Começo a chorar.

– E se ele não vier? Se ele achar que é você quem deve procurá-lo?

– Pai, quem duvidou de mim foi ele, quem não acredita ser digno do meu amor é ele. Se ele não vier é porque não é capaz de acreditar nem em mim e nem nele, e nada do que eu faça poderá mudar isso, e os nossos caminhos se bifurcarão. – Digo isso com muita convicção e com muita dor.

– Toda essa sua teoria é muito boa, muito racional, só que na prática não sei se as coisas funcionam com tanta coerência. – A minha mãe diz me olhando compadecida.

– Se eu pudesse confiar que implorar ou me humilhar faria com que o Thomas acreditasse na veracidade do meu amor, não tenham dúvidas de que iria atrás dele e me jogaria aos seus pés agora mesmo. – Alego com tristeza.

– Você está certa minha filha, não é perdendo o seu amor-próprio que recuperará a confiança do Thomas. Não foi por uma mulher fraca que ele se apaixonou, foi por uma mulher forte e corajosa. Só espero que você esteja preparada para suportar a dor, no caso de que ele não seja tão maduro quanto gostaríamos. – O meu pai me abraça com muito carinho.

– Pai, farei das tripas coração, mas voltarei a viver a minha vida. Cheguei à superfície do abismo que me aprisionou por anos e, mesmo sabendo que o Thomas foi fundamental nessa escalada, não posso sucumbir novamente. Se eu cair agora, nunca mais me levantarei.

– Sei que ele a ama, mas agora deve estar muito desapontado e confuso. Tenha paciência, porque ele irá procurá-la nem que seja para tentar entender os seus motivos. – A minha mãe tenta me animar .

– Só que desejo que ele não demore muito a fazer isso, porque não posso me permitir viver em compasso de espera. Não quero que a esperança de uma possível volta seja o objetivo da minha existência. Já me alimentei durante muito tempo de lembranças de tempos felizes, e achei que isso seria suficiente, mas não é. Viver assim é totalmente insatisfatório, não me comportarei dessa maneira novamente, não posso mais fazer isso comigo.

O pranto irrompe. Choro com tanto ímpeto, que não acredito que um dia consiga parar. Os meus pais me consolam, e me sinto grata e protegida.

Apesar de toda a vontade que tenho de reagir, a dor é maior que a minha força de vontade, e me deixo ficar prostrada em cima da cama.

E como não consigo ficar no meu próprio apartamento e dormir na cama, que ainda está com o cheiro do Thomas, me refugio no apartamento dos meus pais. A minha mãe não sai do meu lado, e o meu medo de repetir comportamentos passados faz com que eu fique ainda mais motivada a encontrar uma maneira de enfrentar, de cabeça erguida, o meu drama.

O final de semana passa... Quer dizer, me atropela.

A semana seguinte é de total desespero. Tento manter as aparências, mas a minha silhueta mais esbelta e o meu aspecto cansado, denunciam que estou com algum problema. Excluindo a Patrícia, de quem não consigo esconder a verdade sobre o meu desalento, a Sara que é uma observadora perspicaz, e os meus pais, de quem me tornei hóspede, uma gripe é a desculpa que dou àqueles que se preocupam com o meu novo aspecto.

Quero me desligar das lembranças e não consigo. O meu pai, sempre que tem uma oportunidade, deixa escapar notícias a respeito do Thomas. Informou que ele está hospedado na casa do William em Ribeirão Preto, que aceitou conversar com a Lucia, que está se unindo cada dia mais aos irmãos... E esse boletim quase diário me faz achar que o seu Guido e o William estão fazendo alguma espécie de complô.

Imaginei que seria difícil não pensar no Thomas e quase impossível suportar não estar com ele, mas me enganei, porque tudo é extremamente pior. A dor é dilacerante, e não sei como estou conseguindo respirar.

No sábado, após oito dias sem qualquer manifestação do Thomas, começo a avaliar a possibilidade de que ele nunca acredite no meu amor, e chego à conclusão de que preciso me afastar de tudo que me lembre dele. Telefono para o meu agente de viagens e o incumbo de me tirar de São Paulo por pelo menos duas semanas.

Como uma espécie de ritual de desapego, decido ir ao cabeleireiro. Corto os cabelos, deixo-os um pouco abaixo dos ombros e com as pontas desfiadas. Também adquiro uma franja longa, com o comprimento na altura do queixo.

O visual moderno me rejuvenesce e combina melhor com o meu rosto mais fino, e quando me olho no espelho de corpo inteiro, noto que os quilos que perdi me fazem parecer mais alta. Tenho dificuldades em acreditar que essa mulher sou eu.

O meu agente de viagens me convence a passar os próximos quatorze dias

em um resort cinco estrelas em Punta Cana. O bom de tudo isso é que o tal resort tem de tudo, não precisarei sair de lá para nada. O sistema *all inclusive* permitirá que eu passe dia e noite cercada por todo tipo de comida e bebida, e talvez toda essa diversidade gastronômica me ajude a recuperar um pouco de peso.

Os meus pais protestam, mas decido ir sozinha. Preciso pensar, tentar forçar a minha mente a aceitar o fato de que terei que seguir adiante sem o Thomas. A minha vontade é de me jogar aos pés dele, dizer o quanto o amo, mas acho que isso seria totalmente improdutivo.

Aproveito a segunda e a terça-feira para organizar tudo o que posso no escritório. Trabalho como louca e isso me distrai um pouco, só não consigo evitar o olhar piedoso de uma Patrícia preocupada nem as tentativas, vãs, da Sara de me levar para a balada.

Na quarta-feira de manhã, depois de doze dias de profundo sofrimento e de silêncio total por parte do Thomas, embarco rumo ao meu exílio, sofrendo como uma louca, mas tentando ser forte e racional.

As pouco mais de seis horas de voo me exaurem. O traslado do aeroporto até o hotel é quase uma tortura, e finalmente chego ao resort, que à primeira vista me parece bellissimo. Contudo, mesmo diante de tanta beleza, só penso em tomar posse da minha suíte, que deve ser adorável, e dormir.

A suíte não me decepciona. É ampla, aconchegante e bem decorada. A cama é grande e convidativa, jogo-me sobre ela e “sou abraçada”. Durmo um sono leve, turbulento, que não me descansa, e acordo um pouco desorientada. Vejo que ainda dá tempo de sair para jantar, o que seria ótimo, se estivesse com fome. Entretanto, tendo dezoito restaurantes à disposição, talvez algum deles desperte o meu interesse e eu me disponha a comer um pouco.

Decido, apesar do meu estado de ânimo, me arrumar convenientemente para dar uma volta e verificar as possibilidades. O problema é que toda vez que penso em jantar, o meu estômago embrulha, então protelo a ida a algum restaurante para mais tarde, se for o caso.

Folheio a revista do resort em busca de alguma opção para me distrair um pouco e verifico que o Tropical Bar, um dos treze bares do local, pode ser uma boa pedida.

Encontro facilmente o tal Tropical Bar, e o local é... Um bar decorado no

estilo tropical. Bem óbvio. Sinto até vontade de rir do esforço mental que faço para achar o lugar agradável.

Resolvo me sentar e beber um suco enquanto observo as pessoas se divertirem, a maioria como casal. E, de repente, percebo que ter vindo sozinho para este resort será uma grande provação. Mas como estou quase chegando à conclusão de que a vida não quer que eu viva em par, acho que saber me adaptar a esse tipo de situação talvez seja essencial.

Bebo o meu suco e me perco em divagações, e, não sei o porquê, tenho a sensação de estar sendo observada.

Uma investigação básica me faz reparar que, do outro lado do balcão, alguém me olha. Evito encarar, disfarço, a pessoa insiste, e resolvo arriscar um rápido olhar.

Surpresa, surpresa. Com um lindo sorriso nos lábios e um olhar carinhoso, Marco Diniz me observa encantado.

Fico imediatamente aborrecida com a Patrícia, tenho certeza de que o Marco está aqui devido às informações dela.

Esse homem sempre bronzeado, alto, elegante, de cabelos lisos, escuros e bem cortados, deveria estar agarrado a alguma bela mulher por aí. Não acho justo que ele perca o tempo dele comigo, tenho certeza de que já expressei a minha vontade de que ele seja feliz longe de mim.

– Olá, Eva. – O Marco diz quando chega ao meu lado.

– Olá. – Respondo friamente.

– Atrapalho? – Sorri, expondo os seus belos dentes .

– Como é que você veio parar aqui justamente quando estou aqui? – *Não me preocupo nem um pouco em ser educada* .

– Calma. Não sabia que deveria ter pedido a sua permissão antes de vir. – Fala baixo e me encara de maneira desafiadora.

– Quero a minha resposta. – Digo friamente.

– Eva, eu lhe disse uma vez que se o seu romance não desse certo, e se quando isso acontecesse ainda não estivesse curado do que sinto por você, que gostaria de ter uma chance.

– E um passarinho verde lhe passou informações fresquinhas ao meu respeito. – Falo de maneira ácida.

– Forcei a doce e gentil Patrícia, que é uma pessoa que se preocupa

muito com você, a me colocar a par das informações a seu respeito. Ela acabou me contando que você viajaria de férias por duas semanas e a convenci a me revelar qual seria o seu destino. Como ainda não me curei do que sinto por você e soube que está sozinha novamente... Aqui estou. – O olhar provocante dele me irrita.

– Você é mesmo muito corajoso. Vir atrás de uma mulher com dor de cotovelo é um enorme ato de bravura. – Provoco-o.

– É que sempre sonhei em ser um príncipe e salvar uma linda princesa de um dragão. Contudo, como os tempos modernos não me permitem tal proeza, resolvi salvar uma linda mulher dela mesma. – Ele me observa com cautela.

– E por que você acha que devo ser salva de mim mesma?

– Porque você se autossabota. – Fala e sorri.

– Como é que é? – Pergunto com raiva.

– Você criou um modelo de relacionamento que não é possível de se concretizar no mundo real.

Essa psicologia barata não vai funcionar comigo.

– Você está enganado. O Thomas conseguiu viver comigo o tipo de relacionamento que eu considerava ideal e que me fazia totalmente feliz. – A dor me assola outra vez e nem sei a razão pela qual falo mais do que gostaria.

– E que durou bem pouco. – *É ele o provocador agora.*

– Dizem que o que é bom, dura pouco. Então, o que é excelente deve durar menos ainda. – *Esta sou eu devolvendo a provocação.*

– Ou porque as paixões arrebatadoras, além de serem fulminantes, costumam ser efêmeras. – Rebate.

– Durou pouco por outro fator que não é da sua conta.

– Talvez seja porque o seu “relacionamento perfeito” entrou em rota de colisão com a realidade.

– Ah, é? Explique melhor, por favor. – Debocho dele.

– Um relacionamento no mundo real, Eva, dura o tempo em que duas pessoas conseguem continuar se admirando e se respeitando. Se um desses ingredientes acaba, é motivo suficiente para o “para sempre” chegar ao fim.

– Você é muito engraçado. Não tem a menor ideia do que aconteceu e se julga competente para emitir opinião a respeito. – Volto a provocá-lo.

– Você continua admirando e respeitando o Thomas? E ele continua admirando e

respeitando você? – O sorriso amplo do Marco me irrita, mas indiferente ao desconforto que possa estar me causando, ele puxa um banco e senta ao meu lado.

A pergunta dele mexe comigo, porque começo a questionar se não ter contado a verdade para o Thomas não foi uma forma de desrespeitá-lo.

– Continuo admirando o Thomas, mas talvez o tenha desrespeitado mesmo sem ter a intenção de fazê-lo. A sua teoria maluca pode ter algum fundamento.

– De qualquer forma, Eva, acho que você precisa viver um relacionamento real, com bases sólidas. E sei de alguém que está interessado em partilhar a vida com você. Uma pessoa que a conhece o suficiente para não deixar que você sabote, mesmo sem querer, o relacionamento que está disposto que tenham.

– Sinceramente, não sei o que você chama de relacionamento real nem qual seria esse tipo de pessoa capaz de se antecipar as minhas ações. – Destilo ironia.

– Chamo de relacionamento real aquele em que duas pessoas, que já se divertiram e se decepcionaram o suficiente por aí e que se enxergam como realmente são, se propõem a viver juntas, com respeito e companheirismo, tendo por compromisso formar uma família e construir um futuro. Ah, e a pessoa a que me referi sou eu mesmo! – Ele me encara com o olhar divertido .

– Acho muito estranho você não ter citado amor em nenhum momento, e para mim o amor é item essencial em um relacionamento, seja ele real ou idealizado. – Sorrio, com ar de deboche .

– Não o citei porque considero que o amor é a consequência natural em um relacionamento entre duas pessoas que se admiram e respeitam. – Instiga.

– Discordo, nem sempre é assim. – Continuo sendo ácida.

– Prefiro me focar nas vezes em que é.

– Você é uma das pessoas mais persistentes que conheço, Marco. Acho que em outra oportunidade, disse-lhe a minha teoria sobre você não gostar de perder e sobre orgulho ferido.

– Disse, mas não vou considerá-la porque, no caso em questão, não estou competindo com ninguém, e o orgulho ferido aqui não é o meu. – Ele coloca o dedo dentro da ferida.

– Muito gentil da sua parte. – Falo friamente.

– Não serei condescendente com você, porque acho que está pagando pela má escolha que fez. – Diz irritado.

– Só você seria uma boa escolha para mim? – Indago.

– Eva, luto por você desde a primeira vez em que a vi. Tive apenas uma oportunidade de tê-la e não a desperdicei, e não consegui mantê-la em minha vida por culpa sua, não minha. Sendo assim, não me peça para entender como um homem que a tem por inteiro pôde deixá-la. Eu não faria isso, então, provavelmente, sou uma escolha melhor. – Ele fala muito sério, e rio nervosamente porque estou ficando muito aborrecida com a conversa.

– Sabe o que é engraçado? É que o Thomas também garantia que não seria capaz de me deixar, e eu acreditava nele.

– Não questione a promessa, questione quem prometeu.

– Você não sabe o que aconteceu, então não me aconselhe. – *Não quero que ele continue se metendo na minha vida.*

– O que aconteceu foi que o Thomas prometeu mais do que estava disposto a cumprir.

– Não o julgue. Você não está apto para fazer isso. O que me espanta muito é você ter se dado ao trabalho de vir até aqui para ficar trocando farpas comigo.

– Suspiro .

– Desculpa, não vim brigar. Vim até aqui para cuidar de você. Soube que estava muito abatida, que tinha emagrecido bastante e que viria sozinha, e pensei que poderia ser útil. – Esclarece.

– Vim sozinha porque quero estar sozinha. Preciso pensar. – *Sou direta.*

– E estará sempre que quiser. Cuidarei de você de perto ou de longe, não me importo. Só desejo que saiba que estarei por aqui se precisar. – Os olhos negros dele cintilam.

– Obrigada. – Agradeço sinceramente.

– A propósito, fui enganado. Você está mais bonita do que nunca. – Ele me elogia e sorri.

– Obrigada novamente. – A minha voz denota o meu desânimo.

– Você já jantou?

– Não estou com fome.

– Não é necessário ter fome para comer, é preciso apenas ter apreço pela saúde. Levarei você para jantar. – Ele segura a minha mão, quase me arrasta, e desisto de protestar, não tenho forças para resistir .

O Marco escolhe o restaurante especializado em frutos do mar. Ele me

conta que chegou um dia antes de mim ao resort e que fez uma espécie de reconhecimento do local.

Jantamos em silêncio e, embora a comida esteja deliciosa, sinto quase repulsa ao me alimentar. O Marco me observa atentamente enquanto empurro a comida para dentro com muito esforço.

– Eva, quanto menos comer, menos fome terá. É importante se forçar a se alimentar nos horários corretos, porque quanto mais insistir mais fácil ficará. E, mesmo que o seu apetite demore a voltar ao normal, você passará a sentir um pouco de fome. – Explica.

– Agora você é médico? – Pergunto de maneira irônica.

– Se fosse, você seria mais simpática comigo? – Ele me provoca, sabe que o Thomas é médico .

– Não. Obrigada pela explicação. Pretendo comer mesmo sem vontade. Instinto de sobrevivência.

– Ótimo. Você gostaria de fazer um tratado de paz?

– Pode ser. – Falo desanimada.

O Marco ri, volta a comer o seu jantar e a beber o seu vinho branco.

Terminamos de jantar e fico muito feliz com a perspectiva de voltar para o refúgio da minha suíte. O Marco insiste em me acompanhar, deixo, mas ando apressadamente e evito incentivar uma conversa.

– Boa noite. – Digo quando chegamos à porta da minha suíte.

– Boa noite. Durma bem. – Ele diz e se dirige para a porta ao lado, e não acredito mesmo que ele é meu vizinho de quarto por pura coincidência.

Entro na minha suíte e me sinto tão vazia quanto ela. Troco de roupa e me arrumo para dormir, no modo automático, sem deixar de me sentir indignada com a presença não solicitada do Marco e sem deixar, infelizmente, de me sentir muito dolorida com a ausência do Thomas.

Ainda bem que eu trouxe o meu sonífero e, depois de checar a caixa de mensagens do celular e os e-mails e de enviar um e-mail para a minha mãe, tomo dois e consigo dormir.

Capítulo IV

Acordo com o estômago doendo e acho que é fome. Visto o biquíni, a saída de praia, calço os chinelos e saio para tomar o café da manhã.

Para o meu alívio, não encontro o Marco no restaurante, mas faço como ele disse e me forço a comer. Tudo é tão gostoso e a variedade é tanta que o sacrifício não é assim tão grande.

O dia lindo e ensolarado consegue me animar um pouco. Deito na espreguiçadeira, fecho os olhos, e deixo o sol aquecer o meu corpo.

– Dormiu bem? – Ouço o Marco perguntar com o leve sotaque nordestino, bem característico dele, e que é tão bonitinho.

– Dormi. – Respondo com os olhos ainda fechados.

– Tomou café da manhã?

Sinto uns pingos de água molharem a minha pele.

– Tomei.

Abro os olhos, levanto os óculos de sol e vejo que o Marco está todo molhado, só de sunga, e saltando para se secar. Não posso negar que ele é um homem atraente, um moreno bonito. Não chega aos pés do Thomas, mas é interessante.

– Nunca ouviu falar em toalha? – Tento em vão não sorrir observando-o saltitar.

– Ouvi, mas assim é mais divertido, até você sorriu. – Ele sorri também.

– Acho que você está querendo é chamar minha atenção. – *Com o corpo sarado e cara de herói Marvel ele bem que consegue. Uau!*

– Consegui? – Parece interessando na resposta.

– Não. – Minto descaradamente e volto a colocar os óculos. *Sai de mim, tentação!*

– Tchau. Vejo você mais tarde. – Ele diz e se afasta.

Durante toda a manhã fico entre a piscina e a praia, depois volto para a suíte. Telefono para os meus pais, que não têm nenhuma notícia interessante para me dar, tomo banho e me arrumo para o almoço. Não encontro o Marco outra

vez, acho isso ótimo e consigo comer um pouco mais.

O dia passa devagar e, como trouxe o meu violão, aproveito a solidão da praia ao entardecer e toco um pouco. Sinto tanta saudade do Thomas que acho que vou enlouquecer, e desisto do violão.

Janto, volto para a suíte e encontro um bilhete debaixo da porta.

“Gostaria de levá-la para dançar. Se estiver interessada, encontre-me no deck da piscina às vinte e duas horas. Marco.”

Como não estou interessada, amasso o bilhete, deito na cama e procuro alguma coisa interessante para assistir na TV, de preferência algum filme de ação, nada de romance.

O dia amanhece e ainda não consigo estar melhor. Sinto tanto a falta do Thomas que fico com raiva de mim. Ele não telefonou, não mandou mensagem nem e-mail e não perguntou por mim para os meus pais. A minha esperança está cada dia mais fraca, e eu também.

O Marco some o dia todo, melhor assim, prefiro sofrer sozinha, sem plateia.

Faço um passeio de barco, nado um pouco e piloto um jet skí. Almoço, lanche e janto com mais facilidade. A comida servida nos restaurantes do resort é ótima, e me sinto melhor quando me alimento. Volto para a suíte e encontro outro bilhete debaixo da porta.

“Gostaria de levá-la para dançar esta noite. Se estiver interessada, é só bater na porta do quarto ao lado quando estiver pronta. Marco.”

Se eu quiser continuar sofrendo sei a receita, mas se quiser voltar à vida terei que deixar o sentimentalismo de lado e ser um pouco mais cínica.

Coloco o meu vestido coral de um ombro só, modelo os cabelos com o secador, passo rímel, lápis de olho e *gloss*, e calço sandálias de salto alto. Confiro a minha aparência no espelho, a gargantilha que o Thomas me deu brilha no meu pescoço e sinto um frio no estômago. Reparo no resto de mim e acho que, apesar dos olhos tristes, estou bonita.

Bato na porta da suíte do Marco, espero um pouco, e ele não atende, talvez já tenha saído. Quando estou quase desistindo, ele abre a porta e me observa surpreso.

– Nossa! Valeu a pena esperar. – Ele sorri.

Não consigo deixar de observá-lo também. Ele está de calça jeans escura, camisa azul clara de mangas dobradas e sapato preto. Simples e elegante. O Marco é um homem alto e atlético, e, olhando com atenção, posso entender porque ele causou tanto ciúme no Thomas.

– Vim aceitar o seu convite para dançar.

– Você está linda! – Elogia.

– Podemos ir, Marco? – *Que troca de olhares é essa?*

– Sim, vamos. – Ele concorda.

O Marco fecha a porta do quarto e segura a minha mão, puxo delicadamente a minha mão da dele, e saímos lado a lado rumo à boate.

A boate tem um bom público, porém não está lotada. Acho isso ótimo, e escolhemos uma mesa próxima à pista de dança.

O Marco bebe cerveja, e eu coquetel sem álcool. Tento me distrair prestando atenção nas letras das músicas animadas e observando as pessoas dançarem.

– Vamos dançar? – Ele me examina com um sorriso maroto nos lábios.

– Vamos. – Aceito para não ser desagradável.

Dançamos ao som de diversos tipos de música, mantenho uma distância segura dele e reparo no quanto o Marco dança bem. Ele tem ginga, os movimentos que faz são coordenados e isso me faz concluir que ele gosta e é muito habituado a dançar. Confesso que estou me divertindo, sinto como se tivesse exorcizando alguns demônios, e fico mais leve.

De repente, começa a tocar uma música semelhante a uma salsa. Não conheço bem o estilo, e o Marco me puxa.

– *Qué Tengo Que Hacer*, de Omega El Fuerte. Gostei. – O Marco diz e ri, e acho engraçado ele conhecer até o nome da música que nunca ouvi antes.

Dançamos juntos, sigo os seus passos. O corpo dele está grudado ao meu, e ele se move de maneira sensual, consigo acompanhá-lo e percebo que alguns casais na pista de dança nos admiram.

A música parece durar uma eternidade e sinto alívio quando ela termina; proximidade demais com um corpo musculoso pode causar sérios problemas. A música que vem em seguida é de um ritmo bem diferente, um hip hop, ainda bem. Afasto-me rapidamente do Marco e volto para a mesa. Ele não me segue, continua na pista, posicionado bem diante da nossa mesa, e me olha de um jeito

atrevido enquanto dança.

Acho que o Marco sabe dançar qualquer ritmo. Não consigo tirar os olhos do corpo dele, e ele sabe disso porque se exhibe para mim. Tenho que admitir que me agrada vê-lo dançando desse modo malicioso e totalmente sexy. E a cara de danado? Céus!

Tenho certeza plena de que não deveria estar tão interessada assim, mas tem uma mulher safada que mora dentro de mim e que não resiste a um corpo masculino exalando libido para tudo quanto é lado. Vou só olhar, sei disso, ainda não consigo pensar em outro homem me possuindo que não seja o Thomas. Mas olharei esse corpo, que só pode ser obra da dona tentação, atentamente. E essa Eva sem-vergonha que se manifesta quando não está com o desejo satisfeito, quando parece uma fera faminta, fica excitada observando a “caça”, muito excitada.

A música acaba e o Marco demonstra que cansou de dançar. Obrigada, anjo da guarda! Ele volta a sentar-se à mesa, em frente a mim. Os olhos escuros brilhando de desejo, a respiração acelerada e a camisa suada grudada na pele. Um convite ao sexo, estou lendo o envelope, porém não irei abri-lo.

Contudo, entretanto, todavia, preciso gritar mentalmente... Uau! Ele tem uma fera faminta guardada dentro dele também, e ela me encara desafiadoramente.

Oremos!

Para o meu total espanto e satisfação, o Marco inicia uma conversa amena sobre os países que conhece, e o clima fica menos carregado de tensão sexual, pelo menos para mim. Ele conta várias situações engraçadas pelas quais passou em viagens pelo mundo e rimos muito. Também falo das viagens que fiz, e acabo contando para ele como foi a minha experiência de saltar de paraquedas, ele me observa atentamente, e posso ver admiração em seus olhos.

Os olhos escuros e brilhantes se concentram ora em meus olhos, ora na minha boca e fico quase tímida. Ele percebe o meu desconforto e disfarça o interesse. Nunca tinha prestado tanta atenção nele como agora.

Saímos da boate e nos sentamos no jardim, o barulho do mar e o cheiro das flores me transmitem uma sensação boa, e acho que estou melhor agora do que nos dias anteriores.

– Eu me diverti muito, dançar foi uma boa ideia. – Falo sinceramente.

– Adorei dançar com você. – Diz e desvia o olhar.

– Formamos uma boa dupla de dança.

– Estou ferrado, não tenho dúvida. Ainda quero muito você. – Ele fala e me pega de surpresa. *Ah, não! Acho que ele vai estragar a nossa noite com esse tipo de conversa.*

– Marco, eu amo o Thomas.

– E pretende continuar amando-o por quanto tempo? – Questiona, e não sei se o entendo .

– Não sei se tenho domínio sobre isso. – Respondo sem saber aonde ele quer chegar.

– Quanto tempo você acha que consegue esperar sem nenhum gesto de boa vontade dele? Você se deu algum prazo ou esperará indefinidamente que ele a procure? Ou melhor, se ele não procurá-la, em quanto tempo irá procurá-lo? – O Marco me bombardeia com as suas perguntas e todas me magoam de alguma forma.

– Ainda não pensei em nada disso. A única coisa que sei é que se ele não me procurou é porque não consegue acreditar que o amo. Então não adiantará ir atrás dele, não me aceitará. – Falo, e o Marco me olha rressabiado. Creio que não compreendeu a minha lógica.

– Você o traiu? – O Marco indaga curioso.

– Acho que ele pensa que sim, mas não exatamente com outra pessoa.

– *Ih, acho que o Marco não está entendendo nada .*

– Mentiu para ele? – Volta a me questionar.

– Omiti uma informação importante. – Revelo .

– E você omitiu essa informação importante sem considerar que isso poderia trazer consequências? – Pergunta, e sinto o meu peito doer.

– Se você quiser, posso contar tudo o que aconteceu. – Falo em tom de deboche.

– Se não se importar em contar, gostaria mesmo de entender o que está magoando tanto você. Não se preocupe, porque saberei ouvi-la. – Diz com tanta ternura e sinceridade que resolvo desabafar.

Faço um resumo do meu rompimento com o Thomas, falo sobre o Nicolas pela primeira vez com alguém que não conheço tão bem, e ele me ouve com atenção e respeito e, estranhamente, me sinto melhor.

– Você realmente se autossabota. – Ele diz quando encerro a explicação.

– Ah, é? Por quê? – Pergunto curiosa.

– Porque tenho certeza de que você tinha consciência de que esconder essa

informação do Thomas colocava em risco o relacionamento de vocês, mas mesmo assim resolveu continuar se arriscando. Você guardava um trunfo contra a sua felicidade. – Diz me observando.

– Estou começando a achar que a sua análise é coerente. – Abro um sorriso amarelo para ele.

– Continuando a minha análise. – Ele sorri. – O Thomas tem razão de estar puto, e você tem razão de estar decepcionada. – A conclusão dele é a mesma que a minha.

– Nem me fale! – Suspiro.

– Situação difícil a dos dois. – Diz pensativo .

– É, acho que ele não acredita que o amo, pensa que o usei para me lembrar do irmão dele. – Argumento.

– E você tem certeza de que não fez isso?

– Absoluta. Inicialmente, até pensei que faria isso e por essa razão tentei resistir às investidas do Thomas. Mas, quanto mais o conhecia, mais o amava por ele ser do jeito que é... Chegou a um ponto que nem lembrava mais de que ele é a cara do Nicolas. Quando o olhava só via o Thomas, o homem maravilhoso que me faz transbordar de amor.

– Se ele não percebeu isso, então é um idiota. Você não conseguiria fingir, é sincera até demais.

– Como é que você sabe que sou sincera até demais? – *A curiosidade é o meu ponto fraco.*

– Por tudo que você já teve coragem de me dizer olhando dentro dos meus olhos, pelo jeito com que você conduz os seus negócios, e também pelo modo como é fácil compreender como irá reagir só de olhar para o seu rosto. – O olhar carinhoso dele me desarma.

– Você é muito observador. – Sorrio com ternura.

– São muitos anos de janela. – Ele se aproxima um pouco mais de mim.

– Marco, você deveria ter aplicado melhor o seu tempo, não valho tanto a pena. – Falo com amargura.

– Acho que vale sim. Vou continuar insistindo, Eva, não adianta tentar me desestimular. Até que o último fio de esperança se acabe, tentarei. – Os olhos dele brilham.

– E por que isso? – Quase me arrependo de perguntar, mas a tal curiosidade não dá trégua.

– Porque acredito que você é a mulher perfeita para mim, tudo o que sempre procurei. Bonita, inteligente, forte, corajosa e determinada. Podemos ter uma boa vida juntos. Sei disso, sinto isso.

– Você se esqueceu do item mais importante da lista... Problemática. – Não me contendo e gargalho quando penso que, no momento, essa é a característica que mais me define.

– Se você me permitir, poderei ajudá-la a resolver as suas questões interiores. Deixe que me aproxime, confie em mim. Saberei entender as suas dores e os seus medos, só quero uma oportunidade. – Ele parece tão calmo, que me acalma.

– Um relacionamento comigo não seria nada seguro, não agora. – *Completamente arriscado, arriscadíssimo* .

– Acho que está enganada. Sempre senti que podemos ser o ponto de equilíbrio um do outro. Você é a mulher que preciso para dividir a vida comigo. – Ele me olha cauteloso.

– E o que espera de mim agora que sabe o que estou passando? – *Será que ele pensa que é só trocar o chip?*

– Que estabeleça um prazo para o Thomas procurá-la ou para você procurá-lo, e se dentro desse prazo nada disso acontecer, ganho a minha chance e você terá que prometer que se esforçará tanto quanto eu para que o nosso relacionamento dê certo. – Ele propõe.

– Eu não saberia estabelecer um prazo, não sei o que seria razoável. – Confesso.

– Você vai acordar um dia sentindo que não quer sofrer mais. Todos nós temos instinto de autopreservação e a vontade de viver acaba sendo maior do que qualquer dor. E, no fim das contas, o que importa é a necessidade de reagir que sentimos na hora em que esse insight acontece. Quando esse dia chegar, me procure e me dê a chance que mereço.

O Marco parece tão sábio quando diz isso que não tenho como não admirá-lo. Ele tem razão, descreveu exatamente como me senti, um dia, anos atrás .

– E como é que você sabe de tudo isso? – *Lá vem de novo a Eva curiosa* .

– Tenho trinta e cinco anos, passei por isso algumas vezes, sei como se dá o processo. – Ele ri.

– Tudo bem, quando eu acordar farta de sofrer, deixarei que saiba. – *Gostaria muito de me acertar com o Thomas antes disso* .

– Só que a partir do momento em que decidir me dar uma chance, acaba o tempo do Thomas e começa o meu. Você terá que me prometer que não cederá mesmo que ele a procure de joelhos. – O Marco diz com firmeza.

– Mesmo que prometa, o que lhe faz ter a certeza de que não voltarei atrás?

– Confio em você, Eva. Sei a pessoa honesta e responsável que é, temos um acordo de negócios, e pude observar o comprometimento que tem quando se dedica a fazer algo. Acredito na sua palavra. – Ele me desarma.

– Combinado então. – Digo, achando que perdi o juízo.

– Combinado.

O Marco me abraça de repente, e novamente me pega de surpresa. Consigo me afastar, e caminhamos juntos.

– Posso fazer uma pergunta meio fora de contexto?

– Outra? – Devolvo a pergunta e rio.

– Isso mesmo. – Ele entende e ri também. – Tem alguma coisa em mim de que você goste?

– Adoro o seu sotaque. – Sou rápida na resposta.

– O meu sotaque? Melhor do que nada. – Ele ri, e percebo que ficou um pouco decepcionado, mas resolve não insistir no tema e se cala.

– Boa noite, Marco. Obrigada pela diversão e pelos elogios. – Digo quando ele me deixa na porta da suíte.

– Boa noite, Eva. Durma bem. – Responde, me olha de um jeito esquadrinhador e vai para o quarto ao lado.

Por mais que eu tente, não consigo dormir. A falta que sinto do Thomas é tão grande que me impede até de raciocinar. O meu corpo está saudoso do toque, do cheiro, do gosto e do corpo dele. É como se ele estivesse próximo de mim mesmo estando distante.

O pior da minha dor é saber que todo esse sofrimento que estamos nos impingindo, sim eu sei que o Thomas também sofre, poderia ser dispensado se ele acreditasse no meu amor ou se eu confiasse que ele me escutaria.

Rolo na cama, o olhar penetrante e sensual do Thomas não sai da minha cabeça. Quase posso ouvir a voz rouca dele no meu ouvido, e lembrar de nós dois juntos me atija.

O desejo governa o meu pensamento, vejo na minha mente o corpo musculoso do Thomas completamente nu, e o olhar dele no meu. O meu coração acelera, e fantasio que ele está comigo e que tudo está bem entre nós.

A fantasia me enleva, escorrego a mão para dentro do meu shortinho de renda, abro as pernas, e com as pontas dos dedos toco o clitóris. Acaricio suavemente, estou úmida e quente, movo os dedos em pequenos círculos, e imagino que o Thomas me toca. Aumento a velocidade dos movimentos, o meu quadril acompanha o ritmo, afasto os grandes lábios e introduzo um dedo, depois outro. O entrar e sair dos dedos me excita, volto a fazer movimentos circulares e fico mais molhada. O olhar denso e sexy do Thomas é só o que vejo, e começo a sentir pequenos choques, uma onda de energia me acerta e gozo.

A minha respiração se acalma. A dor da ausência é quase uma dor física, e choro. Choro por tudo que não faremos mais juntos, choro pela saudade e pela sensação de vazio, choro pela mágoa que me consome e por tudo que eu poderia ter feito diferente. Acho que choro até dormir.

Acordo mais cansada do que antes. Perambulo desanimada pela suite, e só com muito esforço consigo me arrumar. Preciso achar um lugar afastado e tocar violão até os meus dedos sangrarem.

Antes de sair, confiro o celular, nenhum telefonema e nenhuma mensagem. Agora o notebook, checo os e-mails, e só o que foi enviado pela minha mãe me interessa, abro e o leio.

“Filha,

pensei muito antes de lhe escrever. Ponderei, conversei com o seu pai e consideramos útil que saiba que ontem à noite, quando chegamos a nossa casa em Ribeirão, avistamos o Thomas.

Ele estava na porta da casa do William conversando com o pai e com o Jonas. O motorista estacionou o nosso carro, e fomos imediatamente cumprimentá-los. Jogamos um pouco de conversa fora, e o William e o Jonas deram uma desculpa qualquer e, estrategicamente, se retiraram.

O seu pai, o Thomas e eu ficamos a sós. Fiquei surpresa com o tanto que ele amagreceu. O semblante dele me pareceu cansado e, apesar do sorriso que nos lançava a todo o momento, notei que estava triste. Afirmo com toda convicção que ele está sofrendo muito, e sabemos a razão. O próprio William já havia

comentado com o seu pai a enormidade do sofrimento do Thomas. Só que, mesmo sofrendo tanto, ele não tocou no seu nome, não perguntou por você e não deu nenhum sinal de que gostaria de saber notícias suas. O seu pai bem que tentou, deu algumas indiretas, mas o Thomas fingiu não perceber.

Observei mais do que falei e agora acredito que você interpretou muito bem a situação. O Thomas não consegue aceitar que você o ama, então luta com todas as forças para esquecê-la.

Sei que vocês são dois cabeças-duras e só conto tudo isso porque acho que você tem que tomar uma atitude logo. Ou se aproxima e tenta que ele a ouça ou se afasta de vez e tenta esquecê-lo também.

Sei que é uma decisão difícil, mas como está aproveitando o tempo para refletir, use-o com sabedoria.

O seu pai e eu amamos você, e o que quer que decida fazer terá o nosso apoio incondicional.

Você é uma mulher forte, a sua determinação já foi capaz de salvá-la, e sei que, aconteça o que acontecer, você conseguirá superar.

Dê notícias.

Amor,
Mamãe.”

Leio e releio o e-mail da minha mãe, e, depois do tanto que chorei ontem, saber que o Thomas está ignorando a minha existência é como um golpe de misericórdia. Penso em tudo o que poderia fazer para mudar a situação, nada me parece bom e me lembro das fotos que tiramos com o meu celular. Olhá-las quase me mata.

Decido organizar as fotografias e preparar uma apresentação. Coloco *Prelude from Cello Suite nº 1* como música de fundo e embaixo de cada foto nossa, dele ou minha, ponho como legenda uma frase que ouvi dele ou que falei para ele.

Quando termino, repasso e vejo que a reprodução ficou linda, e me emociono, e choro outra vez. Encaminho a minha obra de arte para o e-mail profissional do Thomas, porque esse eu sei que ele confere sempre, e fico na expectativa de um contato.

Passei a manhã toda envolvida com o meu trabalho com as fotos e reparo que está na hora do almoço. Estou sem fome, mas mesmo assim decido ir

almoçar. Levo o celular, tenho esperança de conseguir tocar o coração do Thomas, e se isso acontecer ele irá me telefonar.

Evito encontrar o Marco e escolho um restaurante menos popular para fazer a minha refeição.

Fico mais tranquila quando, de longe, vejo que o Marco se aventura a iniciar um passeio de barco. Melhor assim, porque prefiro estar sozinha no caso de o Thomas telefonar.

A minha ansiedade torna o dia mais longo. Nado um pouco, visito as lojas do resort, faço uma massagem no SPA e o dia não acaba.

Confiro pela enésima vez o celular e a caixa do e-mail, mas não encontro nenhuma manifestação do Thomas.

A ideia de tocar violão volta a minha mente. Procuo um lugar tranquilo, longe das pessoas e toco todas as músicas que o Thomas e eu tocávamos juntos.

Languidamente me deixo levar pelos acordes, pelo barulho do mar, e pelo som do vento, e ouço palmas quando termino de executar mais uma melodia.

– Bravo! – O Marco diz batendo palmas.

– Obrigada. – Sorrio timidamente.

– Posso ouvi-la tocar durante horas, você é muito talentosa. – Elogia, sorridente.

– Você sabe tocar algum instrumento?

– Só um pouco de piano, fui obrigada a fazer aulas quando criança, mas não gosto muito. – Explica, e me desanimo .

– Você gosta de ler?

– Gosto. – Ele responde e me olha curioso.

– E lê? – Continuo com as perguntas meio sem nexos.

– Leio pelo menos um livro por mês. Resposta certa?

– Como assim? – *Acho que ele entendeu aonde quero chegar.*

– Sou aceitável ou deveria ter respondido que gosto de tocar piano e não gosto de ler, ou que gosto de tocar piano e de ler, ou que gosto de ler tocando piano, ou, ainda, que não gosto nem de tocar piano nem de ler? – Pergunta de um jeito divertido que me faz rir.

– Você respondeu sinceramente quando perguntei, foi o suficiente. – Respondo tentando ser evasiva.

– Sou um homem suficiente ou um homem que dá respostas suficientes? Não entendi. – Ele ri.

- Um homem que não gosta muito de tocar piano e que gosta de ler. Informações suficientes para mim. – Rio novamente.
- Você leva a sério o negócio de ser enigmática. – Sorri, me observa com os olhos brilhando, e desvio o olhar.
- Cansei. Vou descansar um pouco. – Estou tentando evitá-lo, tomara que ele consiga perceber isso.
- Você não me parece nada bem.
- Deve ser porque não estou nada bem. A ficha começou a cair de verdade.
- Exponho a minha dor.
- Ainda bem que estou aqui. – Ele me ajuda a colocar o violão na capa e o segura. Ele o leva para mim.
- Eva, esse sofrimento todo vai adiantar de alguma coisa?
- Provavelmente não, mas não consigo evitá-lo. – Sou franca com ele.
- Quanto mais você ficar pensando, mais irá sofrer. Estamos em um local bonito, agradável, e com tanto divertimento a nossa disposição que acho que não seria muito difícil enganar a dor se quisesse tentar. Estou driblando a minha ansiedade com muita atividade ao ar livre, sol e banho de mar.
- A sua ideia até que pode dar certo. Agora me diga, por que está ansioso?
- *Sou mesmo muito curiosa.*
- Porque estou esperando que você acorde naquele belo dia sobre o qual falamos e me procure para dizer que me dará uma chance. – Ele fala e desvia o olhar.
- Fazia uma ideia errada a seu respeito. – Confesso.
- É mesmo? – Volta a me olhar, e noto o seu interesse.
- É. Imaginava que era tão agressivo na vida pessoal quanto é nos negócios.
- Assim que falo, ele cai na gargalhada.
- Muito bem, Eva. Agora percebo porque correu tanto de mim. – Continua rindo.
- Tenho reparado que você é um homem calmo e paciente.
- Que bom que está mudando a impressão que tem de mim.
- Só que também estou chegando à conclusão de que você é um homem muito fácil de goazar. – *Nossa, como fui má com ele no passado!*
- Já foi mais fácil antes. – Ele diz e faz sinal para que continuemos o nosso caminho.

– Na sua vida pessoal você é sempre assim, calmo e paciente?

– Geralmente sim, mas apesar de ser bem difícil de acontecer, às vezes posso ficar bastante nervoso e, quando isso acontece, costumo ser bem rude.

– Bom saber, tentarei não deixá-lo nervoso. – Sorrio e fico feliz por estarmos na porta da minha suíte, cansei de conversar.

– Você me deixou nervoso diversas vezes, acredite.

– Sei que algumas vezes feri pessoas que não mereciam, e você foi uma delas. Você pode me desculpar?

– Só se você me deixar levá-la ao cassino mais tarde. Virei buscá-la. Não recuse, vamos promover uma overdose de diversão, estamos precisando disso. – Ele ri, beija a minha testa e sai. Fico observando-o até ele entrar em seu quarto.

O Marco tem sido muito cavalheiro comigo, não fica arrumando pretextos para entrar no meu quarto, não impõe a sua presença, não fica me bombardeando com cantadas baratas, é um bom argumentador, está sempre tentando me animar e tem sido um ótimo ouvinte.

Assim que me encontro sozinha, telefono para os meus pais. Converso primeiro com o meu pai e depois com a minha mãe. Falamos sobre o e-mail que ela me enviou, e finjo que estou bem, porque não quero preocupá-la. Enumero todas as atividades existentes no resort e acho que consigo fazer com que ela pense que estou me divertindo. Nós nos despedimos amorosamente, e desligo.

Não recebi nenhum telefonema do Thomas e nenhuma resposta para o e-mail que enviei. Silêncio total. Estou mesmo sendo ignorada, isso me aborrece muito e decido reagir.

Procuo me arrumar com capricho. Coloco o meu perfume preferido, visto uma blusa preta sutilmente transparente, uma saia envelope na cor vinho, calço sapatos *peep toes* pretos Miu Miu e me esmero na maquiagem. Faço um coque desestruturado nos cabelos, deixo a franja solta de um lado, e prendo a ponta atrás da orelha. Coloco brincos de brilhante e uso a minha gargantilha de sempre.

Resolvo chamar o Marco, mas quando abro a porta do quarto dou de cara com ele.

– Se eu fosse uma assombração não o teria assustado tanto. – Falo quando vejo a cara de espanto dele.

– Não estou assustado, estou encantado com tamanha beleza. – Beija a

minha mão .

Caminhamos de braços dados até o cassino e, pela primeira vez em muitos dias, sinto-me alegre.

O cassino é meio sufocante, bem típico e, apesar da fumaça dos cigarros e do ambiente um tanto *noir* , divirto-me jogando um pouco. Não perco muito dinheiro, acho mais estimulante observar o Marco jogar do que participar dos jogos. Ele sim, perde uma soma razoável porque parece mais interessado em me entreter do que em ganhar.

Saímos do cassino quando o dia está amanhecendo. Caminhamos lentamente até os nossos quartos. De repente, o Marco para, e percebo que ele quer que sentemos em um bangalô de palha que surge lindamente a nossa frente. Concordo em me sentar ali com ele, mesmo intuindo que deseja conversar sobre nós, porque a ideia de tomar um pouco de ar fresco me seduz. O ambiente fechado do cassino me deixou um pouco enjoada.

– Está com sono? – O Marco pergunta.

– Infelizmente, ainda não.

Ele me olha com ternura e, de um jeito abusado, coloca a mão no meu coque puxando o prendedor e soltando os meus cabelos que caem sobre os ombros.

– Linda. – Ele diz.

– Obrigada. Você é um homem gentil. – *Será que estamos flertando?*

– Encosta a cabeça aqui no meu peito, deixe-me mexer nos seus cabelos até o sono vir.

Fico na dúvida se faço o que ele me pede, mas como estou precisando de um pouco de afago, atendo. Ele passa a ponta dos dedos com muita delicadeza pelo meu couro cabeludo e isso me faz relaxar.

O Marco fica tanto tempo acariciando a minha cabeça e os meus cabelos, que chego a pensar que, a essa altura, ele deve estar com câimbra.

– Agora estou com sono, você é mágico.

– Vem, levo você. – Ele me pega no colo, apesar dos meus protestos, e sai me carregando. Ainda bem que ninguém cruza o nosso caminho.

– Pronto, está entregue. Quando acordar, me procure, poderemos fazer alguma coisa juntos, adoro a sua companhia. – Coloca-me de pé diante da porta do meu quarto e vai embora.

Entro no quarto silencioso e frio, evitando pensar em qualquer coisa que seja. Visto a camisola e escorrego para debaixo dos lençóis, o sono dessa vez chega mais rápido, e me sinto agradecida.

O telefone toca sem parar, não o celular, o do quarto. Levanto-me ainda sonolenta e atendo.

– Alô.

– Oi, Eva. Que saudade! – A Patrícia me saúda.

– Patrícia, queria enforçar você dias atrás quando me deparei com o Marco por aqui. Sorte sua que a vontade passou. – Falo em tom de brincadeira.

– Desculpa, amiga. É que não consigo dizer não para o Marco, ele é tão fofo. – *E tão persuasivo ...*

– Está desculpada. Agora diga o que aconteceu de tão grave para me telefonar tão cedo em um domingo.

– Eva, acredito que por aí sejam mais de três horas da tarde. – Ela ri.

– Nossa, como dormi! – *Ótimo* .

– Juro que não queria dizer o que direi, mas preciso fazer isso. Sinto muito, ia esperar você chegar, mas não consigo parar de pensar nisso. Até chorei, e olha que não vi nada demais. Resolvi contar porque como o Marco está aí, talvez mereça um pouco de atenção da sua parte, ele é tão interessado em você. – Ela fala, e percebo que está toda atrapalhada.

– Por favor, fala logo! – Eu a interrompo, o meu coração está na boca.

– Estou em Ribeirão Preto, vim para o casamento da minha prima. Falei sobre o casamento com você. Lembra? Foi ontem, um casamento lindo, o vestido dela era maravilhoso, o noivo é que não é lá muito bonito. – Ela fala e tenho certeza de que está nervosa.

– Conta logo de uma vez! – Grito e a interrompo novamente.

– Hoje fui almoçar com as minhas primas que também vieram para o casamento, não sei falar o nome do restaurante, é meio complicado, um lugar ótimo, e, quando estávamos de saída, vi o Thomas de perfil. Ele estava sentado em uma das mesas, acompanhado de uma mulher loura. Reparei que ele está mais magro, mas continua tão bonito que é difícil não reconhecê-lo. Tentei ver se eu conhecia a mulher, nunca a vi. Eles conversavam tranquilamente e riam de vez em quando. Até aí não ia lhe contar nada, mas quando eu estava saindo do restaurante, resolvi olhar só

mais pouquinho e vi a mulher segurar a mão dele sobre a mesa e acariciá-la. Ele sorriu e fez uma cara de cão sem dono. Não foi nada comprometedor, mas me incomodou profundamente. Saí do restaurante chorando, as minhas primas não entenderam nada, tem duas horas que estou olhando para o telefone, não aguentei, resolvi telefonar e lhe contar.

A minha querida amiga Patrícia, um ser totalmente empático, acaba de me fazer perder completamente a esperança.

– Era uma mulher loura muito bonita? – A figura da Amanda vem a minha mente.

– Uma mulher loura com um rosto bonito e simpático. De qualquer forma acho você muito mais bonita. – Ela tenta me confortar me elogiando.

– Obrigada, Patrícia. Já imagino quem seja. – A mágoa toma conta de mim.

– Sabe, Eva, adoro você e está me custando muito lhe contar isso. Reafirmo que não vi nada de tão grave, era só um almoço e duas pessoas próximas conversando. Mas me ofendi por você, queria que ele estivesse em casa chorando. – Ela se explica.

– Nem eu estou em casa chorando – *estou em um hotel chorando* – e ele tem todo direito de superar. – As lágrimas rolam pelo meu rosto.

– Só que não foi você quem saiu batendo o pé se achando a oitava maravilha do mundo. – *Essa é a Patrícia sendo muito parcial* .

– Obrigada. Você sabe que também te adoro. Toma conta das minhas coisas lá no escritório, logo estarei de volta.

Nós nos despedimos e desligo.

Tudo em mim começa a doer, corro para o banheiro e vomito sem parar. Entro embaixo do chuveiro e deixo a água gelada cair sobre o meu corpo vestido.

Não tenho o menor direito de me aborrecer, se o Thomas me visse com o Marco também pensaria que estou tentando esquecê-lo. Na verdade, devo esquecê-lo mesmo. Ele, com toda certeza, não sabe com quem estou tentando me distrair, e mesmo assim resolveu almoçar com a Amanda ou com outra loura da antiga coleção dele.

Deve estar muito ocupado seguindo com a vida e por isso não respondeu o meu e-mail.

Nada de acreditar na Eva, nenhuma chance para a Eva. Ele pode até estar rindo de mim, ou pior, com pena de mim. A idiota da Eva que achou que poderia ser a responsável pela regeneração de um conquistador inveterado. A boba que

acreditou que o amor pudesse ser maior que os traumas e medos dele... Que confiou totalmente no poder do seu “amor curativo e cicatrizante.”

Ai! Que raiva!

O ciúme me cega, estou com tanta raiva que tenho vontade de gritar. Desde que o Thomas me deixou estou tentando me afastar da beira do abismo, tenho medo de deixar a tristeza me dominar como aconteceu quando perdi o Nicolas. Não quero mais cair, mas talvez deva enfrentar uma descida. Acho que enfrentar a dor é uma tática melhor do que temê-la quando ela é inevitável.

Troco de roupa e deito no sofá. Estou nauseada, magoada e ofendida.

Lá fora chove, e aqui dentro choro. O meu cérebro tenta ordenar os acontecimentos desde a discussão e o rompimento, e a conclusão a que chego é que está tudo acabado. Nada mais de Thomas e Eva.

Passo o resto do dia prostrada, só consigo beber água.

O telefone toca milhares de vezes e não atendo. Ouço baterem na porta, o Marco chama por mim, mas ignoro qualquer tentativa de contato.

Durmo e acordo algumas vezes e perco completamente a noção do tempo.

– Muito obrigado, pode deixar que cuidarei dela. – Ouço a voz do Marco, ele está falando com alguém.

– Marco? – Vejo uma silhueta se aproximar de mim dentro do quarto escuro.

– Que diabos aconteceu com você? Quase morri de preocupação, tive que pedir para abrirem a sua porta! – Ele fala exaltado.

– Por favor, me deixe em paz. – Quase suplico.

– Não vou deixá-la assim desse jeito, não me peça isso.

– Por favor, vá embora. Não quero que sinta pena de mim.

– Não estou com pena de você, Eva. Estou preocupado com você e muito. O que foi que aconteceu? – Pergunta sentando ao meu lado.

– Estou de volta ao abismo, mas resolvi descer em vez de cair.

– O quê? – O Marco pergunta, e constato que não é bom com metáforas.

– Descobri que o Thomas partiu para outra e resolvi deixar de lado os comportamentos paliativos. – Suspiro e afundo a cabeça na almofada.

– Agora entendi o que significa o abismo. Contudo, ainda ignoro a diferença entre descer e cair.

– Tentarei explicar. Não tenho como deixar de sofrer porque perder um amor é dor na certa. O que posso fazer é tentar superar a dor causada por essa

perda, mas para superar tenho antes que encará-la. Encarar a dor é sofrer entendendo o sofrimento, é escancarar o peito e mostrar a ferida, é descer até o fundo do abismo, mas prestando atenção no caminho de ida porque isso facilitará a volta. Cai no abismo quem tenta ignorar a dor. Dor negada é dor dobrada. E essa queda pode machucar grave e permanentemente.

– Descer é sofrer de maneira consciente e cair é ser devastado pelo sofrimento? – Ele acaricia a minha cabeça.

– Isso mesmo. Ser devastado pelo sofrimento pode até matar, mas sofrer de maneira consciente é um processo que tem começo, meio e fim.

– Eva, você está tentando racionalizar o sofrimento? Entendi bem? – O Marco me observa com ar curioso.

– Estou tentando sim, com todas as minhas forças. Marco, eu sofri demais quando perdi o Nicolas, me maltratei muito, fiz muita besteira, e a maior delas foi tentar tirar a minha vida. Se eu tivesse conseguido, os meus pais ficariam arrasados, a minha tentativa, por si só, os devastou. E o sofrimento enorme que causei a eles me fez ver que eu não tinha o direito de causar a mesma dor que estava sentindo. Desde então sempre tento ser racional, principalmente nas situações que me abalam demais.

– Eva, você é incrível. Quanto mais a conheço, mais a admiro. Você se mostra como realmente é apenas para poucos. Juro que se eu encontrar o Thomas vou quebrar a cara dele. – A raiva que domina a voz do Marco quando ele fala do Thomas me convence de que está falando sério.

– E por que você faria isso? – *Não entendo, de verdade* .

– Porque aquele imbecil viu e teve o melhor de você, mas mesmo assim teve coragem de deixá-la.

– E não é isso que você queria? Que a minha história com ele acabasse de vez? – *Acho que as perguntas foram um pouco cruéis.*

– Eva, quero você, mas não a qualquer preço.

– Irei melhorar, um dia. – Digo, tentando acreditar nisso.

– Fique tranquila porque cuidarei de você. – Ele diz, e a segurança com que fala isso faz com que me acalme. Às vezes, tudo o que eu mais quero é me sentir segura e amada. Mas é difícil descer do salto e admitir que sem amor não sou absolutamente nada.

O Marco abre as cortinas e as janelas, chama a camareira para trocar os

lençóis e arrumar a cama e me obriga a tomar uma sopa. Massageia os meus pés, me conta o filme que assistiu, e tento prestar atenção.

Por causa da insistência do Marco concordo em tomar outro banho e colocar o pijama, mas continuo um caco.

Acho que tudo que acontece na vida da gente tem um propósito e estou acreditando, cada dia mais, que o Marco estar aqui me ajudando a passar por essa dor toda deve ter algum sentido maior. Talvez o tipo de pessoa que eu realmente preciso ao meu lado esteja mais perto de mim do que eu pensava.

O Marco senta no sofá e me convida para assistir um filme de ação, aceito. Deito a cabeça no seu colo, e ele novamente acaricia os meus cabelos. Estou tão esgotada que durmo mais uma vez.

Capítulo V

Acordo sobressaltada. Estou na minha cama, olho para o relógio e ainda são seis horas da manhã. Não aguento mais ficar neste quarto. Quero nadar em mar aberto, pilotar um barco, saltar de paraquedas, descobrir a cura do câncer, sei lá, quero ser produtiva e, principalmente, parar de sentir piedade de mim.

Chega! Acho que fiz uma descida superacelerada ao fundo do abismo e estou pronta para fazer o caminho de volta, a minha escalada recomeçou.

Levanto da cama e vejo o Marco dormindo no sofá, todo vestido e em uma posição muito incômoda. O meu coração se enche de ternura, ele é um homem bom e talvez esteja certo. Quem sabe ele não é uma opção mais coerente para a minha vida?

Verifico o celular e os e-mails. Nada. E quase já sabia disso. Visto o biquíni, a canga e calço os chinelos.

– Bom dia, dorminhoco. – Passo a mão nos cabelos lisos e escuros do Marco.

– Bom dia, mulher bipolar. – Ele ri, e rio também.

– Estou melhor hoje, acordei com o firme propósito de me curar. – *Mulher bipolar é mesmo um bom apelido para mim atualmente.*

– Obrigado, Senhor! – Diz com jeito brincalhão e me observa. – Você está pretendendo ir nadar? – Pergunta arqueando a sobrancelha.

– Talvez, quero tomar um ar. – Respondo arqueando a minha também, e ele ri.

– Vem comigo, vou colocar a sunga e a acompanharei. – Levanta rapidamente.

Entro na suite dele, sento no sofá e espero comportadamente. Percebo que ele é um bagunceiro, tem roupa espalhada por todo lado, a camareira ainda não passou por aqui, a coitada terá muito trabalho.

– Estou pronto. – Aparece sorrindo.

– Você está ótimo. – Sorrio também e me levanto.

– Estou contente que tenha reparado em mim, Eva. Olhe bem e veja um homem que se ofereceria de bom grado para lhe dar qualquer coisa neste mundo.

O Marco se aproxima com muita cautela, e o seu olhar é terno. Coloca a mão embaixo do meu queixo, levanta o meu rosto e me encara. Vai diminuindo a distância entre os nossos rostos lentamente, e não recuo. Ele encosta os lábios nos meus com suavidade, não me afasto, e ele, cuidadosamente, empurra a língua para dentro da minha boca, e deixo. O beijo é doce, macio, longo e carinhoso.

– Obrigada por tudo. – Falo quando o beijo termina .

– O beijo é uma demonstração de gratidão? – O rosto dele fica tenso.

– Não. – Respondo, e ele me beija outra vez .

Enquanto o Marco me beija a minha cabeça dá mil voltas. Ele beija bem, não posso negar, mas não faz o meu coração acelerar e nem o meu corpo tremer. É só um beijo bom que me conforta. É como se fosse uma espécie de carinho na minha autoestima que anda tão melindrada.

O Marco cola o corpo ao meu e sinto a sua ereção, interrompo sutilmente o beijo e me afasto.

– Vamos tomar café? Estou faminta.

– Vamos. – Ele sorri de uma maneira tão doce que quase me faz chorar... Tenho receio de vir a magoá-lo novamente .

Passamos o dia fazendo mil e uma atividades, e noto que o Marco está muito interessado em me distrair e em me fazer sorrir e, por incrível que pareça, ele consegue as duas coisas.

Sei que poderia evitar o Marco e me concentrar em tentar curar as minhas feridas sozinha, mas a atenção e o carinho dele me enternecem. Estou tão fragilizada que não tenho forças para recusar a ajuda e o ombro que ele está me oferecendo. Além disso, algo me diz que não tenho mais nada a perder, e se o Marco, mesmo sabendo que amo outro homem, está tão disposto a investir o seu tempo em mim, posso deixar de ser egoísta e tentar retribuir a atenção.

Talvez a minha grande missão nesta vida seja aprender a dar valor àquilo que está ao alcance das mãos em vez de sofrer tanto pelo que não posso mais ter.

– Espero que tenha gostado do nosso dia juntos. – O Marco olha carinhosamente para mim.

– Gostei muito. Obrigada por tudo. – Sorrio.

– Será que você vai me deixar entrar? – O olhar suplicante que me dá, me

constrange.

– Estou cansada, pretendo dormir. – Tento rechaçá-la.

– Posso fazer você dormir. – Continua parecendo muito gentil.

– Acho que ainda não estou preparada para isso. – Justifico.

– Deixe-me beijá-la novamente, Eva. Por favor... – Ele pede com tanta vontade implícita na voz que não tenho como recusar e o beijo.

– Agora está na hora do boa noite. Tchauzinho! – Digo quando o beijo termina.

– Você ainda está esperando por aquele telefonema? – Pergunta analisando o meu rosto.

– Acho que não mais. – A minha voz soa muito triste.

– Está pretendendo cometer algum grande ato de amor para reconquistar o Thomas? – A tristeza contida nos olhos dele me comove.

– Provavelmente não. – Desvio o olhar.

– Eu não desperto absolutamente nada em você, não é? – Resolve apelar.

– Isso não é verdade. – *Desperta, só não sei ainda se são sentimentos apropriados para o assunto em questão.*

– Então por que não posso passar a noite com você?

– Porque não sei se consigo. Ainda estão muito nítidas as lembranças do Thomas na minha cama. – Falo quase sem querer.

– Acho que só tem uma maneira de apagar essas lembranças. Com outras.

– Você está certo, mas ainda preciso de um tempo. – Tento fazê-lo entender.

– Estou esperando há dois anos. – Ele me observa bastante compenetrado.

– Dois anos é um tempo considerável. – Reflito.

– Nunca entendi o que fiz de errado. Foi tão bom, pensei que você também tivesse gostado, mas você foi embora quase imediatamente e no dia seguinte, quando a procurei, deixou bem claro que estava me dispensando. – Fala, e sinto um pouco de mágoa na declaração dele.

– Naquela época, estava tentando encontrar alguém que me fizesse esquecer o Nicolas. – Confesso.

– Agora precisa encontrar alguém que a faça esquecer o Thomas. – Ele se lamenta.

– Essa família me persegue. – *Faço graça da minha desgraça, só eu mesmo.*

– O Thomas fez você esquecer o Nicolas, conseguiu o que não pude. – O

Marco diz com tristeza, mas não tenho como contradizê-lo.

– Verdade. – Suspiro.

– Acontece que ele tinha muito mais chance de conseguir do que eu, porque, mesmo que diga que não, acredito que a semelhança entre eles o deixou em vantagem. – Argumenta.

– De certa forma sim, acho que abri a guarda por essa razão. Mas a questão é que ele mexeu comigo por outros motivos. A química entre nós foi o fator determinante, ele abalou os meus alicerces, atçou os meus sentidos, despertou os meus sentimentos, me satisfez completamente, e não sei se conseguirei me sentir assim de novo com outra pessoa.

Quero que o Marco saiba a verdade antes de seguirmos com isso.

– Se vocês não fizerem as pazes o seu próximo passo será se recolher a um convento? – Indaga, e rio.

– Não! Deixe de ser irônico. – Continuo rindo.

– Eva, quando uma pessoa deseja esquecer outra, a primeira coisa que ela deve fazer é evitar comparações. Nenhuma pessoa consegue fazer as coisas exatamente igual a outra pessoa, mas talvez isso não seja ruim. – Para de falar e me observa.

– Pode ser. – Falo sem muita convicção.

– O Thomas fode como o Thomas e o Marco fode como o Marco, simples assim. Quero apenas que compreenda que a Eva poderá transar com o Marco concentrada apenas no Marco e talvez ela ache gostoso o jeito que o Marco faz, mas ela também poderá transar com o Marco pensando no Thomas, ou pior, comparando-o ao Thomas e aí, com certeza, a Eva achará bem frustrante. – Ele explica quase didaticamente .

– E se mesmo se concentrando no Marco, a Eva não conseguir esquecer o jeito que o Thomas faz? – *Preciso me prevenir* .

– A Eva estará bem encrencada se o Thomas resolver não voltar, mas sempre tem aquela ideia do convento que poderá ser levada em consideração. – Ele ri.

– O convento está terminantemente fora de cogitação. – Falo e rio também.

– Então você deve começar a expandir os seus horizontes.

– É muita pressão para uma transa, não acha? – Rio divertidamente.

– Foi você quem começou o assunto. Por mim, estaria tirando a sua roupa. –

Ele sorri.

– Preciso contar com a sua paciência...

– Boa noite, princesa. Durma bem. – O Marco desiste.

– Boa noite. – Digo, e ele se afasta rapidamente.

O pior é que eu sei que o Marco tem razão em boa parte do que falou. Usou bons argumentos e quase me convenci a deixá-lo entrar, porém se fizesse isso, estaria dando esperanças a ele e não sei se estou pronta para corresponder às suas expectativas. Além disso, não pretendo magoá-lo novamente, embora talvez isso seja inevitável.

O sono demora a vir, rolo de um lado para o outro na cama, a dor de ser ignorada pelo Thomas é lancinante e choro. Choro porque não consigo mais acreditar que ele me queira de volta. Choro porque mesmo que ele me queira de volta, mesmo que me convença de que acredita no meu amor, creio que não serei capaz de aceitá-lo depois que ele me fez me sentir tão pequena, tão vulnerável, e tão em desvantagem. Caio em prantos porque todas as alternativas que passam pela minha cabeça não são boas. Orgulho ferido é mesmo uma droga!

A dor é tanta que o meu estômago embrulha, corro para o banheiro e vomito. Como me odeio por sofrer tanto por alguém que não foi capaz de acreditar nos meus sentimentos nem nas minhas justificativas, alguém que me julgou tão mal e que encontrou tão facilmente a porta de saída da minha vida.

Depois de um banho quente e demorado volto a tentar dormir, o sono vai chegando aos poucos, e rezo em agradecimento.

Chamo o Thomas e ele parece não me escutar. Pior ainda, acho que está me ignorando.

Apresso o passo e quase o alcanço, só que ele é ainda mais rápido e novamente aumenta a distância entre nós.

Sinto as lágrimas molharem o meu rosto e não posso acreditar quando ele chega ao seu destino e sorri daquele jeito que faz o meu coração disparar, porém o sorriso não é para mim. Ele recebe a mulher loura em seus braços e a beija. As minhas pernas tremem. Ele levanta a mulher em seu colo e ela me encara com o olhar de triunfo.

É a Amanda. O Thomas se afasta carregando-a, e grito. O meu grito é tão alto que os meus ouvidos doem.

Acordo desorientada e com o coração quase saindo pela boca por causa do pesadelo. Ouço fortes batidas na porta, o Marco chama o meu nome, pulo da cama assustada e corro para abrir a porta.

– O que aconteceu, Eva? Você gritou muito alto, e não sei como não acordou todo mundo.

– Gritei mesmo, então. – Digo quase para mim mesma.

– Gritou sim. – Ele confirma.

– Tive um pesadelo. – *E que pesadelo!*

– Fique tranquila, estou aqui.

– E como chegou tão rápido?

– Não consegui dormir e fui dar umas voltas para esfriar a cabeça. Estava retornando do meu passeio noturno e, ao passar pela porta do seu quarto, ouvi o seu grito.

– Você realmente incorporou o papel de meu salvador. Obrigada, meu herói. – *E não é que ele se parece com o Superman? Só que de olhos escuros e um pouco mais bronzado.*

O Marco entra no quarto, fecha a porta e me abraça apertado, e me deixo abraçar. O nosso abraço é bem apertado, sinto o corpo dele tremer, e a sua ereção me faz lembrar de que estou vestindo apenas uma minúscula camisola de seda.

– Afaste-se de mim, Eva! Pode me dar um empurrão, um soco, um chute, qualquer coisa para que eu consiga me desgrudar de você, porque senão não conseguirei mais me conter.

– Não posso fazer isso, estou me sentindo muito segura em seus braços, preciso de mais um tempinho por aqui. – *Estou brincando com fogo, eu sei .*

– Você está tão cheirosa, tão quentinha e tão sumariamente vestida que estou quase me esquecendo daquela conversa que tivemos antes. Sei que se você não agir rápido, vou levá-la para aquela cama e não vou parar até que todo o desejo que me consome esteja sob controle, e isso pode demorar consideravelmente.

– Neste exato momento não tenho a menor capacidade de impedi-lo. – Digo a mais pura verdade.

– Eva, você está me dando a sua permissão?

– Sim. Desde que esteja disposto a se arriscar por alguém que, no momento,

não pode lhe prometer nada.

– Por você estou disposto a fazer qualquer coisa, sempre.

Ele me levanta em seu colo e me lembro da cena do pesadelo que tanto me atordoou. Forço a minha mente a pensar apenas no momento presente e, quando o Marco me coloca sobre a cama, fico de joelhos e começo a tirar a roupa diante dos seus olhos negros de desejo.

Tiro a camisola bem devagar, tendo plena consciência de que a necessidade de esquecer o Thomas é que está realmente me motivando a transar com o Marco. Já não me importa o que o Marco me fará sentir e, mesmo que eu não sinta absolutamente nada, sei que não me arrependerei de me entregar a ele porque acabei de chegar à conclusão de que é melhor viver anestesiada do que em carne viva.

O Marco me olha incrédulo, acho que ele não acredita que eu tenha mudado de ideia tão rapidamente, mas é esperto e não me questiona. Ele tira do bolso um pacotinho, e constato que veio preparado. Fico nua e ele parece muito excitado.

Começa a tirar a roupa, observo a sua pele bronzeada, os seus braços musculosos, a sua barriga sequinha, as suas pernas fortes e consigo me animar. A mulher que fui antes de conhecer o Thomas, a que praticava sexo apenas pelo sexo, se apresenta.

O instinto é forte e é nele que me agarro. Nunca achei difícil me entregar a um homem bonito e, na esperança de dar prazer ao meu corpo, fiz isso inúmeras vezes. O problema é que agindo assim não conseguia aplacar o vazio que corroía a minha alma, o que me desmotivava seriamente a continuar me encontrando com o tal homem bonito da vez, e partia para o próximo.

O sexo pelo sexo funcionava como uma tentativa, que, devo reconhecer, fraccassava constantemente, de encontrar alguém que resgatasse o meu amor.

Tento não pensar em mais nada quando o desejo me chama e torço para não sentir arrependimento, culpa ou remorso. Isso só acontecerá se o sexo for ruim, porque sexo ruim é péssimo para o moral.

O Marco capricha no quesito preliminares. Que pena que gosto mais de concomitantes, e lembrar como costumava empregar esse termo quase me faz chorar.

Sexo com o Marco é pura degustação. Ele é gentil, carinhoso, bem dotado, o

seu toque é delicado e me sinto relaxar. Comparo a sensação a estar faminta e comer a refeição com colher de chá, e para uma pessoa impetuosa como eu, pode ser um pouco desestimulante. Mas me deixo ser guiada por ele, que se empenha bastante em me satisfazer.

Vou alcançando o orgasmo paulatinamente, porém preciso evocar algumas imagens mentais para conseguir chegar lá, e somente depois que se certifica que gozei, o Marco goza também.

Cadê os fogos de artifício?

Por que será que não consegui flutuar?

O efeito do orgasmo no meu corpo passa rápido, muito rápido.

O pior é que a minha alma não se engana, a teimosa não se deixou enlevar.

O sexo não foi ruim, foi bom. Só que sexo sem frio na barriga, coração acelerado, corpo vibrando, alma enlevada e arrebatamento, é apenas sexo. Pura satisfação de necessidade física, só isso.

O Marco descansa com a cabeça sobre a minha barriga e passo a mão por seus cabelos.

– Você é bom, Marco. – *Sou sincera no elogio, pena que prefiro mais safadeza e menos gentileza.*

– Estava aqui rezando para ter passado no teste. – Ele suspira.

– Jura? Você sabe que faz direitinho, por isso insistiu tanto em me levar para cama. – Gargalho . – Acredito que se resolvermos fazer isso mais vezes poderei lhe mostrar como gosto e do que gosto, você também poderá fazer o mesmo. – *Estou aberta às oportunidades . Cansando o corpo, distraio a mente.*

– Estou me agarrando à esperança de que você se entregue mais agora porque me conhece melhor. Você me traumatizou no passado, Eva. – Ele fala, e percebo uma tentativa de me mostrar que o magoei.

– Sabe, Marco, o problema não era você, o problema sempre fui eu. Estava procurando por algo que confesso só encontrei com o Thomas, mas estou disposta a recomeçar a minha busca. – Sou honesta com ele.

– Infelizmente, isso não me conforta. – Ele ri. – Quero que encontre o que busca comigo, e me esforçarei de verdade para que isso aconteça. Acho que mereço um voto de confiança depois de dois anos de espera. – Vira a cabeça e me olha.

– Com certeza você ganhou alguns pontos. – Rio baixinho.

– Só que estar assim com você me faz não conseguir esperar nem mais dois minutos. – Ele sorri e me acaricia.

– Espero que aquele pacotinho que me mostrou tenha um companheiro em algum lugar. – Faço questão de que ele tenha outro preservativo.

– Na verdade, ele tem um batalhão de amigos. – Sorri, levanta, pega a calça no chão e tira outro pacotinho do bolso. *E não é que ele veio mesmo preparado?*

Acordo com aquela sensação de alma amarrada e pensando que só posso ser mesmo muito inconsequente. Estou cansada de saber que a alma sofre quando o corpo responde antes que a cabeça pense. E, além da quase crise de consciência, a saudade do Thomas ainda me consome, embora me sinta confortável com o abraço carinhoso que o Marco me dá.

Observo-o dormir, ele está enrolado em mim e a sua afetuosidade me toca. Posso dizer, neste preciso momento, que sou a antítese personificada.

– Olá, princesa. – O Marco me olha com carinho.

– Olá. – Sorrio.

De repente, ele começa a rir.

– O que é tão engraçado? – Faço cara de brava.

– Olhei para você e lembrei imediatamente da letra de uma música.

– Ah, é? Qual? – Pergunto curiosa.

– Deixa pra lá! – Ele ri mais uma vez.

– Sou muito curiosa, muito mesmo. – Previno-o.

– Está bem, lá vai: Complicada e perfeitinha, você me apareceu, era tudo o que eu queria...

– *Mulher de Fases*, dos Raimundos. – Rio também.

– Perfeitamente!

– Eu o preveni, sou uma mulher problemática. – Continuo rindo.

– E deliciosa, e maravilhosa, e divertida, e inteligente e que é capaz de me enlouquecer apenas com um sorriso.

– Adoro elogios matinais. – *Na verdade os elogios me agradam muito a qualquer hora do dia*.

– Não acredito que ainda não me disse que o que fizemos não se repetirá. – Ele faz charminho.

– Estou aqui, não direi nada do tipo do que acabou de falar e não vou fugir, pode acreditar. – Digo passando a mão pelos cabelos dele.

– Você não quer verificar o seu celular, os seus e-mails, ligar para o seu escritório e ver se alguém deixou algum recado? Que tal telefonar para o Thomas e ver como ele trata você? – Sugere com o semblante sério.

– Como não fugi, você quer me dispensar. Muito bem! – Brinco, sabendo o que ele está tentando dizer.

– Na verdade só quero me sentir seguro, você não me disse se o tempo do Thomas ainda está correndo ou se já acabou. Fizemos um combinado, lembra? Sou um homem corajoso, mas não sou um camicase.

– Vamos fazer assim, Marco, você vai para o seu quarto, se arruma e depois me encontra no restaurante para o café da manhã. Conversaremos lá. Pode ser?

– Tudo bem, em uma hora estarei pronto. – Ele me beija gentilmente e passa a mão pela minha barriga nua.

Quando o Marco sai, sinto a ansiedade e o medo tomarem conta de mim. Faço tudo o que ele sugeriu, menos telefonar para o Thomas, porque constato que não houve nenhuma tentativa de contato da parte dele.

Frustrada e magoada, tomo a minha decisão enquanto choro pela enésima vez.

Acho que preciso, agora, tentar fazer com que a indiferença do homem que amo pare de fomentar a dor que corrói o meu coração e se torne o veneno capaz de matar o meu amor.

Vou até o banheiro e me exorcizo debaixo do chuveiro. Deixo a água fria lavar as minhas lágrimas e tiro do pescoço a gargantilha que o Thomas me deu.

Visto o biquíni, a canga, calço os chinelos, faço um rabo de cavalo e pego a minha bolsa de palha. Respiro fundo e saio em direção ao restaurante.

– Você está linda, princesa. – O Marco diz e me examina meio tímido. – Andou chorando por acaso?

– O negócio é o seguinte, Marco, o tempo do Thomas acabou. Ele não me procurou e não irei atrás dele. – Informo assim que me sento em frente a ele.

– Não seria mais prudente, antes de prosseguirmos com a conversa, que você procure falar com o Thomas para não se arrepender depois de não ter tentado? – Ele quer parecer firme, porém, reparo insegurança em seu olhar.

– Estou convencida de que falar com ele não mudará muita coisa. O que ninguém parece compreender é que ele nunca quis me ouvir, não quis antes e duvido que queira agora. – *Sou pura mágoa* .

– O sofrimento muda as pessoas, pode ser que agora ele queira. – O Marco

diz parecendo um pouco abalado.

– Se quisesse, teria entrado em contato. O Thomas é o tipo de pessoa que quando tem interesse toma atitude.

– Qualquer homem interessado é muito ativo. – O Marco sorri meio nervoso.

– Sei disso. E sei também que o Thomas me julgou e condenou sem me dar chance de defesa e não consigo suportar uma injustiça dessas. O comportamento dele me deixou muito ofendida. – Respiro fundo e continuo. – Eu me entreguei àquele homem de corpo e alma e ele passou a fazer parte da minha vida de uma maneira tão completa e absorvente que nem sei descrever. Dediquei-me a ajudá-lo a descobrir o passado e acreditei que teríamos um futuro juntos, só que ele, simplesmente, fez as malas e deixou tudo isso para trás. Nenhuma palavra que eu diga conseguirá convencer um homem que trocou a mulher, que jura que ama, por uma dúvida. – Consigo argumentar com firmeza.

– Diante disso, você quer dizer que terei a minha chance? – O rosto do Marco se ilumina.

– Isso mesmo. – Falo com convicção.

– Você conhece os meus termos. Quando começar o meu tempo encerra o do Thomas. Aceitando o acordo, você se compromete a não procurá-lo e a não aceitá-lo de volta, sob nenhuma circunstância. – O olhar firme dele deixa bem claro que não está de brincadeira.

– E qual é o tempo que nos daremos? Porque pode ser que um relacionamento entre nós não dê certo e ficarmos presos em um acordo não será bom para nenhum de nós. – Tento ser prática.

– O que não estiver se sentindo feliz tem todo o direito de pedir o divórcio. – Ele sorri calmamente.

– Divórcio? – Rio da brincadeira dele.

– Isso mesmo, Eva. Estou dizendo que quero me casar com você. Faz dois anos que a namoro platonicamente e, para mim, os próximos passos são o noivado e o casamento. – Sorri novamente.

– Acho que você enlouqueceu. – *Ainda não estou acreditando nele.*

– Não enlouqueci. Só não quero perder mais tempo. Podemos namorar muito depois de casados e, como eu disse antes, se não der certo qualquer um de nós poderá pedir o divórcio. Quero um compromisso sério e o casamento no civil

será o contrato que selará o nosso acordo. – Pega a minha mão e me olha com ternura.

– Tudo isso é muito romântico. – Digo com ironia.

– Gostaria muito de fazer de maneira diferente, porém fica difícil ser romântico tendo que sustentar uma argumentação. – O sorriso carinhoso dele me desarma.

– Você está ciente de que amo o Thomas? Sabe que estou tentando esquecê-lo e que isso ainda não aconteceu? Quero muito corresponder às suas expectativas, Marco, mas pode ser que eu fracasse. – *Esta sou eu sendo muito sincera.*

– Completamente ciente. Não sou irresponsável, Eva, apenas acredito que o tempo e a distância são um santo remédio e que os dois contribuirão para que se esqueça do Thomas. Estou planejando passar todo o tempo que puder ao seu lado e promover a maior distância possível entre você e o seu ex, e pode ser que dê certo.

– Pode ser que dê certo? Não o assusta a possibilidade de estar casado com uma mulher que não consegue deixar de amar outro homem?

– A vida é uma incógnita, e ninguém pode ter garantia de nada. Se você voltasse para o Thomas agora, nos seus termos, conseguiria me garantir que vocês teriam um “para sempre”, um happy end? – Ele se cala e espera que eu fale.

– Acho que não.

– O ponto que defendo é que se ninguém consegue prever o futuro ou garantir que ele seja do jeito que se deseja, então, o melhor a fazer é aproveitar muito bem o presente. Quero você no meu presente, Eva, e quero muito, e talvez tenhamos a sorte de uma união nossa ser tão boa, que no futuro ela ainda esteja lá, sólida e com lindos frutos.

– Nos casaríamos em quanto tempo? – *Incorporo a praticidade da minha mãe.*

– Em um mês a partir da data que me der o seu “sim”, sem dilação do prazo. Acredito que esse é o tempo necessário para a documentação seguir o trâmite no cartório, se precisar que alguma coisa seja agilizada poderei usar de alguma influência. – Explica, e percebo que ele premeditou tudo isso.

– Se eu concordar, será um casamento simples, só as nossas famílias e os amigos mais íntimos, sem imprensa, mandaremos um comunicado oficial depois

da cerimônia. – *Continuo tentando incorporar a tal praticidade materna* .

– Só faço questão que esteja vestida de noiva, não quero perder isso por nada. – Ele continua com a maluquice dele.

– E qual é o prazo para que eu lhe dê a resposta? – *Preciso pensar muito antes de tomar uma decisão desse porte* .

– Até o dia da nossa partida daqui, mas se quiser responder antes, agradeço.

– O quê? Você quer que eu tome uma decisão dessas em tão pouco tempo?

– É pegar ou largar, Eva. A ansiedade vai me matar se lhe der um prazo maior.

– Você sabe como defender uma argumentação, deveria ter escolhido ser advogado em vez de engenheiro. – Gargalho.

– Sou um bom engenheiro também, princesa. Sou bom em qualquer coisa que me disponha a fazer com vontade. Serei um ótimo marido se me aceitar. – A voz dele está carregada de emoção.

– Você é um homem persistente, Marco, tenho que reconhecer. – Digo, e ele segura a minha mão gentilmente e a beija.

Depois do nosso café da manhã resolvemos conhecer uma ilha próxima, e um barco leva os hóspedes que se interessaram pelo passeio. Olho para o mar e sinto ao mesmo tempo tristeza e paz. Amei suavemente um “lago” e amo impetuosamente um “mar”... É de tudo isso só restou a sensação amarga de que a água e eu devemos manter uma certa distância quando o assunto é sentimento.

Estou quase acreditando que o Marco é a terra firme de que preciso para prosseguir com a minha jornada. Além disso, acho que a vida marcou os Chapman e eu com o estigma do desencontro.

Retiro da bolsa um saquinho de camurça. Dentro dele está a aliança do meu noivado com o Nicolas. Coloco-a na palma da mão, elevo os meus pensamentos ao meu primeiro amor, agradeço pelo tempo que passamos juntos e atiro o meu antigo tesouro ao mar.

O Marco me abraça enquanto o barco segue o seu destino, e me convenço de que sou uma mulher de sorte, porque não posso deixar de reconhecer o quanto a dedicação e o carinho dele têm me ajudado a suportar o sofrimento. Melhor do que isso, têm me dado perspectiva.

Passamos dias muito divertidos, e o Marco se recusa a me deixar sair de perto dele. Está sempre disposto a fazer as minhas vontades e a atender aos meus pedidos.

As notícias que tenho de casa são todas sobre trabalho ou sobre as mudanças que pedi para a minha mãe fazer no meu apartamento. Estou resignada a tirar o Thomas da minha cabeça, e a presença do Marco se tornou muito importante para mim.

As conversas que tenho tido com o Marco fazem com que ele vá se revelando diante dos meus olhos e confirmam o que eu suspeitava. Ele é um homem de gosto refinado, apreciador de vinhos e carros caros, apaixonado por barcos e por viagens que incluem hospedagens em hotéis cinco estrelas. Não consigo deixar de comparar o seu estilo sofisticado de viver ao estilo simples do Thomas, um homem que costumava ficar constrangido com qualquer demonstração de riqueza.

A comparação que faço não é negativa nem positiva para nenhum dos dois, é apenas a constatação de minha parte de que se aceitar me casar com o Marco terei uma vida completamente diferente da vida que teria com o Thomas. Diferente, inclusive, do estilo de vida que sempre levei porque, apesar de viver bem, sempre tentei dosar o glamour, mas o Marco parece que gosta mesmo é das porções generosas.

– Adoro beijá-la. – Marco fala ao terminar o seu longo e carinhoso beijo.

– Que bom, porque os beijos são uma ótima distração para um dia chuvoso como este. – Brinco com ele e acaricio o seu rosto bonito.

Ele coloca a mão debaixo da minha camisola e acaricia a minha barriga, e desejo de coração um dia ansiar pelo seu toque. Torço para que isso aconteça e acho que é meio caminho andado gostar do seu corpo. Também não posso negar que ele é um amante atencioso e paciente, muito mais preocupado em dar do que em receber prazer.

O sexo com ele é demorado, contemplativo e suave. Tenho sempre que controlar a minha energia, a minha impetuosidade e o meu ardor para me entregar a essa maneira delicada de fazer sexo.

– Está gostando disso, princesa? – Ele percorre o meu corpo com as mãos.

– Estou me esforçando para gostar cada vez mais. – Sorrio da minha franqueza.

Quando o Marco me possui quase consigo esquecer a minha dor e quando o satisfação tenho a sensação de que estou colocando um curativo no meu ego

machucado. Acontece que eu gostaria de poder sentir mais, porém não consigo.

Sexo é, antes de tudo, química; amor é algo de um nível tão elevado que foge ao meu entendimento; e sexo com amor é algo tão complexo e tão absurdamente bom que nem me dou ao trabalho de tentar definir. Quando o assunto é sentimento, o mais plausível é evitar as dissertações e sentir, e quando o sentir não ocorre ou não evolui, frustra.

Sei que o Marco tem os atributos necessários para despertar o amor de uma mulher e que possui as ferramentas necessárias para ser um bom amante: é bonito, atencioso, educado, inteligente, disposto, quente, bem dotado. Mas mesmo com tantas qualidades, não conseguiu despertar o meu amor e nem me fazer subir pelas paredes... Ainda, espero eu.

Algumas vezes, quando estou nos braços dele, sinto-me culpada por não conseguir corresponder aos seus sentimentos. O que me consola é que sempre fui sincera com ele, nunca omiti que amo outro e que esquecer esse outro talvez demore a acontecer, ou nunca aconteça.

O meu celular toca interrompendo o fluxo dos meus desordenados pensamentos. O Marco continua a me excitar, estamos absorvidos por esta atividade, e ele se recusa a me deixar atender. O telefone da suíte toca, agora acho melhor ver quem insiste e, com muita dificuldade, consigo me desvencilhar para atender a ligação.

– Alô.

– Filha?

– Oi, mamãe.

– Desculpa incomodá-la, sei que você retornará amanhã, e que poderemos conversar quando chegar, mas fiquei tão assustada, tive tanto medo, que precisava falar com você. – A minha mãe, que é sempre tão forte e tão determinada, parece agora muito frágil e fico assustada.

– O que aconteceu com o papai? – Pergunto adivinhando a razão da sua dor, ele é o ponto fraco dela.

– O seu pai passou mal, pensei que fosse um infarto, achei mesmo que ele fosse morrer, mas agora ele está bem, estamos em casa. Na verdade não foi nada muito sério, teremos que controlar melhor a alimentação dele e cuidar para que se exercite.

– Você jura que o papai está bem? – *Estou aflita.*

– Juro. Eu é que não estou conseguindo me recuperar do susto, toda vez que me defronto com a mortalidade dele perco as estribeiras. – Confessa o seu medo e se cala.

– O papai é um homem vigoroso e ficará bem. Você também precisa se cuidar, nada de ficar nervosa ou deprimida. – *Já sei como ela é preocupada com o papai* .

– Vou tentar, mas você sabe o quanto a possibilidade de perder o seu pai me afeta.

– Não iremos perdê-lo, mamãe, nenhuma de nós suportaria isso. Preciso muito de você também, então se cuide. Prometa que quando eu chegar, encontrarei os dois muito bem.

– Na verdade acho que estamos bem, foi só o susto. Desculpa perturbá-la.

– Mamãe, você não está me perturbando, e agradeço que tenha telefonado. Amo muito vocês e saber que estão bem é muito importante para mim.

– Estamos com muita saudade de você, filha.

– Também estou ansiosa para abraçá-los. Posso falar com o papai agora?

Converso um pouco com o meu pai e ele minimiza o acontecido. Alega que a minha mãe é preocupada demais e que espera a minha visita assim que eu chegar de viagem. Falar com ele me tranquiliza. Desligo e fico muito comovida com a preocupação da minha mãe e bastante consciente da idade do meu pai.

– O seu pai está bem? – O Marco indaga preocupado.

– Agora está. – *Estou com um nó na garganta* .

O Marco me abraça e afaga as minhas costas, depois me leva de volta para cama e me deita em seu peito, acaricia os meus cabelos e conto o que aconteceu e isso faz com que me refaça do susto.

É impossível deixar de pensar no quanto os meus pais são figuras importantes na minha vida, no quanto se dedicaram a mim nos últimos dez anos e em tudo que me deram e que me dão sem exigir nada em troca.

O meu pai quer tanto um neto e pode partir desta vida sem jamais ter tido um, e se isso acontecer me sentirei muito culpada. Sei que não sou obrigada a procriar só para agradá-lo, mas ele tem essa coisa de nome de família e como sou filha única o peso fica todo sobre os meus ombros.

– Marco?

– Sim, princesa. – Diz ainda acariciando os meus cabelos.

– Você quer aquela resposta hoje ou amanhã?

– De preferência hoje, se for boa. – Fica imóvel.

Levanto do seu colo e sento em frente a ele.

– Você sabe como me sinto ainda, não sabe? – Pergunto para que não reste dúvida.

– Estou um pouco confuso, tenho achado você bem empenhada em gostar de mim. – Ri, e percebo o seu nervosismo.

– Gosto de você, Marco, e talvez isso baste. – Encaro-o com o meu olhar sincero.

– Qual é a minha resposta, Eva? – Ele está visivelmente nervoso.

– Casarei com você.

– Nas condições em que conversamos antes?

– Sim.

– Aleluia! – Grita e me enche de beijos.

O Marco se afasta e pega a calça jeans dele, coloca a mão no bolso, segura algo dentro da mão fechada e volta.

– Dê-me a sua mão, “mulher complicada e perfeitinha”. – Pede e a estendo.

– Que linda! – Falo quando ele coloca a larga aliança de ouro cravejada de brilhantes no meu dedo.

– A minha é mais discreta. – Diz, e me entrega a grossa aliança de ouro para que eu coloque no dedo dele. – Agora estamos noivos, princesa!

– Onde você conseguiu essas alianças? – *Cairam do céu?*

– Aqui na joalheria do resort, pedi que as fizessem. Medí o seu dedo enquanto dormia. Eles foram rápidos na execução do trabalho, o dinheiro faz milagre. – Ele ri, e depois beija a minha mão.

– Você sabe que nós somos loucos, não sabe?

– Sei, e estou adorando enlouquecer com você. – Ele me beija intensamente.

– Que a nossa loucura não nos aniquile. – Digo com a boca ainda encostada na dele.

– Que a nossa loucura nos fortaleça! – Ele afasta os lábios dos meus e me observa. – E que a Eva destruidora de corações, que no passado tanto me magoou, não ressurja.

– Marco, nunca premeditei deliberadamente magoar alguém. Jamais iludi um homem antes de levá-lo para a cama. Fazia questão de deixar bem claro a minha indisponibilidade, e quando percebia que estava despertando mais do que interesse sexual, caía fora. Sempre me esforcei para não ser aquele tipo de pessoa que, mesmo sabendo que não quer ou que não está preparada para se relacionar, vai lá e alimenta o sentimento do outro, e que quando vê que é alvo do amor desse outro, diz tchau.

– Não disse que você destruía corações propositalmente, mas convenhamos, você tem que admitir que a sua indisponibilidade era calculada.

– Claro que era. Não queria me envolver com alguém que não me fizesse sentir nada mais do que desejo e deixava isso evidente. Nunca fui desonesta com quem quer que seja. Na verdade, antipatizo e muito com o predador desonesto.

– Predador desonesto? – Pergunta interessado.

– O predador desonesto é um ser desprezível que envolve o outro sem se envolver, que tira do outro tudo o que pode, que se nutre do amor e atenção alheios sem, geralmente, dar nada em troca. Gosta de sentir-se amado, é vaidoso, egoísta e ardiloso porque, sem o menor sentimento de culpa, planeja a dor do outro. Ser extremamente explícita no meu desinteresse foi a forma que encontrei de evitar ser uma predadora desonesta, e de não gerar expectativas; quem se envolveu comigo sabia que eu só queria diversão.

– Acho que, naquela época, confundi o seu interesse. Achei que você queria algo mais do que tirar a minha roupa. Não consegui entender que transar comigo não significava que me deixaria levá-la ao cinema de mãos dadas. – Ele ri.

– Marco, você fingiu que não entendeu. Dei todas as dicas. Talvez você fosse um homem muito convencido, e não tenha passado pela sua cabeça a hipótese de não ser digno do total interesse de uma mulher.

– Talvez eu fosse mesmo muito convencido, porém garanto que não sou mais. Você me fez entender que sou um simples mortal. – O Marco ri novamente.

– Tenho muito medo de aceitando me casar com você, também estar aceitando o papel de predador desonesto. Não quero estimulá-lo a nutrir sentimentos que eu talvez não seja capaz de corresponder.

– Você sempre foi sincera com relação aos seus sentimentos, nunca vi desonestidade em nenhuma ação sua. Tenho ciência de que preciso ganhar o seu

coração e de que precisarei batalhar para que seja minha. Estou assumindo o risco.

– O risco não é muito grande, Marco? O que você realmente está absorvendo de toda essa situação? – Pergunto com a aliança ardendo em meu dedo.

– Agora, temos um compromisso, o que me deixa seguro. E esse compromisso me faz acreditar que mesmo que goste bastante de tirar a minha roupa, irá ao cinema de mãos dadas comigo. – Ele ri. – E o mais importante, que tentará esquecer o homem que diz que ama, que se esforçará para ser feliz ao meu lado e que me dará a chance de provar que podemos ter uma vida maravilhosa juntos. Acredito em nós, e confio em você.

– Espero que o casamento seja a decisão mais acertada para nós dois.

– Eva, como o Thomas, dentre tantos homens dispostos a amá-la, conseguir ganhar o seu amor? Por favor, seja sincera, talvez eu possa aprender algo com a sua explicação.

– O Thomas foi uma grande surpresa na minha vida. Desde a primeira vez que conversamos, as nossas almas se enamoraram. E quando o que não conseguimos ver é mais apaixonante do que aquilo que estamos enxergando, não tem como escapar. Um encontro de almas faz o corpo responder, a vida se fundir, e o coração ser marcado com o ferro em brasa. Aí já era. É amor ou dor para valer.

– Você está querendo me dizer que não conseguirá deixar de amar o Thomas?

– Estou querendo dizer que a dor para valer, para mim, já é uma certeza. Mas não se impressione, porque tenho andado tão desorientada que nem sei o que estou dizendo direito quando o assunto é o Thomas e eu. Acho que estou apenas tentando responder a sua pergunta, e tentando explicar para você que o amor apenas aconteceu.

– Farei o nosso amor acontecer. – O olhar do Marco me atravessa.

– Estou torcendo para que consiga, e quero que saiba que também me esforçarei para que a mágica aconteça. Devo confessar que todo esse seu interesse é muito animador.

– Você agora é minha noiva, e dentro em breve será a minha esposa. Quero que tenha sempre em mente que um relacionamento amoroso só dá certo quando a relação envolve dois, se envolver mais, ou menos pessoas, já era.

Então, vamos nos esforçar para que esse barquinho, no qual acabamos de embarcar, seja remado apenas por nós dois, e simultaneamente. Remar sozinho, não me levará a lugar algum, e o mesmo serve para você. E o pior, se deixarmos outra pessoa entrar no nosso barquinho, o peso fará com que ele afunde, nos fazendo afundar também.

– Entendi perfeitamente o que quis dizer. – Começo a rir do homem que aprendeu a utilizar metáforas.

– Ah, e não se preocupe, quando tivermos filhos, a embarcação será o meu iate, abandonaremos o barquinho e os remos. – Ele ri também.

– Você é a pessoa certa para dar uma palestra motivacional. Ninguém nunca tentou convencê-lo a aceitar a empreitada?

– Eva, minha noiva e futura esposa, não sou sempre um homem tão empenhado, nem tão cheio de propósitos, é você que me enche de ânimo e de ímpeto. Acredito que você tem o dom de despertar o mais profundo e real interesse no sexo oposto, e é por essa razão que serei um marido extremamente atento. Espantar os piratas que virão atrás do meu tesouro será uma atividade estimulante. – Ele mais uma vez faz uso de metáfora e volta a rir.

– Marco, quem gosta de enfiar metáforas em frases de efeito, sou eu. Pare de me imitar.

– Princesa, não estou imitando você... Estou agindo como sempre agi, é que só agora você reparou que temos algo em comum. – Ele sorri.

– Será? – Brinco com ele.

– Sabe o que mais desejo agora? – Ele pergunta e me aperta em seu abraço.

– Não. Melhor você me dizer.

– Meter em você. Ter uma noiva tão maravilhosa me deixa cheio de tesão. Quero foder, agora, e muito. – Ele fala pausadamente no meu ouvido, e me arrepio.

Capítulo VI

A nossa despedida no aeroporto é complicada, o Marco não consegue parar de me beijar e me abraçar. Voltaremos para o Brasil em voos diferentes e para cidades diferentes, e isso faz com ele fique um pouco emotivo.

– Assim que chegar telefonarei para você. – Diz pela centésima vez.

– Ótimo. Você tem todos os meus telefones, não será difícil me encontrar.

– E os preparativos para o casamento? Não se esqueça de que temos pouco tempo para organizar tudo. – Fala, e acho que agora este é o assunto preferido dele.

– Marco, tenho certeza de que os meus pais assumirão essa tarefa. A minha mãe adora organizar festas. Se você não se importar deixarei que ela se encarregue dessa missão.

– Para mim, está perfeito. Qualquer coisa que precisar, qualquer que seja o custo é só me telefonar que providenciarei. – Afirmo e me olha com carinho.

– Não se preocupe com isso. Casamento é por conta da família da noiva. – Digo e me levanto, porque está na hora do meu embarque.

– Confio em você, princesa. Como nunca confiei em ninguém na vida. – Ele me beija outra vez e me abraça apertado.

– Obrigada por confiar.

Separo-me do seu abraço e percebo o seu olhar cheio de ternura.

– Estarei pensando em você. – Despede-se.

– Até semana que vem. – Despeço-me.

O motorista me espera no aeroporto e me leva diretamente para o apartamento dos meus pais.

Preciso muito de conferir o estado de saúde do seu Guido, de contar a decisão que tomei de me casar com o Marco e de pedir a ajuda da minha mãe para organizar a cerimônia e a pequena recepção de casamento, mas só de pensar nisso sinto um frio na barriga.

Desço do carro, entro no elevador, aperto o botão da cobertura, digito o

código de segurança, saio do elevador, pego as chaves e destranco a porta, entro, ando pelos cômodos. Faço tudo isso no modo automático.

– Filha, você está linda! O bronzeado maravilhoso aliado ao corte de cabelo moderno a deixou com ares de estrela de cinema. – A minha mãe me bajula.

– Obrigada, mamãe. Estava com muita saudade de você. – Abraço-a muito apertado.

– E o seu velho pai tem direito a um abraço?

– Você parece ótimo, velho pai! E é claro que merece um abraço, na verdade quantos quiser! – Sorrio e o abraço.

– Dormirá aqui conosco hoje? – A minha mãe pergunta.

– Sim, quero mimar muito vocês dois.

– Iremos adorar, mas também acho que está evitando voltar ao seu apartamento. Talvez ajude saber que a sua mãe fez grandes mudanças por lá esses dias, o seu quarto agora é outro. – Papai fala astutamente.

– Obrigada pelo apoio, mamãe e papai. – Agradeço comovida. – Você está bem, não tão velho Guido?

– Estou ótimo e vê-la tão linda me faz bem demais. Não se preocupe, filha... Estou disposto a permanecer pelas redondezas por muitos e muitos anos.

– Não abrirei mão disso, papai! Não se esqueça.

– Sei que não me perguntou, mas também sei que está curiosa. Então vou contar para você que o Thomas continua hospedado lá na casa do William. Também fiquei sabendo que ele está organizando tudo para se mudar de vez para Ribeirão Preto. – O meu pai fala de repente, e acho que está seriamente disposto a promover uma reconciliação.

– Por favor, não quero saber de mais nada a respeito do Thomas, se ele pode viver sem mim, também posso viver sem ele. – Luto contra as lágrimas que marejam os meus olhos.

– Desculpa, minha filha... Não tive a intenção de aborrecê-la. – O meu pai diz consternado.

– O Marco Diniz foi atrás de mim no resort em Punta Cana, ficou hospedado lá durante o mesmo tempo que eu. – Resolvo falar de supetão também .

– O Marco Diniz da AMPLA? – A minha mãe pergunta, e confirmo balançando a cabeça.

– E o que aquele tarado queria? – Papai me olha muito sério.

– Nós nos divertimos juntos, ele cuidou de mim, me ajudou e pediu-me em casamento.

– E é claro que você recusou. – A rápida afirmação da minha mãe quase me intimida.

– Aceitei e vamos nos casar o mais rápido possível. – Levanto a mão direita e deixo que vejam a minha aliança.

– Você enlouqueceu, Eva? – A minha mãe me fuzila com os olhos.

– Esse Marco só pode ser um oportunista! Ir atrás de você e se aproveitar do seu sofrimento foi uma coisa bem mesquinha de se fazer. – O meu pai fala visivelmente nervoso.

– Vocês não conhecem o Marco direito, ele é um homem bom. – Defendo-o.

– E você descobriu isso em apenas duas semanas? – O meu pai demonstra toda a sua irritação.

– Isso mesmo. Mesmo conhecendo-o há muito tempo só agora deixei que se aproximasse e se mostrasse. – Explico.

– Se você me disser que está apaixonada por ele, que já esqueceu o Thomas e que esse casamento não é uma espécie de subterfúgio, paro de reclamar. – A minha mãe, sempre muito prática, me provoca.

– Mãe, ainda amo o Thomas, não o esqueci e não sei se isso acontecerá um dia, mas não posso sofrer indefinidamente, tenho que seguir com a minha vida. O Marco sabe o que sinto e está se esforçando para que eu goste dele. – Confesso.

– Por que vocês não podem apenas namorar durante um tempo? Se durante esse tempo você se apaixonar por ele ou se ele continuar suportando ser o seu plano “B”, aí vocês se casam. – O meu pai argumenta.

– Porque o Marco precisa se sentir seguro. Para ele, o casamento no civil é uma maneira de selarmos o compromisso que temos um com o outro.

– E casando com ele você se vinga do Thomas. – O meu pai afirma duramente.

– É lógico que não, pai. O Thomas não quer saber de mim, a indiferença dele está deixando bem claro que ele está cuidando da vida dele e que não tem planos de me incluir nela. Mesmo que o Thomas me procure, o que me garante que voltaremos a ser felizes como antes? Como conseguirei estar segura ao lado dele depois de me sentir tão vulnerável?

– O Thomas tinha pedido a sua mão ao seu pai, ele estava planejando

surpreendê-la com um pedido de casamento. – A minha mãe revela o que eu imaginava.

– Só que, em vez disso, ele fez as malas e me deixou. – Começo a chorar.

– E você resolve se casar com o primeiro sujeito que aparece na sua frente.

– *O meu pai sabe ser cruel.*

– Não, só aceitei o pedido de um homem que está disposto a permanecer ao meu lado mesmo que eu não tenha muita coisa a oferecer. – Explico.

– Pelo menos o Marco parece ser mais corajoso do que o Thomas. Ele a aceita diante da certeza de que você ama outro, já o Thomas não a aceitou por causa da dúvida. – A minha mãe resume bem a situação.

– Você não pode se casar com um, amando outro. – Papai esbraveja.

– Posso e farei isso. Não quero passar o resto dos meus dias esperando pelo Thomas, e não investirei mais dez anos da minha vida aguardando o amor bater novamente a minha porta. – Defendo-me.

– E você acha que se casando com o Marco tudo estará resolvido? – *Lá vem a minha mãe com as perguntas difíceis.*

– Se eu me afastar de tudo que me lembre do Thomas, se deixar o Marco cuidar de mim e me dedicar a ser uma boa esposa, e se pudermos dar o neto ou a neta que vocês tanto desejam, acredito que poderei ser feliz. – Exponho o meu plano.

– Prefiro morrer sem ter tido netos a permitir que você se sacrifique por causa disso. – O meu pai diz quase gritando, e constato que nunca o vi tão bravo antes.

– Pai, por favor, entenda... Se eu não fizer alguma coisa com a minha vida, se não tiver algo a que me dedicar fora o trabalho, não aguentarei, a dor dessa vez é muito maior.

– Você conseguiu superar antes, superará agora. – Ele argumenta.

– De certa forma, Guido, casar com um homem bonito e bem sucedido é uma bela maneira de superar. Acho que a Eva está tentando nos dizer que resolveu seguir adiante, sem dramas, aceitando como companheiro de jornada alguém que está demonstrando grande disposição em acompanhá-la seja qual for o percurso. E me parece que o Marco está se oferecendo de muito bom grado. – *A minha mãe é mesmo muito prática.*

– Estou preocupado com a sua decisão, Eva. Não quero que passe a vida

arrependida, que se sinta obrigada a viver um relacionamento sem amor só para que eu tenha netos. – O meu pai diz bastante aborrecido, e percebo que ele não será facilmente convencido.

– Não seja tão pessimista, papai.

– Você se lembra do livro que lhe dei de presente quando fez trinta anos? –

O meu pai pergunta.

– Claro. *A Mulher de Trinta Anos*, de Honoré de Balzac. – *Livro que libertei no Aeroporto Internacional de Punta Cana depois de ter lido um artigo sobre crossbooking.*

– Naquele livro, o autor descreve muito bem o martírio que é para uma mulher estar atada a um casamento sem amor. – O seu Guido explica.

– Só que os tempos são outros. Ninguém precisa continuar casado se o casamento não é feliz, o divórcio agora é uma prática comum. – Justifico.

– O divórcio? – Ele pergunta agitado.

– Se eu não conseguir me dar bem com o Marco, se a vida com ele não for boa ou se me arrepender, pedirei o divórcio. – Simplifico.

– Você acha que isso é brincadeira? É da sua vida que estamos falando aqui, mocinha. Casamento é coisa séria, não se pode casar pensando no divórcio. – Ele diz tão bravo que temo que passe mal.

– Papai, por favor, acalme-se. Não estou brincando com a minha vida. O casamento é mesmo uma tentativa de seguir adiante, quero dar uma oportunidade ao Marco e a mim. Talvez dessa situação peculiar nasça um sentimento bonito. Como você vive dizendo, a vida é uma caixinha de surpresa. – Tento parecer o mais confiante possível.

– Filha, você está ciente de que se casando com o Marco estará dando ao Thomas mais motivos para que ele duvide do seu amor? – *As perguntas da minha mãe são mesmo de amargar.*

– Queridos, papai e mamãe... O Thomas não deve estar nem aí para o que eu faça ou deixe de fazer da minha vida. – Suspiro. – Além disso, acredito que ele mesmo já seguiu adiante, a Patrícia o viu almoçando com uma mulher loura que suspeito ser uma ex dele. Uma mulher que demonstrou muito interesse em reconquistá-lo. – Não consigo disfarçar a minha mágoa.

– Diante de tudo isso não há mais o que conversar. Qual será a data do casamento? – A minha mãe pergunta, demonstrando que aceitou a minha decisão.

– O Marco quer que o casamento seja realizado dentro de um mês.

– Nossa! Temos pouquíssimo tempo, teremos que correr com a papelada. Melhor fazermos uma lista com todas as providências a serem tomadas. – A minha mãe se anima.

– Queremos uma cerimônia simples e uma pequena recepção só para a família e os amigos mais íntimos. – Tento parecer animada também.

– Proponho-me a ajudá-la no que precisar. – Ela sorri.

– Na verdade, mamãe, gostaria de deixar tudo por sua conta. Terei que colocar em ordem as coisas lá no escritório, porque pretendemos ficar um bom tempo fora em lua de mel.

– A noiva não vai dar palpite no próprio casamento? – O meu pai não contém o sarcasmo.

– Confio no bom gosto da mamãe. – Dou uma piscadinha para ela.

– Saiba que você não tem a minha benção e que não a levarei ao altar. Não serei cúmplice dessa maluquice. – Ele brada.

– Quando li o livro que me deu, *A Mulher de Trinta Anos*, pensei que quisesse que eu entendesse que, ao contrário de antigamente, a mulher de hoje é livre para escolher o que fazer da própria vida. – Falo olhando bem dentro dos olhos dele.

– Não estou impedindo-a de fazer nada, apenas estou me recusando a apoiá-la. O meu papel de pai será sempre o de prevenir e orientar, e é isso o que estou tentando fazer. Se estivéssemos falando de amor aqui, com certeza, o meu comportamento seria outro. O que não admito é a falta dele em um relacionamento. – Ele diz, e sai me deixando atônita.

– Calma, filha, ele mudará de ideia, só está com medo por você. Aconteceu tudo muito rápido, dê um tempo para ele, eu o convencerei a repensar a posição dele. – A minha mãe tenta me acalmar.

– Sou adulta, independente e faz muito tempo que tomo decisões sozinha. Nunca imaginei que a desaprovação do meu pai pudesse me afetar tanto. – Uma lágrima solitária cai do meu olho.

– Convenhamos. Você viaja para tentar melhorar da dor de cotovelo, passa duas semanas fora e volta de casamento marcado com uma pessoa da qual corria como o diabo da cruz. O que você esperava que o seu pai dissesse? – A minha mãe sai em defesa do meu pai.

– Pelo menos pude ter certeza de que o coração dele está forte. – Ensaio um sorriso.

– O seu pai é um homem forte, e espero que o coração dele continue cumprindo o papel de manter bem um homem tão cheio de energia e vigor. – Ela sorri.

– Por que você, ao contrário do papai, está aceitando melhor o meu casamento com o Marco?

– Porque estou pressentindo que vamos acordar quem está se fazendo de morto. – Ela me encara e sorri.

– Ah, não, mamãe! Não me venha com as suas ideias. O casamento é uma decisão tomada, e agora desejo que quem me ignora, continue me ignorando. Prometa que não irá anunciar o meu casamento aos quatro ventos. Conheço a sua capacidade de manipular situações, e peço que não faça disso um trunfo.

– Acalme-se, meu anjo. A sua mãe só estava brincando. Prometo que da minha boca não sairá qualquer informação a respeito do seu casamento.

– Obrigada, mamãe. – Esboço um meio sorriso.

– De qualquer forma, acho o Marco belíssimo, você tem mesmo um imã para homens bonitos. Confesso que se estivesse no seu lugar, provavelmente, agiria da mesma forma. Melhor curar a dor de cotovelo nos braços de um moreno bonitão do que sozinha. – Ela ri, e eu também.

– Você é muito especial, mamãe. – Digo carinhosamente.

– E não se preocupe porque o seu casamento será inesquecível, garanto. – Ela me abraça, e me sinto agradecida pelo seu apoio.

– Tenho que fazer uma revelação. – Falo um pouco envergonhada.

– Outra? Preciso me sentar? – Ela parece assustada.

– Nada de grave, é só que pode parecer loucura, mas já tenho o vestido de noiva. – *Sei que terei que me explicar.*

– Como assim?

– É que quando desconfiei que o Thomas me pediria em casamento, comecei a olhar os sites de algumas lojas de noivas aqui mesmo de São Paulo e me apaixonei por um vestido. Achei que o Thomas ficaria embasbacado quando me visse vestida nele, então fechei o negócio e o vestido está guardado na loja. – Explico constrangida.

– Você se casará com o Marco com o vestido que escolheu para se casar

com o Thomas? – A indignação da minha mãe é autêntica.

– Sim. Pressinto que não terei ânimo para escolher outro, sei que é estranho, mas pensar que escolhi aquele vestido quando estava tão feliz me transmite uma sensação boa.

– Sendo assim, você já tem o seu vestido de noiva. Marque o dia da prova, irei com você. Cuidarei de todos os preparativos do casamento, você só precisará estar lá na data e hora acertadas. – Diz aliando-se a mim.

– Obrigada, mamãe. Agora me deixe telefonar para o Marco, ele deve estar ansioso. – Sorrio e me encaminho para o meu quarto.

Apesar de entender a preocupação do meu pai, fico um pouco magoada com a postura dele. Queria o seu apoio e a sua bênção, contudo, confio no poder de convencimento da minha mãe e acredito que ela acabará fazendo o meu pai aceitar a minha decisão.

– Bom dia, Patrícia! Saudade!

– Bom dia, Eva. O Marco me contou a novidade. – Ela diz muito séria.

– Ah, sim. Falei que ele poderia contar apenas para você, que é o nosso cupido, mas não conte a ninguém, convidaremos pouquíssimas pessoas.

– Ele me alertou. Fique tranquila.

– Você ficou chocada?

– Um pouco, aconteceu muito rápido, mas não posso criticá-la, o Marco parece ser um homem muito interessante. – Ela fala, e continuo com a sensação de que ela o admira mais do que deveria.

– Ele me ligou quantas vezes hoje?

– Algumas. Falei para ele que o seu celular deveria estar sem bateria.

– Isso mesmo, sem bateria. – *A Patrícia sempre sabe tudo sobre mim.* – Ligue para ele, por favor, e transfira para a minha sala.

O Marco está ansioso com os preparativos do casamento. Avisa que enviou os documentos necessários para dar entrada no cartório e que os receberei ainda hoje. Ele também está radiante com a realização dos exames pré-nupciais, não vê a hora dos resultados saírem, tanto dos que fará quanto dos que farei, para que possamos dispensar o uso do preservativo. Só o fato de o meu pai ter demonstrado resistência ao nosso casamento parece aborrecê-lo.

Decido devolver a gargantilha que o Thomas me deu, não me sinto mais confortável em tê-la comigo. Sei que poderia simplesmente me desfazer dela, mas como a recebi como um símbolo, o correto é fazer com que volte às mãos dele.

Com o peito dilacerado, mas resoluta, coloco a gargantilha dentro da mesma caixinha na qual a recebi e insiro-a em um envelope com o endereço do William e em nome de Thomas Henrique Chapman. Peço que a Patrícia se encarregue de que o pacote chegue ainda hoje ao seu destino e ela me garante que arrumará alguma forma de fazer com que isso aconteça.

O dia passa voando. O trabalho me absorve e as muitas ligações do Marco também. Estou um pouco melhor, consigo sentir fome e recuperei um terço do meu antigo ânimo.

Ainda dói quando penso no Thomas, então evito pensar, tento canalizar toda a minha atenção para o trabalho e para o casamento e, apesar dessas distrações funcionarem, não são totalmente eficazes.

Volto para o meu apartamento depois de muitos dias fora e constato que a minha mãe providenciou as alterações que pedi. O local que mais sofreu mudanças foi o meu quarto. A cama, a poltrona de leitura, a cômoda, as mesinhas de cabeceira e até os jogos de cama foram substituídos, tudo diferente. Só a sensação de que está faltando o Thomas aqui que continua a mesma...

O telefone toca, aposto que é o Marco. Espero que ele se acostume logo com a distância, porque falar ao telefone o dia todo me irrita um pouco, além de tomar tempo demais.

– Alô. – Digo animada.

– Alô. – A voz rouca e inconfundível do Thomas responde, e fico sem reação.

– Eva? – Ele pergunta, e não sei se desligo ou respondo. – Eva? – Insiste.

– Sim. – *Nunca imaginei que uma única palavra pudesse exigir tanto esforço .*

– Sou eu, o Thomas. – Fala como se eu não soubesse.

– Oi, Thomas. – Agora estou tremendo.

– Como você está? – *Ótima pergunta .*

– O que você deseja, Thomas? – Abrevio a conversa.

– Recebi o pacote que me enviou.

– Obrigada por me informar. – Começo a suar frio.

– Quero saber por que me devolveu a gargantilha. – A voz dele é quase um

sussurro.

– Devolvi para que possa entregá-la a alguém que considere confiável para usá-la. – Alfineto.

– Precisamos conversar, Eva. – A seriedade dele me faz entrar em pânico.

– Acho que agora não precisamos mais. – *Sou bem fria.*

– Aconteceu muita coisa, pensei muito... Sei que ainda estamos magoados, mas acredito que está na hora de nos encontrarmos para uma conversa. – Faz as suas alegações, e a minha cabeça começa a latejar.

– Se a oferta tivesse sido feita antes, até que poderia aceitar. Mas agora não será possível. Boa noite, Thomas. – Falo e desligo.

Esprei tanto por esse telefonema, desejei tanto um contato. Contudo, agora, depois do meu compromisso com o Marco, esse telefonema parece mais impróprio do que adequado e eu, que cansei de chorar, consigo me conter.

O telefone toca insistentemente, não atendo. O meu celular principia a tocar quando o telefone de casa para, e também não atendo.

Telefono para o Marco para que ele não se preocupe e para reavivar na minha mente e no meu coração o acordo que, por livre e espontânea vontade, aceitei. Ouvir a voz carinhosa e gentil do Marco me acalma, me redireciona ao meu propósito e consigo relaxar um pouco.

O sono demora a chegar e quando chega é agitado e insuficiente. Acordo mais cedo do que deveria. Parece que saí de uma zona de guerra.

Invisto tempo e cuidado na minha arrumação porque preciso disfarçar o meu estado de espírito com muita maquiagem e uma roupa bonita. Quando termino, verifico que consegui um bom resultado.

A campainha da porta toca, e algo me diz que deve ser o Thomas. Deixo tocar, sento na cama e espero, finjo que não ouço até que ela pare. Quase uma hora depois, encosto o ouvido na porta. Nenhum som, e me arrisco a sair.

Abro a porta e não vejo ninguém. Saio, aperto o botão do elevador, ele chega, puxo a porta e dou de cara com o Thomas. Ele está mais magro, mas continua lindo e me observa com olhos atentos e angustiados. Solto a porta do elevador e dou meia volta.

– Eva, pare de me evitar. – Ele vem atrás de mim.

– Só estou me mantendo fora do seu caminho como deixou bem claro que queria. – Respondo, ele segura o meu braço e fico gelada.

– Precisamos conversar. – Insiste sem deixar de segurar o meu braço.

– Só agora você se deu conta disso? – *Sou irônica.*

– Podemos entrar e conversar? – Pergunta e, apesar de achar que isso é mais do que posso suportar, concordo.

– Está bem. – Digo de maneira ríspida.

Ele solta o meu braço. Destranco a porta do meu apartamento, entramos, e não me dou ao trabalho de convidá-lo para sentar-se.

– Pode falar. – O meu coração retumba dentro do peito.

– As coisas estão diferentes por aqui.

Examina a sala, e me mantenho calada.

– Vim trazer a sua gargantilha. – Fala, e penso que ele deve ser maluco, mas continuo sem emitir nenhum som. – Quando a recebi de volta, fiquei profundamente abalado e isso me fez ver o quanto estava sendo orgulhoso. Mesmo sendo o único contato que fez comigo desde que saí da sua vida, percebi que era uma tentativa de me afetar e de me chamar à realidade. – Ele diz, e comprovo que não entendeu nada.

– Na verdade, devolvi a gargantilha porque não tinha mais sentido ficar com ela. Quanto ao contato, mandei-lhe um e-mail. – Falo sem olhá-lo nos olhos.

– Um e-mail? Que tipo de e-mail? Não recebi. – Parece realmente confuso.

– Não voltou para a minha caixa, mandei para o seu e-mail de trabalho. – Respondo ressabiada.

– Não estou trabalhando por enquanto, passei os meus pacientes para um pediatra amigo, e não abri mais aquele e-mail. Estou de mudança para Ribeirão Preto, quero ficar próximo da minha família, você já deve estar sabendo disso.

– Ouvi dizer. – *Sou evasiva.*

– Podemos conversar direito? Juro que não vi o seu e-mail. O que você dizia nele?

– Nada que seja importante agora. – Sinto vontade de chorar e me seguro. Estar tão perto do Thomas me abala demais.

– Eva, fale comigo, não a entendo. Você contribuiu significativamente para a nossa ruptura, mas como não a procurei, você também não me procurou. Não sei qual de nós dois é o mais orgulhoso. A única coisa que sei é que sou sempre eu quem tem que ceder. – Ele fala, e me irrita.

– Não estou jogando o seu jogo, Thomas. – Respiro fundo. – Não insisti

porque ficou bem claro que nada do que eu dissesse o faria mudar de ideia. A sua indiferença me fez acreditar que você estava tentando me esquecer de verdade.

– Foi isso o que você achou? Será que não pensou que eu estivesse esperando um pedido de desculpa? Quase morri sem você, fiquei doente, perdi o apetite e o ânimo. Rezei para que você me procurasse, sonhava em acordar e vê-la ao meu lado. Você me faz tanta falta que só de olhá-la dói tudo em mim. – Ele me examina minuciosamente, e fico ainda mais abalada.

– Não me venha com argumentos torpes. Eu pedi perdão para você e implorei que ficasse, fiz isso na noite em que me deixou, antes de você virar as costas e sair. – Faço esforço para não chorar. – Cuidei de você, vivi para você e fui sua de todas as maneiras que conheço. Dediquei-me a descobrir a verdade sobre o seu passado e estive sempre ao seu lado. Achei que assim estava demonstrando o quanto te amo, só que tudo isso não significou nada na hora em que você arrumou as suas malas. – *Estou ficando muito brava* .

– Agora sou eu quem pede perdão, minha linda. Reconheço que fui um tolo. Eu sempre soube que o meu amor era gigantesco, nunca deveria ter deixado você. – Ele se aproxima, e desvio o olhar.

– E quanto ao meu amor? – Pergunto sem saber se essa resposta agora é importante.

– Depois que passou a raiva e a frustração, não consegui pensar em outra coisa a não ser na maneira como você me tratava, e a cada dia ficava mais óbvio tudo o que representamos um para o outro. O nosso relacionamento era maravilhoso. O nosso amor é forte, intenso, especial e nada nem ninguém poderia destruí-lo. – Ele se declara, e me apavoro.

– Enquanto você fazia a sua reflexão eu não mereci nenhum telefonema. E agora você acha que é só me procurar que ficará tudo bem de novo? Sou muito tapada para entender esse tipo de comportamento. – Falo com ironia.

– Você está bronzada e ainda mais linda, parece que não fiz tanta falta assim. – O Thomas ciumento se manifesta.

– Eu tinha que sobreviver. E se você resolvesse seguir a sua vida com a Amanda? – *A Eva ciumenta surge.*

– Com a Amanda? Do que você está falando? – Coça a nuca com o olhar confuso.

– Soube que almoçou com uma loura bonita. Pensei que fosse ela, deve ser

outra amiga sua então. – *A boca fala sem autorização do cérebro, só pode.*

– Eva, como soube disso? – Sorri parecendo satisfeito por me deixar com ciúme. – A loura em questão só pode ser a minha prima Angela. Estamos abrindo uma clínica em Ribeirão Preto, juntamente com a irmã dela, a minha prima Cristina, e o meu irmão, Lucas. – O sorriso perfeito dele me desconcentra.

– Não importa. Você pode sair com quem quiser porque isso não é mais da minha conta. – Abaixo a cabeça e respiro fundo, estou quase passando mal e sento na poltrona para não cair.

– Eu te amo e quero a nossa vida de volta. – Ele diz com a voz embargada e, para a minha surpresa, se ajoelha diante de mim. – Perdão, minha Eva. Acho que precisamos muito nos perdoar. – Ele me encara.

– Você saiu por aquela porta sem se preocupar com o dano que isso poderia me causar, me feriu e me ignorou, então entrar por aquela porta não é mais uma opção. – Falo, e ele me olha confuso.

– O que você está querendo dizer? – Pergunta, e percebo o seu atordoamento.

– Pode se levantar, Thomas. – Ele não reage. – Preciso dizer que te amo, que a sua falta quase acabou comigo e que só de pensar nos dias que se seguiram a sua partida sinto vontade de gritar... Mas, como acabei de dizer, o caminho que você seguiu não tem mais volta. – Ele arregala os olhos e enrijece o corpo.

– Seja mais clara, por favor. – Volta a me questionar, ainda parecendo confuso.

– Talvez a grande culpada desse nosso desencontro seja eu que, com receio de não ser compreendida, omiti uma informação importante de você e acabei sendo a responsável pela sua raiva e pela sua desconfiança. – Começo a chorar. – Só que nunca imaginei que você me deixaria. Nunca desconfiei que o meu amor pudesse ser questionado. Estava quase convencida de que você entenderia os meus motivos. Mas você resolveu partir e a responsabilidade por essa atitude é toda sua. Tentando parar de sofrer me segurei com todas as forças à mão que me foi estendida, e saiba que a minha reação só aconteceu porque o seu silêncio me feriu mais do que as suas palavras. – As lágrimas rolam pela minha face.

– Explique-se melhor, Eva. Você não me quer de volta porque acha que mereço sofrer mais, que tenho que pagar pelo que lhe fiz passar? – Ele se levanta e senta no sofá em frente a mim.

– Você acha que sou uma pessoa tão mesquinha assim?

– Não... Só estou procurando entender a razão pela qual não podemos

esquecer tudo isso e tentar de novo. Eu te amo, você me ama, ficará fácil recomeçarmos se estivermos dispostos a nos perdoar. – Ele me olha cheio de esperança.

– Eu o perdoo, Thomas, e desejo que um dia você possa me perdoar também. Só que você fez a sua escolha e fiz a minha e, depois de um tempo, ficar sofrendo esperando você voltar deixou de ser uma alternativa. – Consigo controlar as lágrimas.

– Eva, eu a perdoo, amo, quero e farei o que for preciso para reconquistá-la, nem que eu tenha que passar a vida toda tentando. Nunca serei capaz de entender como fui tão cego. Você é a minha razão de viver e sem você nada faz sentido. Volta para mim. – Declara-se e lança o seu sorriso perfeito, fazendo as minhas pernas tremerem.

– Irei me casar com o Marco dentro de um mês. – Revelo antes que a situação fique ainda pior.

– O quê? Com o Marco Diniz? – Pergunta, e balanço a cabeça afirmativamente. – Você não pode estar falando sério! – O rosto dele se transforma em uma máscara de ódio.

– Estou. Depois de tudo o que vivemos, não consegui seguir com a minha vida. Não tive mais forças. Foi o Marco quem cuidou de mim e me estendeu a mão. – Falo, e o olhar do Thomas me fulmina.

– É assim que você demonstra o quanto me ama? – Ele pergunta enfurecido.

– Não. É assim que demonstro que não vou ficar à sua disposição. – Respondo com o coração apertado.

– Você passou anos sofrendo por causa do Nicolas, e tive que insistir muito para que me desse uma chance por causa da sua resistência em esquecer o passado. Pensei que você sofreria ainda mais por minha causa, já que me disse que o amor verdadeiro só descobriu comigo. Mas não, foi só eu virar as costas que me substituiu. – Vocifera, e fico estarrecida com o que ele diz.

– Pode ter certeza, Thomas, de que eu teria me recuperado bem mais rápido se o Nicolas tivesse ido embora da minha vida por conta própria. Mas o que o afastou de mim foi a morte, não a desconfiança. Os nossos sonhos foram confinados dentro de um caixão, não de uma mala. Tentar esquecer quem sai falando “já volto, amor” é bem mais difícil do que tentar esquecer quem sai falando “estou deixando você”. – Despejo as palavras em cima dele.

– Tem razão, Eva. A minha argumentação foi completamente infeliz. Mereci ouvir tudo o que disse. – Ele se lamenta.

– Quero que saiba que o Marco não o está substituindo, como você também não substituiu o Nicolas. Aprendi ao longo da vida que coisas podem ser substituídas, pessoas não. – Digo com sinceridade.

– Só posso acreditar que aquele Marco se aproveitou de um momento de fragilidade seu. Ele é um oportunista da pior espécie. Como você pôde cair na lábia dele? – Thomas volta a ficar nervoso.

– Ele me apresentou uma nova perspectiva, me ofereceu a oportunidade de me afastar da lembrança do que fomos, e eu, sem nenhum pinga de ingenuidade, aceitei a oferta. – Sou absolutamente franca.

– Você não pode se casar com um homem que não ama! – Grita, e me assusto.

– E não posso aceitar de volta um homem que me abandonou na primeira adversidade, que me fez sofrer, que duvidou de mim, e que me deixou insegura. Um homem que pensa que pode sair e voltar para a minha vida na hora e do jeito que bem quer, como se fosse obrigação minha estar disponível! – Grito também.

– Sei que erreí, que erramos, mas não faça isso, Eva. Não nos destrua! Você não ama o Marco. Esse casamento não será bom para ele também, todo mundo tem o direito de ser amado e ele precisa entender isso. – Thomas tenta argumentar .

– O Marco quer se casar comigo mesmo sabendo que ainda amo você. Ele confia em mim e na minha capacidade de lutar contra esse sentimento, e a confiança dele significa muito diante de todo o contexto. – *Não consigo deixar de cutucar a ferida* .

– Você é minha e não desistirei de você, nunca mais serei capaz de deixá-la. – Thomas ameaça.

– Fiz um acordo com o Marco e irei cumpri-lo. Prometi que me casaria com ele e que não mudaria de ideia mesmo que você me procurasse arrependido.

– Um acordo? Você está abrindo mão do amor que sinto por você e do que sente por mim por causa de um acordo?

– Quando aceitei o acordo achei que estava abrindo mão apenas de dor e

sofrimento, e o amor, naquele momento, significava somente estas duas coisas.

– Isso tudo é uma loucura. Você escolheu a pior forma possível para tornar o meu sofrimento ainda mais insuportável . – Cerra os punhos demonstrando toda a sua raiva.

– Nem tudo se trata de você, Thomas. Algumas coisas dizem respeito a mim. A nossa conversa acabou. Por favor, volte a me ignorar. – Provoco.

Thomas coça a nuca, coloca o rosto entre as mãos, respira fundo e parece tentar se acalmar .

– Suplico a você, Eva. Rompa com o Marco. Podemos explicar tudo para ele. Por favor, desista dessa loucura.

– Acredite, não posso fazer isso. Você e eu erramos e pagaremos pelos nossos erros, não permitirei que o Marco seja vítima de toda essa história.

– Vítima? Aquele sujeito é um lobo em pele de cordeiro, isso sim.

– E se você resolvesse não voltar, Thomas? O que eu deveria fazer? Desistir de viver? Morrer de tanto trabalhar? Ou tentar reconstruir a minha vida ao lado de um homem que me quer e está disposto a me conquistar?

– Você está dando para ele, Eva? – O olhar de raiva dele atravessa o meu corpo.

– Quer mesmo saber? – Pergunto, e ele confirma com a cabeça. – Sim.
– Resumo.

Thomas bate a mão na mesinha lateral ao lado do sofá e derruba uma estatueta, e um jarro de porcelana que foi da minha avó. Os objetos caem no chão, quebram-se, e fico furiosa. Bato palmas com bastante força e olho para ele fixamente.

– Belo show!

– Como você pode trepar com aquele cara? – Os olhos do Thomas se enchem de lágrimas e de desespero.

– Você acha que tem direito de me cobrar alguma coisa? – Respondo a pergunta dele com outra porque não sei como responder sem me complicar.

– Eva, conheço muito bem a sua tática de responder uma pergunta com outra, e de atacar para se defender. Não vai colar. Responda o que perguntei.

– Não vou responder pergunta alguma. Chega, Thomas. Não estamos indo a lugar algum aqui!

– O sexo com ele é tão bom e especial quanto era conosco? – Ele insiste em perguntar parecendo bastante transtornado.

– Apenas diferente, de um jeito que ainda estou tentando me acostumar, mas não é ruim. – *Acho que agora ele vai embora de vez.*

– Eu deveria agarrar você agora mesmo, arrancar a sua roupa e lembrá-la de que o seu macho sou eu, Eva Fiore! Que quem te come gostoso e com o amor maior do mundo sou eu e ninguém mais. – Ele fala bastante irritado, e sinto um arrepio percorrer a minha coluna. Fico instantaneamente molhada e os meus batimentos cardíacos aceleram. Juro que se ele fizer isso, não irei detê-lo. Mas estou rezando para que não faça. Quase rezando, na verdade.

– Um gentleman! – Provoco.

– Deixe de sarcasmo, Eva. Estou tentando me controlar, não me provoque. Você não sabe a vontade que estou sentindo de te dar uns tapas. Só que não passará de vontade, garanto, jamais machucarei você.

– Controle nota dez. Gritou, quebrou as minhas coisas, me ameaçou. Você está de parabéns!

– Você também. Uma garota exemplar. Comportamento nota dez aqui e durante a minha ausência. – Ele agora é o debochado.

– Por favor, Thomas, vá embora.

– O que eu preciso fazer para recuperar a sua confiança em mim? Como demonstro que entendi da pior maneira possível que não tenho o direito de entrar e sair da sua vida ao meu bel prazer? Por favor, me diga como poderei ter você de volta. – Ele se levanta do sofá e me encara fixamente. Percebo que está trêmulo.

– O seu retorno, tão inesperado quanto a sua partida, não é suficiente para me fazer confiar que teremos um futuro. O casamento com o Marco é a minha única certeza.

– Você não confia mais na força do nosso amor?

– Confiei nas promessas que me fez e você quebrou todas.

– É fácil para você jogar toda a culpa nas minhas costas, como se não tivesse errado também. Eu fui embora sem motivo algum, Eva? – *A conversa volta ao ponto inicial.*

– Já admiti que errei ao omitir uma informação importante de você. Mas nunca, durante o relacionamento que tivemos, quebrei as promessas que fiz, e continuaria honrando-as se tivesse me deixado fazer isso.

– Depois que a deixei você passou a duvidar do meu amor? – Ele questiona

indignado.

– Passei a duvidar da sua capacidade de se deixar amar e da minha capacidade de voltar a me sentir segura ao seu lado. Tenho medo de não saber mais lidar com a sua insegurança tendo que lidar com a minha.

– Medo é uma coisa que não combina com você, Eva.

– Pode não combinar, mas faz parte de mim. Preciso me sentir segura para estar em paz, sempre fui assim e acho que esse é um grande defeito meu. Prefiro não ter nada a ter alguma coisa que possa deixar de ser minha a qualquer momento.

– Você consegue ter cem por cento de certeza de que aquilo que tem hoje nunca deixará de ser seu?

– Claro que não, e é por isso que dou prioridade àquilo que desperta mais a minha certeza do que a minha dúvida.

– Você quer que eu entenda que preciso despertar novamente as suas certezas, que tenho que fazê-la sentir-se novamente segura em meus braços. É isso?

– Quero que você entenda que cumpro as minhas promessas e que respeito os meus medos.

– Você está dizendo que irá respeitar o medo que tem de se entregar novamente a mim, cumprindo a promessa de se casar com o Marco?

– A sua inteligência torna o diálogo mais fácil.

– Eva, e se o Marco desistir do casamento? Você não precisará cumprir a promessa que fez para ele e poderá me deixar mostrar que o seu medo é infundado. – Thomas insiste.

– Sinceramente, não sei. Você fez com que eu me sentisse insignificante e nunca mais quero me sentir assim novamente.

– Você também me fez sentir assim, Eva. – Ele diz me olhando de uma maneira tão intensa e penetrante que acho que está enxergando o meu lado do avesso.

– Quando duas pessoas deixam de se fazer bem é recomendável que mantenham distância uma da outra. – Replico.

– A distância é que está me fazendo mal. Eu te amo muito, minha linda, e sou capaz de enlouquecer sem você. – Ele chora.

– Quem valoriza o que tem, não joga fora, cuida. – Repito com amargura a

frase clichê que já ouvi e li por aí centenas de vezes.

– Cometi um erro e estou voltando atrás.

– Ir foi opção sua, deixá-lo voltar é prerrogativa minha.

– Tenho certeza absoluta de que nunca deveria ter ido, mas também sei que mereço uma chance de ser recebido de volta. Nunca traí o sentimento que sinto, e aprendi a confiar no sentimento que tem por mim. Amo você e sei que me ama, e o seu coração é o lugar onde quero fincar minhas raízes, por favor, me permita passar a vida ao seu lado.

– O amor que sinto ficará trancado bem aqui no meu peito e será a maior lembrança que terei de você. Seja feliz, Thomas. – E choro também.

– O Marco e você têm muito em comum, e acho que isso pode estar influenciando a sua decisão de se casar com ele. O mundo é o playground de vocês, e o dinheiro é um passe-livre que os dois têm à mão. – *O homem inseguro se apresenta e me alfineta.*

– O mundo pode ser o playground de qualquer pessoa, é só ter espírito aventureiro. Quanto ao dinheiro, reconheço, ele abre portas, mas trabalho muito para merecer o meu, e acho até que tenho mais do que o suficiente. Pode ter certeza absoluta de que o que eu quero de um homem não é o saldo da conta bancária, ou qualquer bem que não seja o bem-querer. Estou com o Marco porque o meu coração machucado precisou de tratamento. Você esfacelou os meus sonhos e ele está me ajudando a catar os caquinhos.

Thomas se aproxima rapidamente, me levanta e me aperta em seu abraço. Não consigo impor resistência, o meu corpo treme em contato com o dele e, delicadamente, ele ergue o meu queixo e me beija. Tento detê-lo, mas ele é mais forte. Correspondo ao seu beijo ardente e fico novamente úmida e excitada. Porém, penso no meu compromisso com o Marco e consigo me desvencilhar com o corpo em brasa.

– Nós somos almas gêmeas, minha linda. O seu corpo responde ao meu, os nossos corações batem no mesmo compasso, acredito no seu amor e juro que vou lutar para ter você de volta. O arrependimento e o remorso que sinto por ter ido embora são gigantescos, tão grandes quanto a vontade que tenho de partir o Marco em dois.

– Não se aproxime do Marco, ele não tem culpa da nossa intransigência e não lhe deve nada. Por favor, vá embora.

– O Marco não precisa de você como eu preciso, e duvido que ele a ame tanto quanto eu. O que ele quer é uma mulher bonita, de classe e bem-sucedida para fazer par com ele nas colunas sociais. É por isso que ele não sai do seu pé.

– Pode ser que você esteja certo, Thomas, e eu não seja nada mais do que um troféu para o Marco. Mas talvez ele mereça ganhar o prêmio, afinal tem demonstrado muito empenho em conquistar o que deseja.

– Eva, sempre fiz de tudo para conquistar o seu amor.

– Thomas, e quando conseguiu virou às costas para ele.

– Precisei de um tempo, só isso. O que não significa que tenha desrespeitado o que sinto ou o que sentimos.

– Agora você tem todo o tempo do mundo, aproveite. – Digo com ironia, dor e tristeza.

– Sem você nada no mundo tem qualquer valor para mim.

– Deve ser por causa de situações como a nossa que os sábios sempre recomendam pensar antes de agir. Coisa que não fizemos. Agora é tarde. Por favor, vá embora, Thomas. – Falo, e as lágrimas rolam pelas minhas faces.

– Estou sempre descobrindo um noivo na sua vida, do primeiro tenho ciúme e do segundo tenho ódio. – Thomas coloca a gargantilha sobre o braço da poltrona e sai batendo a porta.

Capítulo VII

Toda a minha vida ouvi dizer que é difícil entender as mulheres, e pode até ser que eu seja bem complicada, mas o modo como o Thomas se comportou me faz pensar que complicada é a raça humana.

A discussão me deixou emocionalmente exausta, e a constatação de que não sei o que fazer da minha vida me transtorna.

Gosto do Marco e amo o Thomas, que dilema! Além disso, assumi um compromisso com o Marco que sou moralmente obrigada a cumprir. Também não tenho certeza de que aceitaria o Thomas de volta assim tão facilmente como ele queria se o compromisso de me casar com o Marco não existisse.

A instabilidade que o Thomas tem demonstrado me deixa insegura. Uma hora ele me ama desesperadamente e não pode nem pensar em me perder, na outra não me quer mais e some, e em outra me quer de volta de qualquer jeito. Isso tudo realmente me confunde.

Acontece que me senti ofendida por ele achar que seria só aparecer e “assobiar” que eu sairia correndo ao seu encontro. Então, avaliando bem, estar comprometida com o Marco veio bem a calhar, porque me impediu de agir como uma tonta.

Na verdade, neste momento, acho que não sei mais nada a respeito de coisa alguma.

Aviso para o porteiro não deixar mais o Thomas subir sem ser anunciado e vou para o escritório.

Trabalho como nunca o dia todo. Transformar atividade laboral em remédio é um território conhecido para mim. As horas ganharam asas, o que realmente achei ótimo. E mesmo quando já é tarde e estando exausta, continuo com muita vontade de produzir, porque assim não penso. Só me lembro dos meus dilemas quando recebo uma visita inesperada.

– Boa noite, princesa. – O Marco entra sem ser anunciado na minha sala.

– Marco! – *Nunca fiquei tão feliz em vê-lo, acho que a presença dele me*

ajudará a fortalecer as decisões que andei tomando ultimamente.

– Que bom que parece feliz em ver o seu noivo. – Ele me abraça e beija com suavidade.

– Você veio antes do combinado, na verdade muito antes. – Sorrio. – Estou muito surpresa.

– Vim conversar com os seus pais sobre o nosso casamento, desejo acabar com a má impressão que o seu pai está tendo a respeito do assunto. Estou também bastante motivado a raptá-la para me acompanhar a uma viagem a Brasília.

– Brasília?

– A AMPLA está realizando alguns empreendimentos por lá, e o meu pai resolveu me dar o encargo de visitar as obras, verificar o andamento dos projetos e procurar áreas para futuros empreendimentos. Isso tudo deve levar, aproximadamente, uma semana. Vamos?

– Você sabe que não posso. Fiquei fora duas semanas, e viajaremos em lua de mel por mais outros tantos dias. Tenho que fazer a prova do vestido de noiva e acredito que por mais que a minha mãe tenha se oferecido para cuidar de toda a organização do casamento, algumas coisas dependerão exclusivamente de mim.

– Estou decepcionado.

– Então está bem, irei com você. Não faz mal que me case com um vestido desajustado no corpo, que deixemos os preparativos todos com a minha mãe, e que irrite o meu pai ainda mais me ausentando do escritório sem avisar previamente. – *Sei jogar duro* .

– Nem pensar! Quero você usando um vestido de noiva perfeito no dia do nosso casamento, e irritar mais o seu pai não me anima nenhuma. – Ele ri.

– Vou telefonar para a minha mãe e pedir para que ela e o papai nos encontrem daqui a pouco lá em casa. Chegando lá, preparo alguma coisa para jantarmos e poderemos conversar e nos entender.

– Ótima ideia, menos a parte de você preparar o jantar. Peça para a Patrícia telefonar para algum restaurante e encomendar uma boa comida. Soube que trabalhou muito hoje, nada de trabalho extra para você.

– A Patrícia lhe conta tudo mesmo? Acho que terei que demiti-la. – Digo brincando.

– Claro que não. Telefonei para cá quando cheguei ao aeroporto e soube que

você ficaria por aqui até mais tarde, fácil presumir que está compensando os dias que ficou fora. – *Ele nem imagina que a agenda cheia foi usada como método de fuga.*

Telefone para a minha mãe e combino o jantar. A Patrícia encomenda comida italiana no restaurante preferido do meu pai, e o Marco e eu nos dirigimos rapidamente para o meu apartamento.

O Marco está saudoso, mas a vontade dele de me levar para a cama é logo subjugada pelo pouco tempo que temos para organizar tudo antes da chegada dos meus pais.

O interfone toca. A pontualidade dos meus pais é impressionante. Peço para o Marco atender enquanto troco de roupa.

Logo começo a ouvir vozes alteradas, uma espécie de discussão. Chego à sala e encontro a porta aberta, e o Marco e o Thomas partindo para as vias de fato.

– O que é que vocês estão fazendo? – Grito interrompendo-os.

– Estou mostrando ao seu ex-namorado que ele não é mais bem-vindo aqui.

– O Marco responde nervoso.

– Marco, você é um oportunista da pior espécie, não vou permitir que engane a Eva. – Thomas esbraveja e dá um soco no rosto do Marco, que reage e devolve o soco.

Rapidamente eles se engalfinham, os dois são grandes e não conseguem se derrubar. Thomas segura o Marco pelo colarinho da camisa, creio eu para fazer a alavanca, só que o Marco mais uma vez reage e segura o Thomas pelo colarinho também.

– Vocês estão sendo ridículos, parecem dois meninos disputando uma figurinha. Thomas, deixe o Marco em paz e vá embora. Marco, solte o Thomas e entre! – Falo sobressaltada, mas nenhum deles me atende. Começam a tentar se derrubar, e acho que assistirei a uma luta de MMA.

A porta do elevador abre, a minha mãe sai e se depara com a cena. Ela fica nitidamente consternada, mas a presença de espírito dela é muito oportuna.

– Meninos, podem parar com isso! – Ela grita. – Agora!

Tanto o Marco quanto o Thomas, apesar de estarem ocupados com as suas demonstrações de força, param imediatamente, mas não se largam e observam atônitos a minha mãe.

– Thomas, apesar de sempre adorar encontrá-lo, acredito que você não

foi convidado para estar aqui hoje. Estou certa? – A minha mãe pergunta educadamente.

– Está. – Thomas diz envergonhado.

– Marco, que bom revê-lo. Por favor, entre e ajude a Eva a me receber, porque o Thomas está de saída. – Ela diz em seguida.

– Onde está o Guido? – Thomas pergunta, soltando e se afastando do Marco que age exatamente da mesma forma.

– Está em casa se recuperando de um mal-estar. – A minha mãe responde muito séria.

– Estou entendendo. O Guido deve ser contra toda essa maluquice de casamento. Eu o conheço, nenhum mal-estar o impediria de visitar a filha e o noivinho dela. – Thomas é sarcástico.

– Thomas, nós já nos dissemos tudo o que precisava ser dito. – Falo com o coração partido, e não sei se me aborreço mais por ele ou pelo Marco.

O olhar do Thomas é de dor e agonia e essa dor me atinge. Sofro porque ele sofre, sofro por não querer fazer o Marco sofrer, e essa situação faz com que eu sinta vontade de desaparecer do mapa, e, para piorar o que já está péssimo, a minha cabeça começar a latejar.

– Eva, você não ama o Marco, e por mais que esse casamento seja uma crueldade comigo, é uma crueldade maior ainda com ele. Sei que nunca conseguirá amá-lo como me ama. – Thomas infere.

– Não preciso da sua preocupação nem acredito no seu prognóstico. Não procure mais a minha noiva! – O Marco se irrita, e temo que a briga recomece .

– Ela pode ser a sua noiva agora, mas nunca deixará de ser a minha mulher. Enquanto eu sentir que a Eva me ama, lutarei por ela. Não se esqueça disso, Marco. – Thomas dá um passo para frente, e a minha mãe se coloca entre os dois.

– Marco, entre. Thomas, vá embora. – A minha mãe ordena.

Entro no meu apartamento sem olhar para nenhum dos três. Vou para o quarto e me sento na cama, no escuro. Sinto raiva de mim e do Thomas, da situação que criamos, e da incapacidade que tivemos de dominar os nossos temperamentos. Sinto tristeza pelo Marco, pela promessa de amor e felicidade que ele vê no nosso casamento e que não sei se poderei cumprir.

– Princesa, desculpa. Não deveria ter deixado o Thomas subir. Só queria que

ele soubesse que estamos juntos e que não tem mais o direito de procurá-la. – O Marco fala com tanta gentileza que me sinto tocada.

– Tudo bem, só que eu já tinha dito para o Thomas que estamos de casamento marcado, não sei o que ele veio fazer aqui, não dei esperanças a ele. – Explico.

– Percebi o desespero dele. O Thomas sabe que perdeu você e está enlouquecido. Agora, princesa, necessito do seu carinho. Por favor, coloque gelo nos meus lábios, estão ardendo muito. – Ele é sempre tão terno que me comove.

– Vamos, a minha mãe deve estar preocupada.

– Ela ainda está lá fora conversando com o Thomas.

– Ah, tá. Deixe-me tratar desse ferimento. – Levanto, dou a mão para o Marco e seguimos para a cozinha.

Quase vinte minutos depois, a minha mãe entra na cozinha como se nada tivesse acontecido e me oferece ajuda para colocar a mesa. Logo depois, a entrega do restaurante chega e arrumo a comida nas travessas.

O Marco espera no sofá colocando o saco de gelo na boca. O constrangimento que sinto é tanto que quase não falo nada, e a minha mãe me observa como se conseguisse me enxergar por dentro.

Jantamos, conversamos e ninguém toca no episódio da briga, o casamento é o foco. A minha mãe tem o dom de tornar simples o que é complicado e faz a ausência do meu pai, que sei que é por birra, não ser sentida pelo Marco como retaliação.

Concordamos com as ideias da minha mãe, na verdade finjo prestar atenção sem nem saber direito em quê. O meu maior incômodo está na maneira sutil como ela nos avalia, quase posso ouvir as indagações que está fazendo na sua cabecinha esperta e temo que perceba o meu desassossego.

Quando a minha mãe se despede fico mais aliviada, e pressinto que, depois do que aconteceu esta noite, ela tem elementos de sobra para me confrontar.

– Você não me parece nada bem. – O Marco me observa.

– Estou cansada, Thomas, muito cansada.

– Marco. Sou o Marco, o seu noivo. M A R C O. – Fala irritadíssimo, até soletra para mim .

– Desculpa, Marco, meu noivo. Estou estressada, só isso. – *Que mancada ...*

– Quer que a ajude a relaxar? – Ainda parece um pouco irritado.

– Massagem nos pés? – Pergunto na maior cara de pau, tentando desviá-lo

das intenções que sei que tem .

– Só isso será suficiente? – Parece decepcionado.

– Se eu disser que sim, você entenderá?

– Massagem nos pés da minha princesa, vamos lá. – Ele ri e sinto remorso, queria poder retribuir o seu carinho e boa vontade.

O Marco dorme ao meu lado na cama, eu não durmo. A saudade do Thomas é muito grande e a culpa por não conseguir esquecê-lo é ainda maior.

Observo a claridade entrar pela fresta da cortina, que não foi devidamente fechada. O dia chega lentamente e me preparo para encarar a batalha de viver mais uma vez entorpecida. Cheguei a acreditar que o carinho do Marco pudesse ser suficiente para apaziguar a minha alma e, embora seja muito confortante ser tão bem cuidada, sei que a força dos sentimentos que sufoco acabará por nos sufocar também.

Se me fosse concedida a realização de um único pedido, neste exato momento desejaria poder amar o Marco. Este desejo não é oriundo do meu egoísmo e sim da quase certeza que tenho de que o remorso que sentirei se não puder ser a esposa que ele deseja, será tão dilacerante quanto a dor que estou sentindo por ter que esquecer definitivamente o Thomas.

Pego o meu celular para ver a hora, cinco horas da manhã, e me deparo com uma mensagem do Thomas.

“Só agora vi o seu e-mail. Por favor, veja o que lhe enviei.”

Levanto-me da cama devagar, o sono do Marco é pesado.

Entro no escritório e fecho a porta, ligo o computador, abro a minha caixa de e-mails e imediatamente encontro o do Thomas: “Resposta para Eva”.

Ele também fez uma montagem com as nossas fotos.

As fotografias vão abrindo uma após a outra, a música de fundo é *Volta*, do compositor Lupicínio Rodrigues, e tão antiga que só conheço porque a minha avó gostava muito de cantá-la. Está sendo interpretada, com toda certeza, pelo Thomas, voz e violão e me admiro que ele também conheça essa música cuja letra consegue descrever tão bem o sofrimento que é perder o ser amado.

As primeiras fotografias são de nós dois, lembro-me de quando as tiramos; outras são de mim, vi quando ele as tirou; mas a maioria delas nem sabia que

existia. São fotos minhas dormindo das mais diversas formas, no computador, ao telefone, deitada na rede, cozinhando e fazendo tantas outras coisas. Gosto de saber que ele me contemplava. Sinto um aperto no peito por causa das fotos e do jeito suave e bonito que ele toca violão e canta para mim, quase recitando as palavras. Fico profundamente afetada.

O meu celular vibra, recebi uma mensagem de voz, pela hora imagino de quem seja e acerto, a voz inconfundível do Thomas deixa o recado:

“Volta! Vem viver outra vez ao meu lado”.

Ouço a mensagem e vejo o e-mail diversas vezes, desligo o computador e o celular.

– Eva! – O Marco me chama.

Saio do escritório e o encontro no quarto, espreguiçando-se em cima da cama. Ele sorri quando me vê.

– Bom dia, princesa. – Cumprimenta-me com a voz alegre.

– Bom dia. Dormiu bem?

– Poderia ter dormido melhor se você tivesse me feito relaxar. Quem sabe agora não mereço um afago especial? – *Sempre esperançoso.*

– Estou péssima, me perdoa. – Digo, embaraçada.

– O regresso do Thomas está mexendo com você, não está? – A preocupação nubla os olhos do Marco .

– Estarei mentindo se disser que não, tentar esquecer quem se ama é um inferno, mas não se preocupe, o nosso casamento está a salvo. – Falo com sinceridade.

– Eva, concentre-se no nosso compromisso, pense em tudo o que poderemos fazer juntos. Somos empreendedores, a nossa união será um sucesso, sei disso. Estar com você é tudo o que mais quero e acho que sou bem capaz de conseguir despertar bons sentimentos em você.

– Estamos nisso juntos. – Sorrio.

– Você não quer mesmo ir para Brasília comigo amanhã?

– Quanto a ir para Brasília, já lhe disse que é complicado. Se a sua preocupação é o Thomas fique tranquilo porque ele não me forçará a nada. Estarei bem aqui quando você voltar. – O esforço dantesco que faço para parecer segura me exaure.

- Então, está bem, confio em você. Vamos aproveitar o dia, quer passear?
- *O Marco e a sua enorme disposição.*
- Está muito cedo ainda. Vamos para onde?
- Vamos tomar café em algum lugar agradável, andar à toa, almoçar em um bom restaurante, e mais tarde poderemos ir ao cinema. Sei lá, moça bonita, vamos inventar! – Ele ri e o seu entusiasmo me anima .
- O que estamos esperando? – Digo, e me aconchego no abraço carinhoso dele.

Passamos o dia todo andando pela cidade, o Marco nunca se cansa, tinha percebido isso quando estávamos no resort. Fazemos mil coisas, ele fica feliz em esbanjar um pouco de dinheiro, e no fim do dia voltamos para casa, exaustos.

Ele deita bem juntinho de mim na cama, acaricia os meus cabelos e me olha com paixão. Contudo, não me exige nada.

Sei que antes foi mais fácil me entregar ao Marco porque achava que o Thomas estava realmente disposto a me esquecer, mas a situação mudou e estou bem confusa. De qualquer forma, sei que não posso continuar evitando o meu futuro marido.

– Princesa, você está muito cansada? – *Lá vem ele...*

– Por quê? – *E lá vou eu com a minha tática de responder uma pergunta com outra.*

Marco levanta da cama rapidamente, pega o celular na mesa de cabeceira e fica todo concentrado procurando algo, estou curiosa. Marco ri e não tenho como não achá-lo charmoso.

– Levante-se, mulher! Venha aqui! – Ele fala e ri.

– Eu não! – Gargalho.

– Vem aqui, danadinha! Vem sentir a minha veia nordestina bem de pertinho. Vamos dançar um forró! – Continua rindo e manda um beijinho.

– Forró? Só porque você é um moreno fortalezense?

– É, vem se habituar aos gostos do seu homem!

– Ei, homem! Conheço os seus gostos, e sei que adora dançar. Contudo, você também deve saber que essa mulher aqui não sabe dançar tão bem quanto você.

– Ensinei você a dançar forró. Lembra?

– Lembro, faz tempo isso. Você passou uma noite me ensinando, mas só porque queria me levar para a cama. – Volto a gargalhar.

– Quem leva para a cama é sono. Eu queria trepar com você. – Ele fala e me olha com cara de sem-vergonha.

– E consegui!

– Consegui, mas aí você me dispensou logo depois. Justo quando eu tinha acabado de compreender que queria você muito mais do que uma noite, ou mil e uma. – Ele sorri.

– Nem comece! – Peço brincando, e torcendo seriamente para o assunto não ganhar força.

– Essa história faz parte do passado, porque agora estou prestes a conseguir o que mais desejo. Você será minha, princesa, inteirinha, de corpo e alma e para sempre. – *Só se for o corpo, porque a alma está relutante. Para ser sincera, até o corpo anda relutando.*

Ele coloca um forró para tocar no celular.

– *Forró no Escuro*, do grande Luiz Gonzaga. – Ele diz e me puxa pra junto dele, bem junto mesmo, sou literalmente encoxada.

Iniciamos a dança, ele me conduz. Estamos colados, ele roça em mim enquanto uma mão dele segura a minha, e a outra, bem firme, está estacionada um pouco acima da minha nádega. Acho o jeito dele de me levar, no ritmo da música, muito sensual. Quase nem ouço o forró, que é bonitinho, porque só consigo me sentir cada vez mais quente. O desejo está me chamando e, ele sim, estou ouvindo. Que bom, estava ficando preocupada com minha falta de interesse pelo corpo do Marco.

A música termina, mas continuamos encaixados, em pé, ofegando.

– Acho que estou precisando de um beijo. – Início o assunto, preciso que o Marco aprenda a me levar à loucura.

– Posso providenciar um ou dez agora mesmo. – O Marco se inclina e me beija suavemente. *Suavemente, ah não!*

Retribuo o beijo e tento me concentrar no homem bonito e carinhoso que está ao meu lado. E, apesar de estar excitada, é com certa dificuldade que me deixo levar. Por incrível que pareça, preciso de esforço para não deixar a excitação se esvaír com o seu toque gentil.

O Marco me deita na cama e se deita. Tira cuidadosamente a minha

camisola de seda muito comportada e beija demoradamente o meu pescoço enquanto acaricia os meus seios. Passo a mão pelos ombros dele e sinto a musculatura firme, desço a mão pela sua barriga suada até chegar ao cós da cueca boxer, enfio os dedos e encosto no pênis teso. Estou disposta a apimentar um pouco este momento. Ele segura a minha mão e gira o corpo para cima de mim, olha dentro dos meus olhos com admiração e beija a minha boca de maneira ardente. Acaricio as suas costas, serpenteio a língua em sua boca, sinto a sua ereção contra a minha virilha e inclino para frente roçando-me nela.

Ele desce a boca até a minha orelha e mordisca delicadamente cada parte dela, enfia a língua molhada dentro do meu ouvido e me arrepio por causa da gastura que isto está provocando em mim.

– Que tal se eu tirar a minha calcinha e você a sua cueca? – Sugiro tentando tornar a brincadeira mais animada.

– Calma, princesa... Estou saboreando você pedacinho por pedacinho. – Diz, e as suas palavras arrefecem o meu desejo.

– Quero que você me possua com força, com intensidade. Seja menos gentil. – Tento dar as cartas.

– Eva, quando a vejo nua, quase gozo. Quando meto em você, que é tão quente e apertada, tenho que me segurar para não gozar no mesmo instante. Quando você rebola, tenho que me controlar ainda mais para não gozar no primeiro segundo. O tempo todo me segurando, preciso ir devagar, senão não duro nadinha. Enquanto não tiver acostumado com esse pedaço de paraíso que é você, vai ser assim, precisa ter paciência.

– Pode gozar, Marco. Sei que você se recupera rápido. E satisfeito poderá me satisfazer do jeito que gosto, com mais ímpeto.

– Não sou homem de rapidinha. Quero comer você devagar e com carinho.

– Comer com carinho? – *Ah, não, só falta colocar o guardanapo no colo e usar garfo e faca.*

– Com muito carinho e cuidado, pelo menos até que eu esteja menos impressionado com esse seu jeitinho de safada que tanto me excita e que tem o poder de me descontrolar. – Ele responde sem se dar conta da minha indignação com a tal da sutileza.

Retiro as mãos das costas dele e as utilizo para tirar a calcinha. Ele suspende o corpo para facilitar a minha tarefa sem nunca deixar de beijar a minha orelha,

e acho que ficarei surda com tanta saliva no ouvido. Jogo a calcinha longe e puxo a cueca dele para baixo, ele me ajuda, e a cueca cai não sei onde. Com a ereção dele liberada, volto a roçar o meu corpo no dele e o faço gemer.

Seguro o pênis e movimento a mão para cima e para baixo tentando, quem sabe, despertar o lado leão do gatinho que está na minha cama.

Ele desce a boca até os meus seios, lambe, chupa, mordisca, cheira, tudo vagorosamente, gentilmente, e continuo esperando a tão sonhada penetração.

Desisto de masturbá-lo e começo a me masturbar. Fricciono o clitóris com os dedos, faço movimentos circulares e a minha umidade finalmente surge.

– Que coisa mais gostosa de se ver! – O Marco diz observando a tarefa que executo.

– Onde está o preservativo?

– Precisaremos mesmo dele? – Ele fica aborrecido .

– Precisaremos. Busque-o, por favor. Continuarei me aquecendo para você.

– Ele ri sem sair de cima de mim e pega o pacote na mesinha de cabeceira .
Que homem prevenido!

Ele deita de lado e veste o preservativo no seu membro rijo e tenho que reconhecer que o Marco é muito bem dotado. Equipamento de primeira, uma Ferrari que, no momento, está sendo pilotada a 40 km/h. Tento desviar o pensamento maldoso da mente e continuo me dedicando a me excitar.

– Vou foder você, princesa. De um jeito bem gostosinho. – Marco diz voltando a subir em cima de mim.

– Mal posso esperar. – Falo com sinceridade e ligeira ironia.

Marco segura a minha mão impedindo que eu continue a me tocar, lambe os meus dedos e geme, coloca o meu braço ao redor do seu pescoço, e coloco o outro também. Ele esfrega o pênis na entrada da minha vagina e me animo, vai penetrando lentamente, e a falta de lubrificação adequada torna o processo doloroso, e ainda mais lento.

– Você é muito apertada. Adoro isso. – Ele diz no meu ouvido. Suspiro, e ele geme.

– Então vamos lá, noivo! Sou do tipo de mulher “agite durante o uso”. – Advirto, e ele ri.

– Quanta impaciência, mulher! – Ri novamente.

– Quanta paciência, homem! – Reclamo, e ele ri mais uma vez não sei de quê.

Enlaço a cintura do Marco com as pernas e inclino o quadril para cima, obrigando-o a me penetrar mais profundamente. A fricção é boa, remexo embaixo dele, ele se entusiasma e, finalmente, entra e sai de mim mais rapidamente.

– Mais forte e mais fundo. – Peço.

– Uma fodida violenta, pode deixar. – Ele atende o meu pedido.

Arremete com força e mais profundamente, estou começando a gostar, contudo, ele estremece, urra e tenho o enorme pressentimento de que gozou. O Marco para, procura a minha boca e me beija.

– Não consegui resistir, você é muito gostosa, Eva, estou vendo estrelas. – Confessa assim que tira os lábios dos meus.

Ele sai de dentro de mim, tira o preservativo e amarra a ponta, coloca-o no chão, deita ao meu lado e me vira, beija o meu pescoço. Com uma mão belisca o meu mamilo e com a outra estimula o meu clitóris.

Coloco a mão sobre a dele e o ajudo a me masturbar. Acho que não conseguirei chegar lá, rebolo nos seus dedos e começo a me sentir ardida por causa da falta da maravilhosa lubrificação que, neste momento, é coisa do passado. Gemo dissimuladamente, remexo um pouco mais rápido e dou por encerrado o assunto.

Fingir orgasmo é o cúmulo da frustração!

A consternação, o cansaço, e o medo de que o Marco fique disposto novamente me fazem dormir bem rápido, mas antes me lembro do que ele me disse em Punta Cana: “A Eva pode transar com o Marco pensando no Thomas, ou pior comparando-o ao Thomas, e aí com certeza ela achará bem frustrante”. Infelizmente ele tinha razão.

– Bom dia, princesa!

– Bom dia, Marco.

– Acho que consegui colocá-la para dormir direitinho ontem.

– É. – Suspiro.

– Acordar em um domingo tendo você ao meu lado torna o dia ainda mais perfeito.

– Você quer que eu saiba que gosta muito dos domingos. Acertei? – Sorrio.

– Na verdade, adoro os finais de semana. O sábado e o domingo sempre me animam bastante, só que nada me anima mais do que estar com você. – Diz carinhosamente.

– Adoro elogios matinais.

– Sei disso. Sei também que amo você cada dia mais. – Os olhos escuros dele brilham.

Quase engasgo com a declaração, não consigo disfarçar a minha surpresa, e ele ri.

– Não faça essa cara de pânico, princesa. Calma.

– Estou apenas muito surpresa.

– Surpresa? Jura que nunca desconfiou que te amo?

– Sei que é apaixonado por mim, você me disse isso uma vez, mas...

– Sim, disse que sou apaixonado, e você até fez pouco caso. Só que lá em Punta Cana pude ter certeza de que te amo, e se você não tivesse aceitado a minha proposta, acho que agora estaria destruído.

– Nossa, Marco! Estou ficando preocupada com esta conversa. – *Só me faltava essa agora* .

– Não se preocupe com nada. Estou apenas me declarando para a minha noiva porque não estava aguentando mais guardar segredo. – Ele sorri.

– E por que estava guardando essa informação de mim se o seu amor se revelou em Punta Cana?

– Porque não queria assustá-la, e nem que se sentisse pressionada. Achei que se soubesse como me sinto, talvez não aceitasse a minha proposta de casamento. Pensei que consideraria muita responsabilidade ter que administrar o meu amor e o amor que sente por outra pessoa. – Esclarece calmamente.

– Avaliou muito bem a situação. Só que aceitei a sua proposta sem conhecer todas as variáveis envolvidas e agora terei que administrar dois grandes sentimentos. – Protesto.

– Nada disso. Pode deixar que administro o meu próprio sentimento, cuide apenas de tornar menor o grande sentimento que sente por outra pessoa. Sinceramente, gostaria que o tornasse minúsculo. – Ele sorri novamente .

– Você é um caso sério, Marco! Maluquinho!

– Maluquinho por você.

– Que horas são? A minha mãe deve estar quase chegando. – Desconverso.

- Quando estou com você nem a visita da sogra me desestimula.
- Engraçadinho! – Rio da piadinha, e ele me faz cócegas.

A minha mãe não tarda a chegar. Ela nos mostra fotos de alguns locais que selecionou para a realização do casamento, e todos parecem bons para mim. O Marco fica em dúvida, e sem muita cooperação nossa, ela resolve decidir sozinha e somente após visitá-los.

À tarde levo o Marco ao aeroporto, realmente as despedidas não o agradam. Ele me dá um monte de beijos, outros tantos abraços, faz mil recomendações e entra no portão de embarque com cara de poucos amigos. Se todas as nossas despedidas forem sempre assim, estarei perdida.

Antes de voltar para casa, resolvo visitar os meus pais que ficarão na cidade por causa dos preparativos do meu casamento.

– Olá, mamãe. – Digo sorridente.

– Que bom que veio, minha filha. O seu pai precisa falar com você. – Ela pisca para mim e sorri.

Observo um casaco dobrado em cima do aparador e sei imediatamente de quem é.

– O que o casaco do Thomas está fazendo aqui?

A minha mãe fica visivelmente constrangida e, antes que responda, o meu pai se junta a nós.

– Como está, minha filha? – Pergunta ainda um pouco formal comigo.

– Bem. Gostaria de saber como o casaco do Thomas veio parar aqui. – Insisto.

– Ele esqueceu na sexta-feira à noite quando veio conversar comigo e deixei aí para o caso de que venha buscá-lo. – O meu pai explica.

– O que vocês conversaram? – *Sinto que estou ficando irritada.*

– Sobre o seu casamento. – O meu pai responde.

– Seja mais específico. – Exijo.

– Eva, o seu pai tem o direito de falar com quem quiser sobre o que quiser. Você está sendo invasiva. – A minha mãe sai em defesa do meu pai.

– Eles falaram sobre mim, tenho o direito de saber. – Mantenho a minha posição com firmeza.

– Você só precisa saber que concordo com o seu casamento e que a levarei

ao altar. – Papai fala emocionado.

– E por que mudou de ideia? O que o Thomas tem a ver com isso? – *Estou mesmo irritada.*

– Mudei de ideia porque não consigo deixar de me preocupar com você e porque faço qualquer coisa para vê-la feliz. Se o casamento é o que quer, não me oporei mais.

– Que bom que tenha reconsiderado, papai. Mas não entendo como conversar com o Thomas o fez mudar de opinião. – Continuo insistindo.

– Conversar com o Thomas me fez entender que manter uma atitude radical diante de uma adversidade é sempre o comportamento menos indicado. – Papai diz e me abraça, olho para ele confusa.

– Eva, tudo resolvido, o seu pai e eu daremos a você o casamento que merece, será inesquecível e especial. – A minha mãe também me abraça.

Converso um pouco mais com os meus pais sobre o casamento, mas estou me sentindo muito dispersa e decido voltar para o refúgio do meu lar.

Depois que saio da casa dos meus pais, na solidão do meu apartamento, resolvo arrumar o closet e encontro a minha caixa de lembranças toda desmantelada encostada em um canto. Separo algumas fotos de momentos importantes da vida do Nicolas e as coloco em um álbum que darei de presente ao William. As cartas, as outras fotografias e os cartões, passo pela fragmentadora de papéis, e jogo tudo no lixo. Agora sei que certas lembranças devem ficar guardadas apenas no coração.

A noite cai, e fico agradecida porque consigo chegar ao fim de mais um dia. Amanhã sei que o trabalho dará conta de me entreter.

O interfone toca, e o meu coração acelera. O Thomas deve ter vindo me procurar. E mesmo sabendo que deve ser ele, resolvo atender.

– Sim.

– Dona Eva, o doutor Thomas está pedindo pra a senhora olhar pela janela do seu quarto.

– O que ele pretende fazer, Francisco?

– Dona Eva, o doutor Thomas está pedindo pra a senhora olhar pela janela do seu quarto. – Ele repete.

– Está bem!

Com passos largos e nada gentis me dirijo ao meu quarto. Abro a cortina

com força, empurro a janela sem a menor delicadeza e me deparo com uma cena inusitada lá embaixo.

Thomas está sentado em um banquinho com o violão devidamente posicionado diante dele. Atrás estão dois violinistas e um violoncelista, duas enormes caixas de som e alguns microfones compondo o quadro. Quando o Thomas me vê na janela, faz um sinal e começam a tocar, e constato que estão bem ensaiados.

A primeira música da serenata, ou melhor, do concerto, como não poderia deixar de ser é *Prelude from Cello Suite n° 1*, de Bach. Na sequência tocam *Astúrias*, de Isaac Albeniz; *Csárdás*, de Vittorio Monti; *Concierto de Aranjuez*, de Joaquín Rodrigo; e *Caprice n° 24 in A Minor*, de Paganini. Todas as músicas que conheço tão bem porque o Thomas e eu adorávamos escutá-las e tocá-las.

Ao final, Thomas se levanta e ouço muitas palmas, estava tão compenetrada que não percebi que os meus vizinhos acompanharam da janela a execução do quarteto de cordas. Ele levanta o rosto e me observa, acho que não pode ver as minhas lágrimas, bate a mão fechada no peito e depois aponta para mim, manda um beijo e, me surpreendendo ainda mais, troca o violão por uma guitarra.

– Quero que preste atenção na letra da música que eu vou tocar e cantar para você, *Here Without You*, do 3 Doors Down. Espero que saiba o quanto estou sentindo a sua falta e o quanto me dói estar longe de você. – Thomas fala, e fico completamente emocionada.

Thomas toca a guitarra e canta muito bem, e a voz dele e a letra da música me afetam profundamente. Quando termina, é novamente aplaudido. Ele olha em minha direção e quase tenho uma síncope, se vira, entrega a guitarra, pega o violão e sai carregando-o. Os outros instrumentistas ficam e guardam os microfones, caixas de som, a guitarra e os seus instrumentos.

Espero na janela, mas o Thomas não retorna, e vejo ao longe o carro dele deixando o estacionamento.

Estou emocionada e nervosa, uma ânsia revira o meu estômago e sobe pela garganta, corro para o banheiro e vomito. O meu corpo está trêmulo, e com esforço consigo me arrastar até a cama, me deito e fico observando o quarto rodar.

A noite é longa e sofrida, os pensamentos me atordoam, penso no Thomas e na serenata que me fez e choro. As tentativas dele de me reconquistar estão me abalando muito.

Tenho que ser forte. Preciso manter a mente focada porque não posso romper o compromisso com o Marco, um homem de quem gosto, que tem sido muito correto comigo e que me ama. Céus!

Detesto estar sempre chorando. Detesto estar sempre vomitando. Detesto estar tão vulnerável! Acho que ando detestando tudo ultimamente.

Durmo e acordo diversas vezes durante a noite.

O dia amanhece e me arrumo para trabalhar.

Chego ao escritório trajando um tailleur preto, sapatos de saltos médios e usando enormes óculos escuros.

– Segunda-feira difícil? – A Patrícia pergunta assim que me vê.

– Vida difícil. – Respondo tentando sorrir.

– Coloquei em cima da sua mesa um buquê de rosas colombianas vermelhas. Acredito que não são do Marco. – Ela me olha atravessado.

– São do Thomas, com certeza. – Penso em voz alta.

– Acho que o Marco não gostará nada disso. – A Patrícia pensa em voz alta também.

– Deixe o Marco em Brasília cuidando dos assuntos dele. Se você contar sobre essas rosas ele largará tudo, pegará o primeiro avião e virá para cá. Não abra a sua boquinha. Entendeu? – Sou dura com ela porque as fofocas com o Marco estão começando a me irritar de verdade.

– Entendi. – Ela diz chateada.

Entro na minha sala e vou diretamente procurar o cartão que acompanha o buquê. As rosas são mesmo do Thomas.

“Minha Eva

Estou sentindo uma saudade enorme de você. Eu te amo e vou continuar insistindo em tê-la de volta enquanto sentir que também me ama. Se um dia parar de me amar deixe que eu saiba.

Seu, todo seu, Thomas.”

O cartão quase me faz chorar, mas consigo me conter, não quero mais ficar me debulhando em lágrimas, chega. Pensando em seguir em frente no caminho

que escolhi, consigo me manter firme no propósito de não chorar. Tenho que ser forte, preciso aprender a administrar o caos que a minha vida se tornou e fraquejar só irá me fazer sofrer ainda mais.

O empenho do Thomas em me reconquistar é louvável, só que me deixa preocupada. Será que ele estaria se dedicando tanto se o Marco não estivesse na minha vida? Quem me garante que o meu pai ou a minha mãe não o fez saber do meu casamento e isso o motivou a ir me procurar com a desculpa de me devolver a gargantilha?

Uma coisa que tenho observado muito ao longo do tempo é o quanto o interesse de uma pessoa pode ser reavivado pelo simples fato de saber que aquilo que ela quer não está mais disponível.

Sei que o Thomas me ama, mas também sei que ele às vezes briga com esse sentimento, e suspeito que isso aconteça porque ele se acha menos do que mereço. Alguma coisa me diz que a autoestima dele, que deveria ser alta por tudo o que ele é, foi colocada em baixa. Pressinto que o Antonio deve ter realizado um brilhante trabalho em fazer o Thomas sentir-se insignificante quando criança, e que isso deixou marcas profundas no intrigante doutor.

O nosso amor poderia ter sido um santo remédio para curar as dores da alma, dele e minhas, mas agora esse remédio não terá mais oportunidade de fazer efeito. A vida segue e me arrasta com ela, e me deixou levar, sabendo que nem sempre aquilo que queremos é do que precisamos.

Quero o Thomas, mas preciso me sentir segura. Preciso de garantias, e ele não pode oferecê-las, não depois do modo como saiu da minha vida.

Quando me envolvi com ele, me entreguei completamente, acreditei nele, ignorei os meus medos, abri o meu coração e a minha vida e me expus. Não deixei de contar sobre o meu passado com o Nicolas por duvidar dos meus sentimentos pelo Thomas, muito pelo contrário, não contei por medo de perdê-lo.

Eu tinha prometido que não partiria o coração do Thomas e me propus a amá-lo sem receios e sem reservas, e cumpri a promessa. Quando fiz essa promessa, o Thomas me prometeu o mesmo, e disse que estava assumindo o compromisso de manter os meus sentimentos em segurança dentro do coração dele, e que os cultivaria com respeito e responsabilidade. Só que ao me deixar, ele quebrou essa promessa, e outras, explícitas e implícitas, e isso não fui capaz de digerir ou aceitar. Ninguém é obrigado a prometer nada, mas se prometer tem

que, pelo menos, se esforçar para cumprir.

Que coisa! Não deveria estar perdendo tempo lembrando as promessas que o Thomas não cumpriu quando tenho a promessa que fiz para o Marco, fresquinha e pronta, para ocupar a minha mente. Foco! Preciso manter o foco e me ocupar do meu noivo e do meu casamento.

Mergulho de cabeça no trabalho e consigo me desligar um pouco do meu drama pessoal, mas a cabeça aérea, a boca amarga, o aperto no peito e a sensação de fracasso me acompanham a manhã toda. Para dar uma elevada no meu tormento, no meio da tarde, recebo uma cartinha do Thomas e outro lindo buquê de rosas colombianas acompanhando-o.

“Minha linda Eva

Se você não está comigo, nada tem graça. O meu dia começa e termina com um lamento. Nunca mais soube o que é felicidade, a saudade não me deixa em paz. O seu rosto é tudo o que vejo, os meus olhos não se cansam de procurar os seus, a minha boca tem sede da sua e me sinto completamente perdido sem a sua mão na minha.

Chego a me odiar a cada segundo, porque não consigo me perdoar por ter deixado você. O que agrava a minha situação é que desde o primeiro instante em que a vi, pressenti que não poderia mais ver beleza sem tê-la ao alcance das vistas, que não poderia mais respirar sem sentir o seu cheiro e que não poderia mais viver sem ouvir o meu nome saindo dos seus lábios inúmeras vezes por dia.

Preciso da sua gargalhada, da sua luz, do seu corpo quente junto ao meu, da sua vida na minha, da minha vida na sua. Preciso urgentemente de você, e do que sou quanto estou contigo.

Estenda a sua mão para mim e deixe que eu me agarre nela outra vez. Por favor.

Seu, todo seu, Thomas.”

Nossa! Termino de ler e quase surto. Se a intenção era me devastar, deu certo. Esse negócio de segurar o choro é estupidamente difícil.

Ah, Thomas... Como eu queria segurar a sua mão! Como eu queria segurar outras partes também, contudo, agora não dá mais.

Capítulo VIII

Os dias passam e durante todos eles recebo um e-mail ou um SMS ou uma mensagem de voz ou alguma espécie de presente do Thomas, e não preciso dizer que estou à beira de um ataque de nervos.

O Marco também dá sinal de vida todos os dias, telefona várias vezes, ainda mais quando não consegue voltar a me encontrar conforme o planejado. Saiu de Brasília diretamente para Fortaleza porque precisou resolver alguns problemas sérios por lá e só conseguirá voltar a São Paulo na semana do casamento.

Como o Marco planejou uma lua de mel com duração de sessenta dias, será necessária uma grande preparação de nossa parte para que os nossos trabalhos não sejam prejudicados. E, antes desse nosso “idílio romântico”, teremos que deixar tudo muito bem organizado nas nossas vidas e nas nossas empresas.

Nesses sessenta dias de lua de mel, tenho esperanças de que o meu relacionamento com o Marco fique mais fortalecido, e de que eu consiga gostar dele menos como amigo e mais como marido e amante.

Os preparativos para o casamento vão de vento em popa, os meus pais estão muito animados e, como perceberam a minha falta de disposição para ajudar, resolveram fazer tudo à maneira deles.

A única coisa, relacionada ao casamento, que consegue me deixar realmente feliz é o vestido de noiva. Não me enganei, ele é lindo e fica perfeito no meu corpo. O tecido é suave e maravilhoso, e me sinto deslumbrante. Imagino a cara que o Thomas faria se me visse vestida nele. Mas não importa, acho que o Marco ficará muito orgulhoso e satisfeito também.

– Nossa, Eva, daqui a quatro dias você se casará! – A Patrícia faz questão de me lembrar.

– Verdade. Você reservou o hotel para o Marco e para a família dele?

– Reservei, ele chegará hoje. Os pais e o restante da família chegarão somente no dia do casamento, só que pela manhã. – Informa de maneira profissional.

– Ótimo. Reserve uma mesa em algum excelente restaurante para que o Marco e eu possamos jantar com os pais dele e os meus no dia seguinte ao do casamento. Tenho certeza de que no dia do casamento estarei muito ocupada e não poderei dar atenção aos meus sogros.

– Vocês viajarão em lua de mel dois dias depois da cerimônia, correto?

– Sim. Passaremos a noite de núpcias na suíte que reservou para o Marco e ficaremos hospedados lá até o dia da nossa viagem.

– Por que o Marco não ficará no seu apartamento? – A curiosidade dela está mais para bisbilhotice.

– Porque tenho medo de que o Thomas apareça e eles briguem. Entendeu agora?

– Entendi. O Thomas tem aparecido?

– Não, Patrícia. Ele tem feito todas as outras coisas que me perturbam menos do que vê-lo. Acho até que ele tem sido muito condescendente comigo. – Revelo de maneira irônica.

– Eva, se você não ama o Marco porque insiste em se casar com ele? E por que o Marco deseja esse casamento mesmo sabendo que você ainda ama o Thomas? Não compreendo. – Ela me observa indignada.

– Porque somos absolutamente sem juízo. Você já ouviu falar que quando se salta de um avião não há como voltar? É isso, saltamos do avião e agora estamos torcendo para que os nossos paraquedas abram. – Tento sorrir da minha explicação maluca.

– E você não fica com pena do Thomas? – A Patrícia pergunta e acho que ela quer mesmo vasculhar o meu íntimo.

– Se sentisse só pena seria fácil. Sinto amor, paixão, desejo, saudade e todo o restante do pacote, mas, como já disse, saltei daquele avião com o Marco e ninguém me obrigou a fazer isso. Quanto mais o casamento se aproxima maior é a sensação que tenho de que terei que usar o paraquedas reserva. – Enfio o rosto entre as mãos e suspiro.

– Não há nada que possa ser feito para que o casamento não aconteça?

– O único jeito seria o Marco se convencer de que não dará certo e desistir. Gosto dele, e ele confia em mim, não posso simplesmente mudar de ideia agora. Se não partir dele a iniciativa, o casamento será um fato. – Explico.

– Então o casamento será um fato. – A Patrícia diz com a voz triste.

– Espero não estar magoando você de alguma forma. – Falo, e ela me olha

ressabiada.

– Por que você me magoaria?

– Porque desconfio que você sente alguma coisa pelo Marco. – Percebo que ela enrubesce e fica mais séria.

– Se eu fosse você, trataria de me apressar, porque o avião do seu noivo deve estar quase chegando ao aeroporto. – Muda de assunto.

– É mesmo, estou de saída. – O meu desânimo é perceptível.

Antes de sair recebo um SMS do Thomas declarando o seu amor por mim e pedindo que eu volte para ele, e isso me deixa ainda mais nervosa.

Quando chego ao aeroporto, recebo outro SMS do Thomas, e leio rapidamente porque o Marco já está me esperando. Fico feliz em vê-lo, mas observar a animação dele me irrita um pouco.

Que paradoxo! Ele tão contente com as mudanças que acontecerão em sua vida e eu tão apavorada com as que acontecerão na minha.

– Olá, princesa. Que saudade! – O Marco me abraça e me beija apaixonadamente.

– Fez boa viagem? – Pergunto ainda presa em seu abraço.

– Excelente! – Ele diz abrindo um amplo sorriso.

– Vamos? – *Estou um pouco impaciente* .

– Quer dizer então que serei abandonado em um hotel? – Ele faz uma carinha triste.

– Conversamos a respeito, e achei que tivesse entendido. – Faço cara de má.

– Brincadeira, princesa. – Diz e sai empurrando em silêncio o carrinho de bagagens até o meu carro.

No caminho do aeroporto até o hotel o Marco me explica o itinerário da nossa longa lua de mel, e me esforço para prestar atenção, porém a quantidade de informação me confunde e em pouco tempo não sei nem do que ele está falando. A empolgação que sente o impede de reparar o meu pouco interesse e me sinto ainda mais culpada.

Chegamos ao hotel e o saltitante Marco não cabe em si de contentamento, e fico dividida entre a vontade de compartilhar dessa alegria e a de enforcá-lo por tanta alegria.

– O que achou da suíte nupcial? – Pergunto quando terminamos o nosso tour pelo quarto.

– Bem agradável. Vem aqui porque estou louco para jogá-la em cima daquela cama enorme. – Ele se aproxima e me beija.

– Depois do casamento passaremos muito tempo na horizontal, além disso, a minha mãe nos espera para jantar.

– Só que quero fazer isso agora, estou com muita saudade de você, com o tesão no máximo da escala. Estou de pau duro desde que a vi no aeroporto. Dá aqui a sua mãozinha, pegue nele, sinta o quanto ele está feliz esperando para entrar em você. – Ele segura a minha mão e a coloca sobre o enorme volume em sua calça.

Tenho que reconhecer que ele está pronto, mas retiro a mão com delicadeza e me afasto sutilmente.

– Você é gostosa demais, Eva. Sonho com você todos os dias, até acordado. Prometo, mesmo não gostando de rapidinhas, que agora serei rápido, só umazinha para aliviar o desejo e para não nos atrasarmos para o jantar com a sua mãe. Mas quando voltarmos vou comer você até amanhã de manhã, prepare-se. – Ele se aproxima novamente e começa a desabotoar a minha blusa .

– Marco, pare. Acho melhor esperarmos até que a nossa lua de mel oficialmente comece. – Detenho as mãos dele.

– O que você está dizendo? Entendi bem ou você só estará disposta a transar comigo quando for inevitável? – Ele diz, ficando irritado.

– Procure compreender que a noiva é a superstar do casamento e tem milhões de coisas com que se preocupar. Apenas peço que saiba esperar mais um pouco, porque depois que o grande dia acontecer estarei mais calma e pronta. – Tento nos convencer.

– Não me venha com conversa fiada! A última vez que transamos faz muito tempo. Você está me rejeitando. – Ele me olha furioso .

– Marco, tenha paciência, você prometeu que seria compreensivo comigo. – Lembro a ele do seu discurso.

– Sou um homem paciente, você sabe disso, o problema é que não posso suportar a sua rejeição depois do tanto que desejei estar com você novamente. E como acha que fica o meu orgulho? Por acaso a deixei pensar que não tenho amor-próprio? – A raiva está estampada no rosto dele.

– Depois do casamento, Marco, quando passar o meu nervosismo, juro que me comportarei como deseja. – Falo com seriedade.

– Se comportará como desejo? – Ele fica muito indignado.

– Desculpa, não foi isso que eu quis dizer. Só quero que entenda que a minha prioridade agora é o casamento, por favor, espere até que eu seja a sua esposa é só o que lhe peço. – Explico, sabendo que a emenda ficou pior do que o soneto .

– Não estou acreditando nisso! Só poderei tocá-la depois que você estiver conformada com o seu destino?

A calma e tranquilidade dele foram para o espaço, consegui realmente deixá-lo nervoso, então como sei que sou a culpada pela mudança de comportamento dele, me calo.

– Eva, vá se conformando porque depois da cerimônia, quando trouxer você para esta suíte, arrancarei o seu vestido de noiva e nada do que diga ou faça impedirá que o nosso casamento seja consumado. Entendeu? – Ele quase grita.

– Entendi. – Confirmo e o encaro tentando demonstrar confiança.

– Agora vamos, acompanharei você até o saguão, você irá jantar com a sua mãezinha e irei procurar o bar do hotel. Preciso de uma bebida ou de algumas. – Segura a minha mão e me arrasta para fora do quarto. Penso em protestar e desisto.

– Não beba demais, Marco. Procure dormir cedo hoje, e amanhã quando acordar vá diretamente para o meu apartamento. Nós temos que discutir ainda alguns pequenos detalhes antes da cerimônia e a minha mãe estará lá. – Digo quando saímos do elevador.

– Sim, senhora. – Ele me deixa no meio do saguão e sai sem nem olhar para trás.

– Marco, por favor, não faz assim. – Digo indo atrás dele.

– Tchau, Eva. – Fala, sem se virar e continua andando.

– Marco, volte aqui.

– Tchau, Eva. – Repete a sua fala e continua andando.

Telefone para a minha mãe, desmarco o jantar e conto o que aconteceu e, incredivelmente, ela não se aborrece e me aconselha a não me aborrecer também.

Durante o caminho que faço para chegar ao meu edifício, tento entender o porquê de não ter conseguido deixar o Marco me tocar. Os carinhos dele não me incomodam, gosto dele, sinto-me segura perto dele, mas não estou me sentindo mais disposta a transar com ele desde que o Thomas decidiu me reconquistar.

Cada vez que o Thomas dá sinal de vida me lembro do quanto era incrível estar nos braços dele e do poder que ele tem sobre o meu corpo, e qualquer coisa diferente disso me desanima. O que eu tinha com ele era sexo com amor, e sexo com amor é infinitamente melhor do que apenas sexo.

O Marco está certo, a palavra para definir o meu comportamento em relação a ele hoje é rejeição. Terei que trabalhar a minha mente para que o assunto Thomas seja guardado em algum compartimento do meu cérebro onde esteja escrito a palavra PERIGO. E tenho que aceitar definitivamente que o Marco é o homem que dormirá comigo todos os dias, porque, como ele deixou claro, as minhas obrigações de esposa não poderão ser negligenciadas.

Depois de olhar detidamente o vestido de noiva pendurado no closet, fecho a capa que o encobre, e ando quilômetros de um lado para o outro dentro do apartamento. Organizo meticulosamente uma nécessaire para a viagem e ao terminar resolvo dormir. A discussão com o Marco me entristeceu, e a saudade do Thomas está acabando comigo. Preciso tentar recuperar a minha antiga energia e me convencer a fazer o que me comprometi.

O interfone toca, e acho que um Marco bêbado e, provavelmente, arrependido deve estar querendo falar comigo. Atendo.

– Pronto.

– Dona Eva, o doutor Thomas precisa falar com a senhora. – O porteiro informa, e fico surpresa.

– Diga a ele que vá embora. – Tento ser forte.

– Ele não parece nada bem, e está dizendo aqui que precisa da sua ajuda.

– O que ele tem? – O meu coração quase sai pela boca.

– Não sei. Ele não parece nada bem, e está dizendo aqui que precisa da sua ajuda.

Esse porteiro sempre faz isso, nunca explica, só fica repetindo a mesma coisa.

– Deixe-o subir. – Decido angustiada.

Quando o Thomas chegar, mentirei. Direi a ele que não o amo mais, e farei isso porque pretendo deixá-lo livre para investir em outra pessoa. A minha vida seguirá outro percurso agora, e não posso ser egoísta mantendo-o preso a mim.

Espero pelo Thomas fora do apartamento, e ele surge do elevador com o rosto vermelho, o olhar perdido e os passos lentos. A primeira impressão que

tenho é de que está bêbado.

– Estou com muita febre, Eva. Cuide de mim, por favor. – A voz dele está quase inaudível.

– O que aconteceu? – A preocupação toma conta de mim.

– O de sempre, febre emocional. – E constato, ao tocar na testa dele, que arde em febre.

– Venha. – Entramos, e o conduzo diretamente para o quarto de hóspedes e o deito na cama.

Dou a ele um antitérmico e um copo de água. Meia hora depois a febre começa a ceder, e peço que tome um banho quase frio, e ele me atende.

Thomas sai do banheiro apenas vestido na calça jeans justa, que é a minha favorita, e com uma toalha pendurada no pescoço. E hiperventilo.

Consigo que ele beba um copo de leite morno e se deite novamente. Ele dorme, e o admiro. O seu corpo seminu me faz ter pensamentos nada decentes, tudo nele me atrai e me sinto culpada por desejar demais esse homem enquanto rejeito o outro que é o meu noivo.

– Obrigado, Eva. Acho que a febre passou. – Ele diz com os olhos fechados.

– Passou sim, e gostaria de deixá-lo descansar mais um pouco, só que não posso correr o risco de que o Marco o encontre aqui. – Não falo isso para magoá-lo, contudo, sinto-me na obrigação de informar a razão pela qual não poderá ficar.

– O Marco não virá aqui por agora. – Abre os belíssimos olhos verdes que me atordoam.

– Como você pode ter certeza disso?

– Porque antes de vir para cá, passei no hotel em que ele está hospedado e o vi entrando no quarto. Pelo que observei, acredito que não procurará por você hoje, até desisti de tentar conversar com ele. – Thomas fala, e acho que não está me contando tudo.

– E o que você viu exatamente? – Agora estou intrigada.

– Que ele não está em condições de deixar o quarto tão cedo. – Ainda não explica .

– Bebeu demais? – Arrisco um palpite.

– Isso, minha linda. Poderei ficar mais um pouco. – Thomas sorri, e sinto o chão sair de debaixo dos meus pés.

– Como você sabe onde ele está hospedado?

– Tenho como conseguir as informações que me interessam. – Sorri e não revela o seu método.

– O que você queria falar com ele? – O meu interrogatório ainda não terminou.

– Queria que ele me ouvisse e desistisse de você. – Abaixa o olhar.

– O Marco não o atenderá. – Exponho a minha convicção.

– A essa altura o Marco deve estar compreendendo o tamanho do problema que arrumou. – Fala pensativo.

– Ele também é um homem persistente, quase obstinado. – Sorrio sem graça.

– Sabe o que esse Marco é? Um dissimulado! – A raiva com que ele diz isso me aflige.

– Podemos mudar de assunto? – Pergunto.

– Deite aqui comigo, Eva, por favor. – O olhar cheio de desejo que me dá, me atíça e tenho que me afastar.

– Você sabe que não posso. Fique até se sentir melhor, mas peço que saia antes que eu tenha problemas. – Quase corro em direção ao meu quarto.

Ouçoo os passos do Thomas atrás de mim, ele me alcança, segura o meu braço e me aproxima dele. Não consigo e descubro que não quero resistir. O meu corpo responde ao chamado do dele, nós nos beijamos ardentemente, e fico completamente molhada.

Thomas me conduz até a cama, tira a minha roupa, e observo hipnotizada a maneira ágil com que tira e atira a calça dele para longe.

– Você é capaz de imaginar a vontade que estou sentindo de estar dentro de você? – Corre os dedos pelos meus lábios, e o meu corpo todo é só desejo.

– Então vem, quero você.

Seguro a mão do Thomas e a coloco sobre o meu seio, e ele o acaricia. Ergo o rosto, e a boca gostosa dele encontra a minha. As nossas línguas se enroscam enquanto os seus dedos ágeis circundam o meu mamilo.

– Quero você desesperadamente. – Sussurra.

Ele coloca a boca molhada em meu mamilo e o suga. A sensação é deliciosa, e sinto a excitação e a luxúria prepararem o meu corpo para recebê-lo.

– Por favor, Thomas, preciso de você dentro de mim.

Afasto os joelhos e arranho as suas costas. Ele geme, retira a boca do meu seio e vai para o outro, começa a lambê-lo e a mordiscá-lo, e o meu corpo inflama.

– Não me faça implorar .

Direciono a mão dele até a minha vagina, ele me toca e sente o quanto estou molhada.

– Quero bebê-la.

Ele se inclina, mas o impeço. Estou latejando .

– Dentro de mim, com força, e bem fundo! – Falo, e vejo o seu olhar selvagem.

Ele se detém e a movimentação do seu corpo me faz pressentir que serei tomada com paixão e isso quase me descontrola.

Thomas me vira de lado e se posiciona atrás de mim, o contato da pele dele com a minha é mágico. Ele beija a minha nunca enquanto roça o pênis nas minhas nádegas, arrepio, e uma espécie de descarga elétrica me percorre por inteiro.

– Deixe um homem de verdade cuidar de você, minha linda. – Sussurra em meu ouvido, me penetra com força, e gemo.

– Senti muita saudade. – Digo me deliciando com o seu ímpeto.

– Eu te amo, Eva. Você não sabe o quanto estou saudoso do seu corpo, do seu cheiro e do seu gosto. – Fala entrando e saindo vigorosamente de mim. – Sinto falta dos seus cuidados, dos seus carinhos, e do seu sorriso. Sinto falta de cuidar de você e do homem que sou quando estou ao seu lado. E sinto ódio de quem quer tomá-la de mim.

– Você é o único homem que me tem completamente. – Declaro.

Ele massageia o meu clitóris, e a minha pelve se movimenta no mesmo ritmo, a sensação é incrível.

– Mais rápido e mais forte. – Peço, e ele urra .

Ele intensifica a massagem e o movimento de entrada e saída. O meu corpo arqueia, e fico ainda mais molhada, se é que isso é possível.

– Você é deliciosa, minha linda, foi feita para mim, os nossos corpos encaixam perfeitamente.

Ele arremete profundamente, e grito, estou pulsando. Pequenos espasmos me acometem e fico ainda mais excitada.

– Você é maravilhoso, meu amor, me faça gozar!

Thomas obedece e me estoca com mais força, cada vez mais rápido e mais fundo, e sinto como se o meu corpo fosse um violão na mão de um virtuose.

Nem sei mais onde acaba a Eva e onde começa o Thomas. Os nossos corpos estão fundidos, e não consigo conter os meus gritos e gemidos. Esse

homem tem pegada, me faz arder e me enlouquece. Amo a força com que me possuí e o jeito que me deixa sempre tão absurdamente molhada.

– Quero ouvir o meu nome! – Pede se movendo rápido, a tensão aumenta, e o desejo me consome.

– Thomas! – Gemo o seu nome. – Thomas! – Grito para que saiba que só ele me faz sentir tanto prazer.

– Que gostoso. – Diz quase sussurrando.

Ele estremece, e a sua respiração acelera, estou pegando fogo, gozo uma e outra vez, e é divino. Cada terminação nervosa do meu corpo pulsa de prazer, flutua e no meu arrebatamento alcanço outra dimensão. O quarto parece o céu de Copacabana em noite de festa de réveillon.

– Eva! – Thomas grita o meu nome e se entrega ao êxtase, treme e o sinto vibrar e se desmanchar dentro de mim em um orgasmo violento.

Ficamos abraçados e encaixados, sei que não temos coragem de nos separar. Todo o nosso universo particular de sons, cheiros e sensações me emociona, e as lágrimas molham a minha face.

– Obrigada pelas fotografias, pela canção, pela serenata, pelas mensagens, pelos telefonemas, pelas inúmeras rosas, pelos presentes e pelo prazer indescritível que acaba de me proporcionar. – Listo tudo o que ele tem me ofertado.

– Quero demonstrar o quanto te amo, o quanto estou arrependido por tentado uma queda de braço com os seus sentimentos e o quanto estou disposto a lutar para ter você de volta. – Ele rola por cima de mim, e ficamos frente a frente, nos encaramos, e o olhar dele se perde no meu.

– Perdoe-me, Thomas. Agi de maneira irresponsável quando aceitei me casar com o Marco, nunca deveria ter tomado uma decisão tão importante tendo como conselheiras a dor e a mágoa. – Digo sinceramente.

– Volte atrás, desista. – Diz, e me analisa.

– Se eu pudesse largaria tudo e iria embora com você, mas agora é tarde. No momento em que disse sim ao Marco, coloquei-o na minha vida, e permiti que ele se iludisse e me iludi também porque achei que, não tendo você, conseguiria refazer a minha vida com ele. – Choro pela culpa e pelo remorso.

– Então volto, e você percebe que nada se compara à felicidade que sentimos quando estamos juntos. Redescobre que a nossa afinidade e

cumplicidade são únicas e especiais, mas, apesar de tudo isso, você, motivada por sentimentos misteriosos, prefere se comportar como a Lourdes e me abandonar porque, aparentemente, sou mais forte que o Marco e tenho mais chances de sobreviver sem o seu amor. – Ele me castiga com a sua análise, e percebo dor e tristeza em seu olhar.

– Quando aceitei o Marco achava que você não era mais uma opção, porém, de certa forma, agi como a Lourdes quando permiti que outros sentimentos, diferentes do amor, me influenciassem a aceitar a proposta dele. – Não consigo conter o choro.

– Reconhecer o erro e tentar corrigi-lo é tão nobre quanto nunca errar. A Lourdes ou a Lucia poderiam ter voltado atrás em qualquer momento da nossa saga e não o fizeram, e isso causou o sofrimento de muitas pessoas. – Fala com pesar, e não consigo dizer nada. – Aconselho você a não deixar escapar qualquer oportunidade de corrigir o seu erro e posso garantir que estou tentando, de todas as formas, corrigir o meu. – Ele diz e chora também.

Abraço o Thomas e enterro o meu rosto em seu pescoço, ficamos muito tempo assim e nos acalmamos lentamente. Adoro sentir o cheiro desse homem, um perfume que me faz lembrar tantas coisas boas e que desperta em mim inúmeras sensações. Ele percorre as minhas costas com as pontas dos dedos, arrepio e me aconchego mais. Aninhada ao corpo dele, mais magro e musculoso, sinto a sua ereção. Ele está novamente disposto, e fico excitada.

Sento sobre ele com as pernas abertas, e nos encaramos demoradamente. Levanto os quadris, seguro o seu pênis ereto e o introduzo em mim, escorrego, ele está todo dentro, e eu completamente molhada.

Thomas segura a minha cintura, inclino um pouco para frente e coloco as mãos em seu peito, ele me ajuda a subir e a descer e, toda vez que desço, vou até embaixo para permitir o seu toque profundo.

Não desviamos os nossos olhares, e a intensidade do olhar dele me assanha. A expressão no rosto dele é sensual e acho que está ainda mais bonito. A ferocidade com que subo e desço sob seu controle, e a energia com que as suas mãos apertam a minha carne, me fazem perder o contato com a realidade.

– Sou louca por você! – Declaro, e ele sorri maliciosamente, aumenta o ritmo e geme, arrepio e serpenteio sobre ele.

– Não me castigue, Eva! Não posso aguentar!

A voz rouca dele ecoa em meus ouvidos, ele me desce e vai tão fundo que toca o meu útero, inclino o quadril levemente para frente, a fricção aumenta, e grito.

– Isso é lindo, minha amada! Vai, Eva! Goza para mim que irei com você!
– Ele diz, e geme alto.

Thomas me aperta mais forte, as minhas pernas tremem e ele urra. Quando ele estremece, arqueia e grita, gemo alto e gozo, e no meu enlevo vejo novamente milhões de pontos de luz iluminarem o quarto.

Acordo, sobressaltada. O relógio marca seis horas da manhã. Thomas e eu estamos enroscados, a minha pele aderida na dele, observo o seu sono pesado, o seu semblante tranquilo, e me lembro do tempo em que um dos meus maiores prazeres era acordar ao lado desse homem lindo.

A realidade me acossa e resolvo me levantar. Entro no banheiro, tranco a porta, visto o roupão e faço todo o meu ritual matinal. Saio e dou de cara com o Thomas. Ele está nu, os seus cabelos estão desalinhados, e os seus olhos me examinam com volúpia.

Thomas me empurra novamente para dentro do banheiro, tranca a porta e abre o chuveiro, tiro o roupão e fico observando-o vasculhar as gavetas do armário debaixo da pia, entro embaixo da água tépida e relaxo.

– Bom dia. – A minha voz sai mais sensual do que pretendia.

– Será melhor daqui a pouco. – Diz e sorri ao encontrar o que procura.

– O que é isso? – Pergunto curiosa.

– Um presentinho que comprei, antes, para nós. – Responde sorrindo.

Observa-me detidamente enquanto lavo os cabelos, e a maravilhosa ereção dele me incendeia.

– Defina o presentinho. – *Estou muito interessada* .

– É um gel dessensibilizante. – O sorriso perfeito dele, como sempre, me faz perder o rumo.

– Então aquela sua fixação continua. – Sorrio e analiso, detidamente, de cima a baixo, o corpo nu dele. Ele ri alto, e sei que nota o interesse em meu olhar.

– Ideia fixa total. Sonho com isso, minha linda, e acordo melado. Você me proporciona prazer até quando não está comigo. – Ele ri novamente. – Então vire e me permita admirar o meu objeto de desejo. – A voz sensual do Thomas me deixa ainda mais úmida.

Como adoro provocá-lo, viro de costas, coloco as mãos na parede, arrebita

as nádegas e rebolo fingindo estar me ajeitando.

– Minha nossa! Adoro a sua bunda!

Rapidamente ele se coloca atrás de mim, beija as minhas costas, lambe a minha coluna do pescoço até a base e isso me enlouquece.

– Seja bonzinho comigo, doutor. – Peça baixinho.

– Você tem merecido sofrer, sua levada. Não sei se conseguirei ser muito bonzinho. – Estala um tapa na minha nádega e, em resposta, afasto as pernas e me arrebito ainda mais.

– Veremos o que consigo suportar. – Olho de relance para trás e os nossos olhares se encontram, o ardor que vejo me incita e o meu desejo é urgente.

Thomas separa as minhas nádegas e me besunta com o gel, faz uma massagem deliciosa e não consigo ficar parada, remexo e gemo. Ele força a entrada do seu dedo lentamente e, quando consegue inseri-lo, sinto o prazer se mesclar a uma ligeira e deliciosa dor e gemo alto.

– O gel começará a fazer efeito dentro de um minuto. – Ele diz de um jeito malicioso enquanto rebolo em seu dedo.

Outra palmada estala na minha nádega e, dessa vez, inundo. Sinto o meu líquido escorrer por dentro das minhas coxas, arqueio e recebo uma palmada ainda mais forte .

– Acho que deve me penetrar de verdade antes que o gel comece a fazer efeito. Você não quer me castigar? O que está esperando? – Provoco, e ele gargalha.

– Esta é a minha mulher! – Diz, e substitui o dedo pelo pênis.

Thomas força a entrada da sua glândula e me faz sentir mais dor e prazer. Grito pela expectativa da dor, pela dor em si, e pelo prazer que a dor gostosa e pungente me proporciona.

Ele força ainda mais, quer me preencher, e isso me estimula ao mesmo tempo em que também deixa apreensiva.

– Ai! – Protesto.

– Você é uma menina má, merece o castigo. – Diz com a voz rouca e sensual.

Ele se afunda mais um pouco e a dor, em vez de aumentar, ameniza. O gel começou a funcionar.

– Castigo? Isto para mim é prêmio! – Gargalho baixinho.

Com a dor amenizada, forço as nádegas para trás e, cuidadosamente, vou

me aproximando da virilha do meu sexy doutor, surpreendendo-o e excitando-o até o ponto de fazê-lo arfar, urrar e estremecer, tudo ao mesmo tempo .

– Masturbe-se para mim, minha linda. – Ele pede, e tiro uma mão da parede e atendo o seu pedido.

Deslizo a mão pelo meu púbis, acaricio a vulva e massajeio o clitóris gentilmente. Gemo pelo duplo prazer que sinto, e escorrego dois dedos para dentro de mim enquanto ele segura as minhas ancas e me movimenta para frente e para trás.

– Adoro isso, doutora. Adoro! – Ele geme alto.

Cada estocada me enlouquece e me faz gemer, e os meus dedos se movimentam freneticamente. Ele diminui a intensidade do movimento, se acalma, sai quase totalmente de mim e depois entra vagarosamente, e vou ao delírio. Urro e me estímulo ainda mais com os dedos, latejo, vibro, tremo e me perco em meio a tantas sensações.

– Goza! Goza comigo! – Grito.

Thomas começa a estocar com força, ouço os seus gemidos, fico ainda mais excitada e molhada. O meu orgasmo é explosivo, ele berra o meu nome e goza. O sêmen quente me inunda, ele estremece um pouco e continua o movimento para frente e para trás, só que mais lentamente.

– Céus! – Exclamo e coloco a mão de volta na parede e me apoio.

Tento recuperar o fôlego enquanto o meu corpo todo pulsa. Thomas se detém, sai de dentro de mim e se inclina para frente, a sua cabeça encosta nas minhas costas e os seus dedos habilidosos principiam a explorar o meu clitóris. Estremeço, uma nova onda de prazer me invade, remexo e não suporto quase nada, imploro para que não pare e gozo outra vez enquanto esse homem viril e maravilhoso me estimula.

– Você é, total e completamente, minha, nunca se esqueça disso. – Diz com a voz ainda mais rouca e grave.

Ele me puxa para debaixo do chuveiro que, só agora me dou conta, ainda está ligado e nos abraçamos.

– Nunca me esquecerei, jamais conseguiria. – Afirmo, e as minhas lágrimas se mesclam aos jatos de água.

Thomas ensaboa cuidadosamente cada milímetro do meu corpo e me lava com total delicadeza. Retribuo o seu carinho e o ensaboo também. Passar a

esponja pela pele dele me emociona e ver como os seus espetaculares olhos verdes capturam os meus movimentos me faz quase parar de respirar.

Quando saímos do banheiro, são quase nove horas da manhã, e vê-lo vestir-se para ir embora me dá um nó na garganta. O meu estômago dói e sei que as minhas forças serão novamente postas a prova.

– Não quero ir. – O sorriso tímido dele mexe ainda mais comigo e soffro.

– Não quero que vá, mas preciso que vá. – Descontrolo-me e caio em pranto.

– Calma, minha linda, respira, se preciso ir, irei. – Thomas me afaga gentilmente. – Só necessito continuar sabendo que me ama. – Enxuga as minhas lágrimas com as costas da mão.

– Isso é fácil, enquanto eu respirar continuarei amando você. – Soluço e coloco o rosto entre as mãos.

– Que bom ouvir você dizendo isso, agora estou em paz. – Ele me encara, e acho que está enxergando a minha alma.

– Acontece, Thomas, que não posso permitir que fique preso a mim, e não poderei suportar a dor de estar com outra pessoa se ainda não tivermos dado um basta na nossa história. Você também precisa seguir com a sua vida e encontrar alguém para entregar o seu amor. – Choro copiosamente.

– O meu amor foi entregue a você, você é o meu amor. Na verdade você é a minha vida e não tem o direito de me pedir para fazer algo que sei que é completamente impossível. Sem a Eva, o Thomas não é nada.

– Desculpa... Thomas, mas não quero ser uma esposa infiel, não posso fazer isso.

– Jamais pediria isso a você. – Ele diz de um jeito sério.

– Por favor, Thomas, considere os momentos que acabamos de passar como a nossa despedida.

– Quero pedir a você que volte a usar a gargantilha que lhe dei, porque assim saberei que pensa em mim. – Ele levanta o meu queixo e me beija delicadamente, e até o seu beijo terno me faz sentir um frio na barriga.

– Você ouviu o que eu disse?

– Minha linda, estou apenas pedindo que me deixe saber que me ama, porque sei que enquanto me amar poderei continuar tendo esperança, e assim ficará um pouco mais fácil suportar a dor.

Busco a gargantilha e a entrego nas mãos dele, viro de costas e suspendo os

cabelos, ele a coloca no meu pescoço, e seguro o coração de diamante entre os dedos.

– Algo me diz que esta gargantilha nunca mais sairá daqui. – Passo a mão pelo pescoço, me viro e o abraço.

– Até logo, mulher da minha vida, minha amada, minha Eva. Eu te amo e quero que se lembre de que toda estrada tem sempre um retorno e, ainda que ele esteja a quilômetros de onde achamos que deveria estar, ele aparecerá. – Thomas diz visivelmente abalado.

– Adeus, doutor. – Digo muito emocionada.

A nossa despedida é triste e deixa um gosto ácido na minha boca. Para não perder o hábito, quando ele sai, corro para o banheiro e vomito. Sei que essa é uma reação emocional que só tem acontecido porque tenho vivido sob muita tensão, porém, continuo detestando toda essa vulnerabilidade. Vomitar nunca é agradável e tão constantemente é pior ainda.

Capítulo IX

Tomo um café forte e sem açúcar e termino de me vestir. Mal deito no sofá para tentar relaxar um pouco e pensar no que fazer, e o interfone toca. São quase onze horas da manhã, provavelmente, deve ser o Marco. Acerto. Deixo-o subir e tento me acalmar para recebê-lo.

– Bom dia, princesa. – Diz com os olhos fixos em mim.

Está de ressaca ou muito arrependido, porque o olhar dele está transbordando de amor.

– Bom dia. Tudo bem?

O Marco, pegando-me de surpresa, me abraça forte e apertado, quase me sufoca, e gentilmente o afastou.

– Desculpa por ontem, princesa. Agi feito um idiota e peço que não fique brava comigo. – Segura as minhas mãos e me olha, desvio o olhar e o conduzo até a poltrona.

Ele me puxa e me beija levemente nos lábios, correspondo meio sem jeito e me afastou novamente.

– Precisamos conversar. – *Acho que o meu semblante sério o assusta.*

– Eva, desculpa... Saberei esperar até que esteja pronta, prometo que lhe darei o tempo que precisar. Disse antes que entenderia os seus sentimentos e não recuarei. – Fala carinhosamente, e noto que parece apreensivo e preocupado.

O Marco chega mais perto da pontinha da poltrona, acho que está tentando se aproximar, e me sento no outro extremo da sala.

– Aconteceu algo imperdoável, preciso que saiba. Não mentirei para você, só peço que tente se controlar. – Respiro fundo e me preparo para a confissão.

– Que droga, Eva! Você está me assustando, fala logo que diabo aconteceu. – Reclama apreensivo. *Ele nem imagina o que estou prestes a revelar .*

– Ontem, o Thomas veio aqui. – Falo e percebo que o Marco passa de preocupado a zangado. – Ele estava com febre e o ajudei, cuidei dele como já tinha feito outras vezes e consegui que melhorasse. – Começo o meu relato pela parte menos relevante.

– Agora você é médica? Que porra é essa, Eva? – Cerra os punhos e começa a respirar mais forte.

– Acalme-se, por favor, preciso que me ouça. – Peço tentando permanecer tranquila.

Marco desliza e encosta-se à poltrona, segura a almofada furiosamente e me encara.

– Ficarei em silêncio absoluto desde que faça o seu relato por completo e sem firulas, por favor. – Ele realmente se cala e me observa.

– Acabamos dormindo juntos. Não foi nada premeditado, nunca tive a intenção de magoar você, mas aconteceu e não me sinto culpada. Amo aquele homem, Marco, nunca escondi isso, por favor, tente ser razoável. Agora deixo você escolher como agiremos diante disso. – *Talvez essa seja a minha chance de chegar àquele retorno do qual o Thomas falou.*

– Dormir juntos é um eufemismo para trepar? – Pergunta com a voz carregada de raiva.

– É. – *O que mais eu poderia responder?*

– Cacete! Você não trepa com o seu noivo, mas trepa com o ex-namorado? Isso foi proposital, só pode! – Soca a almofada com tanta força que me preocupo.

– Não fiz de propósito, aconteceu. – *Sou sincera.*

– O Thomas é que agiu premeditadamente. Ele veio até aqui sabendo que você não resistiria aos seus encantos, e a seduziu na tentativa de que eu os flagrasse e acabasse com o casamento. – Dá mais socos na pobre almofada.

– A sua teoria tem um furo, porque o Thomas tinha certeza absoluta de que você não apareceria. – Falo ainda intrigada com a convicção que o Thomas demonstrou.

– Agora o cara também é vidente? – Exalando sarcasmo, ele soca o braço da poltrona dessa vez.

– Não. Ele disse que o procurou no seu hotel, que foi até o seu quarto e viu quando entrou e, de acordo com a avaliação dele, você não estaria em condições de me procurar por um bom tempo. – Explico e me detenho examinando a mudança de comportamento do Marco, que de muito nervoso se transforma em totalmente constrangido.

– O que, precisamente, ele lhe contou? – A pergunta dele me parece

muito estranha.

– O que, precisamente, ele deveria ter me contado? – Devolvo a pergunta.

– Absolutamente nada, só bebi um pouco e fiquei de pileque. – Desvia o olhar, e isso reforça a minha desconfiança.

– Sei que os dois estão tentando esconder algo de mim. – Digo com segurança.

– Eva, esse Thomas tem que sair do nosso calcanhar, ele me segue, come você e ainda planta a discórdia entre nós. – Desabafa mais alto do que o necessário.

– Por gentileza, Marco, tente manter o nível da nossa discussão, não é porque perdeu a calma que precisa também perder a compostura. – O vocabulário que ele está utilizando me desagrada.

– O que menos importa agora é a maneira como expresse a minha indignação. Toda a sua educação e polidez não a impediram de fornicar com um homem que não é o seu noivo. Então quero que saiba que no meu dicionário a palavra traição vem sempre antecedida e precedida por um palavrão. – Esbraveja, e fico no aguardo.

O Marco me disse antes que, apesar de ser um homem tranquilo, quando perde a calma pode ser bem rude, e as nossas últimas conversas estão me fazendo perceber que ele não mentiu a respeito disso.

– Se ele pensa que o nosso casamento irá por água abaixo por causa de uma simples despedida de solteira está redondamente enganado.

– Despedida de solteira? – Indago com muita vontade de rir.

– É! Considerarei a trepada de vocês como a sua despedida de solteira. O casamento será daqui a três dias, depois disso mantereí aquele infeliz à distância nem que tenha que contratar um guarda-costas para você. – *Eis um homem muito indignado.*

– Marco, não foi apenas uma simples despedida de solteira. – *Tento manter as esperanças de que aquele retorno está prestes a aparecer .*

– Foi sim! Assunto encerrado. Quando nos casarmos, passaremos sessenta dias viajando e mais outros tantos em Fortaleza e, com certeza, nesse tempo o tal de Thomas encontrará um divertimento mais a mão. – O Marco levanta e caminha até a janela. – Confiei antes na sua palavra de que se casaria comigo e não mudarei de opinião a respeito disso. – Conclui um pouco mais calmo.

– Tudo bem, pode continuar confiando. – *O desânimo me atinge como um*

caminhão desgovernado .

– Agora me diga como é que o Thomas sabe onde estou hospedado.

– Não faço a menor ideia, Marco.

– Será que o seu pai tem alguma coisa a ver com isso? – Ele me olha intrigado.

– Será? – Respondo com outra pergunta.

– Você está debochando de mim, princesa? – O Marco pergunta com a irritação estampada no rosto, e só não rio para não correr um risco desnecessário.

– Claro que não, é que também gostaria de saber, só isso. – Tento livrar a minha cara.

– Como entro em contato com o Thomas?

– Você acha que sou louca de dizer? Você quer se casar com o rosto desfigurado? – Digo, e ele ri com desdém.

– O desfigurado poderá ser o Thomas. – Defende-se.

– Você não tem nada o que conversar com ele, vamos nos concentrar no casamento e pronto. – Falo com seriedade.

– Quero que ele nos deixe em paz, e enquanto promovo esse encontro você se concentra no casamento. Você já me fez entender que o noivo é só o coadjuvante. – Agita-se irritado.

– Não sei onde o Thomas está e também não o colocarei em contato com ele. Se você acha que o meu pai sabe, pergunte para ele porque não o ajudarei nessa empreitada.

– Eva, nada que você diga agora, me irritará mais do que tudo o que me disse desde ontem até dois minutos atrás. Então me poupe das suas tentativas de me aborrecer. – Desaba no sofá, e me apiedo.

– Desculpa, Marco... Estou nervosa com o casamento e com muitas outras coisas, e a situação fica ainda pior estando em pé de guerra com você. – Desabafo.

– Pode me tirar da sua lista, estou tentando ser um corno manso exemplar. – Diz com o sotaque carregado, e quase caio na gargalhada.

– Céus! – Coloco as mãos no rosto para disfarçar a vontade de rir.

– Eva, vem cá, desculpa o meu destempero, deixe-me acariciar os seus cabelos, sei que você gosta disso.

Vou até ele, que me faz deitar no seu colo no sofá e gentilmente massageia

a minha cabeça.

– Tudo isso vai passar, princesa. A nossa lua de mel será muito especial. Precisamos apenas estar juntinhos como ficamos em Punta Cana, sem ninguém para nos atrapalhar. Colocarei o mundo aos seus pés, a nossa vida será de sonho, você verá.

O Marco fala com tanta ternura e tão sem ressentimento pelo que acabei de contar que me sinto profundamente culpada em relação a ele. Será que longe de tudo e de todos ficará mais fácil a nossa convivência ou ainda mais difícil?

– Será? – Deixo escapar.

– Não duvide de mim, Eva. Você e eu nos daremos tão bem que não desejará outro tipo de vida. – Ele fala, e suspiro.

Ficamos em silêncio, o Marco fazendo um cafuné na minha cabeça, de um jeito meio nervoso, enquanto penso na grande confusão que a minha vida se tornou.

Não demora muito e os meus pais chegam. Fico abismada com a simpatia com que o meu pai trata o Marco. A minha mãe parece radiante com os preparativos. Ela nos explica cada detalhe da cerimônia e tenta nos envolver no assunto. Confesso que não esperava que os meus pais estivessem tão animados assim com o meu casamento, principalmente o meu pai.

– Alguma dúvida? – A minha mãe pergunta ao terminar a sua explanação.

– Não. – Respondo sem muita certeza.

– Não. O papel do noivo até que é bem simples. – O Marco diz e sorri, constato que gostou do modo como a minha mãe organizou tudo.

– Agora uma surpresa! – A minha mãe fala e olha com cumplicidade para o meu pai.

– Surpresa para quem? – Pergunto curiosa.

– Na verdade para os dois. – O meu pai responde, e só de olhar para ele percebo que algo está divertindo-o, e fico intrigada.

– Levarei a Eva para um SPA, ela ficará descansando até o dia do casamento. – A minha mãe fala como se estivesse dando uma notícia maravilhosa.

– O quê? – Sobressalto-me. – Que história de SPA é essa?

– Também irei? A surpresa não é para os dois? – O Marco pergunta confuso.

– Só a Eva e eu iremos para o SPA, assim ela poderá ficar afastada de

qualquer problema até o dia do casamento. – Noto que minha mãe enfatiza a palavra problema. – O Guido se ofereceu para passar esse tempo com você, Marco, para que possam se conhecer melhor. – A minha mãe nos olha com tanta inocência que fico desconfiada.

– Não quero ir para lugar nenhum. – Reclamo.

– A Eva e eu passamos tão pouco tempo juntos desde que ficamos noivos, que preferia passar esse tempo com ela. – O Marco reclama também.

– Marco, gostaria de poder conversar sobre alguns assuntos com você, nunca tivemos oportunidade. Família é muito importante para mim, e acredito que precisamos começar a construir uma relação de confiança. – *O meu pai e as suas formalidades.*

– Sei que ainda não nos conhecemos bem, contudo, com o tempo tenho certeza de que o senhor gostará de mim. – O Marco se autopromove.

– Papai, acha que isso é mesmo necessário? – Tento salvar o Marco.

– Acho sim. – O meu pai fala muito sério. – Além disso, serão apenas três dias e a nossa programação será bastante agradável. Garanto que ele conseguirá suportar. – O olhar matreiro do meu pai me faz suspeitar que está tramando algo.

– Pode ser mesmo uma boa ideia a Eva sair um pouco de cena, porque o Thomas resolveu perturbá-la. Talvez o senhor possa me ajudar a encontrá-lo, quero convencê-lo a nos deixar em paz. – O Marco diz pensativo.

– Muito bem, acredito que isso não será problema. – O meu pai concorda, e o encaro indignada, estou ficando ainda mais intrigada.

– Pode tranquilizar-se, Marco, porque durante esses dias o Thomas não chegará nem perto da Eva. Prometo a você que ela chegará sã e salva, linda e radiante à cerimônia de casamento. – A minha mãe diz confiante.

– Vocês estão falando de mim como se eu não estivesse aqui. – Protesto me sentindo ultrajada.

– Seja razoável, Eva, os seus pais estão tentando ajudar. Relaxe um pouco com a sua mãe. Aproveitarei para conhecer melhor o meu sogro e para resolver uma situação que está me afligindo. – O Marco diz mais sério que de costume, e o meu pai o observa com um leve sorriso irônico nos lábios.

– Papai, por favor, não acredito que o Marco e o Thomas sejam capazes de se encontrar sem que haja alguma espécie de atrito. Se você promover esse

encontro, a responsabilidade será toda sua. – Advirto o meu pai que não parece nada preocupado.

– Fique descansada, filha, pelo que entendi o Marco precisa apenas conversar com o Thomas e deixar claro alguns pontos. – O meu pai fala, e acho que ele e minha mãe estão realmente agindo de forma muito estranha.

– Venha, mamãe, desmarque as provas de maquiagem e cabelo enquanto arrumo uma valise. Se tenho que ir, melhor sair logo. – Procuo me impor um pouco.

A minha mãe telefona para o salão de beleza e dispensa os profissionais que, com certeza, não se aborreceram em não executar um serviço pelo qual já foram pagos.

O Marco entra no quarto e me observa com pesar, aproxima-se e passa a mão sobre as minhas roupas que estão sobre a cama.

– Você não está zangada, está? – Ele pergunta enquanto me ajuda a arrumar a valise.

– Não. Acho que fazer algumas massagens e ser mimada pela minha mãe me ajudarão a estar mais calma no dia do casamento. – Tento parecer animada, mas sei que só concordei em ir porque pressinto que os meus pais estão conspirando, só não sei ainda contra quem.

– Ótimo. Também estou começando a pensar que conversar com o seu pai será muito interessante e útil. – Ele divaga com ar pensativo, e acho que todo mundo está me escondendo algo.

Termino de arrumar a valise, troco de roupa, e o Marco e o meu pai levam a minha mãe e eu até o carro.

Despeço-me do meu pai com um abraço e um beijinho na bochecha. Quando me aproximo do Marco, ele me puxa e me enlaça pela cintura de um jeito amoroso e possessivo.

– Até breve, minha princesa. Já estou sentindo a sua falta antes mesmo de você ir. Prometo que estarei inteirinho e sem nem um arranhão diante do altar. – O Marco diz todo meloso e me dá um beijinho na boca.

– Que ótimo, Marco. Juízo! Até breve. – Digo, me desvencilho dele e entro no carro.

Os meus pais se despedem carinhosamente. Depois minha mãe se despede do Marco e entra no carro também.

O motorista informa que está nos conduzindo até um SPA que fica a quase

duzentos quilômetros de distância de São Paulo, e fico pasmada.

Viagem surpresa, poucos dias antes do casamento, afastando a noiva do noivo que mal viu durante o noivado, se isso não é um procedimento incomum não sei o que mais seria.

O pior de tudo é que não sei se estou aborrecida ou aliviada. Aborrecida porque precisava passar mais tempo com o Marco antes do casamento, ou aliviada por só precisar estar com ele quando chegar o dia “D”.

Os meus sentimentos estão tão controversos que me assusto constantemente. Sou completamente apaixonada pelo Thomas e o amo com todas as minhas forças; mas gosto do Marco, não de um jeito que justifique o meu casamento com ele, porém, a hipótese de magoá-lo me desagrada muito porque foi ele quem esteve ao meu lado quando mais precisei.

O Marco foi uma espécie de Band-aid para o meu coração machucado, pena que só me dei conta recentemente de que ferida profunda precisa de um curativo mais elaborado.

– Agora conte, mamãe. O que você e o papai estão maquinando? – Acredito que longe do Marco ela me dirá o que está acontecendo.

– Contar o quê, Eva? – Ela me olha indignada.

– Conheço bem os meus pais e acho que estavam se comportando de um jeito bem estranho, então supus que agiam movidos por segundas intenções. – Exponho a minha desconfiança.

– Você deve estar mesmo muito abalada por causa do casamento. O seu pai e eu apenas queremos afastá-la de São Paulo até o grande dia, só isso. – Ela fala de maneira estudada.

– E qual a razão disso? – Pergunto, e de antemão sei que a resposta me aborrecerá.

– O Thomas, ora. Sabemos que ele vem, constantemente, procurando você e não queremos que nada a afaste daquela cerimônia. – Assim que ela fala acho que vou explodir.

– Mamãe! Nunca passou nem um segundo pela minha cabeça que você me achasse capaz de não sustentar a palavra que empenhei. – Fixo o meu olhar no dela.

– Foi você quem fincou pé e disse que se casaria com o Marco, mesmo o seu pai sendo contra. Assumi, irresponsavelmente, um compromisso tão sério e

nos envolveu nele. E agora, com tudo pronto e organizado, queremos que esteja lá e se case do jeito que sempre sonhamos que seria. – *Ela sabe ser realmente dura quando quer.*

– Estou sendo levada para um local seguro e só serei libertada no dia do casamento, para que não corram o risco de que eu suma por livre e espontânea vontade ou que seja raptada. Compreendo. Para vocês o mais importante, no momento, é que me case custe o que custar. Muito bem. – Digo em tom de deboche .

– Quase isso, minha filha, mas deixe de deboche. Quem inventou de se casar foi você, não tente jogar a sua frustração sobre mim ou sobre o seu pai. Queremos apenas garantir que compareça ao casamento no dia e hora marcados, para que veja o quanto nos esmeramos na organização de tudo. Esse casamento é uma prova do quanto a amamos e do quanto é importante para nós. Tentamos preparar uma cerimônia inesquecível e, se tudo der certo, uma festa muito animada. – Os olhos dela ficam marejados.

– Festa? Não será apenas um jantar para alguns poucos convidados? – *Será que estou tão à parte de tudo assim?*

– Jantar animado, festa, tanto faz. – Ela se corrige, e desconfio que ela e meu pai transformaram o meu casamento em um evento da realeza.

– Estarei lá, mamãe... Dará tudo certo. Você pode ter certeza de que mesmo profundamente arrependida da decisão que tomei, cumprirei a minha palavra. – Falo me sentindo mais calma, e ela segura a minha mão com carinho.

O cansaço me faz dormir durante o percurso e só acordo quando chegamos ao SPA. Conheço o local, estive aqui antes. Adoro a decoração no estilo rústico e a maneira com que todos os ambientes se integram à natureza. A sensação de paz é imediata e começo a me sentir satisfeita por ter vindo.

– Por que ficaremos no mesmo quarto?

– Porque não é o mesmo quarto, são duas suítes integradas, você logo verá. – A minha mãe caminha resoluta na minha frente seguindo o carregador de bagagens.

– Viu? Como falei são duas suítes integradas. Ficaremos juntas, contudo, com privacidade. – Ela diz toda cheia de razão.

– Está bem, mamãe, adorei. Tudo aqui é muito agradável. Estou achando uma ótima ideia ter vindo, obrigada. Quero ser massageada, esfoliada,

embelezada e paparicada o máximo que puder. – Sorrio.

– Agora me entregue o seu celular.

– O quê? – Pergunto indignada.

– Vamos evitar distrações, filha.

– O Marco vai telefonar toda hora, mãe. Tenho certeza.

– Quero que relaxe, trouxe você para cá para isso, sei que está uma pilha de nervos e quanto menos contato tiver com tudo o que a aflige, melhor será. O seu pai telefonará para mim se for necessário. – Ela argumenta, e desisto de replicar. Entrego o celular e começo a rir disso tudo.

– Sabe, minha filha, esses dias que passaremos juntas serão praticamente a última oportunidade que terá para me ver como uma mulher comum. – Ela ri e espera a minha pergunta.

– Por quê? – Pergunto satisfazendo o seu desejo.

– Porque quando uma mulher constitui a própria família, quando deixa de ser apenas filha e se torna mãe, a mãe dela passa a ser vista sob outra perspectiva. Foi assim comigo, a minha mãe se tornou muito mais importante para mim depois que tive você, comecei a considerá-la uma santa! – Gargalha, e não consigo deixar de rir também.

– Já ouvi essa teoria, só que para mim você sempre foi muito mais que apenas uma mulher. Eu a admiro, mamãe, e não terei problemas em admirá-la ainda mais quando, um dia, me tornar mãe também. – Falo, ela me abraça, e seguimos assim por alguns segundos.

Esses dois dias e meio no SPA até que foram agradáveis. A minha mãe e eu nos entregamos nas mãos dos profissionais de beleza e de relaxamento e isso, aliado à tranquilidade do local, me fez conseguir dormir bem, relaxar, comer adequadamente e estar com a pele viçosa. Mas mesmo assim não consegui parar de pensar que, dentro em breve, serei a senhora Eva Maria Fiore Diniz.

Quem poderia imaginar que a destruidora de corações teria o coração destruído e, justamente, por ela mesma? Acho que só eu desconfiei disso.

Não tive nenhuma notícia do Thomas desde que cheguei ao SPA. Afastada de tudo e sem celular, seria mesmo difícil. Também não falei com o Marco, e mesmo sabendo que ele recebeu diariamente notícias minhas pelo meu pai,

quase posso ter certeza de que toda essa intromissão por parte dos meus pais está irritando-o muito. Não me irritei também porque esse afastamento, de certa forma, me ajudou a encontrar forças para me resignar ainda mais a cumprir o compromisso assumido.

– Filha, quero que tente dormir um pouco hoje à tarde, dará tempo. O casamento será à noite, e chegaremos ao seu apartamento na hora do almoço. A sua empregada está lá e cuidará da sua alimentação e do que mais precisar. Às dezessete horas o cabeleireiro e o maquiador chegarão para arrumá-la, ainda bem que já cuidamos da nossa manicure hoje cedo. – A minha mãe diz quando deixamos o SPA, e examino as minhas unhas pintadas de um branco muito suave.

– Você não estará lá? – Pergunto preocupada.

– Não, irei para casa. Serei arrumada lá. Contratei um cabeleireiro e um maquiador para mim também, além disso, estou com saudade do seu pai e preciso vê-lo antes da cerimônia. – Ela me olha carinhosamente.

– Quem me ajudará a vestir o vestido de noiva? Acho que não pensamos nisso. – Suspiro.

– A Patrícia. Pedi que ela a ajude a se vestir e creio que já deve ter chegado ao seu apartamento, ela se arrumará com você. – Explica e, automaticamente, gosto do arranjo.

– Que bom! – Digo sinceramente.

A viagem até São Paulo me parece mais curta do que foi a de ida para o SPA. Estou tentando manter-me calma, mas quanto mais me aproximo de casa, mais ansiosa fico.

Entro no meu apartamento e vejo que não posso mesmo reclamar de nada. A arrumação do local está impecável, a Patrícia me aguarda e o meu almoço está pronto, tudo organizado da maneira prevista pela minha mãe.

– Espero que esteja preparada para o seu grande dia. – A Patrícia diz no momento em que saio do banho.

– Também espero. – Digo cautelosa.

– A sua mãe recomendou que você dormisse um pouco antes que os profissionais que nos atenderão cheguem. – Ela diz usando o seu tom profissional.

– Farei isso. – Concorde rapidamente.

A Patrícia sai do quarto, e deito na cama vestida no meu robe de seda e me preparo para tentar cochilar um pouco. Ouço o alerta do meu celular, que a minha mãe me devolveu quando deixamos o SPA, e verifico que tenho um SMS do Thomas, que ansiosamente abro.

“Eva. Desejo que o amor seja sempre o seu maior objetivo e que nunca deixe de aproveitar toda e qualquer oportunidade de vivenciá-lo. Quero, do fundo do meu coração, que o seu casamento seja especial e que encontre a felicidade que tanto merece. Tenho certeza de que será a noiva mais linda que já existiu. E espero que o seu marido saiba fazê-la muito feliz. Boa sorte.”

Leio e releio a mensagem, e as palavras do Thomas me levam a nocaute. Fico pensando no que o Marco ou o meu pai conversaram com ele para que pudesse desistir assim de mim. Dias atrás, tudo o que fazia era se declarar, agora parece conformado com o casamento.

Quero gritar, chorar, fugir, sei lá. Mas diante da proximidade do meu ato de loucura, digo casamento, sinto-me obrigada a me controlar. Abraço os joelhos, me concentro na minha respiração e tento não pensar em mais nada.

– Acorde, Eva. Está na hora do seu lanche, depois poderá começar a se arrumar. – Ouço a voz da Patrícia me chamando de volta à realidade.

– Você está linda, Patrícia. – Digo ao despertar e vê-la bem maquiada e penteada.

– Obrigada, também gostei. Nunca imaginei que um simples rabo de cavalo pudesse se tornar um penteado tão elegante. Os profissionais que a sua mãe contratou são maravilhosos. – Sorri, e penso que nunca a vi tão bonita assim desde que a conheço.

Lancho com muito esforço, e me deixo arrumar como se estivesse dopada. Ainda bem que a minha mãe praticamente determinou como deveriam me preparar, em outra situação teria me aborrecido com a maneira como ela vem impondo a sua vontade, mas nessa acho que a forma de atuação dela tem sido irretocável e totalmente necessária.

– Eva, você está perfeita! – A Patrícia diz enquanto o cabeleireiro e o maquiador apreciam a sua obra.

Observo-me no espelho. O meu cabelo está preso em um coque desestruturado muito bem feito e pequenos grampos de cristal o adornam. Examino a maquiagem que está bem suave, em tons de dourado. Capricharam

muito em meus olhos, e gostei bastante.

Nós nos despedimos do cabeleireiro e do maquiador, e a Patrícia os conduziu até a porta.

– Agora colocarei o meu vestido e depois a ajudarei a colocar o seu. – Ela diz e concordo sem muito ânimo.

A Patrícia veste um elegante e vaporoso vestido de organza, bordô, frente-única, cujo zíper eu fecho, e que fica muito bem em seu corpo esguio. Estou impressionada. A composição da roupa, cabelo e maquiagem evidenciam a beleza delicada dela e me sinto um pouco constrangida por nunca ter reparado direito no quanto ela é uma mulher bonita.

– Agora quem está perfeita é você. – Digo sorrindo ao terminar de dar uma volta ao redor da Patrícia para contemplá-la.

– Gostou? Foi o presente que a sua mãe me deu no meu último aniversário. – Revela.

– Adorei, o bom gosto da minha mãe é notório. – *Só a minha mãe poderia pensar em dar de presente de aniversário um vestido de festa de alta costura.*

Calço *scarpins* Jimmy Choo de seda branca, com saltos de 8,5 cm, e a Patrícia me ajuda a colocar o vestido de noiva. O vestido que escolhi quando pensei que seria pedida em casamento pelo Thomas, o que imaginei que o deixaria de queixo caído. E essas lembranças me entristecem. Seguro a respiração e contenho as lágrimas. Coloco brincos de brilhante que combinam perfeitamente com a gargantilha que nunca mais tirei do pescoço e me considero pronta.

– Minha nossa! Você está lindíssima, estou sem palavras para descrever o deslumbramento que está causando. – A Patrícia me observa emocionada.

O meu vestido de noiva perfeito é um tomara-que-caia no estilo sereia, lisinho, de seda pura branca, com sobreposição de renda semitransparente apenas no colo e nas mangas compridas. É simples e, ao mesmo tempo, inexplicavelmente chique, posso dizer que é sutilmente sensual, e me sinto maravilhosa dentro dele.

– Fico sempre admirada com o que um vestido de bom corte, um penteado bem elaborado e uma maquiagem bem-feita são capazes de fazer com uma mulher. Passei de simples mortal a deusa em questão de poucas horas. – Sorrio.

– Você sempre foi bonita, Eva! E o seu corpo é maravilhoso, mas hoje está

ainda mais bela, belíssima. A noiva mais bonita que já vi, e estou muito contente em poder participar desse momento tão especial. Desejo que seja muito feliz em sua nova vida e que possamos continuar sendo amigas. – Noto que ela tenta conter as lágrimas.

Para não testar a maquiagem à prova d'água faço o mesmo esforço que a Patrícia e evito chorar. São tantas emoções e sentimentos antagônicos a me atormentar, que ainda não sei de verdade como me sinto.

– Obrigada por estar aqui, obrigada por tudo. – Falo comovida, mas consigo não chorar.

– Quero que me dê a sua aliança, tenho que entregá-la ao Marco antes de a cerimônia começar. – Ela diz toda satisfeita em colaborar.

– Aqui está. – Entrego. – Acho que o meu pai está quase chegando, preciso do meu buquê. – Respiro fundo.

– Irei buscá-lo. – A Patrícia se prontifica, e fico agradecida porque não tenho a menor ideia de onde ele possa estar.

Quase engasgo ao ver a Patrícia entrar carregando o bonito buquê de rosas colombianas vermelhas.

– Esse é o meu buquê? Jura? – Pergunto, indignada.

– Ele não é lindo?

– É, mas falei para a minha mãe que eu queria um buquê de lírios brancos. – Falo com a voz trêmula.

– Como sei que ama rosas colombianas vermelhas, sugeri para a sua mãe que providenciasse esse lindo buquê para você. Ela adorou a ideia, disse que essa cor fará um lindo contraste com o seu vestido. – A Patrícia me encara e sorri.

Um buquê de rosas vermelhas colombianas seria o buquê que escolheria para me casar com o Thomas, e não posso deixar de pensar que a vida está sendo irônica comigo.

“Vai lá, Eva! Case-se com o Marco, mas leve o buquê que a faz pensar no homem que ama”. Acho que é esse o recado que estou recebendo.

– Rosas vermelhas significam paixão, amor e todas as outras coisas relacionadas a isso, e, ainda, rosas colombianas vermelhas só me lembram do Thomas. – Explico.

– Ah, Eva! Desculpa... Não me atentei para esse fato. Tinha esquecido completamente que você só passou a amar tanto esse tipo de rosa depois que o

Thomas passou a presentear você com ela. Sou uma burra! – Ela fala e abaixa o rosto, e temo que ela comece a chorar.

– Tudo bem, Patrícia. Você só queria ajudar. É fácil resolver isso. Não preciso de buquê, não o levarei. – Afirmo rapidamente antes que ela chore.

– Noiva sem buquê? – Ela pergunta, espantada.

– Não posso me casar com o Marco segurando esse buquê. – Digo enfaticamente.

– Eva, não faça isso! Por favor. O momento em que a noiva joga o buquê é muito divertido, e todas as solteiras esperam ansiosamente por essa hora. Eu mesma estou doida para pegar o seu buquê. – A Patrícia quase implora. – Além disso, se você não o levar, ficarei me sentindo culpada.

– Está bem. – Suspiro. – Só carregarei esse buquê porque é você quem está pedindo, e como sempre faz com tanto carinho tudo o que lhe peço, não posso me negar. Também não quero que fique sentindo-se culpada. – Pego o buquê das mãos da Patrícia e o seguro muito chateada.

Somos avisadas que o meu pai nos espera na garagem e nos encaminhamos até lá.

A Patrícia me ajuda a entrar na limusine e a sentar no banco de trás, bem ao lado do meu pai. Ele me olha emocionado enquanto ela se dirige para o banco da frente.

– Você parece um anjo, minha filha. – O meu pai diz com os olhos marejados.

– Obrigada, papai. – Agradeço comovida com a emoção dele.

– Quero que saiba que a estrela desta noite é você, e que tudo isso só terá um significado especial para mim se também tiver para você. Eu a levarei até o altar, estarei ao seu lado, e se você mudar de ideia, esta noite poderá ser apenas mais uma noite qualquer. Depende de você. – Ele diz, e fico confusa.

– Está querendo insinuar que se eu decidir não me casar não se importará realmente com isso? – Fico surpresa.

– Sim, minha querida. Desejo apenas que vá comigo até lá e encare o homem que a ama e, estando lá, acho que conseguirá perceber o quanto ele a quer. Estou acreditando que você dirá sim e que tudo dará certo, mas se disser não, seja lá por qual motivo for, trarei você de volta para casa e não falaremos mais sobre isso. – Ele tenta sorrir.

– Se a mamãe ouvir você falar assim, mata você. – Sorrio.

– A sua mãe acredita que estamos fazendo o que é certo, e que quando você

olhar dentro dos olhos do Marco, todas as suas angústias se dissiparão. Então, ela está menos preocupada e mais confiante. A Evinha, às vezes, é tão insuportavelmente prática que chega a me aborrecer. – Papai ri parecendo menos consternado.

– Vamos, papai... O Marco está nos esperando, não quero que ele sofra muito. – Estendo a mão para o meu pai, e ele a segura firme.

– Vamos, minha querida! Mas não se preocupe, o Marco é mais forte do que parece, e tenho certeza de que ele está bem. – O meu pai autoriza o motorista a seguir até o local da cerimônia.

Durante todo o trajeto tento não pensar em nada, só que não consigo tirar a mensagem que o Thomas me enviou da cabeça. Também o que mais eu poderia querer? Que ele se jogasse na frente da limusine? Que tentasse me raptar? Que invadisse a cerimônia?

Sei que ele fez todo o possível para me fazer desistir de me casar com o Marco, só que nunca soube que, para mim, o único que poderia me livrar do compromisso era o próprio Marco ou, futuramente, um pedido de divórcio que parta de qualquer um de nós dois. Acordo é acordo.

– Tudo bem, filha?

– Tudo, papai. – Digo e me concentro em fazer o meu papel.

Chegamos à casa de eventos onde será realizada a cerimônia civil de casamento e onde também acontecerá o jantar.

O local é magnífico, e a esplêndida cascata iluminada logo na entrada causa uma impressão maravilhosa. O meu coração acelera, e tento me controlar.

A limusine para, a Patrícia sai rapidamente do carro, amparada, creio eu, por alguém do cerimonial. O motorista desce do carro, dá a volta e abre a minha porta, outra pessoa que penso ser do cerimonial me ajuda a sair, respiro fundo, fico ereta e ajeito o buquê. O meu pai se posta do meu lado direito e me dá o braço, me apoio nele e fazemos o caminho até a entrada do salão.

– Preparada?

– Sim, papai. Segure-me com firmeza. – Estou completamente nervosa.

Capítulo X

A moça do cerimonial arruma a barra do meu vestido e depois faz sinal para que as portas sejam abertas.

O trajeto até o altar, ornamentado com inúmeras rosas vermelhas que tenho certeza de que estão ali porque a vida está adorando rir na minha cara e por obra e graça da minha mãe que só queria me agradar, surge resplandecente a minha frente, e a minha visão ofusca. Só consigo distinguir, em meio a todo o meu nervosismo, o Marco, elegantemente vestido em seu terno escuro, me esperando.

Fixo os meus olhos no Marco e a minha meta se torna percorrer o caminho, que considero quilométrico, da porta até o altar, visando chegar, incólume, até ele. Não desvio o olhar, estou tensa, tento sorrir e não consigo. Tudo a minha volta se tornou um borrão de luz e sigo amparada pelo meu pai.

Os passos seguros e firmes do meu carinhoso pai me conduzem calmamente até o meu noivo. Paramos diante dele, e o seu olhar me examina com um misto de ansiedade e admiração.

O Marco e o meu pai se cumprimentam contidamente, e a Patrícia tira o buquê das minhas mãos e se afasta. De uma maneira diferente da que me lembro de ter sido combinada, o meu pai não sai do meu lado e não larga o meu braço enquanto o Marco segura a minha mão esquerda e me encara com seriedade.

– Eva. Obrigado por estar aqui e cumprir o nosso acordo. O meu amor por você é forte e verdadeiro. Um amor assim não é egoísta, não é opressor e só quer a felicidade da pessoa amada. Quero que saiba que me sinto honrado pela consideração que demonstra ter por mim. Contudo, não posso me casar com alguém que sente por mim apenas consideração. Pensei muito e quero ter como esposa alguém que me ame, que me deseje, que queira estar comigo sem nenhum tipo de imposição e que aceite o amor como a única cláusula do nosso compromisso. Desculpe-me dizer isso somente agora. – As palavras dele, estranhamente, me tranquilizam.

– Estou sendo abandonada no altar? – Começo a considerar que talvez o fato de isso acontecer não me pareça assim tão desagradável.

– Não. Estou liberando-a do compromisso que assumiu comigo para que possa decidir com o coração quem merece seguir a vida ao seu lado. – O Marco beija a minha mão e se afasta.

– A vida é realmente uma caixinha de surpresa. – O meu pai fala e me mantém firme no lugar.

Quando o Marco sai da minha frente, começa a tocar *Prelude from Cello Suite n°1*. Fico atônita e começo a tremer no instante em que vejo o Thomas surgir da lateral do altar. Estou confusa, mas completamente feliz em vê-lo. Ele cumprimenta o meu pai efusivamente, e os dois se abraçam. Sou entregue pelo meu pai ao Thomas, que me examina com o olhar apaixonado e me dá o seu sorriso perfeito.

– Você está linda! – Ele diz radiante, e acho que a beleza dele chega a ofuscar a mim e tudo a nossa volta.

– Thomas?! Não estou entendendo mais nada. – Digo perplexa.

Ele pega a minha mão direita e se ajoelha diante de mim. A música para de tocar, e o silêncio se torna absoluto.

– Desejo que o amor seja sempre o nosso maior objetivo e que juntos nunca deixemos de aproveitar toda e qualquer oportunidade para vivenciá-lo. Quero, do fundo do meu coração, que possamos encontrar a felicidade que tanto merecemos e isso só será possível se você, Eva Maria Fiore, com as bênçãos dos nossos pais e na presença de todos os nossos familiares e amigos mais queridos, aceitar ser a minha esposa. E prometo que, se me aceitar como marido, saberei fazê-la feliz.

Ele tira do bolso uma caixinha preta de veludo, abre-a, e vejo por detrás das minhas lágrimas um anel de brilhante aparecer.

– Minha nossa!

– Eva Maria Fiore, você quer se casar comigo? – Pergunta com os olhos cheios de lágrimas.

Se o Marco me disse que estou livre para decidir com o coração, a resposta é óbvia, porque tudo o que o meu coração mais quer é bater acelerado por causa deste meu grande amor.

– É tudo o que mais quero na vida. – Respondo com a voz entrecortada, e ele, trêmulo, coloca o anel no dedo anelar da minha mão direita e se levanta.

Thomas me dá um leve beijo nos lábios e se posta do meu lado direito,

segura a minha mão com firmeza e me conduz. E mesmo estando com as pernas bambas, sinto-me segura para acompanhá-lo. Damos uns quatro passos e nos posicionamos diante da juíza de paz, quase tão emocionada quanto nós.

Observo que do lado direito do altar estão o William e a Lucia, e que do lado esquerdo estão os meus pais. Todos nós choramos, e percebo que este momento mágico é, de alguma forma, fruto do esforço conjunto dessas pessoas.

– Estamos aqui reunidos para celebrar o casamento deste lindo casal que tem vivido uma emocionante história de amor, Thomas Henrique Chapman e Eva Maria Fiore. – A juíza de paz começa o seu discurso.

A juíza de paz nos olha carinhosamente o tempo todo e fala sem parar, mas só consigo ouvir o pedido de casamento do Thomas na minha cabeça. Agora compreendo perfeitamente a mensagem que ele me enviou e tudo começa a fazer sentido para mim.

– Thomas Henrique Chapman, você aceita Eva Maria Fiore como a sua legítima esposa? – A Juíza de paz pergunta, e volto ao momento presente.

– Sim, aceito. – Ele responde com a voz firme e aperta a minha mão.

– Eva Maria Fiore, você aceita Thomas Henrique Chapman como o seu legítimo esposo?

– Sim, aceito. – Respondo com a voz embargada .

– De acordo com a vontade de ambos, que acabais de pronunciar perante mim, de vos receberdes por marido e mulher, eu vos declaro casados. Agora podem colocar as alianças.

Thomas e eu ficamos de frente um para o outro. Os magníficos olhos verdes dele me encantam, e percebo o quanto está ansioso. Ele segura a minha mão esquerda, recebe das mãos do meu pai a aliança, e a coloca no meu dedo anelar.

– Eva, receba esta aliança como prova do meu amor e da minha fidelidade.

– Ele diz com tanto amor que as minhas pernas ficam novamente bambas. Então retira o anel de brilhante, que me deu ainda há pouco, da minha mão direita e o coloca sobre a aliança.

A minha mãe se aproxima e me entrega a aliança, que coloco no dedo anelar esquerdo do Thomas e digo:

– Thomas, receba esta aliança como prova do meu amor e da minha fidelidade. – Resolvo continuar a minha declaração e falo de improviso. – O

amor que sinto por você é único e, diante de tudo isso, passo a ter certeza de que o Universo inteiro conspirou para que o nosso encontro e este enlace se tornassem possíveis. Eu te amo com toda a força do meu ser, e prometo que nunca mais o deixarei partir. Juro que, aconteça o que acontecer, sempre estarei ao seu lado, amando-o e respeitando-o até que a morte, temporariamente, nos separe, ou nos reúna. – Termina de falar e choro emocionada.

Thomas me abraça apertado, depois se afasta um pouquinho, levanta o meu queixo e, diante de uma juíza de paz que se debulha em lágrimas e dos nossos pais que se abraçam e choram, ele me dá um beijo repleto de amor e saudade que correspondo sem o menor pudor, enquanto os convidados batem calorosas palmas.

– Não precisamos assinar o livro e receber a nossa certidão de casamento?
– Pergunto ao perceber que o Thomas nos encaminha para cumprimentar os nossos pais.

– Não, minha linda esposa. – Thomas sussurra em meu ouvido, e arpejo.

Resolvo não me preocupar com mais nada e me concentro em aproveitar o momento especial que estou vivendo.

Cumprimentamos a juíza de paz e abraçamos os nossos pais em meio a um turbilhão de emoções, e me deixo levar pelo Thomas para uma sala reservada aos noivos.

– Foi você quem planejou tudo isso? – Pergunto.

– Explicarei mais tarde, esposa. Obrigado por me aceitar. Estou muito feliz, muito mesmo. – Sorri e me analisa.

– E o que acontecerá agora? – *Estou muito confusa* .

– Agora todos irão para a festa no salão ao lado. Ficaremos aqui por alguns instantes, e depois iremos para o jardim onde o fotógrafo fará algumas fotos nossas. Quando as fotos externas terminarem, iremos cumprimentar os convidados, tirar mais algumas fotos e aproveitar a nossa festa. – Thomas explica me examinando detidamente.

– Por favor, preciso saber quem foi o responsável por essa mudança total de contexto. Quero saber o que fez o Marco mudar de ideia. – Peço, emocionada.

– Na verdade, várias pessoas estiveram envolvidas. Gostaria de contar detalhadamente o que fizemos, mas, neste momento, a única coisa que quero é beijar a minha linda e amada esposa. – Sorri, e me faz esquecer até do meu

nome.

– Então se aproxime, marido. E tome a sua esposa em seus braços! – Rio e sou enlaçada pela cintura, e o nosso beijo que começa amoroso vai se intensificando e se tornando sensual e ardente.

Somos interrompidos pelo fotógrafo. Ele nos acompanha até o jardim onde, alegremente, posamos para as fotos.

Vejo o Marco vir até nós e faço sinal para que o fotógrafo se detenha. Adianto-me e alcanço o Marco, o Thomas não me segue.

– Marco, nem sei o que dizer. – Falo quando nos encontramos frente a frente.

– Tudo bem, Eva. Há dois dias fui informado a respeito de tudo, e por opção minha estou aqui esta noite. Seja feliz, princesa, e não se preocupe comigo, tentarei ficar bem. – Ele me abraça e a sua abnegação me comove.

– Perdão por tudo que fiz e estou fazendo você passar. Quero que saiba que gosto muito de você, de verdade. Obrigada e, por favor, encontre o seu amor. Não deixe de me informar quando isso acontecer. – Saio do abraço dele, e o Thomas está ao nosso lado.

– Eu tinha razão, você ficou deslumbrante vestida de noiva. – O Marco me elogia e sorri de um jeito triste.

– Obrigada, Marco. – Agradeço um pouco constrangida.

– Obrigado por ter cumprido a sua palavra, Marco. – Thomas agradece, e os dois apertam as mãos.

– A família de vocês é muito organizada, eu não teria a menor chance de ir contra o que foi planejado. E você, Thomas, sabe ser muito convincente quando quer. – Os dois se olham com uma espécie de raiva contida, e fico sem compreender muito bem sobre o que estão falando.

– Preciso urgentemente de respostas. – Falo, e os observo.

– Eva, de mim você precisa saber apenas uma coisa. – O Marco me encara de um jeito sério. – Saiba que se o Thomas não honrar o papel de marido, que teve a desfaçatez de tomar de mim, juro que o mato.

– Marco, serei o melhor marido que a Eva poderia ter, e o único, pode ter certeza. – Um Thomas igualmente sério e um pouco irritado, retruca.

A Patrícia se aproxima, e tanto o Marco quanto o Thomas se mantêm calados, e ela me entrega o buquê.

– Não se esqueça do seu buquê, o Thomas fez questão de escolhê-lo pessoalmente.

– Ela diz me entregando o magnífico buquê de rosas colombianas vermelhas.

– Até você, Patrícia? Você me enganou direitinho!

– Tinha um papel a cumprir, Eva.

– Você é uma excelente atriz, Patrícia. – Digo e rio. – Desde quando faz parte dessa trama?

– Soube de tudo há apenas dois dias, o seu pai me convenceu a ajudá-los. Depois a sua mãe me telefonou e fiquei sabendo o que precisava fazer para colaborar e fiz. Espero que possa me perdoar algum dia. – Desvia o olhar.

– É claro que a perdoou. – Digo e noto o acanhamento dela.

– Ainda é cedo para isso, Eva... Conversaremos quando voltar da sua lua de mel. – Afasta-se em direção à saída.

– Patrícia, ainda não joguei o buquê. Você não pode ir embora.

Ela nem se vira e continua o seu caminho. Fico observando perplexa a linda silhueta dela se afastar.

– Thomas, por favor, traga a Patrícia de volta. Não quero que ela vá embora achando que estou chateada com ela. – Peço, intrigada com o comportamento da minha amiga.

– Fique com a sua esposa, Thomas. Também estou de saída, deixe que me encarregue da Patrícia. – O Marco fala e, sem esperar pela nossa reação, vai atrás da Patrícia e a alcança. Observo os dois caminharem lado a lado até sumirem das nossas vistas.

– O que foi isso?

– Se quer saber a minha opinião, pode ser que o Marco esteja bem defronte àquele retorno que existe em qualquer estrada. Só espero que ele se dê conta disso. – O Thomas afirma, ri, segura a minha mão e nos dirigimos para a nossa festa.

O salão de festa está elegantemente decorado. Fico encantada, e penso que não poderia ter escolhido nada melhor do que isso. Rosas colombianas vermelhas enfeitam os arranjos de cristal e prata que estão sobre as mesas de vidro, e inúmeras velas iluminam o lugar.

A animação é geral, os meus pais conversam alegremente, e toda a família do Thomas se diverte.

Noto só agora que grande parte do corpo de profissionais do meu escritório está presente. Também percebo que não conheço muitos dos convidados. São

colegas do Thomas, concluo ao observar o modo como se dirigem a ele. Passamos de mesa em mesa, acompanhados pelo fotógrafo e pelo cinegrafista, cumprimentando os convidados.

– Estou tão feliz por vocês! – A Sara me abraça emocionada.

– Obrigada. – Fico contente com a expressão sincera no rosto dela.

– Você conseguiu realmente encontrar um protagonista de romance e está pronta para viver o seu conto de fadas. – Ela diz sorrindo.

– Parabéns novamente, minha querida. – Viro, e a Lucia me estende uma taça de coquetel. A Sara me dá um tchauzinho e se afasta.

– Obrigada. Estou muito feliz que esteja aqui. – *Estou sinceramente comovida.*

– Não poderia deixar de comparecer ao casamento do meu único filho. – As lágrimas inundam os seus olhos .

O William também se aproxima e me abraça carinhosamente.

– Eva, ainda não tive a oportunidade de dizer adequadamente o quanto torci por esse momento. Saiba que esperei demais para ter você em minha família, seja bem-vinda. – O sorriso suave e sincero do William me faz lembrar o do Nicolas, e o saúdo afetuosamente em meus pensamentos.

– Obrigada, William. Meu querido sogro.

– Posso interromper? Gostaria de dançar com a minha esposa um pouco. – Thomas dá um beijo no rosto da Lucia, e o meu coração dispara. Fico feliz pelo fato de que a tenha perdoado.

Entrego a taça que está em minhas mãos de volta para a Lucia e sou conduzida até o meio do salão, onde Thomas e eu dançamos muito abraçadinhos.

Aproveitamos a festa. A comida deliciosa e abundante está à disposição dos convidados em ilhas montadas cuidadosamente pelo salão. O *open bar* oferece drinks coloridos e bebidas dos mais diversos tipos; e a pista de dança, decorada como uma pista de boate, é o local mais disputado da festa.

Depois que jantamos, circulamos entre os convidados, e tiramos mais algumas fotos com os nossos familiares. Thomas e eu voltamos a dançar. Os irmãos dele e as esposas nos rodeiam e dançamos todos juntos e muito animados. A alegria é contagiante e de tempos em tempos me belisco para ter certeza de que tudo isso é mesmo real.

Fico ainda mais emocionada na hora de partirmos o bolo que, sinceramente, é lindo. Tem três andares, é todo branco com detalhes em vermelho, e dois

bonequinhos, representando a mim e ao Thomas, o enfeitam. O bonequinho Thomas está com a bonequinha Eva no colo, ela segura um buquê de rosas vermelhas, e ao lado dos pés dele estão dois violões sobrepostos e uma pilha de livros.

Após partirmos o bolo, um garçom nos entrega as nossas taças, enquanto outros garçons circulam pelo salão distribuindo taças de champanha para os convidados. Thomas e eu fazemos um brinde simples, e invertemos as taças para bebermos o guaraná um do outro.

Após algumas fotografias e aplausos acalorados, voltamos para a pista de dança. A música agora é lenta e dança abraçadinha ao meu marido.

– Você é um filho da puta sortudo mesmo. Nunca conheci outro alguém tão abençoado quanto você.

Thomas começa a rir e me solta do seu abraço, me viro para ver quem está falando com ele e tão alto. Se não me engano, a pessoa que está apertando a mão do meu marido é o Benjamim, o amigo de longa data dele. Saímos da pista de dança porque é difícil conversar lá e vamos para a lateral do salão.

– Que bom que está aqui, Benjamim.

– Tive que vir para ver com os meus próprios olhos o quanto você é um cretino sortudo. Consegui tirar a mulher que ama das mãos de outro no último minuto da prorrogação. E o impressionante é que o seu oponente é um cara de porte, todo na pose, parece que é cheio de atributos, o que para mim significaria que ele teria mais chance de ficar com a bela Eva. Mas mesmo assim, você foi mais foda do que ele. Parabéns!

– A bela Eva sempre foi do Thomas, Benjamim. – Digo, achando de muito mau gosto o comentário dele, que parece estar ligeiramente bêbado.

– Opa! Ficou meio que evidente que a bela Eva também foi daquele cara que estava no altar. Mas não deixe isso constanger você, doçura, porque o Tom já foi de muita mulher bonita por aí, de tantas que ele até deve ter perdido a conta. Ele é uma espécie de recordista na arte da conquista. – O Benjamim fala em tom de brincadeira, mas as palavras dele estão impregnadas de veneno, e fico muito irritada.

– Deixe de ser inconveniente, Benja. Desde o primeiro instante em que vi a Eva fui fisgado e passei a me dedicar somente a ela. Além disso, não sou foda, sou um homem completamente apaixonado que lutou pelo amor da mulher que ama. –

Thomas fala, e percebo que também ficou irritado com as palavras do “amigo”.

– Tom, você sabe que é sortudo, que é foda e que sempre consegue tudo o que quer. Há anos observo os seus êxitos. Quase não acreditei quando o outro noivo, todo elegante e bonitão, abriu mão da Eva e a entregou para você. E fiquei mais impressionado ainda quando a Eva gostou da troca. Pareceu cena de filme.

– O Benjamim ri.

– Você sabia que seria assim. – Thomas fala de um jeito meio ríspido, parecendo bastante desconfortável com a conversa, e noto que ele está se esforçando para manter a calma.

– Sabia coisa nenhuma. Fui convidado para o seu casamento, e só soube que você entraria depois da noiva porque aquelas moças bonitas do cerimonial me avisaram. Quer dizer, elas avisaram a todo mundo. Fiquei intrigado porque o outro cara é que estava no altar, mas esperei para ver o que iria acontecer, e achei o máximo. Você fez bonito, Tom. Quase desejei que a Eva dissesse não ao seu pedido, só para ter a oportunidade de assistir, pelo menos uma vez na vida, você ser tratado como um ser humano comum.

– Que coisa mais deselegante de se dizer para um amigo! – Protesto, profundamente incomodada com o que o Benjamim disse.

– Quem ouve o que está dizendo, Benja, pode até achar que você não é tão meu amigo quanto diz ou quanto penso que é. – Thomas expõe o seu descontentamento.

– Porra, Tom. É brincadeira! Quero que você e a Eva sejam felizes para sempre e que lotem o planeta Terra de semideuses iguais a você. – Ele abre um sorriso, que me parece falso, e abraça o Thomas.

– Obrigado. – Thomas agradece chateado.

O Benjamim pega a minha mão e a beija, e estremeço de nojo. Acho que acabou de nascer uma enorme antipatia minha por ele. Falou demais e expôs todo o despeito e inveja que sente do Thomas. Posso enxergar a falsidade dele, acompanhando-o como uma sombra.

A minha mãe bate no meu ombro e indica que precisa falar comigo e com o Thomas. Nós nos despedimos do Benjamim, e seguimos a minha mãe.

– Preciso comentar com você que achei muito esquisito o comportamento do Benjamim.

– É que ele é do tipo de pessoa que gosta de fazer comentários ou piadinhas de humor-negro, mas, geralmente, tenta ser um cara legal.

– Achei os comentários dele péssimos. – *E muito despeitados.*

– Também achei que ele passou do ponto, foi descortês.

– Quero distância dele, isso sim. – Falo e estremeço de nojo.

– Acabamos de casar e você já quer me afastar dos meus amigos...

Mulheres! – Thomas fala de maneira jocosa, e rimos.

– Precisaremos rever o seu conceito de amigo, marido. – Falo a verdade em tom de brincadeira, e voltamos a rir.

– Fique tranquila, o Benjamim e eu não somos mais tão próximos, temos nos encontrado muito pouco ultimamente.

– Melhor para você. – Exponho a minha opinião.

Chegamos à varanda, onde o meu pai nos aguarda.

– Está na hora do feliz casal partir. – A minha mãe diz sorrindo radiante.

– Obrigado por tudo, sogrinha. Levarei a Eva daqui agora mesmo. – Thomas abraça a minha mãe, e faço o mesmo.

– Você terá um trabalhão para explicar o que planejamos, e só de pensar em tudo o que fizemos fico espantado em como pôde ter dado tão certo. Somos uma equipe e tanto! – O meu pai ri e nos abraça também.

– Não era para ser uma cerimônia íntima com pouquíssimos convidados? A maioria das informações que recebi sobre o casamento não condiz com o que está acontecendo aqui hoje. – *Estou muito, muito curiosa* .

– *Upgrade* de noivo, *upgrade* de festa de casamento. – Thomas diz todo convencido.

– Fiquei absolutamente pasmada pelo fato de não ter desconfiado de nada. Quero muito descobrir como tudo aconteceu, e saibam vocês que sofri demais até chegar aqui, vocês se verão comigo. – Ameaço-os e rio divertidamente sabendo que nada apagará o brilho do evento que me tornou a esposa do homem que amo.

– Eva, o seu sofrimento não foi em vão. Foi um ensinamento. Tenho convicção de que a ajudou a repensar certos comportamentos. – O meu pai me alfineta.

– Ora, papai. Essa história pode ter servido de lição para muita gente, não só para mim. – Digo e olho para o Thomas, que ergue a sobrancelha e me encara de um jeito sério e lindo.

– Eva, você é uma mulher casada! Por favor, comporte-se! – O meu

marido diz em tom de brincadeira, fazendo a minha mãe rir .

Os meus pais, juntamente com a Lucia e o William, nos acompanham até a saída do salão onde a limusine nos aguarda.

Depois das despedidas, Thomas e eu entramos na limusine, e fico esperando para saber o que virá a seguir, já que não sei absolutamente nada a respeito da nossa lua de mel.

– Iremos para casa agora. Só viajaremos em lua de mel amanhã. E, assim que tivermos um tempo, lhe contarei para onde iremos e o que faremos. – Thomas diz me examinando com o seu olhar de predador.

– Pode me contar, temos tempo.

– Agora não, estarei ocupado beijando você. – Ele me puxa e me senta em seu colo.

Apaixonadamente nos beijamos de todas as maneiras que conhecemos, e a mão boba do meu amado doutor percorre o meu corpo por cima do vestido.

Conforme suspeitei, Thomas me leva para o meu apartamento, entra comigo no colo e me carrega até o quarto, que foi cuidadosamente preparado.

A cama está lindamente arrumada, pétalas de rosas vermelhas estão jogadas ao chão e velas coloridas compõem o ambiente romântico. Sou colocada cuidadosamente sobre a cama. Thomas acende vela por vela, e me levanto para observá-lo.

– A primeira vez que tive você foi neste quarto, então achei que a nossa primeira vez, como marido e mulher, deveria ser aqui também. – Ele me encara, e quase perco o ar.

Esse homem é absolutamente lindo da cabeça aos pés, nem acredito que ele agora é o meu marido.

– Adorei a ideia, amor. – Digo e me detenho no olhar apaixonado dele.

Todo o meu corpo está ansioso para recebê-lo e não consigo mais disfarçar a minha vontade.

Estamos frente a frente, e os meus olhos desejosos estão cravados nos ardentes olhos verdes dele. A minha respiração acelera, o meu coração bate tão forte que quase sai de dentro do peito, e não tenho coragem de desviar o olhar, estou hipnotizada pela beleza do meu marido.

– Eu te amo! – Ele diz muito alto.

– Eu te amo! – Repito alto também.

Thomas se joga nos meus braços e a sua boca procura a minha desesperadamente. O beijo é molhado e violento, as nossas línguas se acariciam, os braços dele me apertam, me sinto quase sufocar e tremo pela expectativa de ser possuída com tamanho ímpeto.

O meu marido se aparta, está trêmulo, posso notar. Os seus olhos estão escuros de desejo e ardendo como fogo. Ele tira o bonito paletó do terno e joga-o no chão, desfaz o nó da gravata vermelha de seda, desabotoa a camisa, desafivela o cinto, abre o botão da calça e desce o zíper, e o admiro fascinada. Toda a roupa dele é espalhada pelo chão em questão de segundos. Ele fica completamente nu, parado diante de mim, e a sua maravilhosa ereção me excita, como sempre, deixando-me completamente molhada.

– Meu Deus! – Exclamo.

– Meu marido, soa melhor. – Ele faz a conhecida piadinha e sorri sem desviar o olhar do meu, sorrio também.

– Quando comprei este vestido estava pensando em você, ele não tem nenhum botão, e o zíper fica na parte de trás, muito fácil de tirar. – Informo-o de maneira provocante.

O meu marido, mais que animado, se aproxima e me vira de costas, abre lentamente o zíper embutido do vestido de noiva e me ajuda a tirá-lo. Dou um passo para frente para não pisar no vestido, me viro e volto a encarar o Thomas.

– Você está fantástica! – Ele diz me admirando.

Estou usando espartilho de seda branca, cinta-liga e meia 7/8, e nunca me senti tão envergonhada na presença do Thomas. Sei que estou muito sensual, sei que ele está gostando do que vê, mas tenho receio de que fique chateado ao lembrar que me vesti assim quando achava que me casaria com o Marco.

– Gostou do meu presente? – Morde o lábio .

– Seu presente?

– Meu presente. – Ele diz e me olha de cima a baixo.

– Esta lingerie não foi presente da minha mãe? – Pergunto, imaginando de antemão o que ele vai responder e o meu constrangimento finda.

– Presente meu para a minha mulher. – Sorri maliciosamente.

– E como você poderia ter tanta certeza de que me veria usando-o? – *A*

curiosidade é bem maior do que a prudência .

– Psiu! As explicações só virão depois, agora é hora de matar a saudade. – O senhor sorriso perfeito me desarma, e só quero saber dele.

Coloco as mãos nos cabelos e vou desfazendo o meu coque, jogo os grampos sobre o vestido de noiva, que jaz ao chão, e os meus cabelos caem soltos pelos ombros.

– Bonito espetáculo, agora faça o seu marido feliz.

– O seu desejo é uma ordem! – *Ah, a sinceridade dessas palavras...*

Sem o menor pudor, me aproximo e agarro o homem mais maravilhoso que já foi colocado sobre a Terra, enterro as mãos em seus cabelos e a minha língua em sua boca. Ele passa as mãos pelo meu corpo e se detém nas minhas nádegas, alisa e aperta, estou incendiando por dentro e com a sensibilidade a flor da pele.

Ainda me beijando, Thomas solta os ganchinhos que prendem o espartilho, as suas mãos hábeis me livram rapidamente da agonia do tecido, e os meus seios saltam da sua prisão. Estamos pele com pele, me arrepio toda, e sinto o meu líquido escorrer pelas coxas. Estou tão suscetível, que até o contato da calcinha de renda com a minha vulva me incomoda.

– Maldita calcinha! – Reclamo.

Thomas percorre o caminho do meu queixo até o umbigo com a língua e deixa uma trilha de fogo, fica de joelhos, abaixa a minha calcinha e me ajuda a tirá-la. Ele se desfaz também da cinta-liga, e fico apenas de meias e sapatos.

– Você está derretendo, esposa. – Ele diz observando de perto a parte interna das minhas coxas.

Sinto a língua quente e macia dele lambendo a parte interna de cada coxa, e quase perco o equilíbrio.

– Se você não me levar para a cama agora mesmo, vou cair, estou tremendo. – Confesso.

Ele se levanta, segura-me em seus braços e me coloca na cama delicadamente. Deita sobre mim, apoia-se nos cotovelos e olha dentro dos meus olhos famintos.

– Podemos fazer isso a noite toda se você quiser, minha linda, mas agora vou satisfazer a nossa fome e entrar em você sem a menor cerimônia.

– Com muito ímpeto? – Pergunto cheia de malícia.

– Do jeitinho que você gosta. – Recebo a resposta correta.

O meu marido encosta o pênis na minha vagina e força a entrada. Estou completamente escorregadia, tenho um espasmo, e o pênis desliza se esfregando em mim. Gemo e o seguro posicionando-o novamente na minha entrada e fico segurando até a glândula me penetrar. Thomas arremete com força, profundamente, e grito, e cravo as unhas nas suas costas, e elevo o quadril, e ele começa a rebolar dentro de mim.

Estou tão excitada e com tanta saudade, que não posso me conter, remexo também, estremeço e gozo. Quase desfaleço. Ele intensifica as estocadas e geme sem parar. Estou ultrasensível, sentindo o meu clitóris pulsar e os meus mamilos arderem intumescidos.

Ele entra e sai de mim com brutalidade e isso me atíça tanto que não paro de gritar. As minhas entranhas contraem, a minha boca seca, o ar me falta, suspiro alto, e ele urra. O orgasmo iminente incendeia a minha vagina e, quando chega, gozo deliciosa e despidoradamente. Ele urra novamente, estremece, arremete com força entrando bem fundo e se esvazia dentro de mim. É tão quente e tão gostoso que explodo em outro orgasmo.

Thomas desaba ao meu lado na cama, me abraça, e ouço o som do seu choro. Olho para ele, o homem está tão lindo que também sinto vontade de chorar, então choro. Choramos juntos, abraçados e satisfeitos.

– Não chore, esposa. – Pede soluçando.

– Foi você quem começou.

– É que amo tanto você e tive tanto medo de perdê-la que, nesse momento, sentindo-a tão minha, não consegui me conter. Você é a minha vida, Eva. – Declara, e me faz chorar ainda mais.

– Obrigada por nunca desistir de mim. Você também é a minha vida. Nunca, nunca mais deixarei você me deixar. – Ameaço, soluçando.

– Aprendi a lição. Foi tão ruim, tão dantesco, que nunca mais a deixarei, pode acreditar. Nunca! – Prometo fungando.

Deito-me sobre ele e coloco o nariz na sua nuca, sinto o seu cheiro, e ele percorre as minhas costas com as mãos, para nas minhas nádegas, alisa, alisa, acaricia, dá um tapinha, outro tapinha e alisa de novo.

– Adoro a sua bunda. – Diz e, ainda chorando, ri.

– Ideia fixa, já sei.

– Estou duro de novo, mulher! Nunca me sacio de você.

– Se me prometer não chorar mais, sairei de cima de você e ficarei de quatro, assim o meu marido poderá observar a minha bunda enquanto me penetra. Que tal? – Eu o instigo.

– Sem choro, prometo. Adorei a ideia. Só uma perguntinha. Você de quatro, eu olhando a sua bunda, faça o que quiser? – Ri maliciosamente, o olhar indecente me devassando.

– E do jeito que quiser. – Respondo e sinto o meu corpo responder também.

Saio de cima do Thomas e me coloco de quatro, olho para ele de lado e vejo um sorriso de satisfação estampar o seu rosto. Observo que o seu membro está completamente rijo outra vez e fico muito animada. Ele me segura pelo quadril, e voltamos a nos deleitar.

– Acorda, esposa. Bom dia.

– Bom dia, marido. – Espreguiço languidamente.

– O seu café. – Ele coloca uma bandeja no meu colo.

– Café da manhã na cama? Maravilha! Estou faminta. – Comemorou, e ele sorri.

Depois do café da manhã na cama, de um banho estimulante e de milhões de beijos apaixonados, acho que é hora do Thomas me revelar os detalhes da conspiração que nos levou ao altar.

– A que horas precisaremos estar prontos para a viagem?

– Mais tarde, não se preocupe. – Ri, fazendo-se de misterioso.

– Então, temos tempo. Quero todos os detalhes da trama que transformou você em meu marido, não me esconda nada. – Provoco.

– Está reclamando, é? Não tem mais jeito, o casamento já foi consumado. Agora você é minha até que a morte, segundo as suas próprias palavras, temporariamente nos separe ou nos reúna. – Salta sobre mim e me enche de beijinhos.

– Claro que não estou reclamando, estou é muito curiosa. Por favor, conte como tudo aconteceu. – Peço fazendo charminho .

O meu doutor, e marido, olha-me ternamente, sorri e se prepara para começar a explicação que, acho eu, será longa.

– Eva, quando você me devolveu a gargantilha entrei em pânico. Telefonei para você e não acreditei na frieza com que fui tratado. Pressenti que algo estava

muito errado, tentei que me atendesse novamente e não consegui, então telefonei para o seu pai.

– Antes de vir me procurar você telefonou para o meu pai? – *Estou achando que a narrativa será inacreditável* .

– Você vai ficar me interrompendo?

– Desculpa, vem cá, coloque os pés no meu colo que farei uma massagem neles enquanto me conta tudo. Prometo que só interrompereei se tiver alguma pergunta relevante. – Digo, ele atende o meu pedido e relaxa.

– Como ia dizendo, telefonei para o seu pai e contei o que tinha acontecido. O velho Guido me ouviu, riu, e só se dignou a me dar um conselho: “Corra, Thomas, o tempo está contra você, procure a Eva e pare de se fingir de forte”. Por mais que eu tenha insistido ele não me disse mais nada.

Gargalho interrompendo novamente a narrativa porque essa frase tem a cara do meu pai.

– Então... – Faz cara de quem não quer ser interrompido. – Ainda muito cedo peguei a estrada e vim dirigindo igual a um louco para São Paulo. Para falar a verdade, nem sei como consegui chegar inteiro. Procurei você e tivemos aquela conversa terrível, e quando me disse que iria se casar com o Marco, surtei. Saí daqui e fui para um quarto de hotel para tentar me acalmar e pensar em alguma forma de fazê-la mudar de ideia. Sabia que iria ser complicado porque você, Eva, é uma grande cabeça-dura.

– Pergunta relevante! – Grito.

– Faça a sua pergunta relevante que tentarei respondê-la. – Ele ri da minha encenação.

– Retrocedendo um pouco na história. Diga por que o fato de ter recebido a gargantilha de volta o fez parar de ser um cretino e vir me procurar. – *Posso ser cruel às vezes* .

– Porque depois da minha revolta inicial, quando descobri sobre o seu relacionamento com o Nicolas, passei a achar que estávamos em algum tipo de queda de braço. Pensei que você me procuraria se me mantivesse firme, afinal considerava que a sua atitude é que tinha me feito ir embora. E, como sempre fui eu quem foi atrás de você, queria sentir o prazer de ser procurado pelo menos uma vez. Suspeitava que o meu amor fosse maior e queria equilibrar a balança. – Confessa, e me irrita.

– Você foi embora porque estava magoado, porque não acreditava no meu amor ou porque queria me ver rastejar? – *Estou incrivelmente irritada.*

– Fui embora porque estava muito magoado e porque estava em dúvida se o alvo do seu amor era realmente eu... E não voltei depois que a mágoa passou, depois que me convenci do seu amor, porque achei que não faria mal nenhum vê-la implorar um pouquinho . – Fala, e noto o seu olhar envergonhado.

– Bem feito que eu tenha ficado noiva de outro. Quem mandou brincar com os meus sentimentos? A sua atitude quase nos afastou de vez. – Demonstro a minha indignação.

– Ei, alto lá! As “nossas atitudes” quase nos afastaram de vez. Está certo que fui infantil esperando que me procurasse implorando, mas você foi muito leviana marcando casamento com o Marco, muito leviana mesmo. – Desabafa bastante irritado.

– Vamos ter a nossa primeira briga depois de casados, estou até vendo! – Aperto os pés dele com força.

– Ai! – Agita os pés no meu colo. – Acho que não vale a pena brigar por algo que é passado agora. Olha só, este sou eu novamente recuando para que a minha esposa nervosinha volte à razão, mas não se acostume, porque também travo as minhas batalhas.

– Desculpa, marido. Tenho que aprender a controlar o meu mau gênio. O confronto, geralmente, me faz apelar. – Sorrio e beijo os dedos do pé dele.

– Continuando a história. Decidi procurá-la novamente e convencê-la a desistir do noivado maluco, mas o noivo estava aqui e brigamos. A sua mãe apareceu, controlou a situação, e você e o Marco me deixaram plantado lá fora. A sua mãe ficou e conversou comigo, me aconselhou a procurar o seu pai e falar com ele. Ela me disse que juntos poderíamos resolver a questão de acordo com o que avaliássemos que seria o melhor para você. – Respira fundo.

– Ei, doutor, tornei a sua vida bem emocionante, não foi? – Interrompo sabendo que a pergunta não é nada relevante.

– Você não sabe o quanto! – Ele ri menos aborrecido. – Então procurei o seu pai, conversamos e, como ele sabe que tenho um enorme potencial para fazê-la feliz, e como tinha me feito uma promessa da qual fiz questão de lembrá-lo, concordou em me ajudar a separá-la do Marco. Além disso, ele mesmo já tinha tomado algumas providências.

– Pergunta relevante! – Agito a mão no ar.

– Não, senhora Chapman, as suas perguntas só me desconcentram. – Faz cara de mau e recomeça. – Tendo o seu pai como aliado, me senti mais animado, e só tinha que bolar um plano. Então a sua mãe se juntou a nós dizendo que você estava totalmente balanceada com o meu retorno, que só estava com o Marco para cumprir um acordo, e nos ajudou a montar uma estratégia. A sua mãe é um gênio.

– Concentre-se na história. – Protesto.

– Decidimos que eu deveria procurar você todos os dias para continuar deixando-a balanceada. As minhas declarações tinham que ser diárias para que nunca deixasse de pensar em mim e para que o Marco não ganhasse a sua atenção. Só me absteve de encontrá-la para não acabar estragando o plano.

– E qual era o plano? – Pergunto interrompendo-o.

– Bem, o plano consistia em organizar de verdade apenas o nosso casamento e fingir que estava sendo organizado o seu casamento com o Marco. Os advogados do seu escritório tinham trabalhado muito e conseguido a minha nova certidão de nascimento, e os nossos documentos foram levados para o cartório. Lembre-se de que você assinou uma procuração para a sua mãe resolver tudo em seu nome, mas, como você estava tão apática, ela conseguiu fazê-la assinar mais do que apenas uma procuração.

– Vocês me enrolaram direitinho. Saiba que só assinei sem ler o que a minha mãe pediu porque ela é a minha mãe e sempre confiei nela. – Digo perplexa.

– Todas as nossas ações foram planejadas para que você não desconfiasse de nada. Não queríamos correr o risco de você estragar tudo para cumprir a sua palavra. O Marco nunca teve chance, ele seria avisado de que não haveria casamento apenas no dia anterior ao previsto para a realização da cerimônia, e você estaria no SPA, incomunicável, junto com a sua mãe.

– E foi só avisar ao Marco que não haveria mais casamento que ele concordou? – *Estou chocada* .

– Na verdade, estou contando o que achamos que seria feito, mas tudo deu mais certo do que o previsto. O Universo conspirou a nosso favor. O plano original era o que acabei de falar, mas tivemos que alterá-lo. – Thomas ri muito à vontade.

– Como assim? – *Ainda não peguei o espírito da coisa* .

– No plano original, o Marco seria avisado de que não haveria casamento porque você já estava casada comigo e ele teria que se conformar. – Continua rindo.

– Estou completamente confusa. – *A minha cabeça está dando um nó.*

– Conforme o plano original, foi realizado um casamento por procuração. A Evinha representou você e o Guido me representou. Estamos casados desde as nove horas da manhã daquele dia em que foi para o SPA.

– O quê? A minha data de casamento então é outra? Cadê a nossa certidão de casamento? – Exijo a comprovação dessa história mirabolante.

– Está com os seus pais. Mas posso garantir que você está casada comigo no civil desde o dia quatro de julho, tudo conforme manda a lei, Eva Maria Fiore Chapman. – O sorriso maravilhoso dele ilumina tudo a nossa volta.

– Vocês chegaram a pensar na hipótese de me recusar a ser sua esposa apesar de tudo o que fizeram?

– Sim, pensamos. E se isso acontecesse, o seu pai se encarregaria de providenciar a anulação do casamento, e eu me encarregaria de fazer todo o possível para que o casamento fosse consumado. – Ele ri e coça a nuca novamente.

– Vou ser muito sincera agora, Thomas. Se o Marco não estivesse naquele altar e não tivesse dito o que me disse, acho que não teria aceitado o seu pedido de casamento. Falo isso porque, mesmo desejando ser a sua esposa, ficaria completamente surpresa e confusa, e não teria coragem de dizer sim para você sem saber a real situação do Marco na história. – Exponho a minha impressão.

– No caso do plano original, o seu pai lhe contaria que você já estava casada comigo por procuração quando estivessem na limusine a caminho da casa de festas, e tentaria convencê-la a participar da cerimônia simbólica que tivemos.

– E o que aconteceria com o Marco no caso do plano original? – Questiono curiosa.

– O Marco ficaria chupando dedo. – Responde rapidamente.

– Mesmo sendo informado que estávamos casados por procuração, acho que o Marco não aceitaria ser passado para trás. Além disso, ao agir dessa forma o meu pai arriscaria perder a conta da empresa dele para outro escritório, ganharíamos inimigos e com razão.

– Como eu disse antes, o seu pai já tinha tomado algumas providências. Assim que você anunciou que pretendia se casar, o seu pai ligou para o pai do Marco e confessou que estava muito desconfortável com o casamento relâmpago de vocês. Disse a ele que você amava outro, que achava que o Marco não seria feliz ao seu lado e que talvez fosse melhor que ele encontrasse uma maneira de manter o filho afastado de você. Explicou que a distância poderia arrefecer o relacionamento e fazer com que abandonassem a ideia tresloucada de casamento.

– E o que o senhor Donato, o pai do Marco, fez?

– O senhor Donato concordou com a sugestão do seu pai e enviou o Marco para Brasília. Depois, quando o Marco terminou o que foi fazer em Brasília, chamou-o de volta a Fortaleza para resolver uma série de problemas. – Ri satisfeito.

– Aquele meu pai é mesmo uma ave de rapina. – Sorriu admirada da perspicácia dele.

– O senhor Donato também não queria o casamento, porque achava que você não tinha interesse pelo Marco. Ele pôde notar da última vez em que você esteve em Fortaleza. Tinha receio que você o fizesse sofrer. Então veio até São Paulo conversar com o seu pai e concordou com o plano. O próprio senhor Donato viria buscar o Marco depois que ele fosse informado que não haveria casamento.

– Vocês são mesmo maquiavélicos. – *Estou boquiaberta* . – Gostaria de saber como o Marco foi parar na mesma cerimônia que foi planejada para nós. – *As dúvidas me assolam*.

– Vou chegar nessa parte, mas antes preciso lhe contar outra coisa.

– Mais coisa? Você está me contando muitas coisas! – Fico apreensiva.

– Um pensamento me perturbava o tempo todo. Eu temia que quando o seu pai lhe contasse o que fizemos você não concordasse em participar da cerimônia porque não aceitaria o fato de o Marco ter sido enrolado. Você é uma mulher de palavra e se sentiria mal com tudo isso. Ouvi de você, agora a pouco, a confirmação que não me aceitaria se o Marco não tivesse dito o que lhe disse no altar. Com esse problema fervilhando na minha cabeça, achei que deveria procurar o Marco para conversar com ele. Queria tentar chamá-lo à razão e fazê-lo dispensá-la do acordo. Então, fui até o hotel onde ele estava hospedado. Sabia que você não estava lá com ele porque a sua mãe me contou, só que o que eu vi fez tudo mudar.

– Tive quase certeza de que você não estava me contando tudo na noite em que me procurou. Pressenti também que o Marco estava me escondendo algo. – Interrompo.

– Quando cheguei ao hotel, o Marco não estava na suíte. Pelo o que a sua mãe havia me dito, ele deveria estar no bar. Fui até lá, e o encontrei conversando com a Patrícia, a sua secretária, e fiquei de longe observando. O clima entre eles era de romance. Ele segurava a mão dela, colocava o cabelo dela atrás da orelha, e acabaram se beijando na boca. Aproveitei que estavam de olhos fechados e tirei algumas fotos com o meu celular.

– A Patrícia e o Marco? – *Estou perplexa* .

– Exatamente. Quando percebi que ele iria pagar a conta, me adiantei e subi para o andar da suíte dele. Acreditei que ele a levaria para lá, me escondi atrás da pilastra do corredor e esperei. Eles chegaram se abraçando e se beijando, a mão boba do Marco percorria o corpo todo da Patrícia, e ela parecia estar adorando. Na porta da suíte ela fez menção de recuar, ele a agarrou, enfiou a mão dentro da blusa dela e quase se pegaram no corredor. Tirei mais fotografias de longe, e eles entraram na suíte no maior amasso. Esperei uns dez minutos e, como ninguém saiu, vim procurá-la.

– Você tem as fotografias? Posso ver?

Estou curiosa para ver a Patrícia dando uns amassos no Marco, nunca imaginei que ela teria coragem de me trair.

– Eva, não as mostrarei. Nem insista. – Desconversa. – Saí do hotel me sentindo mal, comecei a ter um pouco de febre, ver o Marco trair você me abalou. Telefonei para o seu pai e relatei o acontecido, falei que iria procurá-la para contar sobre a traição do Marco, e o seu pai foi contra, disse para continuarmos seguindo o nosso plano. Mas mesmo assim vim para cá com o firme propósito de contar para você o que o Marco e a Patrícia estavam aprontando e levá-la para flagrar os dois. Quando cheguei ao estacionamento, desisti.

– Por que você desistiu?

– Desisti porque resolvi usar o que eu sabia para convencer o Marco a liberá-la do acordo. O plano original começou a sofrer alterações a partir daí.

– Só que você apareceu aqui e me levou para a cama. Fui honesta com o Marco e contei o que aconteceu, e se ele também tivesse sido honesto comigo e

me contado que tinha transado com a Patrícia, você teria perdido o seu trunfo porque, como você sabe, “chumbo trocado não dói”.

– Eu já imaginava que você contaria o que fizemos para o Marco, mas tinha certeza de que ele não contaria nada para você sobre ele e a Patrícia. Até poderia vir a contar em outra ocasião, não dias antes do casamento que pensava que fosse acontecer.

– Por quê? – Pergunto para tentar entender a lógica dele.

– Porque ele jamais lhe daria um pretexto para deixá-lo. Você o traiu com o homem que ele sabia que você ama, e ele a traiu com a sua amiga e secretária pessoal. Eu acreditava, pelo visto corretamente, que ele acharia que você não perdoaria nenhum dos dois e resolveria não se arriscar revelando para você o que fizeram.

– E o Marco sabia que se eu estivesse buscando um motivo para romper o acordo, esse seria um excelente motivo. – Falo pensativa.

– Voltando à narrativa. Você contou para o Marco que transou comigo e ele não lhe contou nada a respeito de ter transado com a Patrícia. A sua mãe a levou para o SPA, ainda seguindo o plano original, e o Marco foi com o seu pai conversar comigo. Ele desconfiou que eu o tinha visto com a Patrícia pela conversa que teve com você e queria me confrontar, mas acabamos tendo um diálogo franco. Esse diálogo foi completamente diferente do que previa, e a partir daí o desfecho planejado para o plano original foi alterado.

– O que você e o Marco conversaram? – Tento acelerar a narrativa, estou muito curiosa.

– Informei a ele que você estava casada comigo por procuração e que aconteceria uma cerimônia simbólica, organizada pelos seus pais e por mim para celebrar isso, mas que você não sabia de nada ainda. Além disso, confirmei que sabia o que tinha acontecido entre ele e a Patrícia e disse que tinha provas. – Thomas trava o maxilar, e acho que a conversa entre eles deve ter sido tensa.

– E ele desistiu de me fazer cumprir o acordo? – *Agora estou começando a entender a atitude dele.*

– O seu pai e o pai do Marco, que já estava em São Paulo, também conversaram com ele e me ajudaram a convencê-lo.

– Mas isso não explica o fato de o Marco ter resolvido me esperar no altar. – Digo intrigada.

– Também não entendi muito bem porque ele resolveu fazer isso. Cheguei a opor resistência à participação dele porque achei que ele estava tramando algo. Mas ele jurou para o pai que iria até lá apenas para liberá-la do acordo, disse que faria isso em consideração a você porque sabia que só concordaria em se casar comigo, mesmo me amando, se ele desistisse do acordo e a deixasse saber disso.

– E vocês confiaram na palavra dele? – Pergunto ainda um pouco intrigada.

– Eu estava bem reticente em acreditar, porém o seu pai e o dele acharam que ele estava falando a verdade e me convenceram. O seu pai disse que era um ato de amor da parte do Marco, só que eu, particularmente, achei que ele estava se agarrando a um fio de esperança.

– Se agarrando a um fio de esperança? Não entendi.

– Pense bem, Eva. Ele deve ter imaginado que talvez você se revoltasse com tudo o que foi feito pelas suas costas e não concordasse com o casamento e, dessa forma, poderia continuar alimentando a esperança de tê-la. Sendo assim resolveu estar presente na cerimônia e ver a sua reação com os próprios olhos.

– Pode ser, mas acho que só o próprio Marco é capaz de realmente dizer qual foi o motivo que o levou a se incluir no plano e agir da forma que agiu.

– *Acho que talvez nem ele saiba dizer o porquê* .

– Na verdade, foi a ideia do Marco de estar no altar que me fez pedir para o seu pai não contar nada para você a respeito do casamento por procuração e do casamento simbólico. Convenci o Guido e a sua mãe de que seria muito mais emocionante e romântico se você não soubesse de nada até o último minuto.

– Você não acha que se arriscou demais? – *Acho que ele foi até um pouco insano.*

– Eva, você é uma grandessíssima de uma cabeça-dura. Tentei convencê-la, me declarei de diversas formas, até dormimos juntos e reafirmamos o nosso amor pouco antes da data marcada para o casamento, e você não desistiu de cumprir o acordo com o Marco. Então, concluí que você estava me testando de alguma forma. – Thomas faz o seu olhar de consternado.

– Sou uma mulher de palavra, você mesmo admitiu isso, meu amor. Eu não podia simplesmente mudar de ideia, já tentei explicar milhões de vezes. – Resmungo.

– Acredito realmente nisso, minha linda esposa. Mas também fui levado a crer, por alguma espécie de pressentimento, quando você disse que não seria tão fácil entrar por aquela porta novamente, que você desejava que eu fizesse um

grande esforço para tê-la de volta. Pressenti que você queria que eu manifestasse o meu amor e demonstrasse acreditar no seu amor, e que fizesse algo que a deixasse segura com relação ao nosso futuro. Confiei que quando você visse o que planejamos e percebesse o quanto eu estava me arriscando, e na frente de tanta gente, não teria dúvidas em me aceitar como marido. – Ele sorri com a cara mais satisfeita do mundo.

– Tem razão, Thomas. Não queria que pensasse que o meu amor seria a sua garantia de estabilidade a qualquer custo na minha vida. Desejava que você provasse que estava preparado para valorizar o nosso relacionamento. O casamento surpresa foi mesmo uma boa maneira de me fazer entender que confia no meu amor e no seu, e de me fazer confiar que está disposto a lutar pela nossa felicidade. Além disso, o Marco ter me dispensado do acordo uniu o útil ao agradável. – Explico.

– Prometo que nunca mais vou deixá-la. Juro que farei de tudo para manter o nosso amor a salvo das pequenezas da vida. – Thomas retira os pés do meu colo, pega a minha mão e beija a minha aliança de maneira reverente.

– Lembre-se da sua promessa, Thomas. Nunca mais me abandone, porque se você me deixar, por qualquer motivo que seja, não terá mais volta. Isto é uma ameaça. Doeu demais, e me recuso a sofrer assim outra vez. Cumpra as suas promessas, ou pense muito bem antes de sair prometendo. Estamos entendidos? – Faça a minha cara de malvada .

– Completamente. Também saiba você que está proibida de esconder ou omitir qualquer coisa de mim por qualquer razão que seja, porque se fizer isso outra vez terá que se ver comigo. Isto também é uma ameaça e das grandes. Estamos entendidos? – O olhar gelado com que me encara me assusta.

– Sem a menor sombra de dúvida. – Respondo rapidamente.

– Pronto! Agora você já sabe como tudo aconteceu. – Dá um suave beijo nos meus lábios.

– Pronto nada, tenho algumas dúvidas. – Protesto.

– Pode perguntar o que quiser. – Ele me olha intrigado.

– Quando foi que a Patrícia também foi incluída no plano? – *Estou mesmo muito curiosa a respeito disso* .

– O seu pai procurou a Patrícia depois que falamos com o Marco. Pediu ajuda para executarmos o nosso plano. Ela deveria vir aqui ficar com você,

ajudá-la a se arrumar e garantir que você comparecesse ao casamento. A Patrícia aceitou porque acho que ela é apaixonada pelo Marco, e o nosso plano era a oportunidade dela de tirar você do caminho. Penso que foi por isso que o seu pai a envolveu na história, porque sabia que ela tinha interesse em que o que foi planejado desse certo.

– Mesmo desconfiando que a Patrícia tivesse uma quedinha pelo Marco, sempre acreditei que ela me jogava nos braços dele, que torcia por nós. – Divago.

– Acho que ela mudou de ideia depois que dormiu com ele, ou quem sabe isso aconteceu antes em algum outro momento. Não sei, nunca conversamos a respeito, só o seu pai conversou com ela. Na verdade sou muito grato à Patrícia por ter, mesmo sem querer, ajudado a tirar o Marco do seu caminho, porque se ela não tivesse transado com ele, eu não conseguiria o meu trunfo e teria sido mais difícil convencê-lo. – Ele ri e me abraça.

– Convencê-lo ou chantageá-lo? – Indago.

– O Marco foi convencido, não foi preciso chantageá-lo. Acho que ele já tinha percebido, mesmo antes da nossa conversa, que não teria forças para ir contra a grandeza do nosso amor.

Ganho outro abraço e outro beijo do meu marido encantador.

– A Patrícia é a mulher perfeita para o Marco, e espero que ele enxergue isso. – *Intimamente começo a torcer pelos dois.*

– Podemos almoçar ou a minha esposa maravilhosa tem mais alguma pergunta?

– Tenho outra pergunta. – Digo sorridente. – A juíza de paz que realizou a nossa cerimônia era uma atriz?

– Não, é uma juíza de paz de verdade, esposa de um amigo do seu pai, só que não estava lá a trabalho. Ela foi apenas fazer parte da magia do momento, já que estávamos de fato casados há alguns dias.

– O meu nome agora é mesmo Eva Maria Fiore Chapman?

– Sim, minha esposa. – Responde, sorridente.

– Adorei!

– Também adorei. A mulher que eu amo, a minha esposa, carregando o meu sobrenome que só ganhei por causa dela. – Ele faz esta linda declaração, e me acho a mulher mais sortuda do Universo.

– Sabe no que estou pensando agora?

– Na verdade, não. – Responde e ri.

– Durante toda a sua narrativa, pude observar que ocorreram situações que facilitaram a execução do plano, parece que alguma força superior estava auxiliando vocês. – Sorrio.

– Exatamente, tenho a mesma sensação. – Ele concorda.

– Desde que o conheci tenho a impressão de que as nossas vidas estão entrelaçadas. Acho que estávamos predestinados um ao outro e que tudo o que nos aconteceu foi para fortalecer ainda mais o nosso amor.

– Nossas vidas estão mesmo entrelaçadas, esposa, e agora para sempre. – Ele me encara de maneira contemplativa.

– Podemos almoçar?

– Sim, estou faminto. – Abre o seu sorriso divino. – Só que estou mais interessado em me alimentar de você.

– Teremos tempo? – *Ainda não perguntei a ele sobre lua de mel.*

– Vamos bater um recorde, que tal? – Pergunta com o olhar matreiro, me agarra e me beija apaixonadamente.

Thomas enfia a mão por debaixo da minha saia e acaricia a minha nádega, apertada e eu gemo com a boca colada na dele. Ele mordisca o meu lábio e enfia a mão dentro da camiseta do meu marido quentinho.

– Eva, sério, você acaba comigo. Vou tirar logo a roupa porque o meu pau está quase rasgando a bermuda.

Ele fica nu, e o observo completamente fascinada.

– Um homem com um corpo desse, todo dia na minha cama, só pode ser muita sorte mesmo.

– Você precisa conhecer a esposa desse homem, é linda, gostosa e safada. Eles formam um casal incrível. – Ele sorri, e começa a tirar a roupa também.

– Sabe do que eu preciso agora?

– Do quê? – Olha o meu corpo de cima a baixo.

– De uma rapidinha daquelas de tirar o fôlego.

Ele vem para cima de mim e sai me arrastando, coloca-me contra a parede, esmaga o corpo dele contra o meu e mordisca a ponta da minha orelha. Ofego. Latejo. Incho. Inflamo.

Arranho as costas dele e gemo. Ele estremece. Geme. Ofega.

Thomas beija o meu pescoço, e inundo. A minha vagina pulsa, sinto um frio no estômago e arrepio completamente.

Ele desce a boca até o meu seio e suga o mamilo, e adoro, coloca as pontas dos dedos sobre o outro mamilo e fricciona, e adoro também. Enterro as mãos em seus cabelos e puxo a cabeça dele para trás, e ele me morde de leve, grito, ele para o que está fazendo e me olha encantado.

– Vou virar você de frente para a parede. Coloque as mãos espalmadas nela e arrebite para trás. – Fala com a voz rouca e sensual, e sei que se ele me pedisse para plantar bananeira usando esse mesmo tom, eu faria na mesma hora.

Fico de frente para a parede e de costas para ele.

– A sua bunda é uma obra de arte. Perfeita, irretocável.

Arrebito um pouco mais para trás e ele coloca as mãos nos meus quadris. Sou puxada de encontro a ele e sinto um prazer enorme quando sou penetrada bruscamente.

– Você está tão molhada e tão quentinha, esposa. Adoro isso.

– Ah, marido, estou pegando fogo, acho que estou tão molhada para manter a temperatura em um nível aceitável. – Falo, e ele ri.

Thomas entra e sai de mim vigorosamente. As mãos apertando os meus quadris com força. A penetração profunda. O vaivém rápido e brusco.

– O seu marido vai gozar muito.

– A sua esposa também.

De repente me sinto explodir, o orgasmo parece um míssil atingindo o alvo, e nem sei mais onde estou. Ouço o urro do Thomas e as minhas pernas fraquejam. Ele me sustenta pelos quadris e estremece, lateja dentro de mim, e respiro fundo.

– Eva, você foi feita para deixar o seu marido muito satisfeito.

– Thomas, você foi anatomicamente projetado para me dar prazer, tenho certeza disso.

Ele sai de dentro de mim e me puxa para perto dele. Enlaça o meu corpo por trás, beija o topo da minha cabeça e ficamos grudados.

– Vou dar um banho em você, minha mulher.

– E eu vou deixar.

Tiro as mãos dele da minha cintura, viro e o encaro.

– Casei com um homem grande e forte, capaz de me carregar no colo sem o menor problema.

– A folgada quer colo?

– A fogosa quer colo. – Corrijo o que diz, e ele ri com vontade.

– Vou levá-la no colo, fogosa, e tomaremos um banho frio porque senão o almoço vai virar jantar.

– Ótima ideia. Homem grande e forte, que também é lindo, e gostoso, e falante, e casado comigo. – Gargalho, e ele me pega no colo.

Capítulo XI

Poderíamos ter saído para almoçar, só que não estávamos dispostos. O dia anterior foi de muita tensão, e estar juntos no nosso ambiente familiar foi a maneira perfeita que encontramos para relaxar. Descongelamos um assado que estava no freezer, fiz uma salada, e comemos alegremente o nosso banquete improvisado.

– Marido, só consigo imaginar que realmente recebemos alguma espécie de ajuda divina. Demos muita sorte de tudo ter dado certo porque acho que o plano de vocês tinha algumas pontas soltas. – Digo, saboreando o meu suco de uva.

– Pontas soltas? Não venha criticar um plano que deu tão certo. Tão certo que você está aqui comigo, completamente minha e da maneira que sempre sonhei. – Thomas ri.

– Por exemplo... – Começo a especular. – Se o Marco não tivesse concordado em cumprir os compromissos de trabalho que o pai dele demandou, teria passado mais tempo comigo aqui em São Paulo e, com ele por perto, o plano de vocês poderia ter sido atrapalhado. – *As palavras saem da minha boca e, vendo o rosto do Thomas ficar vermelho, acho que falei demais.*

– Se ele ficasse mais tempo por perto o que teria acontecido, Eva? – Thomas pergunta com o olhar furioso, e sei que o ciúme o pegou de jeito.

– Talvez ele tivesse se intrometido na organização do casamento ou, quem sabe, tivesse ido verificar os documentos no cartório. Algo poderia tê-lo deixado desconfiado. – Tento explicar.

– Ah, sim, verdade. Mas acontece que a empresa do Marco, assim como a sua, é familiar, e o pai dele exerce grande influência sobre os filhos. Acredito que o Guido pediu a ajuda do senhor Donato porque sabia que ele não concordaria com um casamento que poderia arruinar a vida do filho.

– O senhor Donato deve ter se lembrado de quando você invadiu a sala de reunião e me arrastou para fora da sede da AMPLA em Fortaleza. Deve ter pensado que eu sou maluca e você um troglodita e resolveu colaborar com o meu pai para livrar o filho de nós. – Gargalho.

– Acho que isso deve ter contribuído bastante. – Thomas concorda e ri

também. – Mais pontas soltas? – Pergunta quando consegue parar de rir.

– Não quero mais falar sobre isso agora, doutor meu marido.

– E você quer falar sobre o que então, doutora minha esposa? – Olha-me carinhosamente e me oferece um caloroso sorriso.

– Na verdade, acho que está na hora da sobremesa. – *Sou toda insinuação e promessas* .

– Mais sobremesa? – O meu marido pergunta e sorri de um jeito muito sensual.

– O que fizemos antes do almoço foi um aperitivo. A sobremesa é depois do almoço. Regra gastronômica, tenho certeza. – *Uso bons argumentos.*

– Uau! A nossa lua de mel começou bastante animada. – Levanta e me pega no colo.

Completamente relaxada nos braços do Thomas, depois da nossa prazerosa atividade, observo o seu rosto de formas perfeitas e fortaleço a minha atual convicção de que quanto mais o amo, menos parecido com o Nicolas ele se torna. Sei que isso é só impressão minha, claro, porque os dois eram gêmeos idênticos e acredito que essa minha impressão é oriunda do tipo de amor que sinto por ele. É um amor tão forte que chega a ser personalíssimo, e isso faz com que o Thomas seja único e totalmente exclusivo para mim.

Ele cochila, parece muito tranquilo, e acho que está se recuperando da montanha russa que foi a nossa vida nesses sessenta dias de desencontro.

Estou mais uma vez agradecida porque ele não desistiu de mim e sei que nunca estive mais feliz. A felicidade de estar casada com o homem que amo é indescritível.

– Parece que a doutora está examinando atentamente o bem que adquiriu. – Fala quando desperta e me vê encantada olhando para ele.

– Verdade! E estou pensando em guardá-lo em um cofre.

– Em um cofre? – Ri e passa as pernas ao redor de mim.

– Sempre ouvi dizer que é onde são guardados os bens mais preciosos.

– Ah, minha adorada esposa, obrigado pelo elogio, você é que é uma joia de valor inestimável. – Cheira o meu pescoço me fazendo arrepiar.

– Onde estes valorosos seres humanos passarão a lua de mel? – Roço o meu pescoço no nariz dele.

– Ih... Gostaria de esclarecer que estava mais preocupado com o casamento

do que com a lua de mel... Além disso, estou montando a clínica com o meu irmão e primas e não posso me ausentar por muito tempo, também tem a questão da reforma da nossa casa...

– Pare de se justificar, doutor. – Digo interrompendo-o. – Em outro momento quero que me fale da clínica, da reforma da nossa casa que eu nem sabia que existia e de onde iremos ficar residência, mas tudo a seu tempo. Agora o assunto é a lua de mel. Diga apenas para onde vamos ou se vamos para algum lugar. – Tento ser prática.

– Iremos para Campos do Jordão.

– Campos do Jordão?

– Eu não conheço a cidade e os seus pais me disseram que você também não, então considere uma boa ideia. – Um Thomas muito sério me observa.

– O bom é que demoraremos apenas umas duas horas para chegar até lá. – Constato rindo.

– Eva, eu sei que o Marco tinha planejado uma mega lua de mel... Ele contou os detalhes para a sua mãe e ela me contou que seriam dois meses inteiros viajando pelo mundo. Mas, como estava tentando explicar antes, a nossa lua de mel não pode ser muito longa e também foi planejada de última hora, porque, confesso, estava mais preocupado em conseguir me casar com você. O que posso lhe oferecer, no momento, são duas semanas muito românticas em uma cidade próxima. – Justifica-se mais uma vez.

– Thomas, estando com você eu poderia passar a lua de mel dentro deste apartamento sem me aborrecer, desde que ninguém nos incomodasse. Você sabe que sempre adoramos a companhia um do outro. Estou ansiosa para conhecer Campos do Jordão e mais ansiosa ainda porque sei o que os casais fazem bastante durante a lua de mel. – Termina de falar, gargalho e ele sorri mais relaxado.

– Ficaremos hospedados no chalé que aluguei. O mês de julho é excelente para visitar a cidade, um dos pontos altos da programação do mês é o festival de inverno onde se apresentam renomados instrumentistas do Brasil e do exterior. – A animação na voz dele me alegra.

– Teremos também lareira, chocolate quente, truta com amêndoas, fondue e muito sexo? – *Estou muito interessada na resposta.*

– Tudo isso e, algumas dessas coisas, mais que diversas vezes. – Ele assegura, rimos e nos beijamos como o casal apaixonado que somos.

– A que horas seguiremos viagem? – Roço os meus lábios nos dele.
– Podemos ir agora, o que acha? – Mordisca o meu lábio inferior.
– Preciso fazer as malas. – Dou um beijinho suave nele.
– As nossas malas estão prontas. Eu mesmo as arrumei. – Afasta a cabeça e me encara matreiro.

– Quando você conseguiu fazer isso, homem misterioso? – Gargalho baixinho sem deixar de encará-lo.

– Fiz muitas coisas quando você estava no SPA, e uma delas foi arrumar as nossas malas para a viagem de lua de mel. Sou um homem confiante. – O sorriso holofote que me dá quase ofusca a minha vista.

– Quer dizer que o meu pai deixou que viesse aqui na minha ausência e mexesse nas minhas coisas? – *O complô deles foi mesmo muito organizado.*

– Sim, inclusive me acompanhou. Gostaria que soubesse que fiquei, desde a noite que encontrei o Marco aqui e brigamos, no apartamento dos seus pais. Eles acharam melhor que eu me hospedasse lá até que a situação se resolvesse já que o meu apartamento estava à venda. – Ri baixinho.

– Durante todo esse tempo você estava hospedado no apartamento dos meus pais? Ah! Por isso a organização do plano de vocês foi tão bem feita, ficaram vinte e quatro horas por dia tramando! Agora estou entendendo porque vi o seu casaco lá no dia em que os visitei. – *Estou perplexa* .

– Fomos muito cuidadosos para que não me pegasse lá de surpresa e o meu casaco quase arruinou tudo, mas o seu pai pensou rápido e inventou uma boa desculpa. Se não fosse por eles creio que não teria aguentado passar por tudo o que passei quando achei que se casaria com o Marco. Sem eles por perto eu teria, com certeza, feito alguma enorme besteira. – Respira profundamente.

– A propósito, o seu apartamento está à venda? – *Esta notícia me intriga.*

– Estava, foi vendido. Investi o dinheiro na clínica que estou abrindo, não quis mexer no dinheiro do fundo fiduciário que foi deixado em meu nome, e o que tinha guardado da venda da casa de Piracicaba usei para comprar a nossa casa, aquela da qual falaremos futuramente.

– Ah, meu amor! Quero tanto você... Você é tão maravilhoso! Como as nossas malas estão prontas, leve-me logo para Campos do Jordão antes que eu o empurre para o quarto, jogue-o na nossa cama e passe duas semanas inteiras em cima de você.

– Que proposta tentadora, esposa. Não mude os seus planos, o cenário será alterado, mas o contexto pode continuar sendo o mesmo. – Sorri maliciosamente.

Ainda bem que continuamos abraçados porque o beijo delicioso que me dá deixa as minhas pernas trêmulas.

– Marido, garanto que o contexto continuará sendo o mesmo, então providencie logo a mudança de cenário. – A minha voz melosa faz com que ele se anime ainda mais e passe as mãos pelo meu corpo.

A viagem até Campos do Jordão foi tão rápida, que nem chegamos a nos cansar. Cantamos o caminho todo, a nossa alegria está tão grande, que transforma todos os nossos momentos juntos em um grande prazer.

A cidade parece muito charmosa à primeira vista. Sei que ainda teremos que explorá-la, contudo, o que vejo me agrada. Estou me sentindo na Europa.

– Que chalé lindo! Parece uma casa de boneca. – Digo assim que saímos do carro.

– Que bom que gostou, passaremos ótimos momentos aqui. – Thomas afirma e me pega no colo.

– Ah, pensei que se esqueceria do protocolo. – Rio satisfeita no colo do meu marido apaixonado.

O chalé está localizado no bairro Alto do Capivari e é uma graça. Amarelo, cercado por árvores e por uma grama verdinha que se espalha como um tapete. O interior dele é muito aconchegante, está decorado em estilo rústico, com robustos móveis de madeira maciça compondo os ambientes.

Possui uma sala de estar com lareira em modelo belga, sala de jantar, cozinha, uma suite master com um amplo banheiro com banheira e outra suite menor, e posso dizer que me apaixonei pelo local em questão de segundos.

– É tudo tão bonito aqui, meu amor. Adorei! – Bato palminhas de contentamento.

– Você não sabe o quanto estou feliz com a sua satisfação, minha linda. Que bom que gostou. O que você quer que façamos depois que desarrumarmos as nossas malas?

– Que tal um banho de banheira e depois um passeio pela cidade? – *Estou exultante* .

– Aprovado. O banho de banheira seria juntos ou separados? – Pergunta,

sorrindo maliciosamente.

– Claro que juntos! Marido, lua de mel é sempre tudo juntinho. Estou eufórica com o tanto de coisas que estou imaginando fazer com você dentro deste chalé, ainda bem que as paredes não falam. – Gargalho baixinho e me joga em seus braços.

O chalé possui sistema de aquecimento, ótimo, porque faz bastante frio na cidade nesta época do ano. Sei que tenho o Thomas para me esquentar e isso me anima, mas costumo ficar preguiçosa no inverno, talvez porque não goste de vestir tanta roupa para sair ou porque a cidade onde nasci é quente como o inferno, e desde criança sempre fui acostumada ao calor, tanto que passei a preferi-lo.

Confesso que o inverno tem o seu charme. O frio faz todo mundo se vestir de maneira mais elegante, e ver o Thomas usando um sobretudo me deixou boquiaberta. Como um homem lindo consegue ficar ainda mais lindo?

– Acho que o meu sobretudo a agradou. – A risada gostosa do Thomas sempre me extasia.

–Agradou mesmo. Só que estou mais interessada no recheio dele. – Gracejo.

–E você também não está maravilhosa?

Estou vestindo calça preta de veludo justíssima, blusa de gola alta de lã mostarda, que realça a cor dos meus olhos, *trench coat* preto acinturado da Burberry e calçando as minhas superconfortáveis botas pretas de cano curto.

– Foi você quem arrumou a minha mala, então tudo o que eu vestir será responsabilidade sua. – Provoco-o.

– Eu sou mesmo muito bom em vestir a minha esposa porque você está linda, contudo, confesso que despi-la é o meu ponto forte. – Fala e me encara.

– Mais tarde deixarei que me dispa, ou melhor, que me descasque, temos muita roupa para tirar aqui. – A minha piadinha faz o meu marido rir. *Que olhar incrível esse homem sabe me dar.*

À noite a cidade fica ainda mais charmosa, toda iluminada, e vejo que muita gente aprecia o local porque inúmeros turistas circulam pelas ruas e lotam os restaurantes.

Passeamos pela Vila Capivari, andamos de mãos dadas visitando algumas lojinhas que ficam abertas durante a noite. Depois escolhemos um pequeno restaurante para comermos fondue, e optamos por um rodízio de fondues, porque

escolher um sabor só seria muito difícil.

– Estou impressionada que tenha conseguido parar de beber. Comer fondue acompanhado de água mineral com gás é coisa de Eva, pensei que o Thomas fosse pedir uma taça de vinho, mas não pediu. Gostaria apenas que soubesse que não quero vê-lo bêbado, contudo, não me importo que beba socialmente. Uma taça de vinho ou um copo de cerveja de vez em quando não faz mal. – Argumento.

– Água mineral com gás para acompanhar qualquer prato, agora é coisa do Thomas. Sou um homem passado a limpo. A bebida nunca me agregou nada, muito pelo contrário, e cheguei à conclusão que não devo beber nunca mais.

– O último porre que tomou foi quando mesmo? – *Desconfio que desconheço o seu último porre* .

– Você é muito perspicaz, esposa. O último porre que tomei foi exatamente na noite em que a deixei. Sequei quase duas garrafas de uísque... Quase morri porque estava sofrendo e porque a ressaca que tive foi a pior da minha vida. Não posso mais nem sentir o cheiro do tal de uísque que sinto ânsia de vômito. – Coloca a língua para fora e faz cara de nojo.

– E fez alguma coisa da qual se arrependa quando estava bêbado? – *O meu coração fica apertadinho* .

– Eu me refugiei no meu apartamento que estava no fim da reforma. Foi para lá levando as garrafas de uísque e bebi sentado no chão, porque a mobília estava no depósito. Tenho pavor de lembrar aquela noite, na verdade quase não me lembro de nada do depois que comecei a beber. Estava sóbrio há tanto tempo que a bebida me pegou em cheio, acredito que já estava bêbado no terceiro copo. Além disso, no outro dia acordei no exato lugar em que estava quando comecei a beber. Se não saí do lugar não posso ter feito nada de errado. – Ele parece constrangido com a confissão.

– Bebida alcoólica nunca mais mesmo?

– Nunca mais, minha amada esposa, juro. A bebida só me envergonha. Acordei no outro dia com tanta febre e com tanta ressaca, que tive que pedir para o meu irmão, Silas, ir me buscar e me levar para Ribeirão Preto para o William cuidar de mim lá. Nem bem entrei para a família e a bebida me obrigou a incomodá-los, mas precisava de ajuda e sabia que poderia contar com eles.

– O Silas parece ser uma pessoa muito prestativa, acredito que não deve ter

se aborrecido com o seu pedido. – Tento amenizar o drama de consciência dele.

– Tem razão, com a ressaca e com a febre ele nem ficou incomodado, porém ficou uma fera quando soube que eu tinha deixado você. Foi brigando comigo, que não estava em condição nenhuma de opor resistência, de São Paulo até Ribeirão Preto. Depois contou para os meus outros irmãos que vieram em romaria me aconselhar a mudar de ideia. A família toda idolatra você. – Sorri de um jeito bonitinho e beija a minha mão.

– Eles me conhecem desde criança, angariar a simpatia deles ao longo dos anos não foi tão difícil. – Rio baixinho. – Podemos dar mais uma voltinha antes de retornarmos para o chalé?

– Claro. Tudo o que você quiser, minha linda.

Caminhamos de mãos dadas observando as pessoas e sendo observados por elas. Chegamos à Praça São Benedito que está repleta de gente porque, na concha acústica existente no local, a apresentação de um pianista chama a atenção de todos, inclusive a nossa.

Ficamos abraçados ouvindo o belo concerto e a satisfação do meu marido é visível. Ele, assim como eu, adora música instrumental.

Ouvindo a bela execução do pianista e sentindo o perfume delicioso do meu marido, me distraio observando as pessoas ao nosso redor, e vejo quando um grupo de jovens rapazes passa ao nosso lado e um deles deixa cair a carteira. Um reflexo imediato me faz sair do abraço do Thomas, pegar a carteira no chão e acelerar o passo para alcançar o rapaz. Quando o alcanço, bato a mão em seu ombro, ele se vira e estendo a carteira. O rapaz nem olha para a minha mão, concentra o olhar em mim e me encara.

– Você só pode ser uma visão. – O rapaz diz e sorri.

– A sua carteira caiu. – Balanço a carteira que está na minha mão bem diante dos olhos dele.

– Deixe-me ver se você é real. – O rapaz coloca a mão no meu braço.

Thomas aparece e levanta o rapaz pela gola do casaco, ele fica suspenso no ar, e algumas pessoas ao nosso lado se afastam. Os amigos do rapaz retornam e nos cercam, e fico preocupada com o desenrolar dos acontecimentos.

– Acalme-se, Thomas, coloque o rapaz no chão.

– Pegue a carteira que a minha esposa está lhe entregando e deixe de gracinhas. – Thomas vocifera.

O rapaz pega a carteira da minha mão sem me dirigir o olhar novamente.

– Desculpa, não queria ser rude com a sua esposa, não quis ofendê-la e nem ao senhor.

Os amigos do assustado rapaz olham espantados e começam a se alvoroçar. Ele pede para que tenham calma, e o Thomas o abaixa e solta a gola do casaco dele.

– Da próxima vez seja menos galante com a mulher alheia. – Um Thomas muito irritado encara o rapaz que está quase em pânico.

Seguro o braço do Thomas e o puxo, e saímos de perto do grupo de rapazes e dos observadores que estavam começando a se aglomerar ao nosso redor.

– Francamente, Thomas! Acha mesmo que agiu corretamente? Não reparou que ele é apenas um garoto? – *Estou muito indignada* .

– Vamos, não quero conversar sobre isso agora. – Emburra e segura firme a minha mão até chegarmos ao carro.

O silêncio é total, não falamos absolutamente nada durante o percurso até o chalé, onde também continuamos em silêncio.

Com os planos alterados pelo exacerbado mau humor do Thomas, resolvo trocar de roupa e me deitar no sofá para ler a revista que encontrei na mesinha de centro.

Thomas entra na sala e, ao pé do sofá, me olha.

– Desculpa. – Fala tão baixinho que quase não o ouço.

– Gostaria que me explicasse a sua reação. – *Estou aborrecida ainda*.

– Morro de ciúme de você, só isso. – Explica desviando o olhar.

– Meu amor, até ciúme tem que ser lógico. Você poderia ter arranjado uma enorme confusão por causa de um acontecimento sem importância. Era só um garoto, você deveria simplesmente ter se aproximado, tirado a carteira da minha mão e entregado para ele. Isso teria resolvido a questão. – Suspiro.

– Era só um garoto, mas estava cantando a minha mulher e não consegui me controlar quando ele colocou a mão em você. – Coça a nuca e anda pela sala.

– Conheço inúmeras pessoas, relaciono-me com vários clientes do meu escritório e não posso evitar encontrá-los. Não quero ficar constrangida cada vez que algum deles me abraçar ou me cumprimentar. – *Tenho que traçar alguns limites*.

– Sei diferenciar uma situação onde há desrespeito de outras. – Defende-se.

– Espero que saiba mesmo. Imagina se eu começar a agredir todas as mulheres que resolvam tocá-lo? Quantas mulheres você conhece? Quantas mães vão ao seu consultório todos os dias? Um comportamento assim deixaria você sem clientes em pouquíssimo tempo. – Argumento.

– As mulheres são mais respeitadas, elas jamais me cantariam ou passariam a mão em mim no meio da rua. – Apresenta a sua teoria de sempre.

– Acredito que a sua argumentação é muito simplista, mas não vamos discutir a sua teoria sobre homens versus mulheres agora. Quero apenas que saiba que tenho certeza de que quando estiver ao meu lado as pessoas que conheço se dirigirão a você também, mas se estiver distante talvez não saibam que se considera o meu dono. Resumindo, alguns homens irão me tocar e isso não significará desrespeito nem com você nem comigo, e você terá que aprender a suportar isso. – Termina a minha arguição.

– Tudo bem, você tem razão. Tentarei me controlar mais. – Sai da sala, cabisbaixo.

Espero alguns minutos e vou atrás do Thomas. Ele está sentado na cama com a cabeça entre as mãos, e fico consternada ao vê-lo tão desolado.

– Marido, deixe-me abraçá-lo um pouquinho. – Falo e mesmo no escuro posso ver a surpresa em seu rosto.

Sento ao lado dele na cama e ele me abraça apertado, me solto do seu abraço, chego para trás e o puxo para o meu colo, ele deita a cabeça na minha coxa e inspira profundamente.

– Odeio discutir com você. – Vira o rosto e me observa.

– Também acho péssimo. Acabamos de passar muito tempo longe um do outro e creio que devemos aproveitar a nossa lua de mel para aplacar a saudade. – Passo as pontas dos dedos pelo contorno do seu rosto.

– Você está certa. Tudo o que aconteceu, desde o nosso rompimento até esta sonhada lua de mel, me deixou muito ansioso e nervoso, o meu corpo ainda transpira adrenalina. Obrigado por não transformar esse desentendimento que tivemos em algo mais desagradável do que já foi. Sei que se preocupa comigo e sou grato por me ajudar a ser um homem melhor. – Respira fundo .

– Nós não estamos brincando de cabo de guerra e, mesmo que estivéssemos, somos do mesmo time. Você é o meu marido, o meu amor e

temos que aprender a resolver os nossos problemas causando os menores danos possíveis. Sempre estarei ao seu lado . – Despenteio o cabelo dele, e ele sorri.

– Posso acender a lareira. Que tal? – Resolve mudar de assunto.

– Ótimo, e enquanto faz isso irei à despensa verificar se temos os ingredientes necessários para eu preparar um chocolate quente. Tenho quase certeza de que quando alugou este chalé, mandou abastecer a despensa e deve ter se lembrado dos ingredientes para o chocolate quente! – *Digo animada, e Thomas sorri sem confirmar a minha afirmação.*

Sáimos do quarto de mãos dadas e menos aborrecidos, cada um disposto a realizar a tarefa a que se propôs.

O chocolate quente que sei fazer é maravilhoso, receita da minha finada avó Morgana. Encontro quase todos os ingredientes que preciso nos armários da cozinha e consigo me aproximar da receita original. O resultado é muito bom.

A lareira está acesa e o fogo crepita, e estamos abraçados no sofá, debaixo de uma manta, tomando o nosso chocolate quente.

– Está delicioso. – Thomas elogia.

– Obrigada.

Quando terminamos, coloco as canecas na mesinha ao lado do sofá e acomodo as costas no peito do Thomas. Aconhego-me em seus braços, sinto o seu perfume, o seu corpo quente, a sua respiração tranquila e relaxo me sentindo totalmente feliz aninhada ao meu homem protetor.

De repente, sou transportada para o tapete em frente à lareira. Thomas se coloca sobre mim apoiado em seus cotovelos, a sua boca procura a minha e me beija com desespero, passo os braços pelo seu pescoço e o atraio ainda mais para mim. As nossas línguas se enroscam, o meu corpo responde ao beijo ardente, e gemo pelo prazer que me dá estar perdida nele.

Puxo a camiseta do Thomas por sobre os seus ombros, ele interrompe o nosso beijo para me ajudar, e em fração de segundos se desfaz também da sua calça de pijama. Tiro a camisola e fico apenas de calcinha. Ele volta a deitar sobre mim e novamente me beija, passa a mão pela minha barriga, circunda as minhas costas com seu braço e em um movimento quase perfeito nos rola e me faz ficar sobre ele.

Ele enfia os dedos nas laterais da minha calcinha, fico completamente molhada, e com um puxão rasga a minúscula peça de ambos os lados. Retira-a

de mim deslizando-a para cima e, quando a renda é arrastada pela minha vulva, provoca uma gostosa fricção que me faz gemer outra vez.

Ergo-me e me sento sobre ele. Elevo o quadril e desço lentamente, me afundando na ereção do meu marido delicioso. Ele geme e aperta a minha cintura, levanta as costas do chão e senta, comigo sentada sobre ele. Subo e desço roçando os seios em seu peito. Thomas ofega e me puxa pela nuca, a sua boca encontra a minha e nos beijamos. Ele sobe a mão até o meu seio e circunda o mamilo com o polegar, adoro a sensação e passo a remexer vigorosamente em cima da sua virilha. Sinto o meu líquido encharcá-lo, as nossas bocas se apartam e ele resfolega.

– Você me enlouquece, rebola que eu adoro. – A voz sensual dele me excita ainda mais.

Ele também se remexe, a sua mão livre percorre a minha nádega e arrepio com o seu toque. O seu pênis pulsa dentro de mim, e me sinto massageada. Uma onda de energia percorre as minhas pernas chegando até as entranhas, e não me contendo, movimento-me mais rápido, e subo e desço com força e agonia sobre ele. A minha vagina lateja apertando-o dentro de mim, o orgasmo se aproxima e jogo a cabeça para trás sentindo o meu corpo tremer.

– Olhe para mim. – Thomas exige.

Encaro-o com o olhar cheio de desejo e malícia, ele geme e retira a mão da minha nádega, e o seu polegar passa a massagear o meu clitóris. Volto a rebolar e desta vez mais rápido, a minha respiração fica muito acelerada, passo a cavalgá-lo vigorosamente, e o prazer descomunal que sinto me faz gritar. Thomas chama o meu nome, aumenta a fricção no meu clitóris, e gemo sem parar. Grito o seu nome diversas vezes e ele arfa, o seu corpo estremece e sou acometida por inúmeros espasmos.

– Vou gozar. – Anuncio.

– Goza, minha linda. – Thomas diz ofegando.

O orgasmo chega violentamente e o prazer me leva a nocaute. Quase detenho os meus movimentos para aproveitar o enlevo, mas o Thomas me segura pelos quadris, e me ergue e me afunda em seu pênis diversas vezes. Ele urra, o meu corpo reage, e a minha vagina, pulsando loucamente, deságua. Diversos pequenos choques pinicam o meu clitóris, sinto que mais um orgasmo se aproxima, cada estocada me enlouquece.

– Vou gozar outra vez! – Grito.

– Iremos juntos! – Ele grita também.

Os gemidos do Thomas se tornam mais altos, ele me arremete cada vez mais forte e mais rápido. O orgasmo explode, e urro, ele urra também e se enterra dentro de mim, estremeço sobre ele, nos abraçamos e descansamos assim.

Lentamente me ergo e retiro-o de dentro de mim, e volto a me sentar sobre ele. O seu pênis encostado na minha barriga, os meus braços envoltos em seu pescoço, a minha cabeça no seu ombro e os seus braços circundando a minha cintura. Começo a cochilar ouvindo a respiração pesada do meu marido. Ele se ajeita e se levanta levando-me junto, ficamos em pé, ele se agacha um pouco e passa um braço por baixo dos meus joelhos, me ergue em seu colo e me leva para o banheiro da suíte.

Thomas me coloca de pé ao lado da bancada da pia, escova os dentes e fico observando-o, exausta e perfeitamente satisfeita. Ele nota a minha preguiça e resolve me ajudar. Escova os meus dentes com bastante cuidado, bem direitinho e quando termina me dá um beijinho suave. Ele me empurra gentilmente até o chuveiro e tomamos um banho morno e rápido; na verdade ele me dá um banho, depois me seca. Estou totalmente sonolenta.

Vamos para a cama e deitamos abraçados, nus. As minhas pernas entrelaçadas nas dele, a minha cabeça no seu braço e durmo pesadamente.

– Como é que um homem pode amar tanto uma mulher? Como?

Ouço a voz do Thomas, luto para abrir os olhos, me esforço e consigo. Lentamente o rosto do meu marido vai ficando mais nítido e sorrio para ele.

– Qual é a pergunta mesmo? – Espreguiço.

– Como é que um homem pode amar tanto uma mulher? – Repete e sorri.

– Ah, doutor! Se a mulher for assim como eu é fácil, são muitas qualidades.

– Brinco.

– Bom dia, mulher que eu amo. – Thomas me cumprimenta e se joga ao meu lado na cama.

– Bom dia, marido amado. – Respondo o cumprimento.

– A senhora que contratei para arrumar o chalé, chegou. Ela virá todos os

dias para deixar tudo em ordem por aqui. Neste momento, ela está preparando o nosso café. Quero pedir para você não gritar muito alto quando eu lhe der o seu presente especial de lua de mel para não assustar a pobre senhora.

– Presente especial de lua de mel? Estou muito interessada, meu amor. Faça o favor de me dar logo o que quer que seja. Você sabe que a curiosidade é a minha ruína. – Gargalho baixinho.

– Prepare-se! Prometa que não vai gritar. – Ele ri.

– Prometo! Anda logo, marido.

Thomas tira uma pasta de debaixo do travesseiro e abre-a sem deixar que eu veja o conteúdo. Estou quase pulando em cima dele, sei que está fazendo mistério para me provocar, porém não consigo disfarçar a minha curiosidade gritante.

Ele vira a pasta e vejo as fotos de uma casa muito bonita com um lindo jardim na frente, o paisagismo é incrível e suspeito do que se trata.

– Essa casa na foto é a casa que o apaixonado Thomas comprou para a sua esposa Eva. Lá eles viverão felizes e criarão os filhos. O melhor de tudo, e que a Eva ainda não sabe, é que a casa está localizada na mesma rua em que fica a casa de um tal William Chapman e de um casal chamado Guido e Evinha Fiore, lá na cidade de Ribeirão Preto. – A narração dele é tão linda que não sei se presto atenção nas fotos ou nele.

– Como é que você conseguiu uma casa tão linda e com vizinhos tão ilustres? Ah, meu amor, eu te amo tanto! – Digo comovida.

– Foi um golpe de sorte, minha linda. Vi essa casa pela primeira vez quando fui visitar o William e conhecer as famílias dos meus irmãos em Ribeirão Preto, logo que voltamos de Fort Lauderdale. Ao ver a placa de venda fiquei maluco, e soube imediatamente que queria viver ali com você, perto da nossa família, vendo os nossos filhos correrem pelo quintal e de um lado para o outro na casa dos avós. A casa fica na frente da casa dos seus pais e, como o William é vizinho deles, fica na diagonal da casa do meu pai. – Explica todo orgulhoso.

– Que casa perfeita! Estou adorando o que vejo nas fotografias. Amei o meu bom dia especial de lua de mel. – Chego mais perto dele e lhe dou um abraço apertado.

– A casa já era muito bonita e bem conservada, mas fiz uma pequena

reforma. Todos os armários foram trocados, o nosso closet foi aumentado, a pintura é nova, e o paisagismo é obra da Lucia. Só falta você decorá-la para que possamos nos mudar para lá. – Ele explica, levanto o rosto e o encaro, ele beija a ponta do meu nariz e sorrio.

– Estou muito feliz por conhecer a nossa casa nova e mais feliz ainda porque a Lucia tem participado da sua vida, da nossa vida. – *O meu coração está transbordando* .

– Descobri que perdoar faz muito bem para a alma.

– Você não pode ser real, doutor. – Falo emocionada.

– Sou sim, bem real e cheio de defeitos. – Ele fala e ri.

– Você é repleto de qualidades, doutor. Tantas que me conquistou.

– Isso sim é que foi sorte das grandes. Devo admitir que, tirando um episódio ou outro, tenho tido muita sorte desde o dia em que você cruzou o meu caminho. Soube que a minha vida nunca mais seria a mesma quando mergulhei dentro dos seus lindos olhos pela primeira vez. A partir daí nunca mais pude tirá-la da minha cabeça, durmo e acordo pensando em você. Que bom que agora posso dormir e acordar com você. – Declara com os olhos brilhando.

– Homem, se você não é um conquistador inveterado ninguém mais é. – Relembro uma antiga frase que disse para ele, agarro o meu marido apaixonado e encho o rosto dele de beijos.

Ele me olha muito satisfeito e sorri feliz, o sorriso dele entenece o meu coração e transforma tudo ao meu redor.

– Eu te amo, Thomas! Amo muito! Obrigada por ser meu marido, pela nossa casa, por nunca ter desistido de mim e por todas as coisas lindas que sempre me diz. – Os beijinhos agora invadem o pescoço dele.

– Dizer coisas lindas para uma mulher como você é fácil. Você me inspira, sempre foi assim, e sempre será.

– A intimidade que tem com as palavras, a capacidade de se expressar com clareza, a boa vontade em compreender o que digo, e a facilidade em se abrir e se expor são um poderoso afrodisíaco para mim.

– Venha, esposa, vamos tomar café. Hoje estou pretendendo falar muitas coisas bonitas para você e compreendê-la completamente. Irei potencializar o seu afrodisíaco, e precisa estar bem alimentada para dar conta de mim. – Ele sorri, e dou uma gargalhada.

Tomamos um delicioso café preparado pela discreta senhora chamada Carmem, que é a responsável pela arrumação do chalé. Ela organiza tudo de maneira tão silenciosa que quase não notamos a sua presença.

– Preparei uma programação para hoje, diga se concorda. Passeio de Maria Fumaça, almoço cujo cardápio será truta com amêndoas, visita ao Palácio Boa Vista, lanche, e depois visita noturna à Choperia Baden Baden. – Thomas fala e a sua voz alegre é estimulante.

– Adorei a programação, espero que consigamos fazer tudo isso hoje. – Sorrio.

– Vamos tentar. Mas tenho que ser franco, a minha vontade mesmo é de passar o dia todo na cama com você. – Ele pisca para mim.

– O poder da lua de mel! – Gargalho.

– O poder é da minha mulher gostosa, garanto. – Ele ri também.

Capítulo XII

O nosso dia é realmente excelente. Conseguimos seguir a programação direitinho, mas estamos tão cansados no começo da noite que a nossa ida à choperia é bem rápida, apenas para conhecê-la. Depois voltamos para o chalé muito animados com a ideia de tomar chocolate quente em frente à lareira.

Ligo o telefone celular para mandar um SMS para a minha mãe e, antes mesmo de começar a digitar, o telefone toca. Desconheço o número, mas resolvo atender.

– Alô.

– Que sorte que você tenha atendido, princesa! Queria muito falar com você...

– A voz do Marco, que desconfo estar ligeiramente bêbado, me surpreende.

– Olá, Marco. Como está? – Pergunto educadamente, e o Thomas quase cai do sofá.

– Preocupado. Estou telefonando porque a essa altura você já deve estar sabendo o que a Patrícia e eu fizemos, e não quero que fique com raiva de mim ou dela. Eu deveria ter lhe contado, desculpa.

– Tudo bem, Marco, não estou com raiva de ninguém, muito pelo contrário, quero vê-los felizes. Além disso, nada do que eu soube conseguirá ofuscar a nobreza do seu gesto no dia do casamento.

Enquanto converso com o Marco o olhar do Thomas me fulmina.

– Sou mesmo um masoquista. Não consigo parar de pensar em você, princesa. Posso até imaginar o Thomas ao seu lado querendo me estrangular, mas diga para ele ter paciência, ele sabe como é difícil tentar esquecer quem se ama. E não importa que o meu amor não seja correspondido, o sofrimento é insuportável do mesmo jeito. – O Marco fala com a voz tão triste que fico compadecida, sei muito bem o quanto é ruim sofrer por amor.

– Você bebeu? – Mudo de assunto.

– Um pouquinho só. – Ri baixinho.

– Prometa que vai tentar superar. Entenda-se com a Patrícia, tenho certeza de que ela é apaixonada por você. Acho que o amor dela poderá ser um santo remédio. – Aconselho-o, pois quero muito que ele consiga me esquecer, o

sofrimento dele me entristece.

Thomas me encara com tanta seriedade que, a fim de acalmá-lo, vou até ele e sento em seu colo com o telefone ainda no ouvido. Não quero irritá-lo, mas tenho que dar um pouco de atenção ao Marco, porque estou compadecida com o sofrimento dele. Além disso, ele é uma pessoa da qual aprendi a gostar.

– Entender-me com a Patrícia? – Pergunta, e percebo que ficou indignado. – Tem certeza de que acha uma boa ideia? Será que você ainda não sabe que não adianta se envolver com uma pessoa, mesmo que ela seja muito interessante, quando se está apaixonado por outra? – Joga na minha cara a minha experiência.

– Você tem razão, desculpa. Esqueça o que eu falei, cure o seu coração e só depois procure a Patrícia. Como conheço os dois, sei que foram feitos um para o outro. Estou falando com toda a sinceridade.

– Quando eu deixar de amar você, talvez possa procurar a Patrícia. Não posso negar que gosto de conversar com ela, que a achei maravilhosa no dia do seu casamento... Mas a Patrícia não é a Eva e, por enquanto, ainda estou pensando na Eva. – A voz dele fica um pouco enrolada, e acho que bebeu mais do que apenas um pouquinho.

– Boa noite, Marco. – Thomas fala alto perto do telefone.

– Boa noite, possessivo Thomas. – O Marco responde e ri.

– Transmitirei o seu boa noite para ele, Marco. – Falo sem conseguir deixar de rir.

– Sou um imbecil, Eva. Estraguei tudo. Prometi que lutaria por você e não fiz isso corretamente. Agi errado, fui tolo, abri mão do que eu mais queria, e nem a felicidade que sei que está sentindo ao lado do Thomas é capaz de me confortar. Para ser sincero, a felicidade de vocês só piora a minha dor. O amor pode ser um abnegado, mas o homem que sou é um tremendo egoísta.

– Marco, você precisa agir conforme o discurso que me fez diante daquele altar. Você merece ter na sua vida alguém que queira muito estar nela. Eu não seria capaz de lhe dar o que precisa, pensei que conseguiria, mas estava me iludindo.

– Boa noite para você também, Eva, adorei ouvir a sua voz. Acho que o Thomas deve estar indicando que o nosso tempo acabou. – O Marco desliga ao terminar a frase.

Digito o SMS para a minha mãe sob o olhar cortante do Thomas, finjo que não estou percebendo a irritação dele e, quando termino, volto a desligar o celular.

– Não disfarce, Eva. Olhe para mim e me diga por que incentivou uma conversa com o Marco. – A voz dele está séria e fria.

– Porque ele estava triste, tinha bebido e eu não quis agravar a situação sendo indelicada. Pode parecer estranho para você, mas passei a gostar dele. Quero que ele seja feliz e que encontre um amor. Isso me deixaria muito aliviada. Não me sinto confortável com a condição de responsável pela infelicidade dele. – Exponho o que sinto.

– Por favor, não comece a carregar uma cruz que não é sua. O Marco sempre soube que não tinha chance com você, mas resolveu insistir e deu no que deu. – Fala e me observa.

– Sei que é difícil para você entender, não estou pedindo que goste dele, só quero que não se sinta afrontado. O Marco está um pouco perdido, só isso. – Tento pacificar o coração do meu marido.

– Apesar de ter tido vontade de espancá-lo diversas vezes, hoje não desgosto totalmente dele. No fim, o sujeito agiu de maneira correta, e isso me faz torcer para que encontre o caminho dele e que esse caminho seja bem longe do nosso. – O meu marido fala e depois encosta a cabeça no meu peito.

– Vamos torcer por ele. – Suspiro.

– Só acho que ele deveria ter um pouco mais de bom senso. Telefonar para a esposa de outro, dizendo que está sofrendo por causa dela, é muita coragem. – Thomas se exalta levemente.

– A situação é bem peculiar, você sabe, eu era a noiva dele quando me tornei a sua esposa. – *Acho graça quando me lembro do casamento por procuração.*

– Ih... Vamos esquecer isso, só peço que não dê conversa para ele, porque senão irá se sentir incentivado a procurá-la. Da próxima vez que ele telefonar, coloque um ponto final nessa história. Se você não der um basta, darei. – O tom de ameaça com que fala me faz ter certeza de que não está de brincadeira.

– Pode ficar tranquilo. Agora será que eu poderia ver novamente as fotos da nossa casa? – Uso a minha estratégia de mudar de assunto, e o sorriso perfeito do meu marido reaparece.

A nossa lua de mel foi de sonho. Estar vinte e quatro horas por dia com o Thomas me agradou profundamente. O meu marido é tão atencioso, carinhoso e apaixonado que me sinto a criatura mais amada da face da Terra.

Campos do Jordão é uma cidade repleta de atrativos e nos divertimos muito. Durante o tempo em que ficamos na cidade fizemos um passeio de jipe até a Pedra do Baú, nos aventuramos praticando arborismo no Rancho Santo Antônio, nos maravilhamos contemplando os jardins do Parque Amantikir, patinamos no gelo no Centro de Lazer Tarundu, apreciamos as lindas esculturas do Museu Felícia Leirner, subimos de teleférico até o Morro do Elefante, nos deliciamos com as apresentações eruditas do festival de inverno e nos fartamos com as deliciosas comidas dos diversos restaurantes que existem na cidade.

Todas as nossas noites terminaram em frente à lareira e me entreguei ao meu marido de tantas formas que acredito que passamos a nos reconhecer até do avesso e no escuro.

Posso afirmar que nunca vi o Thomas tão satisfeito, tão seguro e tão meu. Toda vez que observo as nossas alianças, o meu coração se regozija. A minha felicidade tem os olhos verdes e se chama Thomas, e sou capaz de mover céus e terras por ele, mesmo que nunca o deixe ter certeza absoluta disso.

A viagem de volta para casa é tranquila e rápida. Estou um pouco ansiosa, porque a partir de agora a nossa vida como um casal começará a acontecer de verdade. Mesmo tendo tido a experiência de morarmos juntos antes, os planos em comum não eram claros, os nossos patrimônios eram separados e as nossas metas não estavam definidas. Com o casamento oficializado, precisaremos trabalhar os objetivos em comum e construirmos a base para a família que começamos a formar.

– Nem acredito que a nossa lua de mel acabou. – Resmungo quando chegamos ao meu, quer dizer, ao nosso apartamento em São Paulo .

– No que depender de mim a nossa lua de mel não terminará nunca. – Thomas me enlaça pela cintura e me beija.

– Ah, meu amor... Cada segundo com você é um presente maravilhoso. – *Doses generosas de Thomas durante duas semanas me deixaram ainda mais viciada nele.*

– Idem, idem, minha esposa linda!

– E agora? – A minha curiosidade tem razão de ser.

– Agora juntaremos algumas roupas, sapatos e objetos pessoais seus, verificaremos o que pretendemos levar de mobília deste apartamento e faremos uma lista. Depois iremos para Ribeirão Preto e, chegando lá, apresentarei você à sua nova casa. – Discorre satisfeito até que o interrompo para fazer uma observação pertinente.

– A “nossa” nova casa, a que adorarei decorar. – Corrijo-o.

– Prestando atenção, parabéns. – Sorri. – Os sessenta dias que você tinha programado para estar ausente do escritório... – Ele faz uma careta porque esses dias seriam passados em lua de mel com o Marco se eu tivesse me casado com ele. –... Poderão ser usados para tratar da decoração da nossa casa, e enquanto ela não estiver pronta, ficaremos com os seus pais, eles estão nos aguardando. – Explica com tanta confiança que me faz achar graça.

– A nossa vida já foi totalmente planejada por você e pelos meus pais? Estou entendendo bem? – Coloco o meu conhecido sorriso irônico nos lábios.

– Minha linda, o nosso começo de vida está planejado sim, se não gostar de algo é só falar que alteraremos o que quer que seja. Fui eu quem pensou que seria melhor assim, e estou contando com a ajuda da nossa família para facilitar as coisas para nós, apenas isso. Tudo o que planejei dependerá de você. – Levanta os braços e os deixa cair em sinal de desânimo.

– Desculpa, doutor, é que nos últimos tempos tenho estado a mercê das ações dos outros, e isso me inquieta um pouco. Sou acostumada a fazer as minhas próprias escolhas e não quero delegar, definitivamente, essa tarefa para ninguém. Estou muito feliz que tenha pensado em tudo, mas a partir de agora definiremos juntos o que fazer. – Defendo a minha posição de mulher independente.

– Eva, sou seu marido, e cuidarei com muita satisfação de você e da família que estamos formando. – O olhar confuso do meu homem protetor me analisa.

– Aceito, com muito prazer, compartilhar sonhos, traçar metas conjuntas, dividir responsabilidades e caminhar lado a lado, só não quero que ninguém me reboque, mesmo que as intenções sejam as melhores. – Pondero.

– Está querendo deixar bem claro que não mando em você. É isso? – Coça a nuca e trava o maxilar.

– Thomas, em um relacionamento saudável ninguém manda em ninguém, aprendi isso depois que amadureci. Somos pessoas de

personalidade forte e cheias de opinião, precisaremos dialogar constantemente sobre tudo o que diga respeito às nossas vidas para que não venhamos a bater de frente. – Explico calmamente.

– Muito bem. Estou de acordo. Nunca tive a intenção de tomar a caneta da sua mão e passar a redigir sozinho o nosso futuro. Concordo que precisaremos estar sempre dialogando e quero dividir com você a responsabilidade pela nossa harmonia.

Apesar de parecer mais calmo, noto a tensão na voz dele quando fala.

– De qualquer forma, estou feliz que tenha se preocupado com a nossa vida e me proponho a ouvir o que planejou. – O sorriso sincero que dou o desarma.

– Então, vamos lá. Contarei os meus planos e depois que conhecê-los poderá aprová-los ou alterá-los. No caso de desejar alterá-los, peço que use bons argumentos porque não concordarei com mudanças que sejam motivadas por alguma espécie de birra. – O olhar ameaçador dele me encara.

– Combinado. Pode expor o panorama. – E o meu olhar frio de mulher de negócios o encara também.

– Que fique previamente definido que não faremos uma batalha de egos. – Esclarece, e acho que o meu olhar no melhor estilo Bette Davis está assustando-o.

Thomas revela detalhadamente o que planejou e, apesar de achar quase tudo perfeito, faço com que ele me explique os prós e os contras de todas as mudanças que teremos que promover em nossas vidas. Sinceramente não me oponho a nada e acho muito coerente a forma como organizou tudo.

Decidimos que ficaremos na casa dos meus pais, que são nossos vizinhos, até a decoração da casa nova em Ribeirão Preto estar pronta; que abrirei uma filial do meu escritório lá; e que retornarei toda sexta-feira a São Paulo para acompanhar alguns compromissos e verificar como a Sara está conduzindo as coisas por aqui. Além disso, decidimos manter o consultório de pediatria que o Thomas tem aqui e que está nas mãos de um amigo dele. O amigo passará a pagar aluguel pelo uso compartilhado das instalações do consultório, e o Thomas virá toda sexta-feira, junto comigo, para atender alguns dos seus pacientes.

Ficou definido que o meu apartamento será alugado e que quando viermos para São Paulo utilizaremos o apartamento dos meus pais, a cobertura no bairro de Higienópolis, que desconfio que estará cada vez mais à nossa disposição.

O Ian, meu personal trainer, que foi previamente dispensado em razão da lua de mel, será definitivamente liberado, e terei que arrumar outro em Ribeirão Preto, mas sobre esse ponto ainda não chegamos a um acordo, pois o meu marido ciumento quer ele mesmo eleger o meu próximo treinador e, mesmo achando muito engraçadas todas as suas considerações, ainda não fui totalmente convencida.

Concordamos em fazer uma oferta generosa para que a minha empregada, Maria, se mude conosco para Ribeirão. Acredito que aceitará, já que é viúva e os seus filhos estão criados. Ficarei muito contente se conseguir que ela continue cuidando das minhas coisas e das coisas do Thomas, porém desconfio que precisaremos de mais ajuda porque a casa parece ser grande.

– Chegamos a um consenso a respeito de quase tudo, tirando o assunto do personal trainer, estou muito satisfeito por termos decidido conjuntamente. – Thomas diz visivelmente aliviado.

– É muito melhor quando existe conversa e as decisões são tomadas em parceria. Agora, no que diz respeito ao meu treinador pessoal, estou com milhas acumuladas, porque também não participei de nenhuma definição sobre a sua nova clínica. – Mostro o meu ás .

– Que negociadora astuta é você! – Esboça um sorriso. – Com relação a minha parte na clínica poderá dar palpite em tudo, só que é uma sociedade, são quatro pessoas envolvidas, então apenas depois que o meu irmão e primas me colocarem a par da evolução do nosso projeto, discutirei com você. – Ele sorri novamente.

– Eu te amo! – Não me faço de rogada e me jogo nos braços do pediatra mais bonito do planeta.

– Minha linda, como nos saímos tão bem definindo o nosso futuro, que tal tratarmos do nosso presente? – *O olhar cheio de malícia desse homem é uma coisa!*

– Você falou presente? Estou pensando em desembulhá-lo. – Instigo-o.

– Deixe-me desembulhar o presente primeiro! Você vestida deveria ser coisa do passado. – Ri, arranca a minha blusa, e voam botões para todos os lados.

– Thomas! Adoro esta blusa. – Ralho com ele.

– Eu não, muito transparente. – Revela o seu ato de maldade e ri novamente sem o menor remorso.

– O seu ciúme é um perigo para o meu guarda-roupa. – Dou um murro no braço dele.

– Se me bater outra vez, jogarei você na cama, prenderei os seus braços e a submeterei sem a menor piedade. – Ameaça, e fico ainda mais molhada.

– Você tentou me submeter uma vez e não deu muito certo. O pompoarismo deveria ser considerado uma técnica de defesa pessoal contra maridos autoritários. – Provoco-o com as palavras e com o outro murro que dou em seu braço.

– Não deu muito certo? Para mim você deu super certo. Concordo que fiquei inicialmente muito surpreso, e até um pouco incomodado com a sua habilidade, mas a experiência em si foi muito prazerosa. – Argumenta e me joga na cama conforme ameaçou.

Juro que nunca vi ninguém despir-se tão rápido quanto ele, e essa capacidade dele sempre me espanta. Quando o Thomas fica nu em pelo, a imponência do seu membro ereto, como sempre, me fascina e a minha vagina pulsa. Ele se aproxima e termina de arrancar a minha roupa.

– Pronto, doutor? – Adoro provocá-lo.

– Nasci pronto para você, apenas lembre-se de que sou maior, mais forte e de que já perdeu o elemento surpresa. – O meu marido informa, e sei que teremos um delicioso embate.

Thomas deita sobre mim, imobiliza os meus braços, segura os meus pulsos, e quase não consigo respirar por causa do peso do seu corpo sobre o meu. Tento retirar as pernas de debaixo dele e não consigo, ele me beija, geme e se esfrega em mim, mas não solta os meus braços e nem libera o meu corpo, alivia apenas o peso, e consigo respirar mais facilmente.

Estou latejando, quero que me penetre, desejo sentir o seu toque profundo e por um triz a minha necessidade não me faz sucumbir. Quase desisto do confronto, mas não posso, ele quer me subjugar e quero me defender, a brincadeira pode ser bem instigante, e resolvo ser mais participativa.

Relaxo o corpo, respiro mais devagar, fecho os olhos e começo a gemer baixinho. Thomas alivia levemente o seu agarre, fica imóvel, e sei que está me observando e tentando entender a minha reação. Acelero a respiração, sibilo, gemo mais alto e me remexo debaixo dele, abro os olhos e nos encaramos, e ele solta um gemido quando esfrego os seios em seu peito me contorcendo toda.

– Juro que não estou entendendo o que está acontecendo. Isto é o quê? Um orgasmo telepático? – A confusão do Thomas me agrada e quase não consigo segurar o riso.

A minha excitação, que começou como uma encenação, se torna real. Estou tão molhada que me sinto escorrer, dou início às contrações dos meus músculos vaginais e estar imobilizada não me atrapalha em nada, muito pelo contrário, aguça a minha fantasia. Estou me estimulando e deixo que o Thomas perceba a minha diversão. O meu olhar de satisfação não se aparta dos confusos olhos dele.

– Sei o que está fazendo. – Sussurra, e me arrepio.

Thomas segura os meus pulsos com mais força, coloca o joelho entre as minhas pernas, afastando-as, e me penetra sem a menor gentileza. Dou um gritinho de satisfação e ele inspira, rebola dentro de mim e adoro, mas tenho uma meta a cumprir, fui desafiada. Aperto vigorosamente o pênis do meu marido gostoso, usando os músculos vaginais, e ele urra. Intensifico cada vez mais a força, ele para de se mexer e relaxa o corpo; aperto ainda mais, e a sensação de massagear cada centímetro do pênis dele é agradabilíssima. Começo a “ordenhar” e ele geme muito alto, não me contendo e gemo também, me desconcentro com o cheiro dele e os espasmos que percorrem o seu corpo me assanham muito. Desisto de usar apenas a musculatura interna e passo a rebolar freneticamente.

– Você é minha! – Ele quase grita.

Acho que nos esquecemos da luta que estávamos travando. Ele arremete profundamente, e o nosso vaivém adquire velocidade máxima. Vibro, pulso, latejo, tremo, suspiro, e tudo simultaneamente. Thomas eleva o quadril e quase sai todo de dentro de mim.

– Quem comanda o seu prazer agora sou eu. – Possessivamente se manifesta.

– Ah não, amor, volta, volta, por favor! – Posso suplicar se for preciso porque o orgasmo iminente me desestabiliza e se torna o foco da minha necessidade.

– Boa garota. – Fala e me estoca com energia .

O meu corpo adquire vontade própria e não tenho domínio algum sobre ele. Estremeço e inundo, me contorço, e o orgasmo é tão arrebatador que quase consigo me soltar do forte agarre que me prende. O meu grito invade o quarto, e

o corpo do meu marido corresponde às minhas reações e se agita.

Thomas solta um dos meus pulsos e a minha mão livre aperta o seu ombro, a sua mão livre estimula o meu clitóris, e a vigorosa fricção me faz gozar novamente. Ele solta o meu outro pulso e enterro as unhas na sua nádega. Ele retira o pênis de dentro de mim e o segura, desliza a mão para cima e para baixo, geme alto e me lança o seu sêmen enquanto o seu corpo oscila.

Fecho os olhos sentindo o líquido morno sobre o ventre, e o torpor chega de supetão. Thomas desaba ao meu lado, entrelaça os dedos nos meus e aperta a minha mão.

Desperto de um sono restaurador. O meu marido dorme pesadamente ao meu lado, nu. Um espetáculo para os olhos e não consigo deixar de me admirar mais uma vez com a sua beleza. Que homem bonito esse meu. Foi esculpido em mármore e ganhou vida, só pode ser isso, e sorrio satisfeita observando esse ser que deve ser fruto de um dia de profunda inspiração do Criador.

Saio da cama com cuidado para não acordá-lo, vou para o banheiro e me observo no espelho. O meu rosto denuncia a minha satisfação, um sorrisinho malicioso persegue os meus lábios. Ligo o chuveiro e escolho deixar a água fria, lavo os cabelos e cantarolo.

– Oi, minha linda. Livrando-se dos meus vestígios?

– Oi, meu amor, ficando cheirosa para você.

– Posso entrar aí? – Quase ronrona.

– A água está fria.

– Tudo bem, estou quente. – Sorri, e me abalo outra vez. A minha gratidão a vida não tem como ser estimada .

Apesar de tudo o que temos que arrumar antes da nossa partida para Ribeirão Preto, decidimos sair para jantar. Em casa a despensa está quase vazia e a geladeira está desligada.

Escolhemos um restaurante japonês que conhecemos bem porque fica no mesmo bairro em que moramos, o Jardim Paulista. O meu edifício está localizado na Rua Guarará e o restaurante na Rua Padre João Manoel.

Fazemos o nosso pedido e me distraio verificando os meus e-mails pelo

celular enquanto o Thomas vai ao banheiro.

– Eva?

Olho para a elegante mulher que me sorri .

– Priscila! Quanto tempo. – Levanto e abraço a mulher que durante algum tempo foi uma grande amiga.

– Nem acredito que a encontrei depois de mais de dois anos sem vê-la. Você está fenomenal. – Ela me elogia.

– Obrigada. Você também está fantástica. – Exagero um pouco, para retribuir o elogio.

– Você se casou? Tem filhos? Fale de você, estou muito por fora das notícias a seu respeito, não tenho tido tempo para ler as colunas sociais. – Pergunta e ri amigavelmente.

– Sim, me casei e ainda não tenho filhos, acabei de voltar da minha lua de mel .

– A satisfação vibra na minha voz, e a felicidade deve estar estampada no meu rosto.

– Boa noite, com licença. – Thomas retorna e sorri simpaticamente para a minha amiga.

O rosto da Priscila se transforma, o seu espanto se torna nítido, ela abre a boca e tenta esboçar alguma palavra e não consegue. O meu marido fica intrigado e me olha. A reação exagerada dela ao encará-lo me faz descortinar as lembranças e descobrir o que está acontecendo.

– Priscila, acalme-se! Este é o Thomas, o meu marido. – Falo pausadamente.

– Thomas? – Ela consegue esboçar o nome dele e olha para mim confusa, como se estivesse exigindo uma explicação.

– Alguém poderia me dizer o que está acontecendo? Estou ficando um pouco constrangido. – Thomas diz ainda de pé, ao lado de uma Priscila que se esqueceu de dar licença para que ele passe.

– Amor, a Priscila é médica, ela e o namorado, agora marido, frequentaram o curso de Medicina na mesma época em que o seu irmão. Éramos muito amigos e eles sentiram muito a perda do Nicolas, creio que ela está confundindo você com ele. – Resumo a situação rapidamente .

– Ah, sim. Muito prazer, Priscila! Eu sou o Thomas, marido da Eva e irmão gêmeo do Nicolas. – Calmamente se apresenta e o olhar dele, agora divertido, revela que está achando a cena engraçada.

– Minha nossa! Mil desculpas, é que eu nunca soube que o Nicolas tinha um irmão gêmeo, nunca mesmo. Além disso, é surpreendente o fato de que tenha se casado com a noiva... Bem, tudo isso é muito surpreendente. – A Priscila fica cada vez mais atrapalhada.

– Tudo bem, Priscila... A minha história e do Thomas é realmente bastante incomum. Outra hora, poderemos nos encontrar, e lhe contarei sobre a minha enorme sorte. – Procuro convencê-la a deixar para depois o restante das explicações que sei que gostaria de receber.

– Claro! Telefonarei para o seu escritório e poderemos marcar um almoço ou algo assim, saiba que estou muito curiosa. Desculpe o meu comportamento, Thomas é um prazer conhecê-lo. – Eles apertam as mãos.

– O prazer é todo meu. – Ele diz.

– Tchau, Eva. Tchau, Nicolas, quer dizer... Thomas! A minha irmã deve estar achando que morri no banheiro, deixe-me voltar para a minha mesa. – A Priscila sai de um jeito muito estabonado.

Encaro o Thomas, e caímos na gargalhada. Ele se senta e segura a minha mão, continuamos a rir só que cada vez mais baixo. O garçom chega e coloca os nossos pratos sobre a mesa e, finalmente, conseguimos nos recompor.

– É a primeira vez que algo assim me acontece. – Thomas revela.

– Deve ser porque é a primeira vez que alguém que conheceu o Nicolas encontrou você comigo. Acho que juntos fazemos qualquer um recordar do casal Nicolas e Eva, e então o mistério ganha tons macabros. – Rio novamente.

– É muito engraçado, tão engraçado que quase tenho vontade de chorar quando me lembro de que você foi o grande e único amor da vida do meu irmão gêmeo .

O homem, que até agora a pouco estava sorridente, se torna ácido.

– A vida é mesmo uma caixinha de surpresa. Quem diria que no meu pacotinho viria uma figurinha repetida? – Alfineto o meu marido.

– Figurinha repetida? – Passa de ácido a indignado.

– Ora, Thomas, não é assim que se vê toda vez que se depara com o assunto Nicolas? – Responder uma pergunta com outra pergunta é uma boa tática minha .

Thomas se cala, e fico em silêncio também. Comemos e bebemos sem emitir nenhuma palavra, e o olhar perdido dele me atormenta, porém

permaneço firme no meu propósito de ter a conversa que nunca tivemos sobre o Nicolas. Esse assunto precisa deixar de ser uma espécie de tabu para ele, e me sinto tranquila para falar a respeito porque isso não me incomoda mais há algum tempo.

Voltamos para casa ainda sem conversarmos direito. O Thomas está visivelmente indignado comigo, e continuo convicta de que cheguei a hora de falar sobre o Nicolas.

– Figurinha repetida! – Resmungo vestindo a calça do pijama.

– Está pronto para a conversa sobre o seu irmão ou continuará fugindo? –

Confronto o meu marido.

Eu me aproximo da porta do banheiro e o observo escovar os dentes. Ele desvia o olhar, e me afasto.

Vou para o escritório, ligo o computador e descarrego as fotos da nossa lua de mel. Demoro um longo tempo examinando-as e não consigo eleger a melhor porque todas ficaram ótimas. A alegria transborda dos nossos olhos em cada uma delas, e fico comovida com todo o amor que foi capturado nas imagens.

– Não sou uma figurinha repetida.

Ergo o olhar do monitor e me deparo com um Thomas muito indignado bem na minha frente. Começo a rir, ele retesa o corpo e o seus olhos me fulminam, rio mais ainda e estico os meus braços convidando-o para um abraço. Relutantemente ele se aproxima com a cara fechada, tão sexy que me hipnotiza, e dou um abraço nele no melhor estilo urso.

– Doutor, olhe como as nossas fotografias estão bonitas. – Liberto-o do esmagamento que quase promovo.

Ele observa o monitor, e as fotografias passando uma após a outra fazem com que ele sorria, e o seu amplo sorriso, como de costume, aquece o meu coração.

– Falei aquilo da figurinha repetida só para provocá-lo, queria gerar polêmica para que você se sentisse tentado a falar sobre o Nicolas. – Confesso e sorrio.

– Você não sabe o quanto estou tentado a falar sobre um dos quase maridos da minha esposa que, por acaso, era meu irmão gêmeo. – Ele ainda continua azedo.

– Geralmente você solta uma frase de efeito a respeito do meu envolvimento com o Nicolas e depois se fecha. Isso tem me aborrecido e quero falar a respeito. – Exponho o meu desconforto.

– Desculpa, ainda tenho muito ciúme da história de vocês e certo recalque por não ter tido a oportunidade de crescer ao lado do meu irmão. – Expõe as razões dele.

– Amei profundamente o seu irmão, só que isso faz parte do passado e não saberia dizer o que teria acontecido se você tivesse crescido conosco. A única coisa que posso afirmar hoje, com certeza, é que o nosso relacionamento amoroso é muito mais compensador para mim do que o que eu tive com o Nicolas.

– É mesmo? Por quê? – Thomas pergunta e parece irônico .

– Falo com toda sinceridade. O Nicolas e eu éramos muito diferentes. Ele era tímido demais, introspectivo demais e respeitoso demais. Como meu amigo ele era excepcional, mas como o meu amor, hoje sei, que deixava a desejar.

– Então vocês eram os tais dos opostos que se atraem?

O Thomas aprendeu o negócio de fazer perguntas e acho que não pretende mais parar.

– Acho que éramos mais do tipo os opostos que se compensam. O afeto entre nós nasceu da capacidade dele de ser tudo o que eu precisava e da minha capacidade de ser tudo o que ele precisava . – *Não sei por que tenho certa mania de fazer jogo com as palavras que mais confunde do que esclarece o interlocutor.*

– Apesar da explicação meio confusa, entendi o que quer dizer. Um se moldou à necessidade do outro e dessa forma conviveram em simbiose. É isso? – Sorri satisfeito.

– A sua inteligência me excita. Exatamente isso, sintetizou perfeitamente .

– Elogio o meu marido que é muito bom com as palavras.

– Você um dia me disse que amou tanto o meu irmão que quis morrer quando ele faleceu, então não consigo compreender porque acha que o nosso relacionamento é melhor do que o que tiveram. – Expõe a dúvida que considero bem-vinda.

– Nunca tive com o que comparar o meu relacionamento com o Nicolas antes de me relacionar com você. Tudo o que tive depois dele e antes de você não pode ser considerado. A minha análise só pôde se tornar efetiva quando me apaixonei e passei a conviver com você e, embora vocês sejam fisicamente muito parecidos, excluí esse quesito da minha amostra.

– De figurinha repetida a ratinho de laboratório. Muito animador. – Ele sorri.

– Aquele rapaz, que estava ainda se tornando um homem, era bom, carinhoso, responsável, fiel e dedicado, e eu achava sinceramente que o amava. Pensava que ele era a pessoa ideal para mim porque nunca imaginei que encontraria alguém que fosse tudo o que ele era e muito mais. Você é espontâneo, comunicativo, protetor, atraente, sensual, desinibido, gostoso e sabe me satisfazer completamente. Thomas, você é o Nicolas com superpoderes. – Rio assim que termino a frase.

– Então eu ganhei mais pontos porque sou melhor de cama, é isso? – Pergunta me encarando maliciosamente.

– O que eu quero dizer é que você é o homem ideal para viver comigo um relacionamento amoroso, perfeito para ser o meu marido. O Nicolas era a pessoa ideal, perfeita e especial para viver comigo um relacionamento fraternal, ele foi o melhor amigo do mundo. – Esclareço.

O Thomas ri e o seu olhar carinhoso me abraça. Percebo que está gostando das minhas revelações e resolvo seguir por um terreno mais arenoso.

– Acredito que o Nicolas, desde cedo, se tornou tão apegado a mim porque necessitava de uma figura feminina em sua vida, e eu preenchi essa lacuna. – Solto a bomba.

– Como assim? – Pergunta interessado.

– A casa dele cheirava a testosterona, afinal lá residiam os seus quatro irmãos mais velhos, o seu pai e ele. Só tinha a mãe de vocês de mulher, mas ela nunca foi muito próxima a ele. Na verdade, costumava evitá-lo... Os dois mal se falavam e isso desde sempre. – Chego a sentir vontade de chorar quando me lembro disso.

– Por que ela o tratava dessa maneira? – Indaga visivelmente curioso.

– Agora fica fácil presumir que ela sentia remorso e culpa toda vez que o olhava, e deve ter sido por essa razão que se afastou dele. – Faço a minha análise psicológica.

– Quer dizer que não fui só eu quem foi privado do amor materno? Pior ainda, o Nicolas não teve amor de mãe mesmo tendo mãe. Coitado! – Thomas se solidariza.

– Mas, apesar de ter sido privado do amor materno, você teve a chance de conviver, por causa do perfil namorador do seu pai de criação, com várias mulheres e ainda teve uma avó muito presente. Então, acredito que não faltou

referência feminina na sua vida como faltou na do Nicolas. Quero que compreenda que era comigo que ele supria a carência de afeto feminino. – Argumento.

– Você foi a mulher da vida dele em todos os sentidos. É isso o que está dizendo?

– Sim, só que mais em alguns do que em outros, da mesma forma que o Nicolas foi o homem da minha vida também, porque a proximidade que tenho com o meu pai só se deu nos últimos dez anos.

– Explique-se melhor.

– Antes, o meu pai, o único homem em uma casa onde viviam três mulheres, passava a semana toda aqui em São Paulo, só ia para Ribeirão nos finais de semana, e durante esses dois dias a minha mãe o monopolizava. Ele não tinha como me dar muita atenção, e isso de certa forma também ajudou a desenvolver em mim a necessidade de uma referência masculina.

– O Nicolas carente de mãe, você carente de pai. O tal dos opostos que se compensam.

– Exatamente e, ainda, analisando tudo o que passamos juntos, posso até arriscar dizer que muitas vezes agi realmente como uma espécie de figura materna para o Nicolas.

– Ouvindo o que está me dizendo, só consigo imaginar o relacionamento de vocês como algo repleto de compensações afetivas, o que dificulta demasiadamente que eu compreenda o envolvimento sexual que tiveram. – Argumenta, e acho que o meu doutor sabe mesmo ser contundente.

– Aos quinze anos, comecei a fazer sucesso com os garotos. Eles passaram a me assediar, então acho que o Nicolas me pediu em namoro antes que outro o fizesse e isso me afastasse dele. Aceitei pelo mesmo motivo, já que as garotas caíam em cima dele como mosca no mel. – *Fica tão fácil perceber isso atualmente* .

– E, como começaram a namorar, uma coisa levou a outra. – Thomas conclui.

– Não exatamente... O nosso namoro sempre foi muito comportado. O Nicolas era muito controlado, e sempre me respeitou até demais. Foi só quando ficamos noivos e fomos morar juntos que uma coisa levou a outra. – Sorrio.

– Quer dizer que o meu maninho era devagar? – Dá uma risada alta, parece que está achando muita graça.

– Ah, Thomas! Não foi isso que eu quis dizer, e não me faça entrar em detalhes. O importante é que saiba que nos relacionávamos de uma maneira muito suave, e que sempre tive que ser bem direta com ele quando o assunto era sexo. – Abaixo o meu olhar, ligeiramente embaraçada.

A lembrança da quantidade de vezes que tive que provocar e estimular o Nicolas para que ele se interessasse em me dar mais do que carinho, me constrange.

O Nicolas e eu nunca tínhamos tido nenhuma experiência anterior, não sabíamos muita coisa sobre sexo, e não me sentia à vontade para conversar a respeito com a minha mãe. Nem as minhas amigas de faculdade eram de grande ajuda, porque evitavam falar a respeito do assunto sexo comigo. Elas supunham que eu soubesse tudo sobre o tema, já que morava com meu noivo. Naquela época, sem ter parâmetro e sem coragem para ir atrás de informações, considerava o interesse sexual do Nicolas como satisfatório. Na cama ele era sempre tão terno, tão doce, tão gentil... Agora sei que era tão sem sal, tão sem pimenta...

– Fiquei muito curioso. Como era a convivência de vocês no período em que moraram juntos? – Thomas me esquadrinha.

– Era tranquila e agradável. Vivíamos em função do estudo e tínhamos pouco tempo livre. Na maior parte das vezes, o Nicolas estudava muito, varava madrugadas debruçado sobre os livros, ele era muito dedicado. A Medicina era uma rival ciumenta com a qual nunca me atrevi a competir.

– Vocês viveram juntos quando estavam na flor da idade, em uma época em que os hormônios exalam de todos os poros, e o meu irmão devorava os livros, apenas os livros? – Pergunta com um sorriso irônico nos lábios.

– O seu irmão estava concentrado em ser um excelente médico, e teve o meu apoio apesar de, algumas vezes, ter me ressentido com a ausência dele em nossa cama. – Confesso.

– O engraçado é que eu também estudei Medicina, também me concentrei em ser um excelente médico, só que nunca dispensei uma cama quentinha. – Ri descaradamente.

– Rá, rá, rá. Muito pertinente a sua observação. – *Eva, a ciumenta, se apresenta com todo seu esplendor.*

– Quero dizer com isso, minha linda, que estudar Medicina nunca impedi

nenhum homem de se comportar como um homem, nem mesmo o mais aplicado dos estudantes.

– Cada pessoa é de um jeito e, além disso, conforme vim traçando o perfil do meu relacionamento com o Nicolas até agora, fica fácil perceber que éramos mais amigos e companheiros do que amantes. – Exponho a conclusão a qual cheguei desde que comecei a me relacionar com o Thomas, um homem que me deseja e me satisfaz plenamente.

– Vocês eram tão próximos, tão unidos e tão jovens, que talvez tenham confundido uma forte amizade com amor. – Conjectura.

– O que quero que realmente entenda com essa conversa toda é que, apesar de inicialmente ter me aproximado de você por ser fisicamente tão parecido com o Nicolas, nunca considerarei estar com você para me lembrar dele. Você e eu nos relacionamos de uma maneira mais sistêmica, mais passional e, desde que estamos juntos, não tenho como pensar em mais ninguém. – Abro o meu coração para o meu marido que adora declarações.

– Você quer esclarecer de uma vez por todas que, mesmo que nunca saibamos realmente quais foram as razões que fizeram o Nicolas e você serem tão ligados um ao outro, você me ama de uma maneira que jamais o amou, é isso?

– Já lhe disse isso antes e não estou confirmando só porque foi você quem sobrou. – Não consigo deixar de relembrar a frase dele que uma vez tanto me magoou.

– Você realmente é muito boa em jogar uma conversa na cara... A sua memória é prodigiosa. – Thomas ri, demonstrando que também não se esqueceu do que um dia me disse, e me abraça.

– Será que agora conseguiu compreender tudo o que há tempos tento explicar? – Torço para que eu tenha conseguido me fazer entender.

– Perfeitamente. Adorei a nossa conversa. O meu coração está mais tranquilo e não sinto mais ciúme do frouxo do meu irmão. – Gargalha.

– Thomas! – Ralho com ele.

– Brincadeirinha, doutora, brincadeirinha. – Sorri, levanta o meu queixo e me beija.

– Quero aproveitar para deixar bem claro que, apesar de amá-lo de uma maneira que jamais amei o Nicolas, ele sempre terá um lugar no meu coração,

porque ninguém esquece o melhor amigo. Ninguém é capaz de superar totalmente a perda daquela pessoa que o entende mesmo que nenhuma palavra seja dita, que consegue confortá-lo apenas segurando a sua mão e que quando olha para você enxerga o seu íntimo. – Falo emocionada.

– Fique tranquila, compreendi que você ama a nós dois. A mim como homem e a ele como amigo. Sei que muitas vezes um amigo pode ser mais importante na vida de alguém do que um amor. Então, permita-me apenas tentar ser, além do homem da sua vida, um amigo também. Não quero competir com o Nicolas, não é isso. No quesito amizade acho que não me sairia tão bem, mas preciso que saiba que poderá contar comigo sempre e para sempre, em qualquer situação.

– Obrigada, Thomas, por significar tanto para mim. Conte comigo também sempre e para sempre.

– Obrigado, minha Eva, por ser absolutamente tudo para mim. – Diz e volta a me beijar.

Capítulo XIII

Passamos a segunda e a terça-feira ocupados com os assuntos da mudança para Ribeirão Preto. Elegi, com a ajuda do Thomas, os móveis e objetos que levaremos para a nossa nova casa e listei-os; convenci a Maria, a minha empregada, a se mudar para Ribeirão conosco; arrumamos algumas malas com o que precisarei de mais urgente; e contratamos pessoas para se ocupar de vender o restante dos móveis, alugar o apartamento e despachar tudo o que listamos.

Na quarta-feira cedo, o Thomas sai para tratar dos assuntos do seu consultório de pediatria, que está sob os cuidados do amigo dele, e de algumas outras pendências na cidade, e vou até o meu escritório. Preciso conversar com a Sara e com o restante dos membros do Conselho a respeito da expansão das atividades da nossa empresa com a abertura de uma filial do escritório em Ribeirão Preto.

– Bom dia, Patrícia! – Cumprimento-a animadamente.

A Patrícia, que estava absorta em seus pensamentos, leva um susto e me olha estarecida.

– Bom dia, Eva. Confesso que é uma enorme surpresa vê-la por aqui antes do seu período de afastamento terminar. – O constrangimento dela é nítido.

– Vim acertar algumas coisas com a Sara e com o Conselho, mas o encontro será um pouco mais tarde, cheguei antes para podermos conversar. – Verifico que ela não manifesta nenhuma satisfação com a minha visita.

– A Sara está cumprindo uma agenda fora e me informou que chegará antes das onze horas para uma reunião interna, só não me avisou que seria com você. – Informa ressabiada.

– Patrícia, por que você está se comportando de uma maneira tão reservada comigo? – *Detesto situações mal resolvidas.*

– Porque acredito que ainda tenho algumas satisfações a dar. – Aparentemente constrangida, ela desvia o olhar.

– Então dê as tais satisfações, estou pronta para ouvi-las. – Coloco-a contra a parede.

– Eva... Não sei como começar. – Gagueja.

– Patrícia, sinceramente, se o seu constrangimento é por ter transado com o Marco, pode esquecer. O que mais me incomodou foi que, de certa forma, você traiu a minha confiança. Mas como eu não amava o Marco e você sabia disso, posso quase imaginar que a culpa que senti não foi assim tão grande, e saiba que o meu aborrecimento também foi mínimo. – Abrevio o assunto.

– Descobri, quando você e o Marco resolveram se casar, que eu gosto muito dele. – A Patrícia confessa.

– E por que não me contou isso?

– Porque não tive coragem.

– Não teve coragem de me contar que gosta do Marco, mas teve coragem de transar com ele quando ainda era o meu noivo.

– Estava vendo o seu desespero, Eva. Sabia que estava arrependida de ter aceitado se casar com o Marco e achei, embora não ache mais, que nos envolvermos intimamente acabaria motivando-o a desistir de você, deixando-a livre para o Thomas. – Ela começa a chorar.

– Talvez não acredite que a sua motivação tenha sido apenas essa, porém devo reconhecer que o seu envolvimento com ele contribuiu para o fim do acordo.

– Desculpa, Eva, por não ter conseguido resistir ao Marco. – Ela continua chorando.

– Por favor, pare de chorar. Não se culpe, porque não a culpo. Quero apenas que no futuro se comporte de uma maneira mais transparente comigo. Você deveria ter me deixado saber que gosta do Marco e não tê-lo jogado nos meus braços como fez. – Protesto.

– O Marco e eu vivemos em mundos completamente diferentes. Pensei que um homem tão maravilhoso merecia uma mulher à altura dele, como você. – Assoa o nariz.

– Bobagem, se você ama alguém e é correspondido, o mundo dessa pessoa acabará fazendo parte do seu e vice-versa, porque o amor é uma espécie de passagem de primeira classe. – Argumento.

– Só que o Marco não está interessado em mim, sempre só teve olhos para você. Na verdade, desapareceu desde o dia seguinte ao do seu casamento e nunca mais nos falamos. – A tristeza dela ao dizer isso me comove.

– Você só transou com ele uma vez? – *Estou interessada na resposta.*

– Não, duas. A que você já sabe e a outra foi quando saímos juntos do seu casamento. Sou uma burra! – Volta a chorar.

– Desculpe perguntar algo assim tão íntimo, mas como foi? – *A curiosidade é o meu tormento* .

– Na primeira vez, ele estava ligeiramente bêbado e fiquei um pouco inibida, mas mesmo assim achei muito bom. Na segunda vez foi fantástico, ele foi tão carinhoso e atencioso que me fez sentir a mais especial das mulheres, nunca achei o sexo tão bom antes na minha vida. – Confessa com o rosto corado e o olhar envergonhado.

A análise da Patrícia sobre as duas vezes que transou com o Marco me faz concluir que o melhor tempero para o sexo é realmente o amor.

– O Marco ainda deve estar um pouco perdido, aguarde mais alguns dias e se ele não procurá-la, telefone para ele para saber como está e como tratará você. Talvez ele precise de um estímulo seu.

– Andei sondando e sei que viajou. O Marco ficará fora mais uns quarenta dias, e acredito que aproveitou o tempo que tinha se programado para estar em lua de mel para tentar se recuperar.

– Tudo o que vai, volta. Se considerar que vale a pena, espere. A viagem poderá ajudar o Marco a se reequilibrar e a estar pronto para um novo amor. – Tento animá-la.

– Se eu significasse alguma coisa para ele, acho que já teria me deixado saber. – Lamenta.

– Infelizmente, é muito difícil entender a cabeça de um homem... Dizem que as mulheres é que são complicadas, e até reconheço que me encaixo perfeitamente nessa descrição, contudo, os homens são incompreensíveis. As motivações deles são terrivelmente complexas.

– Deveriam vir com um manual. – A Patrícia finalmente sorri.

– Acho que isso seria relativamente inútil, você sabe que a maioria das mulheres detesta ler manuais. – Gargalho.

– Vamos deixar o assunto Marco de lado, por favor. Quero mesmo é saber como está a sua vida de casada. – O olhar terno dela me sensibiliza e sinto vontade de esbofetear o Marco por não enxergar a pessoa doce que ela é.

– Perfeita. Amo demais o meu marido e nunca fui tão feliz na vida! – Falo, e a Patrícia se aproxima e me abraça, fico contente porque o mal estar entre nós passou.

Não demora muito e a Sara chega. Conversamos, e exponho os meus planos de abrir a filial do escritório. Debatesmos alguns pontos e decidimos defender o assunto na reunião do Conselho Diretor que ela deixou marcada, a pedido meu, para hoje às onze horas.

A reunião do Conselho Diretor transcorre muito bem, o meu pai já havia conversado com eles sobre a necessidade de abrirmos uma filial, e todos apoiaram a ideia. Hoje, ratificam esse apoio e me sinto animada para mais um desafio.

A instalação da filial, contudo, deverá levar algum tempo para acontecer, porque decidimos que o primeiro passo a ser dado será a contratação de uma consultoria para fazer o levantamento das áreas jurídicas de maiores demandas em Ribeirão Preto e proximidades, e para, depois de concluído esse levantamento, selecionar profissionais habilitados nas áreas dessas demandas.

Quando o levantamento da consultoria terminar, terei que encontrar um espaço físico adequado para instalar a nova filial, decorá-lo e equipá-lo adequadamente. O que facilitará o meu trabalho é o fato de o meu pai conhecer um ótimo escritório imobiliário na região e da minha mãe ser cliente de um excelente designer de interiores que, inclusive, requisitarei para me auxiliar na decoração da minha casa nova.

Estou muito animada com tudo o que está me acontecendo. Viver é mesmo surpreendente, e que bom que, um dia, resolvi deixar de interpretar o papel de vítima e parti para a luta. E mesmo que tenha demorado a encontrar um grande amor, ele apareceu.

Se eu não tivesse recebido o apoio dos meus pais, se não tivesse me tratado e me deixado ajudar, hoje eu não estaria aqui me maravilhando com tudo isso, e sendo tão feliz. O que me faz ter certeza absoluta de que só a mão divina tem o direito de interromper a jornada.

Observo o meu apartamento, o local que foi o meu refúgio durante os últimos anos, despeço-me mentalmente dele, e torço para que seja alugado por uma família feliz que possa se aproveitar das boas energias que, acredito, Thomas e eu estamos deixando.

– Pronta para seguir viagem, minha linda?

– Claro, marido! Estou ansiosa para conhecer a nossa casa ao vivo e em cores.

– Você tem ideia do quanto está apetitosa com essa saia? – O olhar carregado de desejo do Thomas é lindo de se ver .

– Obrigada. Estou sempre me esforçando para mantê-lo interessado. – Cruzo as pernas de maneira provocativa.

– Ah, doutora Eva... Uma mulher como você não necessita de nenhum esforço para manter o interesse de um homem. – Percorre o meu corpo com os olhos.

– Sabe, doutor, quando me elogia assim sinto uma enorme vontade de atender qualquer pedido que me faça. – Incito o meu marido.

– Gostaria de comê-la agora mesmo, doutora. – O sorriso malicioso dele me estimula.

– E exatamente o que o impede, doutor? – Continuo incitando-o com as palavras e com o meu olhar luxurioso.

– Absolutamente nada. – O sorriso malicioso se torna mais amplo e ele se aproxima de maneira sensual.

Descruzo as pernas e elevo o quadril do sofá, puxo a saia para cima até a minha ínfima calcinha de renda branca ficar exposta. Afasto as pernas e observo o Thomas respirar fundo, o olhar dele está fixo na calcinha e o volume em sua bermuda me faz ficar ainda mais excitada.

– Admirando a sua esposa, doutor? – Pergunto e desconcentro-o momentaneamente.

– Eva, antes de nos casarmos eu amava você, desejava muito você e sentia um ciúme atroz de você. – Ele fala e os verbos no passado me deixam apreensiva.

– E? – Tento entender onde esta conversa nos levará.

– E, agora que estamos casados, eu te amo cada dia mais, com mais força e certeza; desejo você ensandecidamente a cada segundo do meu dia; e sinto um ciúme quase obsessivo de você. De tudo o que listei, o ciúme é a única coisa que tentarei controlar. – Os maravilhosos olhos verdes do meu marido esbanjam honestidade e paixão, e me sinto honrada por receber e sentir tanto amor.

– Meu amado Thomas, saiba que tudo o que acabou de dizer também é uma enorme verdade para mim... Controlar o ciúme que sinto de você é uma tarefa árdua, mas a certeza do seu amor ameniza o meu fardo. – Sorrio e abro um

pouco mais as pernas.

– Ah, Eva! – Ele geme.

Thomas se ajoelha entre as minhas pernas, coloca a mão atrás da minha nuca e me puxa até que os nossos lábios se encontram em um beijo ardente e molhado, espalma a outra mão na minha barriga e a escorrega lentamente para dentro da minha calcinha. O seu dedo médio alcança o meu clitóris e o massageia, me contorço e inundo.

Passo os braços pelos ombros dele, aproximo-o ainda mais de mim e afundo a minha língua em sua boca. O nosso beijo se torna selvagem, sinto gosto de sangue, não sei se dele ou meu, e rebolo em seu dedo enquanto o meu corpo pulsa de desejo.

Deslizo as mãos pelo seu peito e o afasto um pouquinho, interrompendo o beijo que deixa a minha boca ardendo.

– Tire a minha roupa! – Exijo, suplico, não sei direito, com a minha boca ainda encostada na dele.

Ele não tira os olhos dos meus, mas tira a mão da minha nuca e a coloca na lateral da minha calcinha. A outra mão para a sua atividade, me deixando agoniada, e também vai para a lateral da calcinha. Em um puxão rápido ele a destroça, dirige as mãos para o decote da minha camisa e, forçando de ambos os lados, faz os botões voarem. Fico excitada com essa violência sensual dele, e estou tão empolgada que me livro rapidamente do que sobrou da minha roupa. A saia trespassada é mais fácil, ele desfaz o laço e ela se abre.

– Pronto, tirei a sua roupa, e agora vou me livrar das minhas. – Sussurra com a voz adoravelmente rouca.

Ele tira a camiseta, a bermuda e a cueca tão habilmente e tão rapidamente que mais uma vez me admiro. Reparo que a roupa dele continuou inteira, só a minha é que foi destruída.

Thomas se ajoelha novamente entre as minhas pernas e afasta-as, a sua boca molhada e quente beija ardentemente a minha vagina, ele lambe e morde levemente o meu clitóris, me fazendo enlouquecer. Puxo os seus cabelos afundando a sua cabeça ainda mais em mim. A boca experiente do meu marido suga a vulva enquanto a sua língua circunda a minha abertura quente e latejante, e quase morro quando ela passa a entrar e a sair ritmadamente.

– Ai, Thomas, não para, não para. – Gemo.

Ele realmente não para e intensifica a sucção, e a sua língua frenética me enche de prazer e de tesão. O orgasmo eminente me desestabiliza e me remexo descontroladamente.

Thomas coloca as mãos debaixo das minhas nádegas e me puxa ainda mais para dentro da sua boca faminta. Solto um gritinho, e a minha respiração ofegante fica mais alta, o meu corpo treme. Sei que estou absurdamente molhada, e sentir que o meu despuadorado doutor me bebe, me transporta a um gozo violento. Grito quando os espasmos me atingem e a sucção se torna ainda mais forte, só paro de me contorcer quando ele retira a boca de mim.

– Você é muito gostosa, Eva. Deliciosa, apetitosa!

Ele senta ao meu lado no sofá e me coloca em seu colo, de costas para ele. Apoio as mãos nos joelhos e ergo as nádegas provocantemente. Olho por entre as minhas pernas, miro a entrada da minha vagina na ponta do seu membro rijo e desço lentamente, e a visão dele entrando em mim me excita tanto que o meu ventre contrai.

O meu marido é um homem bem dotado e adoro isso. O seu membro grosso é maravilhoso, e me preenche e me massageia por dentro. Desço devagar até estar completamente sentada em seu colo, inicialmente a posição é desconfortável porque ele é grande e está tão profundamente dentro de mim, que me machuca. Inclino o tronco um pouco mais para frente, me ajeto melhor, e quando o Thomas coloca as mãos nos meus quadris e me faz subir e descer arrebitada sobre ele, nada no mundo me parece mais confortável.

– Que visão espetacular! Que bunda linda você tem, esposa. – A voz rouca dele me arrepiava.

– Você não imagina a visão que estou tendo daqui, posso ver quando entra e sai de mim e estou amando. – A minha voz sai mais sensual do que de costume, e o meu marido geme.

– Manhosa, esposa? Ronronando para mim?

– Ah, marido! Faça-me gozar mais, por favor, quero explodir de prazer.

– O seu desejo é o meu desejo e o meu prazer. – A frase dele carregada de segundas intenções quase me faz gozar.

As mãos do Thomas se apertam nos meus quadris, me ajudando a subir e a descer mais rápido. Deslizo até embaixo e quase perco o ar, estou escorrendo, e sinto a proximidade do orgasmo ao mesmo tempo em que as minhas pernas

tremem e me fazem perder a cadência do movimento. O meu marido me sustenta, me ergue e me abaixa, e o meu clitóris, que foi e está sendo superestimulado, pulsa com a deliciosa fricção. A minha vagina vibra, e gozo. Um gozo delicioso, despudorado, que faz com que me contorça de prazer sobre o membro muito duro do homem que amo.

O meu corpo amolece, mas reajo ao ouvir os gemidos lascivos do Thomas, e me entrego mais uma vez ao movimento de subida e descida, intenso, violento, sexy, profundo... O grito que dá quando jorra dentro de mim me acende novamente, e, sentindo o sêmen quente me inundar enquanto ele estremece, não me contendo e gozo outra vez.

Não consigo combater a lassidão que se apropria do meu corpo e caio para trás, encosto as costas no peito do Thomas, e ele me abraça, beija a minha nuca e me fazendo arrepiaar, passa o nariz na minha orelha e sussurra o quanto me ama.

Thomas ainda está dentro de mim e demora um pouco até que começo a senti-lo amolecer. Penso em incentivá-lo a recomeçar a brincadeira, contudo, o celular dele toca e me faz lembrar do nosso compromisso.

– Ah, não! Não vou atender, estou quase pronto para o segundo tempo. – Resmungo.

– Só que a nossa família está em Ribeirão nos esperando para um almoço, se continuarmos engatados assim, acredito que não chegaremos nem para o jantar. – Gargalho.

– Família é mesmo uma coisa muito boa, mas às vezes atrapalha bastante. – Gargalha também.

– Não seja ingrato, doutor... Por causa da ajuda da nossa família é que estamos casados. – Argumento.

– Tem razão, esposa, serei condescendente. Darei um banho em você e providenciarei que cheguemos a tempo para o almoço, apenas ligeiramente atrasados. – Ri.

– Vou entrar no banho primeiro. Por favor, envie um SMS para o meu pai ou para o seu, e avise do nosso ligeiro atraso, para que ninguém morra de fome nos aguardando. – Levanto-me e o membro dele escorrega para fora, e começo a sentir saudade da sensação de plenitude que tenho quando está inserido em mim.

Chegamos à casa dos meus pais um pouco depois do meio-dia, o que significa que não nos atrasamos muito, e a alegria dos nossos familiares em nos ver é tão espontânea que me emociona.

Os irmãos e cunhadas do Thomas, os sobrinhos barulhentos, a Lucia, o William e os meus pais manifestam todo o carinho que sentem por nós. São tantos abraços e beijos que me perco nesse mar de gente. Observo o quanto o meu doutor está feliz, e o quanto estar perto do pai e dos irmãos é bom para ele, e me alegro por ter concordado em viver na mesma cidade em que todos residem. A proximidade parece que trará mais benefícios do que infortúnios, e sorrio satisfeita.

– Você está mais bonita a cada dia. – Essa voz rouca e sensual tem o poder de me atirar.

– São os seus lindos olhos verdes que me veem assim. – Digo e me viro para admirar o meu interlocutor.

Engulo em seco quando me deparo com os olhos verdes do meu cunhado, Silas, que ri quando nota o meu constrangimento.

– Pensou que fosse o Thomas? – Questiona com um sorriso maroto nos lábios.

– A sua voz é muito parecida com a dele. – Desculpo-me.

– Realmente, até o meu pai se confunde com frequência. Se você, que conhece tão bem o Thomas, se enganou, é bem provável que todas as outras pessoas se enganem também.

– Nem a voz do Nicolas, que era gêmeo do Thomas, era assim ligeiramente rouca e grave como a de vocês.

– Verdade, Eva. Um brinde ao Nic! – Levanta a caneca de chope para o alto e ri.

Ouvindo-o falar por mais tempo consigo perceber uma leve diferença na entonação das palavras, mas desisto de convencê-lo de que, se estiver prestando atenção, posso diferenciar a voz dele da voz do Thomas.

– E um brinde para o irmão gêmeo do Nicolas, marido da linda mulher aqui presente. – Ouço a voz do Thomas, a mão dele aperta a minha cintura e quando me viro dou de cara com o meu ciumento marido.

– Um brinde ao Tom, marido da linda Eva, filho e irmão dos homens mais legais do mundo. – Ergue novamente a caneca no ar e depois sorri alegremente para nós.

– Não me meta em encrenca, Silas, conserte o brinde, vamos lá. Um brinde ao Tom, marido da linda Eva, filho, genro, irmão e tio dos homens mais legais do mundo.
– O Thomas ensina ao Silas como deve ser o brinde, e ele cai na gargalhada .

– Isso aí, grande Tom, sempre diplomático! – O Silas, ainda rindo, aperta a mão do Thomas.

– Estou louco para mostrar a nossa casa para você. – Thomas dirige toda a atenção dele para mim.

– Já não era sem tempo, tendo em vista que sequer me deixou olhá-la quando chegamos. – Reclamo.

– Porque quero que a olhe com atenção, por fora e por dentro. – Protesta.

– Acho que estou sobrando por aqui. – O Silas diz e sai de fininho.

– Ciúme do próprio irmão? – Indago quando o Silas sai.

– Não. Ciúme de um homem muito bem apessoado que me confessou que foi platonicamente apaixonado por você.

– Ôh, Ôh. Nunca soube disso. – Defendo-me.

– Não soube porque ele nunca demonstrou, e porque o sentimento dele nunca foi adiante.

– Além disso, marido, o seu irmão é casado com uma bela e encantadora mulher e, pelo que sei, os Chapman costumam respeitar as esposas.

– E respeitam ainda mais os irmãos. Fique tranquila que não estou preocupado com o Silas, apenas prefiro que ele não fique olhando tanto para você. A Eva tem o poder de mexer com os homens da família Chapman, e acho melhor não arriscar.

– Até pode ser verdade o que diz, mas só me interessei por dois deles e só me sinto realizada com o mais bonito de todos. – Termina a frase, e ele me enlaça e beija.

– Agora venha aqui porque irei vendar você. – Diz, quando terminamos o nosso delicioso beijo, e saca uma venda do bolso.

– Nossa! Quanto suspense! – Gargalho e deixo que me vende.

Thomas me abraça e vai me conduzindo. Não enxergo absolutamente nada e me deixo guiar.

– Está preparada? – Ele pergunta tirando a venda dos meus olhos.

– Sim. – Esfrego os olhos e admiro a nossa linda casa.

– O que acha? – Pergunta ansioso.

– Perfeita! Adorei, meu amor! – *Uau!*

Caminhamos pela calçada até a porta principal. A casa não tem muro na frente, só nas laterais, como quase todas as outras da rua, e o que mais me chama a atenção é o jardim frontal, que é realmente magnífico. A Lucia realizou um ótimo trabalho de paisagismo, e fico encantada com a quantidade de plantas ornamentais, flores e pequenos arbustos que se encontram, harmoniosa e perfeitamente, organizados na entrada da casa.

Thomas destranca e abre a enorme porta pivotante de madeira e me encara muito sério.

– Angelim maciço. – Informa apontando para a porta e me faz sorrir.

– Grande e robusta, como o dono da casa. – Digo sorridente e ouço o som de palmas atrás de nós.

Eu me viro e vejo toda a nossa família, diante da casa dos meus pais, nos observando.

– Vocês estão cansados de conhecer a casa, então podem ir aproveitar a sobremesa, plateia me deixa tímido. – Thomas protesta e ri.

O meu marido me ergue nos braços e entra na nossa casa comigo no colo.

– Lar doce lar, esposa. Aqui seremos ainda mais felizes, nesta casa nascerão e crescerão os nossos filhos. – A voz dele embarga.

– Que assim seja! – Levanto o rosto e o encaro desejando um beijo que ganho rapidamente.

Passeamos pela casa de mãos dadas. O Thomas é pura empolgação, e também me empolgo. A casa é fantástica. As diferentes alturas de pé-direito a tornam geometricamente perfeita.

No andar térreo estão o hall de entrada, o living, o home theater, a sala de jantar, o escritório, a cozinha, a lavanderia e a dependência dos empregados.

O hall e o living estão voltados para o maravilhosamente bem projetado jardim da piscina, e enormes portas de correr de vidro deixam a vista à mostra. A sala de jantar é ligada à cozinha, e está da mesma forma voltada para a área de lazer, e possui as mesmas amplas portas de correr de vidro. A cozinha possui uma ilha espaçosa e armários em fórmica de madeira, as bancadas percorrem toda a lateral, e as janelas, protegidas por brises, são um charme.

A fachada posterior da casa é toda envidraçada. Um belíssimo deck de madeira circunda a piscina de pastilha de vidro. A churrasqueira e o forno para

pizza estão localizados em um amplo gazebo que fica em frente à piscina.

O andar superior possui uma sala íntima e quatro suítes. A nossa suite é enorme. O closet foi ampliado, tornando-se um dos maiores que já vi, e possui armários com portas de correr espelhadas. O espaçoso banheiro de mármore branco foi projetado para um casal, as duas bancadas, as duas pias e os dois chuveiros deixam a intenção bem óbvia, e a gigantesca banheira branca, protegida por blindex, é adorável, fico tentada a ligar a água morna e me afundar dentro dela para relaxar.

– Achava a casa dos meus pais, aqui da cidade, encantadora, a casa da fazenda aconchegante, a cobertura deles em São Paulo perfeita, o meu apartamento adorável, mas a nossa casa é ainda mais bonita, mais moderna, mais perfeita, mais tudo... Parece que acabou de ser construída.

– Construída não, reformada sim. O casal que me vendeu a casa a tinha reformado há uns dois anos, então ela já estava muito bonita quando a comprei. Contudo, o paisagismo e as alterações que foram promovidas renovaram o aspecto geral, e a casa rejuvenesceu, por assim dizer. – O meu marido diz muito orgulhoso.

– Não acredito que pensou sozinho nas alterações. A reforma saiu toda da sua linda cabecinha? – Questiono curiosíssima.

– Quando comprei a casa contratei um arquiteto para me ajudar com as alterações que pensei em fazer, mas ele me deu algumas ideias que achei mais interessantes e acabei seguindo as sugestões dele. O projeto de reforma ficou ótimo, e ele se encarregou de acompanhar a execução.

– E quem supervisionou a obra?

– Primeiro o William, e depois a Lucia passou a ajudá-lo. Logo que nos entendemos, ela se ofereceu para fazer isso e fez com enorme satisfação. Tudo por aqui tem um pouco do toque dela, principalmente os jardins. Ela é realmente muito boa paisagista. – O olhar dele é terno, e constato mais uma vez que ele foi capaz de perdoar a Lucia.

– Amanhã mesmo entrarei em contato com o *designer* de interiores e tratarei da decoração. Estou louca para me mudar com o meu adorável marido para o nosso lar doce lar. – Abraço o Thomas, satisfeita e agradecida.

– Ficaremos hospedados com os seus pais até que tenhamos o mínimo para que possamos nos mudar, e enquanto se ocupa da decoração, ficarei ocupado

com a montagem da clínica.

– Ainda bem que pode dividir essa tarefa com seu irmão e as suas primas.

– Eles adiantaram muito as coisas, mas agora preciso contribuir de maneira mais participativa, pois sou o único dos sócios que está afastado das atividades profissionais e tenho mais tempo para me dedicar. Pretendo impetrar um ritmo mais acelerado às providências que precisam ser tomadas.

– Como ainda demorará um pouco para que eu precise tratar dos assuntos relativos à abertura da filial do nosso escritório aqui na cidade, poderei ajudá-lo.

– Ofereço os meus préstimos.

– Você será muito bem-vinda a colaborar quando terminar de decorar a nossa casa, que é a prioridade que estou lhe dando. Enquanto isso, escalarei a Lucia e a sua mãe para me ajudarem com a decoração do espaço que os meus sócios e eu compramos e reformamos para estabelecer a clínica. – Thomas me presenteia com o seu sorriso perfeito, e me derreto.

– Tudo bem, mas o seu consultório é território meu, faço questão de ajudar a decorá-lo. – Sorrio também.

– Isso envolve muita coisa, inclusive a compra de brinquedos para a brinquedoteca e de móveis para o fraldário que estou querendo integrar ao consultório. Espaço não falta. – O olhar divertido dele me provoca.

– Acredito que posso ser muito útil, apesar de não entender muito da decoração de ambientes infantis. Tenho enorme bom gosto, o que pode ser constatado pela minha escolha de marido. – Dou uma piscadinha para ele.

– O que mais quero agora é deitar você no chão do nosso futuro quarto. Estou muito excitado com a satisfação que vi em seus olhos enquanto andava pela casa. Desde que adquiri a casa só penso em trepar com você em cada cantinho dela. – O seu olhar selvagem se detém nos meus, e o meu corpo corresponde ao seu pedido.

– Avante, meu amor! – Falo, ele geme o meu nome, e me arrepio.

Thomas segura os meus cabelos e os puxa para trás me fazendo inclinar a cabeça, a minha boca se abre para alojar a sua língua e o nosso beijo sensual me enche de ansiedade. Para não perder o hábito, ele me ergue nos braços me pegando no colo e me leva para o nosso quarto, e agradeço o fato de o meu marido ser grande e forte, porque adoro ser carregada com tanta competência e carinho.

Pouco mais de dois meses se passaram desde que o Thomas e eu nos casamos, e parece que estamos casados há muito mais tempo porque a nossa cumplicidade e harmonia são perfeitas.

Tudo na nossa vida está dando muito certo. A alegria do Thomas quando nos mudamos para a casa nova foi contagiante, assim como quando a clínica foi inaugurada.

O consultório dele foi decorado por mim e, mesmo tendo a ajuda do *designer* de interiores que decorou a nossa casa, o meu toque se faz presente por todos os lados. O porta-retratos que está sobre a mesa dele com a nossa foto, sorrindo abraçados, foi o primeiro presente que fiz questão de dar, e organizar a brinquedoteca e o fraldário quase me inspiraram a pensar na maternidade. Quase.

O meu marido está exultante com as novidades, e estou maravilhada com a nossa vida de contos de fada. Um marido lindo e apaixonadíssimo, uma casa belíssima, as nossas famílias unidas, o meu trabalho no escritório em São Paulo indo muito bem apesar de estar comandando tudo à distância, e o sonho de instalar uma filial do escritório de advocacia da minha família na cidade, em que nasci e fui criada, cada dia mais palpável.

Devo reconhecer que dinheiro e o esforço de diversos profissionais competentes que contratamos, favoreceram muito que tudo acontecesse de forma rápida e totalmente satisfatória.

A minha prioridade, no momento, é a festa surpresa de aniversário que estamos preparando para o Thomas, e isso tem me deixado quase eufórica. Quero muito que ele possa comemorar o aniversário dele com uma grande festa, maior do que qualquer outra que ele possa ter imaginado um dia.

– Querida, conforme pediu, está tudo pronto para a comemoração do seu aniversário e o do Thomas. A Lucia, o William, o seu pai e eu formamos uma equipe e tanto, além disso, o Silas ajudou muito. – A minha mãe diz visivelmente contente, a organização de uma festa tem o poder de deixá-la muito animada.

– Ah, mamãe, muito obrigada, nem sei como agradecer. A festa surpresa para o Thomas, apesar de ter sido a mentora intelectual, não seria possível sem a ajuda de vocês. Estou muito satisfeita que ele não esteja desconfiando de nada.

– Ora, filha, todo ano o seu aniversário era um grande evento, então, como estava acostumada a organizá-lo, apenas mudei o foco. Só não me conformo em

comemorar o seu aniversário com apenas um jantar. – A minha mãe protesta.

– Mamãe, a nossa família agora é grande o suficiente para tornar qualquer jantar quase uma festa. – Gargalho .

– Isso é verdade. – Ela ri também.

Depois do meu jantar de aniversário, irei com o Thomas para a fazenda para que ele não desconfie de nada. O meu aniversário é amanhã, quarta-feira, e o dele no sábado. Ficaremos na fazenda até o começo da noite de sábado, quando viremos de lá diretamente para a festa.

– Os quartos de hotel para hospedar os amigos do Thomas e os nossos, que virão de fora da cidade e confirmaram presença, foram reservados. Você investiu muito dinheiro nessa festa, e fizemos de tudo para que seja linda. O Silas, inclusive, trará a banda dele para tocar, espero que seja uma boa ideia, já que nunca os ouvi. De qualquer forma um DJ foi contratado. – A minha mãe ri alegremente.

– Oba! O Thomas ficará de queixo caído! Sei que sempre sonhou com uma grande festa, ele me contou que passou a comemorar o aniversário apenas depois de adulto, mas duvido que tenha tido algo tão glamouroso. Duzentos e cinquenta convidados, casa de festa, banda de rock, DJ, buffet, manobristas, amigos vindos de São Paulo... Ele vai ficar muito surpreso, e eu extremamente satisfeita. – *Ando sorrindo até para as paredes.*

– Não sei a razão pela qual não deixou que o seu pai contribuísse financeiramente. Sempre pagamos as suas festas de aniversário e esse custo fazia parte da nossa programação. Como dispensou a sua, poderíamos ter investido o valor na festa do Thomas.

– Mamãe, as minhas festas sempre foram mais eventos comerciais do que propriamente comemorações de aniversário. – Argumento.

– Tá. E o que tem isso com o fato de não nos deixar ajudar com o pagamento das despesas da festa do Thomas? – A minha mãe insiste.

– A questão é que eu via o dinheiro que aplicavam nas minhas festas como um investimento, como uma estratégia de marketing. As festas eram um meio utilizado para encantar os nossos clientes, para estabelecer novas relações comerciais e para fortalecer as antigas. Eram festas que atraíam atenção em prol dos nossos negócios, então nunca me importei que pagassem por elas. – Defendo o meu ponto de vista.

– Você sabe que foram convidados alguns clientes importantes do nosso escritório e algumas pessoas relevantes aqui de Ribeirão Preto que podem ajudar tanto a clínica do Thomas quanto a nossa filial a decolarem, não sabe? – A dona Evinha, que não costuma dar ponto sem nó, indaga ressabiada.

– Sei sim, só que considerarei a festa do Thomas como meramente comemorativa, e me sinto muito feliz em pagar por ela. – Examinou as notas fiscais que a minha mãe trouxe e preparo os cheques, dando o assunto por encerrado.

O meu celular toca, chamada não identificada. Acho incomum, mas atendo.

– Alô.

– Eva Fiore? – Uma voz feminina e desconhecida pergunta.

– Sim, sou eu. – Respondo incomodada.

– O seu marido vai decepcionar você.

– O quê? Quem está falando?

– O Thomas vai decepcionar você, aguarde e verá.

– Quem é você? – Insisto, mas não recebo resposta. Nenhum som. A ligação foi interrompida.

– O que foi? – A minha mãe pergunta.

– Um trote, eu acho.

– Como assim? – A minha mãe indaga intrigada.

– Uma pessoa falando algo sem nexos que não entendi direito. – Minto.

– Deve ser engano. – Ela conclui.

– Deve ser, mamãe. Espero que sim.

– Espera que sim?

– Claro! Não gosto que malucos saibam o meu número de telefone.

– E você realmente não entendeu nada do que a pessoa falou?

– Nada mesmo. Vamos deixar isso para lá e voltar a tratar do que interessa.

– Desconverso e disfarço voltando a examinar as notas fiscais, mas fiquei intrigada e preocupada.

Capítulo XIV

– Você está fantástica, Eva. Quero tirar a roupa que acabou de vestir agora mesmo. – O olhar de admiração do Thomas me deixa convencida de que escolhi a roupa adequada.

– Marido, nem pense nisso, os convidados devem estar chegando. Além disso, o que tem de mais em uma calça preta e uma blusa de seda branca? Roupinha básica. – Provoco.

– Quando a calça preta é justíssima e a blusa de seda tem esse decote profundo e envolvem um corpo escultural como o seu, não consigo achar nada de básico na composição. – Ele se aproxima exalando sensualidade.

Que bom que ainda não passei batom, porque o meu sensual doutor me beija com tanto ímpeto que a minha boca arde, bem como outras partes minhas. Quando ele enfia as mãos debaixo da minha blusa e acaricia as minhas costas, sei que não posso resistir e inflamo, a minha calcinha fica molhada e os meus mamilos se eriçam, estremeço e deixo transparecer que estou pronta para ele.

– Você tem razão, os seus pais estão lá embaixo e a campainha não para de tocar. Acho que teremos que terminar esse nosso assunto mais tarde. – A cara de safado dele me deixa em dúvida sobre as suas reais intenções.

– Foi você quem começou, agora diz que terei que esperar? Nunca ouviu falar em presente de aniversário? – Reclamo quase irritada.

– A espera tornará o que faremos mais tarde ainda mais delicioso. Quanto ao seu presente de aniversário, quero entregá-lo ao final do jantar que nos aguarda. – Ele termina a frase, e sei que preparou algum tipo de surpresa para mim também.

– Por favor, doutor... Como terei que fazer um enorme esforço e esperar para receber o meu presente, poderia pelo menos antecipar o sexo de aniversário. – Tento negociar.

– Nada disso. Esqueceu que acordei você hoje cantando parabéns e que transamos logo em seguida? – Ele me estreita ainda mais em seus braços, e suspiro inconformada com o meu desejo reprimido.

– É o meu aniversário, tenho direito a mais sexo. – Resmungo.

– Você é insaciável, sei disso. Mas os convidados estão aqui para vê-la, e não podemos prolongar a sua ausência. E acho que merece mais do que uma rapidinha. O sexo de início de aniversário você já teve, mais tarde faremos o sexo de encerramento de aniversário. – Ele beija a ponta do meu nariz.

– Se é assim, adiante pelo menos o presente. – Insisto, não resisto ao hábito de negociar.

– O presente, que receberá depois do jantar, é meu e dos seus pais e eles participarão da entrega, como não os estou vendo neste quarto... – Olha para mim de um jeito divertido e sorri.

– Está bem. – Saio do abraço dele e tento me recompor.

– Olha só. Não é propriamente um presente para você, é mais para mim. Também iria lhe mostrar mais tarde, só que não posso deixá-la receber os convidados tão irritadinha assim. Então vou mostrar-lhe uma coisinha agora. – Fala com tanta sensualidade que sinto vontade de sorvê-lo.

Ele abre o botão da calça e o zíper, e acho que devo ter começado a babar, porque ele se interrompe.

– Eva, vou abaixar a calça, mas prometa que não vai pular em cima de mim. A minha força de vontade não é tão grande e tenho medo de não conseguir resistir. – Avisa cheio de malícia.

– Tudo bem, doutor. Não sei o que está pretendendo fazer, mas faça logo.

Quando ele finalmente abaixa a calça jeans e o cós da cueca boxer, vejo o meu nome tatuado do lado direito da sua virilha. A tatuagem não é muito grande, mas é perfeitamente visível, as letras foram muito bem desenhadas e, minha nossa, como acho isso sexy!

– Uau! – Dou um gritinho. – Quando foi que fez essa tatuagem para homenagear a única mulher no mundo que poderá tocá-la? – Os meus olhos ficam marejados .

– Hoje de manhã, ainda está um pouco inchada e dolorida, mas nada sério. O que achou?

– Sexy demais! Obrigada, meu amor. Amei a homenagem. Agora, por favor, suba a calça porque se antes eu já queria pegar você, agora então...

– Você está entranhada na minha pele. A tatuagem é uma forma de demonstrar isso. – Declara, e me joga em seus braços beijando-o

apaixonadamente.

– Amo você, Thomas. Obrigada por ser tão descaradamente apaixonado por mim e por demonstrar de tantas formas o seu amor.

– É fácil ser descaradamente apaixonado por você, e demonstrar o amor que sinto é um prazer que adoro cultivar. Você é maravilhosa, deliciosa e tão cheia de qualidades que preciso me beliscar o tempo todo para ter certeza de que não estou sonhando. – Ele me emociona com as belas palavras, e volto a beijá-lo.

Relutantemente nos afastamos, e o Thomas sobe a calça. Ele me ajuda a ajeitar a minha roupa e sei que terei que me conformar com a espera. Estou acesa, e só o fato de ele alisar a minha blusa para colocá-la dentro da calça me deixa quase sem fôlego. Ele acha muito divertido me provocar assim, e considero a situação muito excitante.

Descemos a escada e vemos os nossos convidados reunidos nos esperando. Estão presentes apenas os nossos familiares, que quando me veem, levantam as taças e brindam a minha saúde.

A alegria que percebo nos olhos dos meus pais, do William e da Lucia me faz abrir um amplo sorriso. Os meus animados cunhados me cercam quando termino de descer os degraus, e me erguem nos braços como a estrela de um musical e, apesar de ficar um pouco constrangida, acho graça. A gargalhada que o Thomas dá diante da cena inusitada, contagia-nos, e todos os presentes começam a rir também.

O jantar é verdadeiramente animado. Os nossos sobrinhos correm pela casa desafiando a lei da gravidade, os meus cunhados e as suas esposas conversam sem parar, e planejo promover novos encontros para desfrutarmos da agradável companhia dessas pessoas divertidas, ainda mais.

Às dez e meia, nós nos despedimos do William, que é o último convidado a sair, e a animação pelo que sei que o Thomas e eu faremos a seguir, domina o meu ser.

– Oba! Enfim sós. – Comemoro.

– Hum hum. Os seus pais nos aguardam lá fora, você receberá o seu presente agora. – Thomas me lança o seu sorriso perfeito, e amoleço.

Sou levada para o jardim da frente da nossa casa e os meus pais me abraçam. Não entendo a situação e fico ainda mais curiosa. Todos estão muito misteriosos, o meu pai e o Thomas trocam olhares enquanto a minha mãe sorri

satisfeita. A curiosidade que estão me fazendo sentir quase me mata.

– Muito bem, entreguem logo o presente porque a curiosidade não satisfeita pode me deixar muito mal humorada. – Ameaço.

– Então olhe para a rua e espere um pouco. – O meu pai dá as instruções.

– Isso é ridículo. Oh céus, o que é isso?

Estaciona na frente da minha casa, um carro prata com um enorme laço vermelho em cima que só posso concluir que é o meu presente.

O carro é muito bonito, o aspecto dele me agrada bastante, parece ser um veículo espaçoso e robusto, e menos chamativo do que a minha BMW X6 vermelha.

– É uma Toyota Hilux SW4 SRV, com tração 4x4, transmissão automática, sete assentos e a diesel. – Thomas esclarece.

– É um carro maior, de menor valor e mais discreto do que o seu. Acreditamos também que é mais apropriado para uma mulher casada, que brevemente deverá ampliar a família. – O meu pai intervém.

O motorista do meu pai sai do carro deixando os faróis acesos. Também abre todas as portas do carro e se posiciona ao lado dele com um sorriso de satisfação iluminando o seu rosto.

– Pelo sorriso do Moacir, acredito que esse carro deve ser muito bom de dirigir. – Rio animada.

– Você gostou? – O meu marido espera ansioso pela resposta.

– Adorei tudo o que recebi até agora! – Dou uma piscadinha para ele. – Falando, especificamente, desse presente, informo que entendi o recado. Estou ganhando um carro para a família, e pelo número de assentos, começo a me preocupar com a quantidade de filhos que o meu marido estima que teremos. – Sorrio.

– Espero que pelo menos dois. – A minha mãe responde rapidamente.

– Dois apenas? – O meu pai reclama.

– Quero que saiba que estou adorando ter uma família grande e, sendo um apaixonado por crianças, acho que me contentarei com cinco ou seis delas.

– Thomas! – Ralho com ele. – Acredito que devemos conversar sobre isso em outra ocasião. Sou uma profissional dedicada e não pretendo abandonar as minhas atividades para ser mãe em tempo integral. – Protesto acaloradamente, deixando todos sem fala.

– Querida, não quer dar uma volta no seu carro novo? – A minha mãe

pergunta me salvando da situação constrangedora.

– Claro! Quem vai comigo?

– Eu! – Thomas beija o topo da minha cabeça parecendo mais animado.

– Nós já demos algumas voltas no seu presente hoje, então iremos para casa porque estamos cansados. – O meu pai diz olhando para a minha mãe.

– Parabéns mais uma vez, filha, amamos muito você. – A minha mãe me abraça.

– Obrigada aos três pelo maravilhoso jantar e pelo presente especial, mas faço questão que saibam que o melhor presente que poderia receber é comemorar mais um ano de vida ao lado de vocês, pessoas que eu amo. – Sorrio afetuosamente e recebo um abraço tripla, estilo sanduíche.

O meu carro novo é realmente bonito por fora e por dentro, moderno, e uma delícia de dirigir. Apesar de adorar o meu charmoso carro vermelho, realmente acho que este tem mais a ver com o meu momento atual.

Os olhos do Thomas me devoram enquanto estou ao volante, e fico excitada só de sentir a tensão sexual que impregna o ar. Estaciono o carro na garagem, entre o Honda CRV do meu marido e a minha brilhante BMW, e o meu marido aciona o botão para que o portão eletrônico baixe.

Thomas afasta o banco dele para trás, muito para trás e faz o mesmo com o meu, pegando-me de surpresa.

– O que está fazendo, doutor?

– Quero você agora, aqui, no seu carro novo. – Respira fundo, vira de lado no banco, e sei que está tão excitado quanto eu.

– Sexo no carro, doutor? Você é muito pervertido. – Deito de lado no banco, imitando-o, e o encaro.

– Já fez isso antes, doutora? – Pergunta quase naturalmente, e a sua cara de sem-vergonha não me engana, porque sei que deseja saber um pouco mais sobre o meu passado.

– Nunca precisei. E você, doutor? – Sorrio maliciosamente.

– Nunca também. Sou um homem grande, sempre achei que seria desconfortável. – Retribui o meu sorriso malicioso.

– E o que o faz mudar de ideia agora? – Inclino um pouco para frente dando a ele uma visão privilegiada do meu decote.

– A linda mulher que eu amo e que me excita a ponto de me fazer querer

possui-la em todo e qualquer lugar.

Passa o dedo indicador da base do meu pescoço até o vale entre os meus seios, o que me arrepia e eriça os meus mamilos.

– Sendo assim, doutor, este carro se tornará um presente ainda melhor, inesquecível.

– É o seu aniversário, diga-me o que quer que eu faça, porque o seu desejo é uma ordem.

– Primeiro, quero que me beije aqui. – Aponto para a minha boca. – Depois, bem aqui. – Aponto para o meio das minhas pernas. – Mais depois ainda, quero que me penetre de qualquer maneira que seja possível dentro deste lindo carro e, para terminar, quero que me leve lá para o chuveiro e faça o que quiser comigo. Será que fui clara? – Percebo que o volume dentro das calças dele fica ainda maior.

– Você sabe o que eu vou querer fazer com você embaixo do chuveiro, não sabe? – Respira fundo e geme.

– Aquela fixação ainda persiste? – Passo a mão pela nádega provocando o meu marido obsceno.

– Cada vez mais, as suas calças justas são uma inspiração. – Geme outra vez, e fico muito molhada .

– Dê-me a sua mão. – Exijo, e ele tira o dedo de dentro do meu sutiã e me entrega a mão.

Coloco a mão do Thomas entre as minhas pernas e a aperto.

– Está sentindo como estou pulsando? Como estou querendo você? – Olho bem dentro dos olhos dele e vejo quando se tornam densos e perigosos.

– Ah, Eva. Ah! – Geme e ataca a minha boca com um beijo imoral sem tirar a mão do local em que a pousei. O seu dedo indicador me massageia sobre o tecido da calça justa que visto, e o fogo incendeia o meu ventre.

– Amor, coloque a mão dentro da calça, estou morrendo para sentir o seu toque, quero pele com pele, depois quero a sua boca lá. – Suplico sem tirar os meus lábios dos dele.

Thomas desabotoa a minha calça e abre o zíper, enfia a mão com dificuldade dentro da calça muito justa e não consegue acomodá-la direito.

– Minha linda, preciso que fique nua. Estamos dentro da nossa garagem, ninguém entrará aqui.

Concordo me ocupando em tirar a calça e a calcinha de uma só vez sob o

olhar faminto do meu marido. Com menos pressa, porque gosto que ele me observe tão maravilhado quando me dispo, tiro a blusa e depois o sutiã e ele fica hipnotizado contemplando os meus seios.

– O mesmo serve para você, doutor. – Provoco.

Ele abre a porta do carro, sai e tira a roupa do lado de fora, atira-as no banco de trás juntamente com os sapatos, entra e volta a ficar de lado no banco me observando com luxúria. Admiramos os nossos corpos nus com visível deleite, como se fôssemos dois voyeurs, e a tatuagem com o meu nome me comove e me excita.

Thomas me encara e acaricia o seu membro grosso e duro, sei que ele quer me provocar e atijar ainda mais o fogo que me consome. A sua ereção me faz perder o fôlego e a cabeça. Quero esse homem mais do que qualquer coisa, o desejo que sinto chega a doer fisicamente e sei que sou capaz de me render a ele de todas as formas a fim de dar e receber prazer.

– Thomas, você é todo lindo, todo gostoso e estou louca de tesão. Pare de torturar a aniversariante!

– Eu te amo, Eva. Você é a materialização do meu sonho. Saber que me quer tão intensamente é o melhor afrodisíaco do mundo. – Debruça sobre mim e concentra a boca entre as minhas pernas, seguindo o roteiro que defini.

– Bom dia, dorminhoca. – A voz ligeiramente rouca do meu marido me acaricia.

– Não consigo acordar, não posso, você acabou comigo. – Resmungo de olhos fechados.

– Também tive as minhas energias completamente sugadas por você essa madrugada, mas já estou acordado e pronto para passar dois dias e meio nos seus braços. – Ele argumenta.

– Quando a Maria colocar a mesa do café da manhã você me chama, assim posso dormir mais um pouquinho. – Negocio.

– Amada esposa, o café deve estar esfriando, estou faminto, deixe de preguiça e me acompanhe. – Ele puxa o lençol de cima de mim, e espreguiço.

– Tão linda peladinha, e tão apetitosa.

– Acho que ouvi você dizer que está faminto. – A vontade de provocá-lo me faz despertar completamente.

– Estou. Tenho fome de comida e de você. Sempre!

– E qual das suas fomes é a mais urgente? – Esta conversa está me agradando bastante.

– A de você. A todo o momento quero você, minha linda Eva, minha, minha, só minha, para sempre, minha Eva. – Fala com tanta sensualidade que fico úmida .

Thomas olha bem dentro dos meus olhos e começa a tirar a bermuda lentamente, o jeito que ele se despe para mim me faz entender que se trata de um strip-tease, e fico animada. Quando ele tira a camisa, eu o aplaudo. O seu abdômen definido é um deslumbre, me abano, e ele ri de uma maneira tão linda que quase choro de felicidade por ele ser casado comigo.

Devo confessar que jamais vi uma cueca boxer ficar tão bem em um homem como fica no Thomas, que delícia é admirá-lo. Ele fica nu, e é sucesso total, perco o controle sobre o meu corpo e sou capaz de fazer qualquer coisa que ele me peça. Ainda bem que o meu maridinho não é completamente ciente disso, senão estaria perdida.

Thomas me cobre com o seu corpo e passo as mãos pelos músculos das suas costas, ele está quentinho e o seu cheiro me entorpece.

O nosso beijo é de tirar o fôlego, esfrego-me nele e me excito ainda mais com a fricção dos nossos corpos. Ele força o joelho entre as minhas pernas e, sem nenhuma resistência, me abro. Ele beija o meu pescoço e levanta o quadril se apoiando no joelho que está entre as minhas pernas, sei o que ele quer e o atendo. Seguro o seu pênis e massajeio a glândula melada de fluido pré-ejaculatório, adorando ouvi-lo gemer e arfar.

Começo a masturbá-lo mais rapidamente e ele se contorce sobre mim. A sua boca desce até o meu seio, e também me contorço quando me suga. Dizer que estou molhada é pouco, transbordo, e quando ele resolve retribuir a carícia me masturbando também quase entro em combustão.

– Você está tão quentinha e tão molhada que só penso em estar dentro de você. – Murmura colando a boca na minha.

– E você está tão duro que só penso em você dentro de mim.

Paro de masturbá-lo e coloco a ponta do seu pênis na entrada da minha vagina, ele me penetra lentamente, me fazendo arquear devido a enorme sensação de prazer que sinto.

– Ai, como é bom! Você é apertadinha, aveludada e deliciosa. – Fala de um jeito tão gostoso que estremeço.

Rebolo sentindo-o todo dentro de mim. Ele estimula o meu clitóris e não posso aguentar, sei que um orgasmo violento se aproxima e só quero que chegue e tome conta de mim.

– Isso, minha linda, rebola! Rebola, porque quero vê-la gozar muito.

– Vai, me faça gozar, meu amor. Agora!

Ele desliza o pênis quase todo para fora de mim e volta arremetendo com força até o fundo. Faz isso sem parar e cada vez mais rápido e mais forte. Gemo furiosamente, sentindo as vigorosas estocadas que o meu marido me dá e a deliciosa fricção que o seu dedo faz no meu clitóris.

Gozo gritando de prazer e tremo, chego a sentir um frio na barriga e na espinha, só que a minha vontade aumenta e quero gozar de novo, preciso de outro orgasmo para me acalmar.

– Como goza lindo! Que cara de safada você faz, doutora.

– Quero gozar de novo e de novo! – Suplico gemendo.

Thomas sai de dentro de mim e protesto, ele me vira de costas e morde a minha nádega.

– Fica de quatro para mim, deixe-me fazer você gozar de novo, minha linda.

Fico de quatro e ele me penetra com força, espalma a mão na minha virilha e com o dedo médio volta a estimular o clitóris, com a outra mão massageia o meu mamilo. Não sei como ele consegue fazer tudo isso e ainda me estocar impetuosamente. Urro de prazer, estou toda sensível, a minha vagina contrai e aperto o seu pênis.

– Vou gozar.

– Vou com você!

Um novo e maravilhoso orgasmo me arrebatou. Thomas vibra e solta um urro, e sinto o sêmen quente transbordar e escorrer pelas minhas pernas. Ele para lentamente o movimento de entrada e saída. Caio sobre a cama e ele vem junto comigo, sem sair de dentro de mim e sem tirar a mão do meu ventre, continua massageando o meu clitóris, e o meu corpo serpenteia. Estou de bruços com ele deitado sobre as minhas costas, pesando, e não sei como consigo remexer debaixo dele, mas é isso o que acontece.

– Remexe, minha linda, porque já estou duro de novo.

Remexo para ele, o meu corpo deseja isso. Ele apoia o antebraço na cama e ergue um pouco o quadril ainda sem sair de dentro de mim, sinto que ele me preenche totalmente e fico excitadíssima. Abro as pernas e ele coloca as dele entre as minhas. Nesta posição fica mais fácil para ele deslizar para dentro e para fora. O vaivém suave aguça as minhas terminações internas, arrebito as nádegas para que me penetre mais fundo, e sinto o seu descontrole quando faço isso, ele arremete profundamente, acelerando o movimento.

– Ah, meu amor... Acho que vou gozar outra vez. – Ele me avisa.

– Também quero! Vamos juntos.

E mais um orgasmo intenso e profundo me faz amolecer, me sinto saciada. Thomas geme sem parar, urra, estremece e desaba jogando-se ao meu lado e, mesmo tendo acabado de acordar, quase não consigo manter os olhos abertos, estou completamente relaxada e satisfeita.

Desperto do meu cochilo e vejo que o meu marido está dormindo profundamente. Deixo-o descansar mais um pouco e tomo um banho bem geladinho para conseguir despertar completamente. Quando termino de me vestir, ele ainda dorme, e observá-lo me faz suspirar de tanto amor.

– Acorda, dorminhoco! – Beijo o pescoço do Thomas, e ele geme todo dengoso.

– Em que século estamos? – Pergunta ainda dengoso.

Ele abre os olhos e não me canso de admirar a maravilhosa tonalidade de verde que possuem.

– Século em que iremos para a fazenda, e hora de tomarmos o café da manhã. Para ser mais precisa, são exatamente dez horas. – Beijo levemente os lábios do meu marido.

– Você está tão cheirosa, adoro vê-la de cabelos molhados.

Thomas me puxa e beija o meu pescoço, lambe a minha orelha, e gemo.

– Se eu não estivesse tão saciada faria você me lamber todinha. – Provoco.

– E se eu não estivesse com tanta fome de comida lamberia você todinha agora mesmo. – Provoca.

Caímos na gargalhada, eu o ajudo a se levantar e o empurro para o banheiro. Ele entra no chuveiro, e sento em cima da bancada da pia e penteio os meus cabelos.

– Vamos levar os nossos violões para a fazenda para que possamos tocar um pouco? – Pergunta animado.

– Claro, doutor. Amo quando toca para mim e amo tocar para você. – Sorrio maliciosamente.

– Que mulher devassa essa minha! – Ele ri.

– O que foi? Não estamos falando de violões? – Gargalho alegremente.

– Amo tocar para você e amo quando toca para mim, mesmo que seja violão, mas torço para que não estejamos falando apenas de violão. – Sorri, e o seu rosto resplandece. Acho que o banheiro todo fica iluminado.

– Marido, quando ouço você falando assim não consigo não tocar em você e quero muito que você toque em mim, mas a fome me impede de continuar com esta conversa. – Sorrio.

Ele se ensaboa me olhando com volúpia, somos realmente insaciáveis, e saio em disparada do banheiro porque senão recomeçaremos com a nossa brincadeira preferida e acabaremos desistindo de ir para a fazenda, e precisamos ir porque tenho que tirá-lo de casa para que não desconfie da festa surpresa que preparamos.

– Linda, será que posso fazer um pedido de aniversário antecipado? – Thomas me olha de um jeito muito sério.

Estou balançando na rede, e ele está deitado no chão da varanda da casa da fazenda, só de bermuda, e não consigo deixar de apreciar o corpo do meu amado marido, mas me concentro em seus poderosos olhos verdes. Ele sorri, e sei que está tentando me fazer aceitar o que ainda sequer pediu. O poder que o sorriso dele tem sobre mim é incrível, e estou me acostumando a não resistir, porque tem sido muito bom ceder aos seus encantos, muito bom mesmo.

– Claro que pode. Espero poder atendê-lo. – Sorrio de volta.

– Deixe de tomar a pílula anticoncepcional, quero um filho. Sei que sabe que é o amor da minha vida, a minha escolhida, a minha amada, e desejo muito ser pai de um filho nosso. – Os olhos dele brilham.

– Quero muito um filho nosso e, ultimamente, tenho pensado que não tenho mais motivos para adiar a maternidade, mas acho que devemos conversar melhor a respeito. – Argumento cautelosamente.

– Podemos conversar agora, temos tempo. O que é que considera importante que façamos antes que resolva parar de se prevenir?

– Em primeiro lugar gostaria de saber quantos filhos você realmente deseja que tenhamos. – Gargalho.

– O número de assentos do seu carro novo a assustou, não foi? – Ele ri também.

– Isso e o seu olhar quando me disse que está gostando de ter uma família grande. – Continuo rindo.

– Ah, minha linda... Podemos chegar a um acordo, mas o mínimo aceitável para mim são três filhos.

– O seu mínimo é o meu máximo. – Paro de rir e tento parecer séria.

– Ok Iremos ter três filhos e quando atingirmos esse número poderemos voltar a conversar a respeito. Combinado? – Dá uma Piscadinha para mim.

– Nada disso, três filhos e ponto final. Depois vasectomia para o senhor, é pegar ou largar. – Consigo fazer a minha cara muito séria.

– Xiii... Vasectomia?

– Sim, senhor!

– Tudo bem, três filhos e depois vasectomia. Combinado. Então a partir de amanhã nada mais de anticoncepcional. – Um sorriso de triunfo aparece nos lábios do Thomas.

– Decidimos o número de filhos, mas ainda precisamos definir a data em que começaremos a tentar, e amanhã está fora de cogitação. – Continuo séria.

– Por quê? – Agora o sério é ele.

– Porque quero que possamos aproveitar um pouco mais a nossa vida de recém-casados e ainda tenho que me preparar psicologicamente para encarar uma gravidez.

– Deixe disso, minha linda. Teremos a vida toda para aproveitar a nossa vida de casados e sei que não terá nenhuma dificuldade em encarar a gravidez. Além disso, será uma grávida belíssima.

– Até parece! Você acredita que ficarei bonita com sei lá quantos quilos a mais e uma barriga enorme? Fala sério, Thomas.

– Toda mulher fica bonita quando está grávida e você, que é linda, ficará estonteante. – Ele me olha com tanto amor que não tenho como contradizê-lo.

– Só você mesmo para dizer uma coisa dessas. – Sorrio.

– Toda vez que eu olhar para você, verei a mulher que amo carregando no ventre um filho meu, um filho feito com amor, um filho desejado, amado e esperado. Só não a acharia linda se fosse louco. – Senta e estende os braços para

mim.

Saio da rede, sento em seu colo e me abraço a ele. Quando encosto em seu peito nu, sinto a sua pele quente, a firmeza dos seus músculos e o seu cheiro, que é o meu perfume favorito, e estremeço.

– O que foi, minha linda? Ficou emocionada com o que eu disse? – Segura o meu queixo e olha profundamente em meus olhos marejados.

– Amei o que disse. Amo você, Thomas. Você torna a minha vida mais fácil e mais feliz. Eu me sinto muito segura em seus braços. – Beijo-o levemente.

– Então, me diga quando deixará de tomar a pílula. – Passa o polegar pelo contorno dos meus lábios.

– Gostaria que fosse pelo menos em dezembro, assim terei tempo de me organizar e de consultar a Angela para saber o que preciso fazer para ter uma gravidez saudável.

– Você vai deixar que a Angela seja a sua médica?

– Vou. – Afirmo com segurança.

– Que bom, dessa forma ficarei mais tranquilo e mais informado, afinal ela é minha prima e minha sócia. – Ele me beija levemente nos lábios.

– Farei todo o possível para ser uma grávida exemplar, me alimentarei direito, farei exercícios e seguirei todas as recomendações médicas.

– Ótimo! Quando começar o mês de dezembro, jogarei a sua cartela de anticoncepcional fora, bem como todas as caixas dele que guarda no armário. É um acordo e já senti na pele como é boa em cumprir acordos, não poderá voltar atrás. – Sorri e o seu sorriso me tira o fôlego.

– Combinado. A partir de dezembro estarei preparada para engravidar.

– Você não imagina o quanto está me fazendo feliz. – Comemora.

– Marido, você irá rezar para que eu engravide rapidamente porque depois que eu deixar de tomar o anticoncepcional, e o meu ciclo voltar a vir, você se verá cara a cara com a minha TPM e, pelo que posso recordar, ela é terrível. – Previno-o em tom de brincadeira.

– Para mim, esposa, TPM é a sigla de “tesão pelo marido”, qualquer coisa diferente disso farei questão de ignorar. – Termina de falar e me beija, só que desta vez com muito ímpeto.

Fico molhada e o desejo me invade. É inacreditável o que esse homem consegue fazer comigo. Sempre que me toca, desperta a minha vontade e faz a

minha libido berrar por atenção.

– Não importa quantas vezes a possua, sempre que estamos sozinhos paro de me controlar e permito que o desejo que sinto por você se manifeste. O meu desejo é sempre intenso, quero você, preciso estar dentro de você. – Sussurra em meu ouvido, e me arrepio.

– Acontece o mesmo comigo, às vezes nem diante das outras pessoas consigo me controlar, fico toda molhada só de observar o modo como sorri, ou como os músculos do seu corpo se avolumam por debaixo da roupa, ou... Tudo em você me excita. – Confesso pela enésima vez o quanto me sinto abalada pela presença dele.

– Adoro ouvir isso, esposa. Adoro saber que mexo com você da mesma maneira que mexe comigo. Você não sai da minha cabeça e quando estamos distantes passo o dia sonhando com o momento em que estarei dentro de você. – Diz com um leve sorriso nos lábios.

Coloco a mão sobre o pênis dele e a sua rigidez e volume fazem a minha vagina latejar.

Beijo o pescoço do Thomas enquanto ele acaricia as minhas costas por sobre a fina malha do meu vestido, e os meus mamilos enrijecem e chegam a doer por debaixo da roupa. Empurro o meu marido levemente para trás, e ele deita no chão, estou sobre ele e volto a beijar o seu pescoço. Faço um caminho de beijos até o seu mamilo e ele geme. Chupo o mamilo, que endurece dentro da minha boca, e com a ponta dos dedos belisco levemente o outro mamilo, ele arqueia gemendo baixinho e sem parar.

A mão dele entra debaixo do meu vestido curto e se aloja na minha nádega, ele me acaricia e me aperta. Tiro a boca do mamilo e passo para o outro, sugo, mordisco e lambo, ele estremece e se arrepia.

– Nossa! Que boca boa, Eva! Que delícia!

Concentro a minha atenção em seus mamilos por algum tempo, depois deslizo por seu corpo continuando a traçar o caminho de beijos que me levará até o meu objetivo. Enfio a língua no umbigo dele e ele remexe o quadril, as mãos dele já não alcançam as minhas nádegas, então as enfia por entre os meus cabelos e os segura com força.

– Se você vai me chupar, faça isso logo porque estou prestes a explodir. – A voz dele fica mais grave, e acho isso muito provocante.

Abro o botão e o zíper da bermuda do meu adorado doutor e me livro, com destreza, tanto dela quanto da cueca boxer. A sua enorme ereção me assanha incrivelmente, e fico com água na boca quando vejo que a ponta do seu pênis grosso está molhada.

Coloco a glândula dentro da boca e a envolvo por inteiro, sinto o gosto levemente salgado do fluido, e faço movimentos circulares com a língua enquanto massajeio e acaricio os testículos, um de cada vez. Thomas ergue a cabeça, me encara e depois se concentra na minha boca, me assiste, e a cara de prazer que ele faz é motivadora.

Passo a massagear o pênis e a sugar a glândula, ele geme alto. Dou lambidinhas no freio do seu membro, ele se contorce, e quando vibro a ponta da língua nesta região, ele estremece e urra. Faço uma leve sucção no mesmo lugar e o sinto pulsar dentro da minha boca.

– Eva, você é maravilhosa, estou morrendo de tesão, vou gozar muito dentro dessa boca gostosa.

Só para jular um pouquinho do Thomas, paro de movimentar a mão e fico lambendo a pontinha do pênis e olhando atentamente os seus olhos. Vejo fogo e desejo no olhar dele e tenho certeza de que o meu rosto denota a minha satisfação em atirá-lo tanto.

– Você é muito safada, eu te amo muito. – Ele fala, geme, e quase me desconcentro.

A minha vagina lateja, estou completamente molhada. O meu corpo está quente dentro do vestido que adere a minha pele suada. Volto a abocanhar o pênis que pulsa na minha mão, sugo novamente a glândula enquanto o masturbo, e os movimentos que faço com a mão em torno do seu membro grosso e muito duro fazem com ele remexa o quadril sem parar. O meu doutor ofega, geme e treme.

– Eu vou gozar, me faça gozar, doutora!

Cubro os dentes com os lábios e deslizo a boca molhada pelo pênis, desço e subo, ele eleva os quadris, segura os meus cabelos rente às raízes e arremete dentro da minha boca. Aperto os lábios, o vaivém se intensifica, ele urra e goza. Engulo avidamente o sêmen quente e espesso, o seu membro treme e vibra dentro da minha boca, e quando não tenho mais o que engolir passo a língua em volta da glândula e depois bem na pontinha, ele arqueia o corpo, tira as mãos dos meus cabelos e inspira profundamente.

– Delícia! – Falo e me deito ao seu lado.

Thomas gira o corpo e se coloca sobre mim, afasta as minhas pernas, sobe o meu vestido, põe a minha calcinha de lado e me penetra. Arremete vigorosamente, fazendo-me quase gozar, nos encaramos, e sorrio.

– Como você está molhada, esposa! Ficou tão excitada assim me chupando?

– Sim, marido!

– Ele me beija, suga a minha língua e mordisca o meu lábio. Rebola dentro de mim e fico cada vez mais molhada. Interrompe o beijo e observa fixamente o meu rosto, o seu olhar é profundo, mordo o lábio, e ele sorri.

– Agora é a sua vez de me fazer gozar, doutor. – Incito-o.

– Será um prazer!

Ele entra e sai cada vez com mais ímpeto, ofego e gemo sem parar. O meu quadril ganha vida e acompanha o movimento das estocadas que recebo. Ele massageia o meu clitóris e, quando o belisca, a minha vagina contrai, e o orgasmo me arrebatava. Gemo incansavelmente, me remexo e estremeço com tanta energia que o faço perder o controle.

Thomas arremete tão fundo que toca o meu útero, grito. Ele anuncia que vai gozar novamente e se contorce sobre mim e, quando goza, sinto as reações do seu corpo e fico tão excitada que tenho outro orgasmo. Ele desaba sobre mim com o pênis teso ainda me preenchendo, retira-o, se coloca ao meu lado e nos abraçamos. O seu perfume, misturado com o cheiro do sexo que acabamos de fazer, é inebriante, e relaxo, completamente embevecida, plena e feliz, aninhada ao meu marido.

Capítulo XV

– Parabéns, meu amor! Hoje é dia quinze de setembro, viva! Feliz aniversário! Bom dia! Acorda, vamos comemorar! – A minha animação é total.

Thomas abre os lindos olhos verdes e me admira com uma expressão de incredulidade que me faz rir.

– Uau! – Exclama boquiaberto.

– Café da manhã na cama! – Continuo muito animada.

– Percebi, mas a minha surpresa não é referente ao café na cama. Estou perplexo é por estar sendo despertado pela garçonete mais bonita e vestida no uniforme mais curto e decotado que já vi na vida. – Sorri magnificamente, e percebo o volume dentro da sua calça de pijama.

– Quer dizer que nunca teve café da manhã de aniversário servido na cama por uma garçonete sexy?

– Nunquinha. O problema é que agora não sei o que como primeiro. Se o café da manhã ou a garçonete sexy. – Gargalha deliciosamente.

– Posso sugerir que comece pelo café da manhã, porque se demorar a comê-lo ele esfriará, e no caso da garçonete sexy o efeito será reverso. – Mordo o lábio.

– Ai, ai. Sugestão aceita, mas devo avisá-la que este aniversariante aqui está faminto, se prepare. – Examina a fantasia de garçonete mega curta e decotada que estou vestindo e lambe os lábios.

– E esta garçonete aqui está escalada para trabalhar o turno da manhã inteiro servindo o aniversariante. – Dou uma piscadinha, e ele quase pula dentro do meu decote.

O meu lindo aniversariante toma o seu café da manhã apressadamente, e sinto vontade de rir ao vê-lo tão determinado a acabar logo a sua refeição para poder me agarrar. Ele nem come tudo o que coloquei na bandeja e para, olha-me com tanta necessidade que fico molhada. Resolvo me aproximar, e então sou atacada.

Minha nossa! O meu marido é o homem mais quente e disposto de que já tive notícia e me sinto a mulher mais sortuda do mundo por tê-lo na minha vida,

pelo sexo incrível, lógico, e pelo amor que me oferece.

A nossa farra é maravilhosa, e deixo-o completamente esgotado. Depois de saciado, o meu marido volta a dormir, e permito que descanse. A noite vai ser de muita animação e ele precisará estar descansado para aproveitar a festa que preparamos.

– Levanta, aniversariante! Boa tarde!

– Não consigo, estou exausto. A garçonete sexy era completamente tarada e acabou comigo. – Cobre a cabeça e geme.

– Terei que almoçar com os quatro lindos homens que estão lá na sala esperando. Que pena, preferia que fossem cinco! – A minha voz dengosa o faz descobrir a cabeça e me encarar.

– Que quatro homens lindos são esses? E que conversa é essa de almoço? Volte aqui e me deixe ver a roupa que está vestindo! – Esbraveja.

Saio de trás da porta e me deparo com o olhar muito sério dele, que rapidamente ameniza quando vê que estou vestindo calça jeans e camiseta.

– Estou apropriadamente vestida para almoçar com os seus irmãos, meu amor? – *Sou irônica* .

– Estaria, se a camiseta não fosse tão decotada e a calça tão justa. Mas me diga por que os meus irmãos vieram almoçar conosco. Não jantaremos juntos hoje?

– Insistiram em vir entregar o seu presente em particular, só os rapazes. Eles desejam paparicar o irmão caçula. Além disso, querem apresentá-lo à tradicional comemoração de aniversário da família. – Não consigo não rir.

– Isso está me cheirando à sacanagem, mas vamos lá, deixe que os rapazes me iniciem na comemoração de aniversário dos Chapman. – Levanta empolgado.

Thomas é recebido com muito carinho pelos irmãos, e eles o presenteiam com uma pintura que os retrata. No quadro, eles estão dispostos um ao lado do outro, do mais velho ao mais novo. Lembro-me dessa imagem, já a vi anteriormente como uma fotografia, só que o Thomas foi incluído na pintura, ele foi colocado ao lado do Nicolas, e são tão parecidos que só é possível diferenciá-lo porque ele é mais alto e um pouco mais forte. Agora entendo o pedido do Douglas para que eu conseguisse uma fotografia do Thomas aos dezoito anos. Consegui, e acabo de descobrir para que ele a queria.

O meu amado doutor se emociona e abraça os irmãos. Eles são muito

afetuosos com ele. Na verdade, tenho reparado que nessa família todos os homens são unidos e incrivelmente amorosos uns com os outros, são um clã de verdade.

O almoço é animado, o Tom, como é chamado pelos irmãos, está completamente satisfeito, animado, sorridente, e só de observá-lo, o meu coração transborda de contentamento.

O que o Thomas ainda não sabe é que a comemoração de aniversário dos Chapman é a confecção de um bolo, ou quase isso.

Depois do almoço, os irmãos do Thomas saem da casa e o esperam do lado de fora para a surpresa. Assim que o chamam, ele vai ao encontro deles sem desconfiar de nada. Gargalho quando ele recebe o primeiro ovo diretamente na cabeça. Ele tenta correr, mas é atingido por vários outros ovos, depois jogam farinha nele. Os rapazes são bons de corrida e o encurralam, ele ri e protesta, jogam leite e depois chocolate em pó, ele está um nojo, todo grudento e é fotografado pelos irmãos com os seus celulares.

Não consigo deixar de lembrar que o Nicolas odiava isso, todo ano tentava se esconder e era encontrado. O Thomas, ao contrário, parece estar se divertindo muito, tanto que resolve correr atrás dos irmãos e abraçá-los. Eles correm, ele alcança um depois do outro e no fim todos estão gosmentos.

Resolvo participar. Ligo a mangueira e dou um banho neles, e em questão de minutos estão todos escorregando na grama molhada como se fossem crianças. A cena é terna e engraçada até a hora em que resolvem se derrubar. Deixo os rapazes lutando e entro para me arrumar para a festa de mais tarde.

Preparo-me lentamente, cuidadosamente, desejo estar muito bonita essa noite, quero que o meu marido fique extasiado comigo e com a festa surpresa. Ele parece que vai demorar a vir se arrumar, a bagunça que está fazendo com os irmãos é tanta que posso ouvi-los do quarto. Nunca me canso de pensar que quando os homens se reúnem voltam ao tempo do jardim de infância.

– Vou lhe dar um abraço bem gostoso! – Thomas ameaça me abraçar.

– Ah, não! Você está fedendo a ovo e está coberto de grama e eu já tomei banho, vá tomar o seu. – Protesto, observando-o me examinar enquanto modelo os meus cabelos com o secador.

– Você fica linda nesse roupão! Vou tomar o meu banho para poder abraçá-la. – Joga um beijo para mim e entra no banheiro assoviano.

Ele sai do banheiro penteando os cabelos com os dedos, descalço, e com nada mais do que uma toalha de banho envolvendo a cintura. Suspiro quando os nossos olhares se encontram, e ele abre o seu sorriso perfeito que tanto me abala.

– Eva, você está espetacular. Mas é mesmo necessário se vestir assim para um jantar em família? Deseja deixar o aniversariante completamente ofuscado, é isso? – Continua sorrindo, e morde o lábio, e percebo um volume se formando embaixo da toalha.

Estou usando um vestido tubinho preto com detalhes dourados, decotado, colado ao corpo e com o cumprimento três dedos acima do joelho, calço sandálias pretas e douradas Christian Louboutin de salto alto, e seguro uma *clutch* preta Prada. Os meus cabelos estão soltos e ligeiramente volumosos porque passei um finalizador e os sequei com o difusor, estou usando uma maquiagem discreta, mas caprichei nos olhos, e quando me olhei no espelho me achei muito sensual e elegante.

– Não desejo ofuscar o aniversariante, e sim estar à altura dele, a minha intenção hoje é surpreendê-lo.

– Você tem conseguido, porque fiquei muito surpreso ao ser acordado pela garçonete sexy, e agora estou tão surpreso quanto por ter como acompanhante para jantar uma estrela de cinema. – Sorri me devorando com os olhos.

– Obrigada, meu amor, mas você não ficará muito longe de ser comparado a um astro de cinema também, porque a sua roupa, que comprei de presente para você, é essa que está sobre a cama. – Aponto para a cama.

– Caramba! Obrigada, minha linda, adorei. Hoje estaremos arrasando, espero que os nossos convidados saibam que o jantar para comemorar os meus trinta e quatro anos é de alto nível.

– Os convidados sabem. – Sorrio.

Ele deixa a toalha cair e caminha determinado até mim, pelo jeito que está teso sei exatamente o que deseja e, como nunca consigo resistir à tentação, me conformo em ter que me arrumar novamente depois do ataque.

Thomas me beija e sinto a sua ereção roçar a minha virilha, a minha respiração acelera e fico encharcada, ele beija muito bem e de um jeito tão despuddorado que me faz querer devorá-lo. Ergue o meu vestido e quase engasga.

– Você está sem calcinha? – Interrompe o beijo e pergunta indignado.

– Estou. O vestido é muito justo e todas as calcinhas que testei acabaram marcando, então decidi ficar sem.

– Ah, não! Ah, não! Não conseguirei me concentrar em nada se ficar lembrando que está sem calcinha por baixo deste vestido que, por si só, é obsceno até demais.

Ele volta a me beijar e massageia as minhas nádegas. Puxou os cabelos da sua nuca para trás, as nossas bocas se afastam, beijo o seu pescoço, e ele geme, coloca as mãos em meus ombros e me gira de costas. Apoio na poltrona, fico de quatro, e ele acaricia as minhas nádegas novamente e me penetra por trás sem a menor sutileza, sabendo que adoro isso. Adoro quando ele me possui com brutalidade.

Estou tão absurdamente lubrificada que ele escorrega para dentro de mim e me toca profundamente, a minha vagina pulsa e aperta o seu pênis, ele geme, e gemo. Ele desliza a mão até o meu púbis, massageia a vulva inteira, depois se concentra no clitóris, e urro de prazer.

Ele entra e sai com vigor, e as suas poderosas estocadas quase fazem os meus seios saltarem de dentro do decote. As minhas pernas começam a tremer quando sinto o orgasmo se aproximar, ele percebe a minha agitação e intensifica o vaivém. As obscenidades que fala me estimulam ainda mais, e estremeço, gemo muito alto e gozo. Ele sibila e, quando urra, sei que também gozou. O meu doutor se esvazia dentro de mim e, como continua a brincar com o meu clitóris, gozo outra vez rebolando em seus dedos. Ele me enlaça pela cintura e me ergue, ficamos abraçados assim, eu de costas para ele, e ele beijando os meus cabelos.

– Acho que estamos cheirando a sexo, precisamos de outro banho. – Digo preguiçosamente.

– Verdade. – Concorda.

Tomamos um rápido banho juntos, e garanto que o meu cabelo não seja molhado, deu muito trabalho arrumá-lo. Volto a me vestir e retoco a maquiagem, também tive o cuidado de não molhar o rosto durante o banho, não queria colocar o trabalho que tive a perder.

Ficamos prontos e, como ainda temos tempo antes da hora programada para a festa começar ou o jantar conforme o meu doutor pensa, vamos para a biblioteca. Estou lendo um livro muito interessante, e quero pegar emprestado do

meu pai, outro livro do mesmo autor. O Thomas fica ensandecido sempre que vem aqui, parece um menino em uma loja de doces. Se eu deixar, ele passa o dia inteirinho dentro da biblioteca contemplando os livros do seu Guido. Quase não consigo fazê-lo decidir-se, ele fica tão eufórico que não sabe quais livros pegará emprestado também. Se pudesse, ele carregaria metade do acervo do meu pai, mas consigo contê-lo depois que escolheu cinco livros.

– Vou dirigir. – Informo ao meu marido que ficou ainda mais bonito do que eu previa com a roupa que dei de presente para ele.

A calça de alfaiataria Giorgio Armani, reta e preta; a camiseta lisa, da mesma cor, com leve decote em V da Diesel; o blazer ajustado de algodão com linho, sem forro interno, na cor verde militar; as botas e o cinto de couro, ambos pretos, da Ellus; o deixaram com o visual moderno e despojado.

– Fico feliz que goste de dirigir o seu carro novo. – Dá uma risada alta e entra no carro .

– Qual é a graça? – Rio, contagiada pela risada gostosa dele.

– É que me lembrei da primeira vez em que a vi dirigindo um carro, foi quando a convidei para tomar um café.

– Sim, eu sei. Você me esperou na saída da garagem, quanto o vi acenei, você entrou no seu carro e o segui. Você está rindo disso?

– É que você, dirigindo um carro com a placa personalizada, EVA 1209, não precisava nem ter acenado. Na hora em que vi a placa soube que era você e imaginei que uma mulher que dirige uma BMW vermelha, cuja placa tem o seu nome, deveria ser muito exibida e que eu estava me metendo em encrenca. – Volta a rir.

– Ei, você nunca me disse que me acha exibida. – Reclamo.

– Você não é exibida, tem tudo para ser, mas não é, e isso me encantou. Você é uma pessoa simples e, geralmente discreta. O que me faz não entender até hoje a tal placa personalizada. – O olhar divertido do Thomas me inquire.

– Devo confessar que estava em uma fase meio celebridade quando comprei o carro. – Volto a rir e acelero, dando o assunto por encerrado.

O meu marido adora música, e sempre que estamos no carro ele gosta de ouvir música instrumental para relaxarmos ou, quando estamos animados como

hoje, coloca para tocar algo dançante e animado, que canta sem parar e me faz rir o tempo inteiro. Ele fica tão distraído executando a sua performance que nem percebe o caminho que faço, que é exatamente o oposto do caminho do restaurante que ele acha que iremos.

– Aqui é um restaurante? – Thomas está visivelmente confuso.

– Não. – Evito entrar em detalhes.

– Casa de festa? – Continua confuso.

Pego a mão do Thomas e o conduzo até o salão principal, chegamos na hora marcada, e ele é recebido com palmas pelos presentes.

– O que está acontecendo?

– Você nunca ouviu falar em festa surpresa? Surpresa! – Abraço um homem completamente atônito.

– Você preparou uma festa surpresa para mim? – Ele está pasmado.

– Sim! Confesso que tive a ajuda dos meus pais, do seu, da Lucia e do Silas. Vamos circular? Os seus convidados estão loucos para cumprimentar você. – Dou um leve beijo em seus lábios e depois o empurro para o meio do salão.

A festa está um sucesso, Thomas fica tão contente que não para de sorrir. De mãos dadas comigo passeia pelo salão sendo cumprimentado por todos, e quando os meus pés começam a latejar, nos sentamos à mesa com os nossos familiares.

A banda do Silas inicia a sua apresentação e a esposa dele, os irmãos e as esposas deles demonstram ser fãs ardorosos. Assoviam e aplaudem efusivamente, e eu não consigo não rir da cena.

O Silas toca guitarra e canta bem, a banda é boa, a minha mãe pode ficar tranquila. Em pouco tempo o Thomas e eu também aderimos ao fã clube e aplaudimos com energia.

Depois de algumas músicas o Silas para de cantar e pede silêncio. É atendido, todos concentram a atenção nele, e o meu cunhado *pop star* começa o seu discurso.

– Boa noite! – Cumprimenta, e é cumprimentado por todos. – Estamos aqui para comemorar o aniversário do meu irmão caçula, o aniversariante bonitão ali, Thomas, ou Tom, como é mais conhecido. Quero pedir que ele suba ao palco e venha até aqui para dar um alô para todos vocês.

O Thomas protesta, me olha contrariado, mas o Lucas e o Jonas o arrastam até o palco. Ele sobe, abraça o Silas, recebe um microfone nas mãos e parece

bastante sem graça, apesar de estar um arraso sob as luzes do palco. Ele sorri e todo o seu carisma surge.

– Obrigado ao Silas e a sua banda por estarem tornando esta festa mais animada, obrigado também a todos vocês que vieram prestigiar o meu aniversário, obrigado aos meus familiares que contribuíram para a realização desta festa e obrigado, principalmente, a minha linda e maravilhosa esposa, Eva. – Quando ele cita o meu nome, imediatamente, percebo inúmeros olhares sobre mim.

– Ei, parem de admirar a minha mulher, sou ciumento! – Todos riem. – Obrigado, minha amada, por tornar tudo na minha vida especial, eu te amo! – Ele é aplaudido, e eu me derreto.

Thomas faz menção de devolver o microfone ao Silas, e ele recusa.

– Ah, não, Tom. Você vai cantar comigo. Eu sei que canta bem, você já fez uma serenata para a Eva. Todos nós queremos ouvi-lo também. – O Silas o incentiva .

– Desculpa, pessoal... Mas atualmente só canto para a minha esposa e no ouvido. – Ele brinca, cruza os braços e todos riem.

– Então pelo menos toque a guitarra enquanto eu canto. – O Silas insiste.

– Toca! Toca! Toca! – Os convidados fazem coro, inclusive eu.

Thomas pega a guitarra, se ajeita, faz cena e demonstra que está preparado.

– Informe qual a música que iremos tocar e manda ver!

– Muito bem, grande Tom, será *Start Me Up* , do The Rolling Stones! E vocês podem cantar também.

No exato momento em que o Silas fala o nome da música alguém aperta o meu braço e me cumprimenta.

– Boa noite, Eva. Você está um espetáculo!

Um Marco bronzeado, com o cabelo um pouco mais comprido, porém com um corte moderno, vestido com uma camisa de linho branca com as mangas dobradas e calças de alfaiataria cinza, me devora com os olhos enquanto o examino dos pés a cabeça.

– Você também me parece ótimo. – Sorrio e o abraço. – Que bom que veio prestigiar a festa de aniversário do Thomas. – E me viro para ver o desempenho do meu marido que, de cima do palco, me observa atentamente e, acho eu, um tanto contrariado.

– Os meus pais foram convidados pelos seus e, como eles não puderam vir, vim no lugar deles. – Informa como se fosse uma coisa banal aparecer na festa do Thomas .

– Seja bem-vindo. – Não tiro os olhos do palco. – Deve ter muitos conhecidos seus por aí. A Sara e o pessoal do escritório estão se esbaldando na pista de dança, e acho que adorarão a sua companhia.

– A Patrícia veio?

– Não. A Patrícia está de férias. Tentei convidá-la só que não consegui entrar em contato com ela. Vocês por acaso têm se falado? – Torço intimamente para que a resposta seja sim.

– Não. Ainda estou tentando esquecer a minha noiva. Ela se casou com outro, porém como é linda, divertida e especial não consigo parar de sentir a sua falta. Daria qualquer coisa para não ter aberto mão dela. – Eu me viro e encaro os olhos tristes dele.

– Não faça isso, Marco. Não se maltrate assim. Você é um homem bom e merece viver um grande amor. Tenho certeza de que encontrará uma mulher maravilhosa e se apaixonará por ela e, melhor ainda, será correspondido. Quem sabe essa mulher não é a Patrícia? Doce, suave, meiga e que acha você um deus.

– Você pode dizer o que quiser, porque nada mudará o que sinto e o que acho. Eva, sei que poderíamos ser muito felizes juntos.

– Marco, gosto muito de você e é por essa razão que lhe peço que procure um psicólogo. Você tem que superar, tem que tratar essa espécie de obsessão. Estou casada, feliz e amo o meu marido, nada mudará o que sinto também, conforme-se e siga adiante.

De repente me vejo cercada pelos meus cunhados, eles sorriem e cumprimentam cordialmente o Marco que não se afasta de mim. A música termina, o Thomas agradece e desabala do palco até nós com os olhos ardendo em fúria. Chega e me beija levemente nos lábios, coloca a mão na minha cintura e encara o Marco.

– Parabéns, Thomas. Pelo aniversário e pelo desempenho com a guitarra. – O Marco o cumprimenta.

– Obrigado. – Apertam as mãos, e percebo o Thomas relaxar um pouco.

Os garçons chegam e nos servem. Pego um coquetel sem álcool e o Thomas um copo de água mineral, o Marco pega um copo de uisque, o Jonas

uma taça de vinho, e o Lucas e o Douglas não aceitam nada. Seguro no braço do Thomas e aponto para a mesa dos meus pais, que estão cercados de amigos, faço sinal para que nos juntemos a eles, o meu marido concorda e, assim que fazemos menção de sair, o Marco se aproxima novamente.

– Eva, tentei falar com você no dia doze e não consegui. Este ano não tivemos a sua tradicional festa de aniversário, então gostaria de aproveitar e entregar o seu presente agora. – Ele olha para o Thomas, e quase posso ver faíscas.

– Obrigada, Marco, mas realmente não precisa. Agradeço a atenção, só que a festa hoje é do Thomas, e os presentes são para ele.

– Você acha mesmo necessário me confrontar dessa maneira, Marco? – Thomas intervém.

Jonas tira o copo da mão do Thomas e coloca juntamente com a sua taça de vinho sobre a mesa mais próxima, e percebo que a situação está prestes a esquentar.

– Prezado Thomas, conheço a Eva há algum tempo e sempre a presenteio no aniversário dela, não vejo nada ofensivo nisso. – Debocha, e fico realmente preocupada com o desfecho da conversa.

Marco também coloca o copo sobre a mesa, enfia a mão dentro do bolso da calça e a estende em minha direção, revelando uma caixinha de veludo preto com um pequeno laço vermelho em cima e, sem saber o que fazer, recebo o presente e agradeço.

– Por favor, abra o seu presente, e veja se gostou. – O Marco parece querer provocar o Thomas.

– Vamos lá, minha linda, abra o presente que o atencioso Marco lhe deu. – Thomas aceita a provocação, e fico gelada.

Coloco a taça do coquetel sobre a mesa também e abro a caixa, vejo o conteúdo, um cordão de ouro com um pingente em forma de violão.

– Toda vez que ouço uma música me lembro de você, sentada na praia com os cabelos ao vento, olhando o infinito e tocando violão, essa cena...

Antes que o Marco termine a frase, Thomas acerta um murro direto no queixo dele. O Jonas e o Lucas seguram o Thomas, e o Douglas levanta o Marco que, com o impacto do soco inesperado, se desequilibrou e caiu no chão.

Marco levanta furioso, e o Douglas tenta segurá-lo. Ele é forte e, percebendo que conseguirá se desvencilhar, me coloco entre ele e o Thomas.

– Marco, o Douglas e o Jonas o acompanharão até a saída. – Tento encerrar a confusão.

Jonas solta o Thomas e se coloca ao lado do Marco, pronto para acompanhá-lo. Olho ao redor e constato que quase ninguém se deu conta da situação constrangedora, porque a música alta e a grande circulação de pessoas ajudaram a encobrir a cena.

– Tem razão, Eva, estou de saída. Só quero dizer que, quando o Thomas decepcioná-la novamente, estarei esperando por você para que possamos dar continuidade àquele nosso projeto. – Marco me encara, e fico preocupada.

Thomas se solta das mãos do Lucas e parte para cima do Marco, mas como estou no caminho entre os dois, ele se detém para não me machucar. Abraço-me a ele e consigo que desista da sua investida.

Ouçõ a risada do Marco e sinto os músculos do meu marido se retesarem em volta de mim.

– Vá embora, Marco! E deixe a minha mulher em paz, é um aviso. – Thomas quase grita .

O Jonas e o Douglas saem quase abraçados ao Marco, levando-o embora. O Lucas se abaixa e pega a caixa de veludo que deixei cair no chão, examina o conteúdo e ri com vontade.

– Não podemos dizer que o Marco não se esforça para ser inconveniente. – Lucas diz ainda rindo.

– Por que está dizendo isso? – Thomas arqueia a sobrancelha e encara o irmão.

Lucas entrega o cordão ao Thomas, fazendo questão de que ele repare na inscrição gravada atrás do violão.

– “Só você toca o meu coração”. É isso mesmo o que está escrito? Ele mandou gravar uma frase dessas em uma joia para dar de presente para a mulher de outro? O Marco não tem o menor amor à vida mesmo. – Thomas protesta visivelmente irritado.

– Pensei que ele deixaria a Eva em paz depois do casamento de vocês, mas me enganei. Pode deixar que farei com que ele receba esse presentinho de volta. – Lucas tira a joia das mãos do Thomas e a guarda.

Engulo em seco, o cheiro da testosterona impregna o ar, e a expressão de raiva no rosto do meu marido é quase assustadora, volto a abraçá-lo e ele me aperta com força.

– Agora é oficial, quero você longe do Marco.

– Pode deixar. Farei o que for possível para manter distância.

Ficamos abraçados até que percebo que ele está mais calmo. A banda para de tocar, e o DJ começa. A música é lenta, porque o jantar está sendo servido, e a pista de dança fica quase vazia. Conduzo o meu marido até lá, e dançamos agarradinhos. Os meus cunhados e as suas esposas nos acompanham, os meus pais também, até a Lucia e o William fazem par e se unem a nós. O momento é especial, Thomas e eu conseguimos relaxar da tensão que passamos momentos antes, e sorrimos observando todos os que amamos dançando a nossa volta.

– Obrigado, minha linda. A festa está incrível e, com exceção de um penetra inconveniente, estou adorando tudo.

– Eu te amo. Fico feliz que esteja gostando.

– Gostando? Estou adorando, já disse. Tudo está perfeito. Você está sempre realizando os meus desejos, mesmo os mais secretos. – Ele sorri.

– Realizar desejos é a outra coisa que sei fazer muito bem quando estamos juntos.

– Tenho um desejo mega secreto que precisa ser realizado ainda hoje. – Fala, simulando uma voz misteriosa.

– E o que será? – Pergunto me fazendo de curiosa, quer dizer, fiquei mesmo curiosa.

– Comer uma fatia do meu bolo de aniversário em cima da barriga da mulher mais linda que conheço. O nome dela é Eva. Acho que se ela permitir, poderei retribuir o favor, lambendo o local em que o bolo estava, bem como os arredores.

– Ouvi dizer que a Eva adora realizar desejos, principalmente os de um homem bonito e gostoso chamado Thomas. – Falo, e ele ri.

– Não posso me esquecer de pedir para o garçom embrulhar algumas fatias de bolo para levamos para casa.

– Pode deixar comigo, amor. As fatias irão conosco, pode apostar, desejo de aniversário tem que ser atendido, é regra.

Thomas me aperta ainda mais em seus braços, e dançamos até a música voltar a ficar mais animada, e quando isso acontece decidimos ir jantar.

Jantamos calmamente, sentados na mesa dos meus pais, cercados de amigos, mas algo me perturba. As palavras que o Marco disse sobre o Thomas

me decepcionar novamente me fazem lembrar o telefonema anônimo que recebi. Será que o telefonema foi a mando do Marco para que eu ficasse desconfiada do Thomas e a minha felicidade começasse a ruir? Não, acho que não. O Marco não me parece ser esse tipo de pessoa. Mas é estranho a palavra decepção ser relacionada ao Thomas pela segunda vez em poucos dias.

Pensei em contar o telefonema para o Thomas, contudo desisti. Se a intenção de quem ligou foi a de criar atrito entre o meu marido e eu e desestabilizar o meu casamento, não colaborarei. E se existir algo que o Thomas fez que possa vir a me decepcionar, esse algo irá surgir mais dia ou menos dia, e quando surgir e se for realmente grave, aí sim me preocuparei com isso. A felicidade é a minha prioridade ultimamente e quero manter o foco nela. O resto estou ignorando ou quase.

Epílogo

Estamos enfeitando a árvore de natal de dois metros que o Thomas fez questão de comprar, e ela está ficando muito bonita. Combinamos que ele colocará a estrela na ponta da árvore este ano, no ano que vem serei eu, e futuramente deixaremos a tarefa para os nossos filhos.

O meu marido, alegre feito um menino, decidiu que deveríamos decorar a casa toda para o natal. No jardim temos renas de *led*, nas janelas temos telas de pisca-pisca, na varanda temos um papai Noel em um balão enorme, e dentro de casa temos vários enfeites musicais, além da grande árvore que estamos decorando.

Tenho sido tão feliz nos últimos tempos, que sinto que o natal chegou antecipadamente para mim, no dia em que me casei com o Thomas. As únicas coisas que conseguiram me aborrecer depois disso foram o pedido de demissão da Patrícia e os telefonemas anônimos falando sobre a decepção que o Thomas me causará. Parei de atender números desconhecidos, não vou dar corda para a maldade alheia. Então, resolvi ficar aborrecida de verdade apenas com a decisão da Patrícia de deixar a empresa.

No começo do mês de outubro, logo após o seu retorno das férias, a Patrícia me procurou e expôs os seus motivos, nenhum que eu conseguisse entender de verdade. As minhas tentativas de persuadi-la não deram certo e nem mesmo uma proposta de aumento salarial a animou. Contrariada ao extremo, concordei em demiti-la e desde que ela se foi tenho sentido a falta da amiga e da secretária eficiente. Sei que a questão mal resolvida dela com o Marco foi a grande responsável pela sua decisão, e gostaria muito que a situação tivesse sido diferente. Alguma coisa me diz que se o Marco e a Patrícia tivessem ficado juntos poderiam ser muito felizes, mas ele não considerou essa hipótese.

– Ah, perfeito! – Thomas diz ao ligar o pisca-pisca da nossa árvore, e deixo de divagar.

– Ficou linda! – Bato palminhas.

– Agora é a vez da estrela. – Ele tira a estrela de natal da caixa e me olha comovido. – É a primeira vez que enfeito uma árvore de natal e estou

emocionado.

– E não é uma árvore qualquer, é a nossa árvore, a que escolhemos e compramos juntos. – Sorrio satisfeita .

– A minha avó não gostava muito de natal e nunca se animou a montar uma árvore, e nunca fiz questão de ter uma antes, porque não teria quase ninguém para admirá-la. Agora não, tenho uma esposa que adora o natal; irmãos, cunhadas e sobrinhos empolgados com as festas; sogros, o meu pai e a Lucia para me estimularem a comemorar a data.

Ele coloca a estrela no topo da árvore, e o abraço. Nós nos beijamos, depois ele me gira no ar, e gargalhamos felizes.

– O que a minha linda esposa deseja de presente de natal? – Senta no sofá comigo em seu colo.

– Tenho tudo que poderia desejar, e você é o meu presente especial, de aniversário, de natal, de tudo! – Beijo a bochecha dele.

– E você é o meu tesouro. Amo tanto você que me sinto o homem mais realizado do mundo. – Roça a ponta do nariz na ponta do meu.

– Oh, meu amor, também te amo tanto. Também estou tão feliz!

– Além da felicidade que sinto por ser casado com você, tenho tido outros motivos para celebrar. A clínica está indo tão bem que estamos pensando em ampliá-la no meio do próximo ano, e a recente implantação da filial do seu escritório a deixou tão satisfeita que me alegrou ainda mais. O melhor de tudo foi você ter parado com a pilula, o que está me enchendo de boas expectativas. – Ele mordisca o meu ombro.

Como hoje é dia primeiro de dezembro, segundo o combinado que fizemos, Thomas jogou no lixo as caixas de anticoncepcional que eu tinha guardadas. O ato foi apenas simbólico porque, por recomendação da Angela, parei de tomar a pilula no dia vinte e seis de novembro, quando acabei a última cartela.

– A nossa vida realmente está maravilhosa. Fiquei muito contente também com os resultados dos meus exames, como você sabe, estavam todos normais, sou comprovadamente uma mulher fértil e agora apta a engravidar.

– Como desejamos que engravide logo, acredito que teremos que praticar ainda mais. – Beija o meu queixo.

– Não tenho nada contra, mas se praticarmos ainda mais, teremos que parar de trabalhar, porque é apenas quando estamos trabalhando que conseguimos nos

largar. – Rio baixinho.

– Verdade. Sempre que estamos juntos não consigo me conter e quero você. Eva, você me excita demais, tudo em você me encanta e não posso resistir-lhe. Para mim, é quase uma tortura esperar até que estejamos a sós para poder possuí-la como desejo.

Procuo a boca do Thomas e o beijo, enfio a mão dentro da sua camiseta e acaricio o seu peito, ele se remexe debaixo de mim, e sinto a sua ereção. A mão dele passeia pela minha coxa, estou prestes a sugerir que ele me leve para o quarto quando a campainha toca.

– Ah, não! Se for um dos meus irmãos, sou capaz de jogá-lo na piscina. – Thomas protesta.

– E se for o meu pai ou a minha mãe, ou ambos, ou o seu pai ou a Lucia, ou ambos, o que você fará? – Implico com ele.

– Jogarei na piscina do mesmo jeito. – Ele ri. – Não pouparei nenhum familiar inconveniente. Que falta de *timing* aparecer bem na hora em que estou prestes a tirar a sua roupa. – Reclama.

– Doutor, você está sempre tirando a minha roupa, não há como qualquer visitante não anunciado não nos interromper. – Gargalho.

A Maria entra na sala e informa que o Thomas tem uma visita.

– Quem é, Maria?

– Ela não quis me dizer o nome, disse apenas que é uma amiga do doutor Thomas e está no hall aguardando.

– Traga essa pessoa até aqui, por favor. – Thomas pede para a Maria.

– Quem será? – Estou muito curiosa.

– Não faço a menor ideia, mas saberemos agora mesmo. – Ele ri e me dá um tapinha na coxa.

Saio do colo do Thomas e me sento ao lado dele no sofá. Ele coloca a almofada no lugar em que eu estava e pisca para mim, dou um tapinha no braço dele, e a Maria pigarreia.

– A senhora fique à vontade. – A Maria diz e sai da sala.

Quando vejo a figura que veio procurar o Thomas, bem diante dos meus olhos, imediatamente, sei que algo está errado. O meu coração dispara e quase sai pela boca. O olhar curioso do Thomas examina a nossa visitante e ele calmamente inicia a conversa.

– Como vai, Amanda? A que devemos a honra da sua visita? – Ele se levanta

ainda segurando a almofada e estende a mão para ela.

– Boa noite, Tom. – A Amanda aperta a mão dele. – Boa noite, Eva. – Ela me cumprimenta e noto que está diferente, acho que ela deu uma “turbinação” nos seios que estão quase saltando para fora do decote.

– Boa noite. – Thomas e eu respondemos juntos, e não me dou ao trabalho de levantar.

– Sente-se, Amanda. Deseja beber alguma coisa? – Tento ser educada, mas o sinal de alarme não para de soar dentro da minha cabeça .

– Obrigada, vou me sentar, mas não quero beber nada, por enquanto. – Ela também está tentando ser educada, porém percebo irritação na voz dela.

– Bem, Amanda... Estou surpreso com a sua visita, não sabia sequer que tinha o nosso endereço. – Thomas é bem direto.

– O Benjamim me deu. – Ela fala com ar de triunfo.

– O Benjamim?

– Sim, Tom. O Benjamim também é meu amigo. Esqueceu?

– Não. Só acho esquisito que ele tenha feito isso sem falar comigo antes.

– O Benjamim se cansou de você. Será que não percebeu isso quando ele não compareceu a sua festinha surpresa de aniversário? – Ela fala em tom de deboche.

– Acho que o próprio Benjamim é quem deve conversar comigo a respeito desse cansaço dele, não você. – Thomas diz com a voz fria e cortante.

– Amanda, você se deu ao trabalho de vir de tão longe só para nos visitar? – Pergunto, também em tom de deboche.

– Não vim apenas visitá-los. – Ela responde e faz cara de cinica.

– E então, Amanda, em que podemos ser úteis? – Thomas volta a questioná-la e senta novamente ao meu lado.

– Gostaria de falar com você em particular. – Ela diz, e engulo em seco.

– A Eva e eu não temos segredos. Não há nada que me fale que ela não possa ouvir. – *O meu marido ganha pontos com essa alegação.*

– Tem certeza? – Ela o desafia.

– Absoluta, e peço que seja objetiva porque estou tentando encontrar uma razão para que conversemos, mas não estou conseguindo.

– Ora, Tom! Não acredito que não imagine o que estou fazendo aqui. – Reclama irritada.

– Com toda sinceridade, não tenho sequer uma vaga noção. – Thomas fala

totalmente sério.

– Não seja descarado! – Agora ela demonstra irritação.

– Se você não vai nos dizer a que veio, obrigado pela visita. – Thomas aponta o caminho pelo qual ela entrou.

– Você é ridículo! – Ela protesta sem demonstrar a menor vontade de se retirar.

– Você veio aqui para me ofender, não foi? Conseguiu! Então, por gentileza, queira se retirar. – O meu marido irritado, que foi chamado de descarado e de ridículo, mostra novamente a direção da saída.

– Não vim ofendê-lo, vim conversar. – A Amanda fala, mas ainda não vai direto ao ponto.

Alguma coisa me diz que não gostarei nada do que ela tem a dizer e estou pressentindo que a mentora intelectual dos telefonemas anônimos que recebi é essa mulher detestável que está bem na minha frente.

– Amanda, por favor, deixe de ser desagradável e revele logo o que veio fazer aqui. – Volto a participar da conversa.

– Atenda ao pedido da minha esposa e seja breve, porque estávamos ocupados quando chegou, e quero imensamente terminar o que estava fazendo. – Ele insiste.

– Você não ligou os pontos ainda? – Ela pergunta com ironia, e fico apreensiva.

– Sinceramente, não. – Thomas responde muito sério.

– Vocês não repararam que estou grávida? – Ela pergunta com ares de indignação total. – Pois bem! Estou, e o filho que carrego no ventre é seu, Tom. – Ela solta a bomba.

– Como é que é? – Ele quase grita a pergunta.

Estou muito surpresa e chocada. A Amanda é bem alta e está com um vestido bem larguinho, se ela não falasse, eu não notaria a gravidez. E não tenho nem como precisar de quantos meses ela deve estar.

– Você é o pai do meu filho. – A Amanda reafirma e fico tonta.

– Eu sou o pai do seu filho? – Thomas pergunta parecendo ofendido.

– É. Quando um homem transa com uma mulher, ela pode engravidar. Sabia? – Ela pergunta com ironia e olha diretamente para mim.

– O quê? – Balbucio.

– Eva, acho que está na hora de alguém revelar para você quem é o verdadeiro Thomas. Esse homem que você acha que conhece. – A Amanda fala com a voz firme e de uma maneira desafiadora.

O mundo começa a girar a minha volta, e não consigo prestar atenção em mais nada. A afirmação da Amanda ecoa muito alto dentro da minha cabeça e me atordoia. Eles discutem, e a minha confusão é tanta que acho que estão falando uma língua desconhecida.

Não posso conceber a ideia de ter sido traída pelo Thomas, mas se o que a Amanda diz for verdade, a hipótese de traição se tornará real.

Será que o meu marido não é o homem que penso que é?

Será que ele não me ama tanto quanto sempre demonstrou?

Será que ele está me fazendo de idiota esse tempo todo?

Será que o amor me cegou tão completamente?

O meu peito aperta e sinto falta de ar, parece que vou sufocar. Uma espécie de náusea revira o meu estômago, uma grande revolta se apodera de mim, sei que estou perdendo o controle. Quero tomar satisfação com os dois. Desejo que me expliquem o que está acontecendo. Preciso que a Amanda me dê alguns esclarecimentos. Mas as palavras não se juntam em frases, estou a ponto de explodir. Não sei o que fazer, o que pensar ou o que dizer.

A razão pede que eu me acalme e ouça o que a Amanda tem a dizer, que confie no meu marido, que não o julgue por antecipação, que mantenha a pose, e que não me deixe abalar tão facilmente. O problema é que não estou conseguindo que a razão se sobreponha à emoção. A Eva que conheço me abandona e seu lugar é tomado por uma mulher insegura e totalmente irracional. Não posso expor essa face frágil do meu eu. Tenho que sair daqui!

Levanto-me tão rápido que quase derrubo o Thomas do sofá e saio correndo. Abro a porta e disparo em direção à rua.

– Eva! – Thomas grita e corre atrás de mim.

Se ele me alcançar, do jeito que estou desequilibrada e fora de mim, acho que serei capaz de matá-lo com as minhas próprias mãos. Então, me esforço para correr ainda mais rápido. Corro alucinadamente pela calçada, estou dominada pela raiva e pela revolta, e neste momento não sei nem mais quem sou.

Acelero o passo, completamente disposta a chegar a não sei onde.